

Bestseller #1 do The Sunday Times

ANDREA MARA

O
QUE
NINGUÉM
VIU



Singular

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Bestseller #1 do The Sunday Times

ANDREA MARA

O QUE NINGUÉM VIU





© Meabh Fitzpatrick

Andrea Mara é uma autora *bestseller* número 1 do *The Sunday Times* e do *The Irish Times*, tendo sido nomeada para o prémio Irish Crime Novel of the Year com quatro dos seus livros. Vive em Dublin, na Irlanda, com o marido e os três filhos. O *Que Ninguém Viu*, o seu romance mais recente, vendeu mais de 100 000 exemplares em treze semanas e ocupou o primeiro lugar nas tabelas do Reino Unido, Irlanda e *Kindle*.

Saiba mais sobre Andrea Mara na rede X em @AndreaMaraBooks e no Instagram em @andreamaraauthor.

O Que Ninguém Viu

Andrea Mara

Publicado em Portugal por:

Singular®

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: info@singulareditora.pt

Título original:

No One Saw a Thing

© Andrea Mara, 2023

First published as *No One Saw a Thing*, by Bantam, an imprint of Transworld.

Transworld is part of the Penguin Random House group of companies.

Tradução: Luís Santos

Design da capa: R.Shailer/TW

Imagens da capa: © Joe Dunckley/Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt e
Shutterstock.com

1.ª edição em papel: abril de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-058-1

Para a rainha guerreira Alice Hayes, com amor

Se Sive não tivesse dito às meninas que fossem à frente.

Se a sua editora não tivesse escolhido aquele momento para telefonar.

Se ela não tivesse abrandado o passo para olhar para o ecrã.

Se tivesse usado o marsúpio, em vez do carrinho, tão caro, mas tão desajeitado – excelente para a Dublin suburbana, mas totalmente inadequado para o metropolitano de Londres numa manhã quente e húmida de segunda-feira em agosto.

Se.

Tal como acontece com a maioria dos desastres, ele não é causado por um único evento ou decisão ou desalinhamento das estrelas, mas por uma miríade de reviravoltas minúsculas ao longo de toda a manhã.

Se não tivessem escolhido aquele dia para o *brunch*.

Se não tivessem optado por aquela semana para irem a Londres.

Se os amigos de Aaron não precisassem de um encontro vinte anos depois para verem quem era o mais bem-sucedido.

Se, se, se.

Mas ali estava ela, à hora de ponta, a empurrar o carrinho com uma mão, a tirá-lo do elevador para a plataforma quente e apinhada, a tentar ver quem lhe telefonava às oito e meia da manhã num dia em que supostamente estaria de folga.

– Continua a andar, Faye... entra com a Bea! – diz ela à filha de seis anos, enquanto as duas meninas, de mãos dadas, se acercam das portas abertas da carruagem. – Estou já atrás de ti!

O telemóvel continua a tocar e ela semicerra os olhos para o ecrã. Deixou os óculos de leitura – uma necessidade nova e indesejada – no quarto de hotel, mas consegue distinguir o nome. Caroline. A sua editora. A editora que sabe que ela está ausente, mas que, convenientemente, se esqueceu disso. Ainda a empurrar o carrinho com uma mão, procura, sem grande jeito, rejeitar a chamada, mas o

toque já se silenciou. Provavelmente sem rede, agora que estão no subterrâneo. Ergue o olhar para ver onde estão as filhas. Dois blusões de ganga cor-de-rosa, um pequeno, o outro ainda mais reduzido, visíveis mais à frente. A plataforma está apinhada de gente que se empurra para entrar na carruagem. Sive tenta espremer-se através da multidão, murmurando «com licença» e «desculpe», mesmo tendo noção de que essas boas maneiras turísticas não são para ali chamadas. E agora é empurrada pela turba, na direção das portas, alguns metros atrás das filhas. Por uma fresta no mar de gente, Sive vê Faye entrar no metro, agarrada à mão de Bea, enquanto a menina de dois anos entra também na carruagem.

E depois, de repente, as portas fecham-se.

As filhas lá dentro, a olharem para fora.

Sive lá fora, a olhar para dentro.

Avança à pressa, de coração nas mãos. O carrinho, tão incómodo ainda há momentos, transforma-se agora num aríete bastante eficaz ao abrir caminho entre os passageiros, a gritar o nome das filhas. Mas não serve de nada. A composição começa a afastar-se da plataforma e Faye fica de olhos arregalados, ciente do que está a acontecer.

Sive brada:

– Sai na próxima estação! Próxima estação, Faye! – Aponta para a frente e para baixo, numa tentativa de indicar «próxima estação», mesmo sabendo que Faye não a ouve, nem compreende, esperando, contudo, que outro passageiro a entenda e lhe tire as filhas da carruagem.

E assim, o metro vai-se embora com Faye, de seis anos, e com Bea, de dois, a bordo, deixando Sive na plataforma, impotente e aterrada.

A adrenalina, ou a presença de espírito, que a fez gritar para Faye já a abandonou. Sente os membros flácidos e rígidos ao mesmo tempo, enquanto fita cegamente as luzes traseiras da composição que se afasta. *Valha-me Deus*. As filhas estão numa carruagem do metro, numa cidade de oito milhões de habitantes, à hora de ponta da manhã de uma segunda-feira. Sem ela. Sem qualquer adulto. O que raio deve

ela fazer – tentar chegar à estação seguinte? Correr até lá? Com o carrinho? Chamar um táxi? Telefonar à polícia? Deixar a estação parece-lhe contraintuitivo. E se as crianças voltarem e ela se tiver ido embora? Porém, como voltariam as elas ali? Será que alguém no metro, que tivesse visto o que aconteceu, lhas traria de volta? Haveria quem fizesse tal coisa? Está alguém a falar com ela. Uma mulher, ao seu lado, na plataforma. Com um esforço monumental, Sive obriga-se a concentrar-se.

– ... por isso, fique aqui, eu vou à procura de ajuda – diz a mulher.

– OK?

Dormente, Sive acena com a cabeça.

– O homem que estava ao lado da sua menina na carruagem ouviu-a. Viu isso, certo?

Sive não tinha visto nada.

– Ele levantou o polegar. Vai fazer a sua filha descer na próxima estação. Só precisamos de conseguir que você chegue lá e de encontrar quem informe a estação do sucedido.

Sive volta a assentir, confusa, grata e aterrorizada.

– O próximo comboio chega daqui a quatro minutos. Vou buscar alguém. Fique aqui.

Sive obedece, embalando o carrinho em piloto automático, fitando a linha, como se as filhas fossem reaparecer, por magia, bastando para isso que o desejo com força suficiente. Mira o *placard* de informações. Três minutos até ao próximo metro. Ela consegue. Onde está a mulher? Olha em volta. Onde está o pessoal do Metropolitano? Os passageiros vão chegando à plataforma, enchendo-a, acotovelando-se, apressando-se. O calor é abrasador e, no carrinho, o bebé começa a gemer. Sive afaga-lhe a bochecha e continua a embalar. *Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus*. Faz com que elas estejam bem. Faz com que não se percam nesta cidade enorme. De repente, ficar ali parece-lhe errado. Como é que ela pode permanecer naquela plataforma com as filhas a serem levadas pela linha, a caminho de um sítio completamente diferente? Vira o carrinho no momento exato em que

um homem de casaco refletor cor de laranja chega junto dela.

– A sua filha está na composição da Central Line que acabou de sair para Oxford Circus, minha senhora? Pode dizer-me o nome e a idade da criança? – Um tom casual. Direto. Exatamente aquilo que é preciso.

– Duas crianças. – Ofegante. – A Faye tem seis e a Bea tem dois.

O homem ergue o rádio.

– Pode descrevê-las? O que têm vestido?

Cristo, o que têm elas vestido? A mente é um vazio enorme. *Respira. Concentra-te.* Não te podes ir abaixo agora. Abranda a mente que lhe fervilha e imagina as filhas tal como as viu, minutos antes.

– Têm ambas blusões de ganga cor-de-rosa. A condizer. – O homem anui, incitando-a a continuar. – A Faye tem cabelo louro-claro. A Bea tem cabelo castanho-claro, como o meu. – Para de falar. O que mais pode dizer para as descrever? Divertidas e engraçadas e giras e irritantes e adoráveis e terríveis. E desaparecidas. – Estão as duas de vestido. O da Faye é cinzento-claro. O da Bea é roxo. E calçam sandálias beges. A Faye tem uma mochila da *Frozen II*. A Bea tem uma mochila da *Patrulha Pata*.

O homem deixou de a ouvir. Levou um rádio à boca e está a repetir a alguém tudo o que Sive acabou de dizer. Duas meninas, seis e dois anos. Sozinhas em Oxford Circus. Ou não. *Foda-se.*

Falta um minuto para o metro seguinte. Sive vai empurrando o carrinho com mais vigor.

– Quer que faça isso por si? – pergunta a mulher. Sive olha-a com atenção pela primeira vez. É um pouco mais velha do que ela, talvez a meio dos quarentas, com cabelo castanho encrespado e olhos castanhos gentis.

– Ah, não a quero atrasar... Deve estar a caminho do trabalho? – diz Sive, olhando para a fita pendurada ao pescoço da mulher.

– Estou adiantada. Está tudo bem. E o seu comboio deve estar a chegar. Quer que vá consigo?

– Ai, valha-me Deus, não lhe posso pedir tal coisa – exclama Sive, desesperada para que a mulher faça exatamente isso.

O homem do rádio está de costas voltadas, mas agora vira-se. Está a chegar uma composição e a mulher começa a empurrar o carrinho na direção da porta que se abre, avançando atrás de uma mole de passageiros. O homem sorri a Sive e levanta o polegar.

– Já as têm – indica. – Vá para a estação seguinte. Oxford Circus. Lá chegada, os meus colegas ajudam-na.

As pernas de Sive quase cedem, mas a mulher está a chamá-la, a instá-la para que entre na carruagem.

E as portas estão a fechar-se e a mulher está a acenar e o homem está a sorrir. Vai correr tudo bem.

Mesmo não demorando mais de um minuto, aquela é a viagem mais longa da sua vida. Está tudo bem. Elas estão bem. Já as têm. Vão ficar junto delas. Não vão deixar duas meninas pequenas sozinhas na plataforma, à espera da mãe. A mãe que é uma *imbecil*. Louvado seja Deus, como é que vai explicar aquilo a Aaron? Não importa. O que interessa é chegar lá e voltar a vê-las. Está calor, a humidade é imensa, custa a respirar, e Sive sente-se tonta. Enjoada. Cada vez mais nauseada a cada inspiração superficial. À sua volta, os passageiros agarram-se a barras e leem nos telemóveis, alheios ao seu calvário. Alheios à sua necessidade desesperada de que o comboio se apresse e a leve a Oxford Circus. E então, de repente, já lá está. As portas abrem-se. Ela empurra o carrinho para a plataforma, para a imensidão de passageiros. Onde estão elas? Porra, devia ter perguntado ao homem para onde ir quando lá chegasse. Talvez a encontrem a ela? Haverá uma espécie de ponto de encontro para crianças perdidas? E é então que o vê. Perto do final da plataforma. Um lampejo de ganga cor-de-rosa clara e caracóis castanho-claros. Começa a correr.

– Bea! – Agarra a filha de dois anos e puxa-a para os seus braços, mergulhando a cabeça nos caracóis da menina. – Desculpa, meu amor.

Assustaste-te muito? A Faye tomou conta de ti?

Uma mulher de casaco cor de laranja sorri com o reencontro.

– Olá, minha querida. Sou a Rita – apresenta-se, obviamente satisfeita por fazer parte do final feliz. Afaga com gentileza o ombro de Bea, e Sive retribui o sorriso.

Será que Rita ou os outros elementos da segurança precisam de provas de que Sive é a mãe das meninas? O abraço de Bea é uma prova palpável e, com seis anos, Faye já tem idade suficiente para confirmar quem é Sive.

Faye.

Sive olha em seu redor.

– Onde está a Faye?

Rita parece confusa.

– Quem?

– A minha outra filha?

– Não havia mais nenhuma criança.

Sive ouve as palavras, mas não as apreende. A mulher não pode ter dito aquilo que acabou de dizer. Sive volta a tentar, atravessando a onda de pânico que se abate sobre ela.

– A minha filha de seis anos. A Faye. Estava com a Bea?

Agora, Rita parece alarmada.

– Disseram-me para ficar atenta a uma menina de blusão de ganga cor-de-rosa.

– *Dois* meninas com blusões cor-de-rosa. *Dois*. – Sive apercebe-se da voz a ficar mais alta. Em pânico. – Estavam juntas. A Faye. A Faye tem seis anos. Ela estava com a Bea. – Dirige-se a Bea, que ainda está abraçada a ela. – Onde está a tua irmã, meu amor? Bea, onde está a Faye?

– Foi – diz Bea. – A Faye foi.

Instala-se o caos. Pelo menos na cabeça de Sive, instala-se o caos. Rita não tem a sua filha. Nenhum dos funcionários da estação tem a sua filha. E enquanto Sive se dirigia para ali de metro, a filha estava a desaparecer para outro sítio completamente diferente. Ainda estaria na composição? Algures na plataforma? Longe da estação? Mas não. De certeza que não sairia da estação. A menos que julgasse ser essa a melhor maneira de encontrar a mãe?

– Então e o homem no comboio? – pergunta ela, o pânico a deixá-la sem fôlego.

Rita parece confusa.

– Qual homem?

– A outra mulher disse que estava um homem no metro que me viu na plataforma e fez sinal com o polegar. – A conversa parece incompreensível.

– Qual outra mulher?

Sive fecha os olhos por breves momentos e obriga-se a abrandar.

Acalma-te.

– Em Bond Street, uma mulher viu um homem na carruagem. Ele indicou-lhe com um gesto que percebeu o que eu gritei à Faye, para ela sair na estação seguinte. Julguei que as tinha feito sair, e que fosse por isso que recebemos a mensagem de que estavam aqui e que tivesse sido essa a razão pela qual a Bea está aqui. Oh meu Deus.

Rita fala para o rádio. Chegam mais elementos de casacos cor de laranja. Ouve-se um anúncio nas colunas da estação, porém Sive não é capaz de se concentrar. Está a tremer. Enjoada. Em pânico. Tem Bea apoiada na anca. O carrinho ao lado do corpo. Perscruta a multidão de passageiros. As entradas. As saídas. Outra composição. Nova onda de gente. Nova vaga. Sem sinais. Sem indícios. Sem Faye.

Alguém chama a polícia. Talvez Rita, ou um dos colegas. Mais anúncios. Mais casacos cor de laranja. Mais expressões apreensivas. Mas nada de Faye. Um polícia. Um pedido por uma fotografia, do

próprio dia, se possível. Fazem-se perguntas. Apresentam-se descrições. Tiram-se apontamentos. Envia-se fotografias. Rostos esborratados através das lágrimas de medo. *Há alguém a quem possa telefonar?* perguntam-lhe.

Aaron. Tem de ligar a Aaron.

Acaba por entregar o telefone a Rita, sendo ela quem faz a terrível chamada para o marido. *Estamos a envidar todos os esforços. De certeza que a encontramos não tarda. Estamos todos atentos. A qualquer momento. Blusão cor-de-rosa. Vestido cinzento. Sandálias bege. Cabelo louro. Sabe aonde ela poderá ir caso se perca? É claro que pode falar com a sua esposa.*

Aaron está a gritar. Sive tem de permanecer calma. Tenta explicar. Diz tudo aquilo em que não acredita naquele instante – A Faye vai aparecer, a qualquer momento. A. Qualquer. Momento.

Só que não aparece.

Chama-se Tim, o homem que tirou Bea da carruagem. Está agora à frente de Sive, a explicar qualquer coisa, mas ela não está a assimilar. Rita voltou a falar para o rádio e uma agente da polícia, que se apresentou como PC Denham, da Polícia dos Transportes Britânica, está a interrogar Tim. Sive abraça Bea com mais força e obriga-se a concentrar-se no que Tim está a dizer.

– A minha namorada saiu em Bond Street e eu estava a dizer-lhe adeus quando reparei na senhora a gritar – explica à polícia. – Depois percebi que tinha uma menina à minha frente. – Aponta para Bea. – Imaginei o que podia ter acontecido e que lhe estaria a dizer para sair na estação seguinte.

– E quanto à outra criança? – pergunta PC Denham.

Tim abana a cabeça.

– Sinto muito. Não vi mais nenhuma criança.

Sive está prestes a vomitar.

– Mas ela também lá estava – consegue dizer. – Entrou mesmo antes da Bea. Como é que não a viu?

Tim encolhe os ombros e depois recupera a compostura.

– Sinto muito... Precisei de uns segundos para perceber o que você estava a gritar, e a carruagem estava cheia. – Ergue as mãos num gesto apologético. – Depois reparei na sua menina ali sozinha e perguntei-lhe se estava com alguém, mas não estava. Foi então que imaginei o que teria acontecido. Por isso desci com ela na estação seguinte.

– E o senhor estava a caminho do trabalho? – pergunta PC Denham.

Sive fecha os olhos por breves momentos. Como pode isso ser relevante? Como pode isso ajudar a encontrar Faye?

– Exato.

– E onde trabalha?

– Seis anos como Diretor de Gestão de Fundos na Anderson Pruitt –

indica Tim, embora PC Denham não lhe tenha perguntado o cargo, nem há quanto tempo lá trabalha. Mesmo toldada pelo pânico, o facto parece estranho a Sive.

– E onde fica isso... aqui perto? – indaga Denham.

Sive respira fundo. A sério, como é que aquilo pode ajudar?

– Não, em Liverpool Street.

– Mas saiu aqui?

Tim enrubesce.

– Para garantir que a menina ficava bem. Não a ia deixar sozinha na plataforma.

– Então e o senhor entregou-a a quem?

– A um agente de segurança. Ele já sabia do caso. Tinha recebido uma mensagem de Bond Street.

– E depois?

– Ia a caminho da saída, estava quase nas escadas, e vi esta senhora com a menina, por isso voltei... sabe... – Encolhe os ombros.

Para fazer parte do reencontro feliz, pensa Sive. Para gozar um pouco da energia do Bom Samaritano.

– Obrigada – agradece ela. – Por aquilo que fez. Mas tem a certeza de que não viu outra menina? Ela tem seis anos – indica a altura de Faye com a mão – e está a usar um blusão igual ao da Bea. Cabelo louro-claro. Não a viu?

– Sinto muito – diz Tim, num tom impotente. – Só vi a pequenina.

– Muito bem, vou precisar do seu contacto para, se for preciso, voltarmos a falar – pede a PC Denham, e Tim debita um número de telefone.

Sive afasta Bea do seu ombro para poder olhar para ela.

– Onde está a mana? Onde está a Faye?

– *Chase*¹ – diz Bea, num tom quase solene, olhando para Tim e depois outra vez para Sive. – *Chase* no comboio.

¹ Chase

¹ *Chase*, em inglês, pode ser uma forma do verbo «perseguir» ou um nome próprio.
(*N. do E.*)

Aaron corre na direção dela, abrindo caminho por entre a multidão, ignorando as expressões de desagrado ao acotovelar as pessoas. Chegou para ajudar, com o seu metro e noventa, e Sive sente, de repente, o ânimo renovado. Juntos hão de resolver as coisas.

– A Faye? – pergunta ele, num tom de desespero.

Ela abana a cabeça.

– Ainda não. – A resposta sai num fio de voz.

– Valha-me Deus. – Aaron olha para a plataforma apinhada e a imensidão do acontecido assola-a. As pessoas. A quantidade de gente. A dimensão da cidade. As inúmeras entradas e saídas. Os túneis escuros. As composições que não param de chegar.

– O que aconteceu?

Sive explica o sucedido com frases breves e ofegantes, entrecortadas.

– Mas como é possível que não tenhas entrado com elas? – pergunta Aaron.

– Eu estava mesmo atrás delas, a sair do elevador com o carrinho. A dizer-lhes que se despachassem. E depois...

Sive fecha os olhos.

– E depois, o quê?

– O telefone tocou. Estava a tentar ver quem era. Estava a tentar rejeitar a chamada.

Aaron abana a cabeça.

– Não demorou mais do que um segundo, mas...

– Foi o suficiente para as portas se fecharem. Eu sei. – Esfrega-lhe o braço e a gentileza no gesto faz-lhe aflorar as lágrimas aos olhos.

PC Denham pigarreia e dirige-se a Sive.

– A sua filha mais nova disse que a Faye foi atrás de alguém ou de alguma coisa? Isso faz-lhe sentido? Lembra-se de alguma coisa que a atraísse assim?

Sive abana a cabeça.

– Não faço ideia.

Tim ainda ali está, a observar, e Denham dirige-lhe a palavra.

– Viu alguma coisa do género, uma criança a correr?

– Não, mas o metro estava cheio. Não me parece que alguém pudesse correr fosse para onde fosse.

Aaron parece confuso.

– E o senhor é? – pergunta a Tim.

– Este cavalheiro tomou conta da sua filha mais nova, acompanhou-a para fora da carruagem e entregou-a aos seguranças – explica PC Denham.

Aaron franze o sobrolho.

– E alega que não viu a Faye?

Alega. Sive morde o lábio.

Tim endireita-se um pouco mais, as faces afogueadas.

– Não, não vi a sua outra filha.

PC Denham interrompe-os.

– Já falámos sobre isso e temos o contacto, caso sejam precisas mais informações. – O tom dela soa como *quem faz as perguntas aqui sou eu*. – Se não se importa, voltemos ao que a sua filha mais nova disse. Por vezes, as crianças correm atrás de coisas sem pensar e perdem-se. Uma bola ou uma borboleta?

– Uma borboleta no metro? – Aaron parece incrédulo e Sive quer dizer-lhe que se controle, pois precisam da ajuda de todos, que toda a gente fique do lado deles.

– Lembra-se de mais alguma coisa de que a sua filha possa ir atrás? – pergunta Denham calmamente.

Sive olha para Bea e recorda as palavras. *E se não foi isso? E se não foi a Faye a ir atrás de uma bola ou de uma borboleta? E se foi alguém a ir atrás dela?*

– Bea, meu amor, alguém foi atrás da Faye?

Bea fita-a, o rosto sem expressão. Um homem a correr para o metro interpõe-se entre elas, separando Sive da PC Denham por breves instantes. Sive volta a tentar. – Consegues apontar, querida...

onde está a mana?

O lábio inferior de Bea começa a tremer.

– Bau-bau.

– O que disse ela? – quer saber Denham, a quem o clamor da hora de ponta faz levar a mão em concha ao ouvido.

Sive abana a cabeça.

– Só quer o leitinho dela.

– Acha que ainda nos poderá dizer mais alguma coisa? – pergunta a polícia. – Talvez esteja cansada ou com fome?

– Ela ainda mal fez dois anos – corta Aaron, irritado. – Não é capaz de nos dizer nada.

Aaron. Sive roga-lhe em silêncio. Fazer o papel de machão não os vai ajudar; aquela agente da polícia não é uma das suas testemunhas em tribunal.

– O vocabulário dela ainda é limitado – esclarece Sive. – Não sei se será capaz de nos dizer muito mais. Mas e se significar que alguém foi atrás da Faye... alguém que a assustou e a fez fugir? Pode ser que ainda esteja na carruagem, ou talvez se tenha escondido numa estação?

– Já temos agentes a bordo da composição e estão a confirmar cada paragem... também há elementos do Metropolitano de Londres à procura. Nós encontramos-la. Esta linha tem um número limite de estações e vamos corrê-las a todas.

– E se ela tiver saído numa das estações – murmura Sive.

O sistema de som debita um anúncio e Aaron espera para fazer a pergunta seguinte.

– Teria dado tempo?

– Terão passado uns seis ou sete minutos... – A voz de Sive desaparece, engolida pelo pânico. Limpa a garganta. – Entre esperar pelo metro seguinte e chegar aqui. Os seguranças já estavam à procura dela, mas não podiam... não seriam capazes de cobrir todas as estações imediatamente.

– Ó meu Deus. – Aaron passa a mão pelo cabelo e descreve um

círculo lento. Olha para Sive. – Estamos numa cidade com oito milhões de pessoas e a Faye pode estar em qualquer lado.

Sive anui, incapaz de falar. A filha desapareceu num metro em movimento e ninguém a viu.

Três dias antes – sexta-feira

Meridian Hotel

– Já podemos ir? Faltam cinco para as três. – Aaron bateu com o dedo no relógio. No recém-comprado *Tag Heuer* caríssimo com que se mimara, imagine-se a coincidência, mesmo a tempo do encontro. Há cinco minutos que dava voltas ao quarto do hotel, à espera de que Sive acabasse de amamentar o bebé. Até já lhe parecia conseguir ver as marcas na carpete azul e dourada. Faye e Bea viam desenhos animados na sala ao lado. Sive não tinha a certeza do motivo que levava Aaron a reservar uma *suite* – para quê uma sala de estar se o quarto já tinha a sua própria zona de estar: um sofá azul-claro, com cadeirões a condizer, dispostos à volta de uma elegante mesa de centro de mogno, à frente de um televisor enorme, embora discreto – tudo de acordo com o luxo nada discreto do Meridian Hotel. Claro que, de vez em quando, sabia bem poder fechar a porta e abafar o som da *Patrulha Pata* e da *Peppa*.

– Acho que ele está quase a acabar – indicou a Aaron. – Calças as meninas?

Em vez de estar a gastar a carpete do hotel, usaria o seu tempo de forma mais útil. Aaron andava muito. Logo quando o conheceu, julgou ser sinal de nervos. Com o tempo, depois de o ver inúmeras vezes a preparar-se para julgamentos, percebeu que indicaria energia acumulada. A ansiedade por dar início a algo. Naquele momento parecia pronto a saltar da carpete para o corredor do hotel. Mas não se tratava de um caso: o que se avizinhava era o encontro dos vinte anos com os antigos colegas de casa em Londres. O que significava, pensou ela, ocultando um sorriso, que para Aaron a fasquia estava *bastante* elevada.

– A ideia é ser divertido! – tinha comentado ela, ainda em Dublin, ao fazer a mala de Bea e Faye. – Até parece que se trata de uma

competição. E porque é que andas a ver às escondidas as atualizações profissionais dos teus amigos? Não podes esperar por chegar a Londres para que eles tas contem pessoalmente?

Aaron acedera ao LinkedIn, onde lia os perfis dos antigos colegas de casa e atualizava o seu.

– Achas mesmo que eles não andam também a consultar o meu perfil? Achas mesmo que o Burner e o Trigger não estão, neste preciso momento, à procura de falhas no meu currículo?

Burner era Scott Burns, objeto de uma relação de amor/ódio, BFF e arquirrival de longa data de Aaron. Trigger era Dave Taylor, alguém com uma carreira que de modo algum ameaçava Aaron. Certa vez, houvera quem, na cara de Dave, lhe chamasse Trigger – uma alcunha afetuosa inspirada numa personagem de uma *sitcom* que não era conhecida pelo seu intelecto. Atualmente, por vezes, Aaron ainda o tratava por Trigger, mas sempre pelas costas.

– A sério que me estás a perguntar se o Scott e o Dave estão neste momento no LinkedIn a espiar-te? Queres mesmo uma resposta sincera? – Sive sorriu-lhe, abanou a cabeça e começou a inspecionar o conteúdo da mochila de Faye. Um ursinho de peluche com um passaporte de brincar, uma escova, uma embalagem de lápis de cera, um bloco minúsculo. O essencial, e nada de líquidos potencialmente perigosos ou objetos aguçados. A seguir foi arrumar a sua própria mala. – Além disso, sempre disseste que o Scott não se importa com o que pensam dele.

– E não, mas adora provocar-me, compete comigo só para me irritar.

– Então e se te tornasses menos fácil de irritar? – escarneceu ela. – E ainda no verão passado estiveste com o Dave, e encontraste-te com o Scott em junho... quase não há ano em que não se encontrem desde que moraram juntos.

– Sim, mas esta é a primeira vez que vamos estar todos juntos no mesmo sítio desde... olha, desde o funeral.

– Ah.

Fez-se uma pausa.

– Não são só vinte anos desde que nos conhecemos, é também o aniversário da morte da Yasmin. Faz quinze anos na segunda-feira.

Sive interrompeu o que estava a fazer.

– Podias ter dito.

– Desculpa. Sabes que eu não gosto de falar no assunto.

Sive sabia-o, realmente, e aprendera a não fazer perguntas acerca da falecida noiva de Aaron. O marido era um tagarela e, ao mesmo tempo, também conseguia ser um livro fechado.

– Vai ser incómodo? Se calhar eu não devia ir. Não conheci a Yasmin.

Aaron beijou-lhe a face.

– Não te preocupes. Fazemos-lhe um brinde, mas, à parte isso, ninguém vai falar sobre o assunto. A Nita não gosta, e normalmente acatamos os seus desejos.

Sive assentiu. Nita, irmã de Yasmin, gostava, sobretudo, de falar sobre si própria, pelo que era uma previsão razoável.

– Pronto, a Faye e a Bea já estão, e as roupas do bebé vão com as minhas. – Sive fez uma pausa. – A menos que já tenhas posto as coisas dele junto com as tuas?

Aaron abanou a cabeça, absorto, ainda de olhos fixos no telefone. O sarcasmo era um desperdício com ele.

E agora, um dia depois, naquela *suite* de hotel em Londres, mesmo sabendo tudo o que havia a saber sobre os seus antigos colegas de casa; apesar da certeza de que estaria à altura, de que os teria superado, continuava com os nervos à flor da pele. E as filhas estavam ainda descalças e a ver desenhos animados.

– Aaron. Por favor. Vai tratar das meninas. Quando estiverem despachadas, eu já terei acabado de dar de mamar.

Aaron assentiu, dirigiu-se à sala, ao encontro de Faye e Bea, e Sive suspirou discretamente.

Na cama ao lado dela, sobre a colcha branca engomada, o telemóvel apitou a dar conta da entrada de um *e-mail*. Inclinou a

cabeça para ver de quem era, sem mexer o bebé. Era do editor de imagens do jornal, a pedir uma fotografia mais recente de um ator que ela tinha entrevistado. Bolas. Relanceou a porta da sala adjacente. Garantira a Aaron que não teria de trabalhar durante a estadia em Londres, mas aquilo não demoraria mais do que uns segundos. Escreveu a resposta com uma mão. Pediria outra fotografia ao agente e mais tarde responderia ao *e-mail*.

Aaron voltou ao quarto, exasperado, a abanar a cabeça.

– Já estão prontas? – perguntou Sive.

– A Faye está a insistir que quer despir os calções e usar um vestido, mas eu disse-lhe que não.

Tão típico de Aaron: tinha saltado o capítulo sobre a escolha de guerras no manual dos pais.

– Não faz mal, deixa-a mudar de roupa.

– Então, Sive, agora não posso voltar atrás! Se me desautorizas, elas *nunca* me vão dar ouvidos. Vou ser sempre o «papá tolo». – Revirou os olhos, mas estava a sorrir. Aaron adorava ser o «papá tolo», e Sive sabia-o perfeitamente.

– Se houver um motivo válido, não é desautorizar. De certeza que ela quer um vestido para que os pontos que tem na perna não fiquem tão à mostra. Só isso.

Aaron pareceu confuso por um instante, como se já se tivesse esquecido dos pontos. Claro que não tinha sido ele a ajudar a filha quando esta caíra da vedação. Não tivera de ocultar um arrepio ao ver o golpe fundo que o prego lhe havia feito na perna. Não tivera de a acompanhar à clínica Swiftcare para levar pontos e a vacina contra o tétano, ao mesmo tempo que tomava conta de Bea e de Toby. Ele chegara a casa na véspera, à noite, e só ficara a saber do sucedido depois de tudo ter passado. E era assim que as coisas tinham de ser. Ele trabalhava a tempo inteiro, ela trabalhava em *part-time*, e Aaron não tinha culpa de não poder estar presente. Mas agora podia ajudar.

– Toma. Fica com o Toby – pediu Sive, levantando-se. – Eu trato das miúdas.

Aaron pegou em Toby e beijou de imediato a face do bebê. Sive deteve-se um segundo, a observar. Aaron conseguia dar com ela em louca, mas era um coração mole no que dizia respeito aos filhos.

Seguiu até ao quarto das filhas, no lado oposto da sala.

– Pronto, vamos lá – exclamou, batendo as palmas, qual Mary Poppins. – O papá tem de ir ao encontro dele.

O Library Bar do Meridian Hotel fervilhava. Embora fossem apenas três da tarde de sexta-feira, com a maior parte dos elementos do mundo de Sive ainda a trabalhar, os cadeirões de costas altas estavam quase todos ocupados. Cortinados grossos verde-azeitona, com contrastes fulvos, estavam apanhados em pregas até ao meio das janelas a toda a altura da parede, deixando entrar luz, ao mesmo tempo que criavam uma sensação de calor e privacidade. Estantes encastradas ostentavam volumes encadernados a pele, criando a biblioteca que dava nome ao bar, efeito que era completado com espelhos de molduras douradas e candeeiros de pé. O bar era o exemplo acabado do luxo de bom gosto, não sendo propriamente um sítio onde Sive, por norma, levasse os filhos.

E agora, Faye e Bea corriam em frente, ziguezagueando entre os cadeirões de veludo verde e castanho, quase derrubando uma jarra de crisântemos cor-de-rosa de uma alta mesa polida no centro da sala. Sive reprimiu um suspiro. Ia ser uma longa tarde, e ainda nem sequer se haviam sentado.

Quando se instalaram, a disparidade tornou-se clara desde logo. À volta de uma mesa baixa de mogno, junto à janela, estavam Scott, Nita, Maggie e Dave. À frente deles, em bases de prata, tinham uma garrafa de cerveja, uma água tônica, um copo de *rosé* e uma *Guinness*. Os três filhos de Sive estavam prestes a perturbar profundamente o estilo de todos. Sive gemeu em silêncio quando Faye começou a correr na direção do bar, a gritar qualquer coisa sobre laranja com bolhinhas, seguida por Bea, que entretanto tropeçou e caiu.

– Ah, cá estão vocês! À tua, pá! – exclamou Dave, erguendo o copo

de *Guinness* e levantando-se para dar uma palmada nas costas de Aaron. – *Benvenuti! Salute!*

Sive não fazia ideia do motivo que levaria Dave – regra geral, o menos pretensioso do grupo – a falar italiano, mas manteve o sorriso firme, enquanto também os outros se levantavam, sucedendo-se cumprimentos, abraços e beijos no ar. Sive já tinha estado com eles várias vezes, ao longo dos anos, mas eram amigos do marido. E nenhum deles tinha companheiro. Nem filhos. Pelo menos a seu cargo, naquele opulento hotel do centro de Londres. Sive mordeu o lábio.

– Desculpem o atraso – lamentou-se, com todos a sentarem-se mais uma vez. – Somos os únicos que cá estão hospedados, mas tivemos de ser os últimos a chegar. – Revirou os olhos num gesto apologetico.

– Não te preocupes com isso – descansou-a Maggie, no seu leve sotaque de Edimburgo. – Estamos encantados por termos desculpa para uma tarde de folga. Tenho estado a apreciar o meu *rosé*, a ver o mundo a passar.

– Isso é porque chegaste quarenta minutos adiantada – contrapôs Nita, voltando-se depois para Sive. – A Maggie é a mulher mais extraordinariamente pontual em toda a Grã-Bretanha. Ela só tem um modo de funcionamento, que é «cedo».

– O que faz com que os outros seres humanos normais se sintam sempre embaraçosamente atrasados, mesmo quando não estão – concordou Scott. – E agora, com o relógio novo, vai ser ainda pior. – Indicou uma caixa aberta no centro da mesa com um gesto de cabeça e Sive sentiu um incómodo repentino por estarem a trocar presentes, por não ter sido informada. Mas porque haveria prendas num encontro daqueles?

Scott dirigiu-se a Maggie.

– Vá lá, toca a mostrar.

Maggie estendeu o braço e exibiu a Scott o *smartwatch* cinzento-claro de bracelete cor de cobre.

– Não é lindo? – Depois perguntou a Nita: – De certeza que não o

queres?

Nita ofereceu-lhe um sorriso benevolente.

– Credo, não. As marcas estão sempre a enviar-me coisas. Já devo ter, sei lá, uns oito ou nove relógios. Estás à vontade. Sabias que tem GPS?

– Espantoso! Não que eu saiba usá-lo, mas parece *muito* fixe.

Dave inclinou a cabeça, observando o relógio.

– Hum, esse modelo só funciona se tiveres o telefone contigo. Tu precisas é de um que funcione mesmo sem telefone. Sabias que pode ser usado para ajudar a encontrar pessoas desaparecidas? Ainda no outro dia estava a ler sobre isso no trabalho...

– *Não!* O Dave vai contar-nos mais uma das suas sagas profissionais! – atalhou Scott, num horror simulado. – Isto é ainda pior do que a hiperpontualidade da Maggie.

Maggie esticou-se para dar uma palmada a Scott, mas estava a sorrir.

– Olha lá, eu vi-te lá fora, agarrado ao teu cigarro eletrónico. Não estavas com pressa nenhuma.

Scott devolveu-lhe o sorriso.

– Então, deixa-me lá ficar com o que me resta. Já deixei os cigarros a sério, o que não é mau.

– E já não era sem tempo – tornou Maggie. – São só quinze anos de atraso para os coitados dos vizinhos cujo barracão...

– Pois, pois, não vás por aí. Nem todos somos tão perfeitos como tu, Maggie – cortou Scott. Continuava a sorrir, mas o tom ganhara uma certa frieza. – O que interessa é que estamos aqui, é sexta-feira, ninguém está a trabalhar e temos bebidas. – Ergueu o copo, sendo imitado pelos outros.

Nita bateu palmas.

– Agora que já cá está toda a gente, vamos tirar uma fotografia! – Levantou-se, de telefone em riste, pronta a tirar uma *selfie* de grupo. Sive ficou junto ao limite do enquadramento, sem saber se aparecia na imagem ou não.

– E se eu vos tirasse uma? – ofereceu-se, pegando no telefone e levantando-se do lugar. Recuou da mesa para os apanhar, desviando a cadeira do caminho.

Ali estavam eles – Dave, Scott, Nita, Maggie e Aaron – a sorrir para a câmara de Sive. Dave com a sua calva e a habitual expressão acanhada. Scott, de cabelo louro esbatido e tez manchada, um par de óculos escuros de avião no topo da cabeça. Nita, a princesa, os dentes branqueados a refulgir. Maggie – a ponderada e subestimada Maggie – a prender uma longa madeixa ruiva atrás da orelha. E Aaron. Tão atraente, segundo a opinião tendenciosa de Sive, como quando o conheceu.

Tirou três fotografias e voltou a sentar-se, prometendo partilhá-las no grupo do WhatsApp – embora não estivesse incluída nele.

Scott dirigiu-se a Aaron.

– E então, como andam as coisas no mundo do crime? Estás a trabalhar em algum caso importante?

Sem rodeios, pensou Sive, sem conversa fiada do estilo «Então e como foi a viagem?» Mas era isso que Aaron adorava. Falar sobre o trabalho. Ser o centro das atenções.

– Andam bem. Atarefadas. Sabes bem como é, nunca se para.

– Estive a ler sobre aquele Brosnan que estás a defender. Mas que figura. – Scott abanou a cabeça com uma expressão que parecia inveja, disfarçada de admiração. – De certeza que não deste um passo maior do que as pernas? – Riu-se, para mostrar que estava a brincar, as faces coradas a reluzirem.

– Consigo lidar com esse assunto.

– Pelo que li – adiantou Scott cautelosamente –, esse tal grupo criminoso dos Callan que tens lá em Dublin está a apostar tudo na condenação do Pete Brosnan para que o homem deles não seja envolvido.

– Estás bem informado, meu caro. – Aaron ergueu a caneca que acabara de ser posta à sua frente.

Scott abanou a cabeça num gesto de falso pesar.

– São frescos, eles. Se bem me lembro, gostam de ensacar as pessoas e atirá-las ao rio.

– Como é que sabes tanta coisa acerca dessa gente? – perguntou Aaron, espreitando sobre a caneca.

– Na minha antiga firma tivemos um caso que envolvia os Callans. Essa gente mete medo. – Soprou ruidosamente o fôlego pelos lábios franzidos. – Não te preocupa o que eles possam fazer se safares o teu cliente?

Sive franziu o cenho. Começava a parecer que Scott tinha passado os últimos três dias a estudar os casos de Aaron, disposto a atacar com tiradas passivo-agressivas bem planeadas. Scott passara quase vinte anos a trabalhar dia e noite, até que os despedimentos, dois anos antes, o haviam deixado bastante abastado, embora profundamente entediado.

– Se tivesse medo de gente com interesses velados seria incapaz de fazer o meu trabalho. Sabes disso, Burner – retrucou Aaron, com calma. – Pelo menos costumavas saber.

– Pois sim. Há interesses velados e há bandos de criminosos assassinos. – Scott riu-se. – E tu, Sive, não tens medo de que resolvam abater o teu marido?

Nita e Maggie abanaram a cabeça em desespero.

– Para com isso, Scott! E não digas essas coisas à frente dos miúdos – admoestou-o Maggie.

Sive sorriu.

– Não é a primeira vez que o Aaron trata com gente menos correta. Ele sabe lidar com isso. – Bateu com o *gin* na caneca do marido. Na verdade, ela odiava aquele tipo de casos. Detestava pensar neles. Regra geral, fechava os olhos e evitava ler sobre o assunto. Mas por cada caso de grupos criminosos havia outro que envolvia uma pessoa absolutamente normal que se descuidara e dera com ela em tribunal. O tipo de pessoa que merecia uma segunda oportunidade, ou, pelo menos, a melhor defesa que conseguisse. Esse pensamento não demorou a ser acompanhado pela palavra habitual. *Hipócrita*.

– Mas já chega de falar de mim – atalhou Aaron. – Como é que vai a vida de piloto, Burner? Arrependes-te?

Scott também fora advogado criminal. Ele e Aaron haviam trabalhado juntos no início da carreira e tinham fortalecido a ligação sendo sócios do mesmo clube de remo. Havia morado juntos numa casa em Stratford, na zona oriental de Londres, com Maggie, Dave e Nita, e ambos tinham-se casado e tido três filhos cada um. Contudo, ao ser dispensado, Scott afastara-se por completo do Direito e formara-se como piloto, por volta da mesma altura em que Caron, a esposa, o trocara por um produtor musical milionário. Imagine-se, tal como havia dito Aaron ao saber.

– Não me arrependo de nada – respondeu Scott, recostando-se na cadeira e entrelaçando as mãos atrás da cabeça. – Ver o mundo, ver o céu... ver as hospedeiras – acrescentou, com um piscadela de olho.

Ao seu lado, Nita gemeu, levando uma mão perfeitamente arranjada à testa. Como sempre, Sive sentiu-se fascinada com as parecenças de Nita com a irmã. Ou, pelo menos, como Yasmin talvez fosse, caso tivesse vivido outros quinze anos. Yasmin, o fantasma que assombrava cada encontro. E, por vezes, até o casamento de Sive.

– Só levantas e pousas, não é? – estava Aaron a comentar. – O resto fica por conta do piloto automático, certo?

Ó Aaron. Sive bebeu um gole de *gin*.

Scott voltou a chegar-se à frente.

– Não é assim tão linear. Mas digamos que há mais prós do que contras. Ou melhor, *não há* contras.

– Ao contrário do Direito – gracejou Maggie, aliviando a tensão do ambiente.

Sive sorriu-lhe do outro lado da mesa. Maggie tinha quarenta e dois anos, a mesma idade dos restantes colegas de casa, mas sempre parecera mais velha. Não tinha nada que ver com a aparência, já que a pele lisa e os belos caracóis ruivos dificultavam que se lhe atribuisse uma idade – ela contava com aquela maturidade discreta que certas pessoas têm. Era a ajuizada da altura, segundo Aaron. Era quem se

lembrava de pagar a eletricidade e de levar o lixo à rua. A chata, comentara ele, por vezes pedante, um tudo-nada opiniosa. Sive ficava com a impressão de que Aaron se sentia inerentemente criticado porque Maggie não bebia tanto como os outros, embora, pelo que Sive se pudera aperceber até então, Maggie nunca tivesse dito nada que sugerisse que estava a criticar fosse quem fosse. Também na altura trabalhava em Direito, num quadragésimo andar em Canary Wharf. Tal como Scott, também ela mudara de carreira. Ao contrário de Scott, optara por uma menos glamorosa, estando a gerir uma clínica de saúde suburbana.

– Não percebo – interveio Dave, enfiando um rebuçado na boca.

Maggie suspirou ao de leve.

– *Contras*. Como em, *contra a lei*? – explicou Scott. – Valha-me Deus, Dave, tu és literalmente um polícia a fingir. Como é que isso te passou ao lado?

Os outros riram-se e Dave sorriu.

– *Não* comeces com a história do polícia a fingir, Burner – tornou ele, oferecendo a embalagem de rebuçados *Polo*. – De certeza que essa piada já prescreveu, não?

– Nunca! – afirmou Aaron, erguendo o copo, ao que todos brindaram, até Dave, que estava a corar.

Sive tinha pena dele. Ao passo que os outros viviam as suas carreiras estratosféricas, Dave encetara um trabalho como investigador civil, ou, tal como ele e os colegas diziam, como «civvie», na Polícia Metropolitana. E, vinte anos volvidos, continuava a ser basicamente isso o que ele fazia. Mudara de cargo ocasionalmente, porém, para os outros, enquanto eles salvavam o mundo, um julgamento de cada vez, o trabalho de Dave implicava, sobretudo, análise e introdução de dados.

Para Sive, isso era uma parte essencial de qualquer força policial, mas os outros, com os seus salários de sete dígitos, tendiam a olhar Dave com um menosprezo discreto. A piada que ainda corria era que ele queria ser, tal como todos diziam, um polícia «a sério», e, ao longo

dos anos, sempre que se reuniam, os antigos colegas de casa haviam-lhe oferecido lupas, algemas e um sem-fim de blocos de notas pretos. O seu atual cargo consistia em escrutinar as candidaturas a cargos policiais, uma função tão distante quanto possível da versão que *Lei e Corrupção* dava da polícia, porém, pelo que Sive conseguia apurar, Dave estava feliz e ignorava bem as provocações.

– Por falar nisso – anunciou Scott, deitando a mão a um saco de papel aos seus pés –, como sempre, temos uma prenda para ti, Dave.

Aaron fez um rufar de tambores na mesa. Dave gemeu, mas estava a sorrir. Nita abanou a cabeça, mas também ela sorria. O rosto de Maggie era uma máscara impassível. Scott tirou um boné azul-escuro com um polícia de um desenho animado bordado na frente e esticou-se sobre a mesa para o pôr na cabeça de Dave. Todos aplaudiram, fez uma vénia breve e disse que era perfeito para lhe cobrir a calva crescente. Ah, como voltavam depressa às suas velhas *personas*, pensou Sive, olhando à volta da mesa. Todos, salvo Nita, talvez, que tinha sido quem passara recentemente pela maior mudança de todas.

– Então e será para quando? – perguntou-lhe Sive.

– Só lá para fevereiro – respondeu Nita. – Ainda falta muito tempo.

– Bebeu um gole da bebida. – Já agora, não é *gin*, é só água tônica.

Sive sorriu.

– A primeira gravidez serve para nos abrir os olhos.

– Só se não estivermos preparadas – argumentou Nita. – Fiz muita pesquisa com antecedência. Não compreendo as pessoas que mergulham de cabeça sem se informarem primeiro.

Sive assentiu educadamente. Não sabia mesmo nada sobre gravidezes quando a linha lhe aparecera no teste daquela primeira vez. E assim tinha continuado, seguindo às apalpadelas durante boa parte da gestação. Claro que as circunstâncias não eram, de modo algum, as mesmas. Nita planeara meticulosamente a gravidez, optando por avançar sozinha com FIV em vez de, tal como ela dizia, «se acomodar com um triste qualquer do Tinder». Sive, por outro lado, não havia planeado de todo a primeira gravidez. Relanceou Faye, que

se descalçava, sentada na carpete verde macia. Tinha pegado no telefone de Sive e afastara-se um pouco de Bea, ansiosa, sem dúvida, por um pouco de descanso da sua maior fã e provocadora constante.

Nita seguiu-lhe o olhar.

– Duas meninas... que lindo. Devem ser melhores amigas.

Sive abanou a cabeça.

– Pois, não, elas *matam-se* uma à outra.

Nita pareceu surpreendida.

– A sério? Mas que mau.

– Ah, isso é perfeitamente normal entre irmãos. A Bea quer fazer tudo o que a irmã faz. A Faye farta-se de ser seguida para todo o lado e tenta fugir. Por sua vez, a Bea faz o possível por captar a atenção da Faye, seja com um abraço ou com um pontapé.

Como se aproveitasse a deixa, Bea foi sentar-se tão perto de Faye que quase ficou em cima dela. Para Bea, espaço pessoal era coisa que não lhe dizia nada.

– Credo. É terrível que não se deem bem.

– Ah, não. Às vezes, a Bea dá com a Faye em doida, mas ela tem muita paciência com a irmã. E aí de quem se meta com a irmãzinha. Vai a correr em defesa da Bea. No outro dia, ouviu-me a falar com o Aaron sobre um miúdo que andava a beliscar a Bea na creche...

– A beliscar! Mas que coisa horrível. Qual foi a medida disciplinar que tomaram?

Ai, valha-me Deus. Nita ia ter uma bela surpresa quando o filho fosse para o infantário.

Sive sorriu.

– Isso é normal entre crianças pequenas. Não é nada de extraordinário. Mas a Faye ouviu-nos falar sobre isso e no outro dia, quando fomos buscar a Bea, ela dirigiu-se ao miúdo e disse-lhe que se voltasse a beliscar a irmã, ela ia ao infantário e beliscava-o com o dobro da força. Portanto, sim, a Faye pode ficar irritada com a sombra que nunca a larga, mas se alguém magoa a Bea, vai até ao fim do mundo para a defender.

Nita pegou no telefone e escreveu algo. Relanceou Sive.

– Estou a criar um lembrete para procurar livros sobre infantários e violência. Faço muita pesquisa – explicou. – Como estou a fazer isto sozinha, é óbvio que não posso contar com a sorte. Tenho de estar organizada.

Sive não duvidava. Nunca conhecera ninguém tão bem organizado como Nita. Ao passo que Maggie tinha sido a mãe da casa – a pessoa com quem todos contavam para que as coisas se fizessem discretamente –, Nita fora a gestora, um papel nem sempre bem-vindo ou necessário. Segundo Aaron, ela criava folhas de cálculo para os turnos de limpeza, fórmulas de Excel para ponderar a divisão das contas e tinha uma série de rígidas regras domésticas presas ao frigorífico. Essa sua perfeição meticulosa era-lhe bastante útil no trabalho – tal como Aaron, fizera carreira em Direito e a atenção ao pormenor era crucial para o seu atual cargo como Diretora do Departamento Legal de um banco multinacional. Essas competências não lhe granjearam prémios de popularidade quando todos partilhavam a casa, mas Nita nunca quisera saber de popularidade.

– É claro. E vais ser uma mãe brilhante – garantiu Sive, olhando para as filhas enquanto as duas se digladiavam pelo telefone.

Nita também olhou.

– A mais pequenina, a Bea, é tão bonita. Não se parece nada contigo, Sive... É mesmo menina do papá!

– Hum, obrigada, acho eu...

Nita continuou a falar, impávida.

– E a Faye também é bastante bonitinha, com aquele cabelo louro lindo. Tu e o Aaron são mais morenos. Onde é que ela foi buscar um cabelo tão fabuloso? – Uma gargalhada retinente. – Aposto que vos perguntam se é adotada. Ainda ponderei a adoção, mas decidi que a FIV seria mais adequada ao meu caso. Mais século xxi.

Sive anuiu, sem saber o que responder, olhando, em vez disso, para o carrinho com o bebé adormecido.

– Quanto tempo é que tem o... – Nita fez uma pausa,

aparentemente com dúvidas quanto ao nome – ... o pequenino?

– O Toby tem quatro meses – respondeu Sive –, por isso ainda dorme muito à tarde, graças a Deus. As outras duas já me dão trabalho suficiente.

Voltaram a olhar para onde Faye e Bea estavam sentadas, coladas a alguma coisa no telefone de Sive. Enquanto assistiam ao que se passava no ecrã, o pé de Bea bateu no copo de Faye, derrubando os restos do sumo de laranja sobre a alça da sua adorada mochila da *Frozen*. Sive susteve o fôlego. Eram só umas gotas. Se Faye não reparasse, ela não diria nada. O Meridian Library Bar não parecia ser o lugar ideal para uma birra por causa de uma mochila suja. Porém, Faye continuava de olhar preso ao telefone (obrigada, YouTube) e Sive escapou-se de boa.

– Com os meus não vou seguir o caminho da tecnologia – comentou Nita. – Os livros de contos e as rimas infantis são tão importantes para o cérebro em desenvolvimento.

– Olha, se quiseses praticar, posso dar-te um livro de histórias para as leres às minhas filhas? – ofereceu Sive com um sorriso rasgado. – Dava-me jeito ter o telefone de volta, embora isso queira dizer que elas *vão* atirar-se a nós... Claro que sempre te vais habituando ao que te espera...

As feições bonitas de Nita enrugaram-se com uma expressão preocupada.

– Ah, elas parecem tão satisfeitas. Se calhar é melhor deixá-las ficar ali enquanto o... – Olhou para o carrinho.

– Toby – adiantou Sive.

– Enquanto o Toby dorme.

– Pois, se calhar – respondeu Sive, pegando no *gin*. Iam ser quatro dias bastante compridos em Londres.

Segunda-feira
9h11

– Tem algum plano, para o caso de ela se perder?

É uma polícia diferente. Uma mulher chamada DC Hawthorn, que disse aos Sullivans ser a sua agente de ligação. Foram para a plataforma da Central Line de Oxford Circus, com destino a oeste, pois Hawthorn explicou que se alguém encontrar Faye e a trazer, é para ali que vai. E Sive tem medo de se mexer – está pregada à plataforma apertada e abafada, ainda com esperança de que a figura diminuta de Faye apareça, saída de cada metropolitano que ali para.

Está agora a fitar a DC Hawthorn, enquanto Bea, que lhe vai ficando cada vez mais pesada nos braços, se enrosca contra o pescoço da mãe.

– Um plano?

– Um ponto de encontro, ou uma regra a seguir, por exemplo, que vá à procura de alguém fardado?

Sive abana a cabeça.

– Em casa, sim. Quer dizer, se estamos no parque infantil, dizemos-lhe «se te perderes, vai ter ao escorrega grande». Agora, em Londres... Não conhecemos ninguém em Londres. – *Meu Deus, deviam ter um plano.*

– Ela sabe o nome da estação em que se encontravam quando se separaram? Referiu-o?

Sive pensa um pouco. A pressa para sair do hotel por estarem atrasados para ir ao encontro de Maggie. A procura pelo cartão Oyster² quando chegaram à estação. A dúzia de vezes que se maldisse por ter concordado com aquilo – porque não se deixaram ficar no hotel enquanto Aaron fazia a corrida dele? Não estava preparada para andar com três filhos pequenos por uma cidade desconhecida. *E agora está à vista o que aconteceu.*

– Não – acaba Sive por responder. – Eu estava sozinha com os pequenos. Se o Aaron lá estivesse, talvez pudéssemos ter falado sobre o nosso destino. Mas acho que a única coisa que disse às meninas foi, «Despachem-se.»

– Estou a ver. De que lado da plataforma estavam?

– Aaa, não tenho a certeza?

– Queremos ter uma ideia da carruagem em que ela se encontrava.

– Oh... Saímos de um elevador, por isso estávamos numa entrada da plataforma junto a um elevador. – Hawthorn tira apontamentos.

– E a Faye sabe o seu número de telefone?

– Ensinei-lho no ano passado, mas já há algum tempo que não treinamos. Merda. Desculpe. Isto é terrível. Valha-me Deus, ela está sozinha em Londres, sem fazer ideia de como entrar em contacto connosco.

Aaron está a embalar o carrinho. À volta deles, os passageiros vão entrando para uma composição do metro.

– Mas assim que alguém a encontrar, ela diz quem é – assegura. – Ela sabe o nome completo, sabe os nossos nomes.

Hawthorn assente.

– Haverá quem repare numa criança de seis anos sozinha e vá alertar as autoridades. A fotografia e a descrição dela já estão nas redes sociais, por isso não vai demorar. E enquanto pais, o melhor que têm a fazer é ficar aqui para a verem, caso regresse. – Indica a plataforma, o metro de partida, as multidões. – Não se preocupe, senhora Sullivan, não tarda nada, ela está outra vez consigo. Há miúdos a perderem-se dos pais a toda a hora.

– Mas e se ela não se perdeu? – atira Sive, baixinho, numa voz rouca, quase sem acreditar que está a dizer tal coisa. – E se alguém a levou?

Aaron abana a cabeça.

– As pessoas não levam crianças sem mais nem menos. Nós encontramos-la. Garanto-te.

– OK. – Sive engole em seco. – OK. Temos de ficar calmos e

continuar à procura. Então e a Bea e o Toby?

– Queres voltar ao hotel com eles? – sugere Aaron.

A resposta surge de maneira visceral no corpo de Sive.

– Não. Nem penses que saio daqui antes de encontrarmos a Faye.

– Eu também não – assegura Aaron calmamente. – Vou falar com a Nita e com a Maggie. Ver se uma delas pode vir cá e ficar com os miúdos.

– Experimenta primeiro a Maggie. Meu Deus, ela deve estar à minha espera no Rooftop Bar. – Sive hesita. – A Nita caiu ontem, quando saímos, e pode ainda estar abalada.

– Oh merda. Como está o bebé?

– Bem...

Sive é interrompida pela DC Hawthorn.

– Senhora Sullivan, já tenho os seus elementos e a fotografia da Faye. Pode dizer-me mais alguma coisa? Alguns pormenores que a destaquem? Algo em que uma pessoa comum possa reparar?

– A mochila talvez se destaque. É da *Frozen*.

– Já temos esse pormenor, sim. Alguma marca de nascença?

– Não. Por acaso, ela levou pontos na perna. Mas não sei se alguém iria reparar nisso se ela passasse...

– OK, talvez seja uma informação útil a reter entre nós por agora, para ajudar a eliminar telefonemas falsos – adianta Hawthorn. Indica o carrinho. – Precisa de amamentar o pequenino? – Aponta para um banco.

– Vamos pedir a amigos que tomem conta deles – informa Sive, enquanto Aaron se dirige à escada rolante, tentando encontrar um lugar onde o telemóvel tenha rede.

– Ótimo. Temos agentes a confirmarem as várias estações e também estamos a aceder às imagens do CCTV. Por isso, não há de demorar até...

– Valha-me Deus, tinha-me esquecido do CCTV. Quer dizer que podem ver o que aconteceu dentro do metro? Porque é que ela se afastou, para onde foi?

Mas Hawthorn está a abanar a cabeça.

– Infelizmente, não dispomos de CCTV nas composições da Central Line. Está planeada algures para os próximos anos, mas ainda não foi instalada.

Sive cede e Bea remexe-se nos seus braços.

– Mas temos câmaras em todas as estações – adianta Hawthorn. – Vai demorar um pouco a ver as imagens todas sem sabermos em que estação saiu, mas nós chegamos lá.

– Não podem ter muita gente a ver ao mesmo tempo?

– Temos todos os agentes disponíveis a trabalhar no caso – garante Hawthorn, o que não diz grande coisa a Sive.

Aaron retoma a conversa.

– A Maggie não atende e o Dave está a caminho do trabalho, mas vai ver o que pode fazer do lado da polícia. – Dirige-se a Hawthorn. – O meu amigo é investigador civil na Polícia Metropolitana.

Hawthorn parece estar a tentar reprimir uma expressão de dúvida. Gente como Dave não deve poder fazer grande coisa para ajudar, imagina Sive.

– Falei com o Scott – continua Aaron. – Ele estava aqui perto, portanto já vem a caminho para ficar com os miúdos. Encontramo-nos junto das bilheteiras. – Passa a mão pela testa reluzente. – Felizmente, tirou folga por causa da corrida.

Volta a encarar Hawthorn para explicar.

– Esta manhã fizemos uma corrida de remo virtual. Foi por esse motivo que estava ausente quando isto aconteceu.

O comentário não é uma acusação, mas Sive não deixa de a ouvir. Se Aaron lá tivesse estado, não teria permitido que a filha desaparecesse.

Ao chegarem ao topo da escada rolante, com Aaron a empurrar o carrinho e Sive de mão dada com Bea, ela vira-se para o marido:

– Desculpa. Nem acredito que deixei que isto acontecesse.

– Podia facilmente ter acontecido comigo – diz Aaron, apertando-

lhe o braço. – Mas quem é que ligou? Porque é que não ignoraste a chamada?

Como se estivesse à espera da deixa, o telefone volta a tocar e Sive tira-o do bolso de trás. *Talvez seja alguma notícia sobre a Faye.* Mas não é. Não ouve nenhuma pronúncia londrina. Em vez disso, é brindada com o sotaque melodioso próprio do condado de Kerry da sua editora.

– Sive! Sinto muito. Vi nas notícias. Há alguma coisa que eu possa fazer?

A culpada é a voz familiar – as lágrimas que há uma hora a ameaçam rebentam agora, abafando-lhe a voz. Sive abana a mão à frente do rosto, tentando acalmar-se.

– Sive?

Respira fundo. Calma.

– Obrigada, não sei... – Bea agarra-se à sua perna e Sive pega-lhe com um braço. Aaron, ainda a embalar o carrinho, está outra vez ao telefone. – Talvez as redes sociais do jornal possam partilhar o caso?

– Claro. Espera. Tenho uma ideia. A Jude Barr está em Londres e acho que esta semana vai cobrir um julgamento. Talvez ela possa ajudar. Isso! – Caroline ganha balanço. – Vou falar com a editora dela e ver se podemos fazer com que a Jude vá ter contigo. Ela pode ficar ao teu lado, ajudar com a busca, publicar atualizações, publicar em tempo real, esse tipo de coisa.

– Não sei...

– É contigo, Sive, mas é mais um par de olhos, um rosto conhecido e mais cobertura. Partilhar a fotografia da Faye vai pôr as pessoas a falar e à procura. Certo?

Sive assente ao telefone.

– Então, posso tratar disso? Onde estás?

Sive dá-lhe os pormenores e despede-se, virando-se depois para Aaron a fim de lhe explicar o que se passa.

Ele não parece convencido.

– Como é que atualizações num jornal irlandês podem ajudar aqui?

– É a versão *online* e de certeza que o *Daily Byte* também tem

leitores no Reino Unido. Mal não faz.

– Está bem. Foi a Caroline que ligou quando a Faye e a Bea entraram no comboio?

Sive confirma. Ele abana a cabeça.

– É suposto estares de férias. Ela não te devia estar a ligar.

– Razão pela qual eu estava a rejeitar a chamada. E, de qualquer forma, isto não está a ajudar – Mais uma vez, a consciência do que se passa assoberba-a. O pânico esmagador. – Cristo! Onde é que ela está? *O que é que vamos fazer?*

– Vamos encontrá-la, é isso que vamos fazer. E se, assim que o Scott ficar com os miúdos, tu voltasses a Bond Street, para o caso de ela saber que foi aí que te deixou e de ter encontrado quem a levasse lá? E eu vou a todas as outras estações desta linha, uma a uma.

Ela assente no momento exato em que Scott aparece e, com uma competência inesperada, lhe tira Bea dos braços doridos. Bea, que viu tudo, mas não lhes consegue dizer nada. A frustração é de tal maneira intensa que lhe surge como uma dor física no estômago.

– Está tudo bem – diz Scott, levando a mão ao carrinho. – Dá-me a chave do quarto e vão à procura da Faye.

² Cartão eletrónico recarregável que permite viajar no sistema de transportes públicos da área metropolitana de Londres. (N. do E.)

Três dias antes – sexta-feira

Meridian Hotel

Scott fez sinal a um dos empregados do bar do hotel, descrevendo um movimento circular que significava «o mesmo». Scott era sempre o primeiro a pedir a rodada seguinte, o que em tempos fizera dele o mais divertido, mas agora, com crianças ao barulho e com ressacas mais fortes, levava a um maior esforço.

Sive viu Dave a esvaziar rapidamente a caneca, pronto para uma nova. Era sempre o primeiro a terminar a bebida, embora se mostrasse menos afoito a pedir uma rodada. Sive tapou o copo com a mão.

– É melhor passar para água com gás – explicou a Scott. – Não é fácil tomar conta de três crianças quando estamos tocados.

– Então, vá lá, só bebeste uma!

Sive sorriu.

– Talvez mais logo, mas adorava beber uma água com gás.

Scott encolheu os ombros e chamou o empregado para alterar o pedido. Tinha as faces mais vermelhas do que o habitual, com o rubor a dever-se, talvez, às cervejas da tarde. O nariz largo exibia uma rede de veias novas e os olhos pareciam pequenos, afundados num rosto mais carnudo do que Sive se lembrava. Quando Aaron morava com ele, Scott era, para todos os efeitos, o nativo de Oxford louro de olhos azuis que ficava com as miúdas todas. Ou, pelo menos, com as raparigas atraentes que pretendiam um «bom partido» – um homem bem-apeado, com boas perspetivas de carreira e sogros com uma casa de campo. Dinheiro de família, claro. Agora, parecia estar a envelhecer prematuramente.

– Por falar em mais logo – interveio Dave –, marquei uma mesa para seis no Giumbini para esta noite. Às oito está bem para todos?

Sive relanceou Aaron, mas este estava ocupado a olhar para o telefone.

– Acho que eu e os miúdos deixamos o jantar para outra altura – lamentou-se a Dave.

– Oh! Desculpa, nem me lembrei de reservar espaço para os pequenos. Eles iriam a um restaurante? Ou como é que seria a logística da coisa... – Parecia confuso. Dave não tinha filhos. Segundo Aaron, ele só se apaixonara perdidamente uma vez, por uma rapariga que conhecera *online*. Tinha sido no início do século, quando os encontros *online* ainda eram uma coisa relativamente nova e nem todos se sentiam à vontade para falar sobre ela. Mas Dave não se importava. Ao que parecia, ele havia falado dela ininterruptamente. Todavia, encontrara sempre desculpas quando os outros a quiseram conhecer. Ela estava a trabalhar até tarde. Ela ia entrar muito cedo no trabalho. Ela estava com gripe. Ela tinha de ir visitar os pais. A seu tempo, Aaron e Scott haviam chegado à conclusão de que a namorada misteriosa de Dave «não era uma Kate Moss», assim o diziam. *Não sejas tão mau*, admoestara Sive quando Aaron lhe havia contado a história. Contudo, Aaron mantivera-se firme. Afinal de contas, Dave também não era um supermodelo, pelo que fazia sentido. Era *evidentemente* uma maldade. Dave não correspondia a qualquer estereótipo de beleza masculina, era verdade, mas tinha uma expressão jovial e afável de que Sive gostava. Era mais baixo e entroncado do que os pares, recordando a Sive um monge, sobretudo com a calva que se ia expandindo. Um monge aborrecido que falava de mais, era certo, mas não deixava de ser um querido.

Quando Aaron lhe contara sobre a ex-que-não-era-uma-Kate-Moss que nunca tinha tempo para os conhecer, Sive interrogara-se se Dave não teria inventado a namorada mistério para tentar estar à altura de Aaron e Scott. Mas Aaron havia dito que Dave se encontrava regularmente com ela – quatro ou cinco noites por semana. Só os outros é nunca a viram. E depois ela deixou-o e partiu-lhe o coração. Não tinha voltado a apaixonar-se, pelo que Sive sabia, embora no ano anterior tivesse saído com alguém durante uns tempos. Também isso chegara ao fim e Dave, palavras suas, resignara-se à vida de solteirão.

– Não te preocupes com o restaurante – garantiu-lhe Sive. – Oito já é tarde para as meninas e, muito sinceramente, seria um grande incómodo para toda a gente. – Apontou para Bea e Faye, que estavam a brigar pelo telefone. – Incluindo para mim – acrescentou, com um esgar.

Aaron pareceu sintonizar-se.

– Podemos arranjar uma *babysitter*? De certeza que o hotel fornece esse serviço.

– Está tudo bem. Eu não me importo de ficar no quarto.

– Vá lá. – Aaron esticou o lábio inferior, parecendo, ao mesmo tempo, pueril e ridículo. – Não quero ir sem ti! O hotel terá gente a quem recorre habitualmente.

Sive abanou a cabeça.

– A Faye ficava bem com uma *babysitter*, mas a Bea não. E não sei se o Toby ia aceitar o biberão. É melhor eu ficar com eles. Mas vai tu!

– A minha esposa adorável é uma mártir com os filhos.

Aaron suspirou para fora e Sive suspirou para dentro. Não estava a armar-se em mártir. Bea não gostava mesmo de estranhos. E Sive não se importava, de todo, de deixar o marido e os antigos colegas de casa dele sozinhos com as suas histórias partilhadas dos tempos antes de os conhecer. Aquela sobre o cone de trânsito («hilariante») e a do micro-ondas (também «hilariante») e, claro, a outra sobre Yasmin. Não precisava de estar presente para isso, não queria ser uma *voyeur* da tragédia comum, sobretudo no aniversário da sua morte.

Olhou para Nita, do outro lado da mesa. Seria complicado para ela estar com aquelas pessoas que haviam conhecido a irmã? Ou seria bom, pois assim tinha oportunidade de falar sobre ela? Não que o fizesse. Pelo menos à frente de Sive. O pouco que Sive sabia acerca de Yasmin chegara-lhe de breves comentários que Aaron havia feito ao longo do tempo e de uma fotografia de Aaron e Yasmin que ela encontrara numa caixa. Uma tira de quatro fotografias tipo passe das máquinas automáticas que toda a gente usava antes dos *smartphones* e das *selfies*, com «Stratford 2008» rabiscado no verso. Aaron de cabelo

escuro comprido em cima, olhos com linhas de expressão e boca larga, muito parecido com o que ainda era hoje. Yasmin, de cabelo ruivo cor de hena, grandes olhos castanhos e sorriso bonito. Tal qual a irmã Nita, só que para sempre com vinte e seis anos.

Faye veio para junto da mãe, ainda agarrada ao telefone de Sive.

– Tenho uma ideia! – anunciou. – Eu tomo conta da Bea no nosso quarto, porque ela é muito irritante. Mostro-lhe desenhos animados na televisão e dou-lhe bolachas e tu não tomas conta dela. Só preciso que ligue a televisão e me dês as bolachas e depois podes vir cá e eu tomo conta de tudo.

– Hum, não.

– Porquê? – A pequena arregalou os olhos com um espanto genuíno.

Sive contou os motivos pelos dedos.

– Porque vocês já viram televisão que chegue por hoje, porque isso é só uma maneira de ficares a saber onde escondo os doces e porque tens seis anos e não podes ficar sozinha num quarto de hotel. Agora desaparece. – Enxotou Faye, ignorando-lhe os protestos.

– E então, que tal é ser mãe a tempo a inteiro? – perguntou Nita, vendo Faye a ir-se embora. – Deve ser excelente não ter de trabalhar.

– Ah! Mas eu trabalho. Agora sou *freelancer*, no entanto continuo a escrever para o mesmo jornal onde estava antes de os miúdos nascerem.

– Mas quem é que toma conta das crianças? – interveio Dave, parecendo intrigado.

– Elas de manhã estão na escola e na creche, que é quando trabalho.

– Até o bebé?

– Não, ainda não. Trabalho quando ele dorme e à noite, quando já foi toda a gente para a cama.

– Não estás de licença de maternidade? – perguntou Nita, batendo com uma unha carmesim comprida na bochecha.

– Bem, reduzi o trabalho nos primeiros dois meses depois de ele

nascer, mas é difícil recusar propostas quando somos *freelancers*. Temos medo de que a nossa editora nos esqueça.

– Acho que é adorável teres alguma coisa que fazer para te aguentares – comentou Nita. – Claro que não *tens* de o fazer, com o que o Aaron ganha. – Piscou o olho a Aaron. – Para mim é diferente. Estou sozinha, por isso preciso de trabalhar.

– Mas não é só o *ter* de o fazer, é também algo que quero fazer. – Sive esforçou-se por manter um tom neutro.

Aaron sorriu.

– Mesmo nas férias. – Abanou um dedo na direção de Sive, num exaspero fingido. – Eu vi-te a responder às escondidas quando estava a tratar das meninas.

Sive reprimiu um suspiro.

– De certeza que tinha a vida facilitada com uma assistente que me fizesse a triagem das chamadas – replicou num tom leve.

– Bem visto. Seja como for, a Sive é muito boa no que faz e o jornal tem sorte em poder contar com ela.

As faces de Sive ruborizaram-se com o elogio de Aaron.

– Que tipo de coisas escreves? – perguntou Scott.

– Estilo de vida. – Esboçou um sorriso forçado. – O tipo de coisa que leva as pessoas a comentar que não deve haver mais nada sobre o que falar.

– Adoro esses artigos – declarou Maggie. – Muito melhores do que as más notícias habituais.

Sive teve vontade de a abraçar. Claro que isso acontecia sempre que estava com Maggie. A Maggie simpática. Não era uma simpática aborrecida, como Aaron dizia, mas afável e bondosa e boa e simpática. Ao longo dos anos, sempre que se encontravam, Sive dera consigo a desejar que pudessem ser amigas a sério. Que vivessem no mesmo país. Que se conhecessem melhor. Quando se encontravam, durante aquelas breves estadias em Londres, era quase como se *fossem* amigas de verdade – BFF, na mesma onda, a criarem laços enquanto os outros se bicavam. Porém, assim que Sive regressava a casa, as

coisas esmoreciam. Uma mensagem de Sive a dizer que a viagem tinha sido ótima. Uma resposta simpática de Maggie, mas nenhuma questão em aberto, nada que encorajasse novas conversas. E porquê algo mais? Sive era a esposa de um antigo colega de casa de Maggie, alguém que ela via uma vez por ano, na melhor das hipóteses. Não era, de maneira nenhuma, uma grande base para se criar uma amizade. Ainda assim...

– Costumas viajar muito? – indagou Scott.

– Ai, quem me dera. Com os miúdos, não é possível. Nem imaginas a inveja que tenho dos jornalistas mais novos, que podem ir aonde quiserem do pé para a mão.

– Devem ficar com as melhores histórias, não? – comentou Nita, um pouco inutilmente.

Sive sorriu.

– É verdade que têm uma maior liberdade para aceitar o que lhes for proposto, sim. Quando envolve viagens, tenho de recusar. Ironicamente, esta semana há um julgamento aqui em Londres com algumas ligações irlandesas, e por acaso estou cá, mas não sou eu que vou cobrir o caso, é uma jornalista mais jovem e sem filhos com todo o tempo do mundo para fazer o que lhe pedem.

Pareceria rancorosa? Não era a sua intenção. Não trocava os filhos por nada, embora alguma ajuda à tarde fosse bastante bem-vinda. Provavelmente, Jude Barr, a jornalista que estava a fazer a cobertura do julgamento, nunca queria filhos. Era demasiado fixe e eficiente para os ter. Sive sorriu para consigo. Estava a ser ridícula. Por baixo do exterior de loura fria e eficiente, e da pronúncia de irlandesa a viver em Londres, Jude, com quem ela se cruzara um punhado de vezes em eventos profissionais, talvez fosse um amor de pessoa. Teria uns cinco anos a menos do que ela, com o tipo de franja reta que Sive nunca seria capaz de usar, e a tatuagem de uma teia de aranha ao fundo do pescoço. Era também excelente no que fazia e, por vezes, Sive dava consigo intimidada, e até irritada, com a energia constante e a confiança inabalável de Jude.

– Imagino que seja fácil escrever as tuas histórias a partir de casa – comentou Maggie. – Daqui a uns anos, os miúdos vão ser mais crescidos e já podes andar pelo mundo a entrevistar celebridades.

– Brindemos a isso. – Sive ergueu o copo.

– Celebridades! – Isso captara o interesse de Nita. – Conta-me mais! Como bem sabes, sou influenciadora, pelo que nos cruzamos imenso com celebridades.

Ó minha Nossa Senhora.

– Pois, de momento estou a fazer uma série de entrevistas com filhos adultos de celebridades.

Os olhos de Nita brilharam.

– Uau, Beckhams, Kardashians... esse tipo de coisa?

Aaron riu-se. Sive corou.

– Celebridades irlandesas. Sobretudo estrelas do desporto e *chefs*. *Imensos chefs*.

– Ah. – Nita havia já perdido o interesse. – Por falar em *chefs*, viram a minha fotografia da inauguração do restaurante, na semana passada? Aquela com a Nigella? – Pegou no telemóvel e abriu o Instagram. – Os meus seguidores perdem-se por esse tipo de conteúdo. Demorei *horas* a ler os comentários. – Revirou os olhos, mas Sive não se deixou enganar. Nita *vivia* para os comentários dos seguidores. Ergueu o telemóvel a mostrar a imagem e todos assentiram, bem-dispostos, fazendo-lhe a vontade.

– O teu trabalho não se ressentia com isso de seres influenciadora? – indagou Scott. – Não bate certo com a seriedade que um departamento legal exige, pelo menos era o que eu acharia. – Scott era uma pessoa que dizia «pelo menos era o que eu acharia» no final de muitas das suas frases, normalmente quando pretendia lançar uma farpa.

Nita franziu o nariz.

– Ai, meu Deus, és tão antiquado. É claro que não. Por vezes, as pessoas reconhecem-me nas reuniões e é um bom desbloqueador de conversa. Claro que acontece não acreditarem que eu sou advogada.

Vocês sabem. Dizem coisas parvas como «Mas és demasiado bonita.» Ai, meu Deus, detesto isso.

Ficou ruborizada com a mentira. Sive sabia bem que não havia nada de que Nita mais gostasse além de ouvir dizer que era demasiado bonita para ser advogada e depois destroçá-los com a sua grande inteligência.

Os seus olhos voltaram a iluminar-se e ela debruçou-se sobre a mesa, chegando-se a Sive.

– Oh, eu *adoro* o teu pingente. É fabuloso! Qual é o *designer*? Estou a pensar em mimar-me a mim própria.

– Foi o Aaron que mo ofereceu pelo Natal. A marca é qualquer coisa do género... *Miss Victoria*. Ou *Miss Victoria London*? Aaron, onde é que compraste mesmo isto?

Aaron franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

– Agora não me lembro. – Desviou o olhar e Sive ficou com a sensação repentina de que ele estava a ser deliberadamente esquivo quanto ao local onde comprara o pingente. Não fazia ideia da razão para isso.

Claro que isso se tornara irrelevante: Nita já estava agarrada ao telemóvel, a pesquisar no Google. Segundos depois exibiu uma imagem semelhante ao pingente de Sive – um disco de ouro entrançado, mas sem as pedras engastadas.

– O meu foi personalizado com as pedras dos signos das meninas – explicou Sive. – O Toby ainda não tinha nascido.

– Adoro-o. Deixa-me ver se tenho onde o comprar aqui perto... Não, parece que só está disponível numa loja, na zona leste de Londres. Demasiado longe. – Uma pausa. – Oh! Mas posso comprá-lo *online*. Excelente. – Relanceou os ocupantes da mesa. – LOL. A minha alcunha bem podia ser gratificação instantânea.

E não mais de quinze segundos depois, Nita tinha adquirido um disco de ouro entrelaçado como o de Sive.

– Vou publicá-lo no meu Insta e identificar o *designer*. Também te identifico a ti, claro. Já és praticamente uma influenciadora, Sive!

Pois. Caiu uma mensagem no telemóvel de Sive, que se esforçou por lê-la sem pegar nele. Era do agente a quem enviara um *e-mail*. *Bolas*, tinha de a ler, pouco importava a reação de Aaron. Pegou no telefone.

– Aqui o pequenino está a começar a mexer-se – anunciou. – Vou com o carrinho para o corredor a ver se ele volta a adormecer. Podes tomar conta das meninas, Aaron?

O marido assentiu, absorto, ocupado a mostrar o relógio novo a Dave e a Scott. Sive empurrou o carrinho para fora do bar e olhou para o telemóvel. O *e-mail* tinha um anexo e Sive sentiu o alívio a percorrê-la como uma onda. Menos uma coisa com que se preocupar. Enquanto ali estava, acedeu ao Google e clicou na barra de pesquisa. Não precisou de escrever nada. O Google já sabia qual o nome que ela pesquisava quase todos os dias. Nada de novo. Ainda assim, quando o rosto dele apareceu no ecrã, Sive sentiu um aperto no estômago.

Segunda-feira

9h32

Sive regressa à estação de Bond Street e está na plataforma, no sítio exato onde se encontrava há uma hora, a olhar para as portas a fecharem-se. Tinha a certeza de que Faye estaria ali, pacientemente à espera atrás da linha amarela. Que, de alguma forma, Faye ou o universo ou um estranho bondoso saberiam como reconstituir os seus passos e encontrar o ponto de partida. Mas ela não está ali. Sive avança pela plataforma até onde é capaz, abrindo caminho por entre os passageiros que aguardam, e depois volta para a outra extremidade. Mas não há menina de blusão cor-de-rosa. Não há menina com uma mochila da *Frozen*. O pânico ameaça voltar a invadi-la, a paralisá-la, e Sive faz por suprimi-lo, obrigando-se a respirar devagar no calor opressivo. O pânico não vai ajudar. Ela tem de procurar.

– Desculpe. Viu esta menina? – pergunta a uma mulher, estendendo o telefone para mostrar uma fotografia de Faye.

– Não, sinto muito – responde a mulher, avançando para embarcar na composição.

Tenta um homem próximo.

– Viu esta menina? É minha filha. Ela desapareceu.

O homem olha com brevidade para a imagem.

– Ná, desculpe lá, não a vi. Mas boa sorte.

Tenta a pessoa a seguir. A mulher também não se demora muita a ver a fotografia. Sive atalha antes que ela fale.

– Não, por favor, olhe, é a minha filha. Só tem seis anos.

– Já vi a fotografia, minha querida – diz a mulher. – Vi-a *online*. Sinto muito. Mas tenho estado atenta, sim? Vou continuar atenta. – Toca no braço de Sive. – Boa sorte, querida.

Sive volta a percorrer a plataforma estreita e claustrofóbica,

mesmo parecendo um esforço fútil. Faye não está ali. Deveria voltar a Oxford Circus? Mas Faye também lá não está. *Cristo. É impossível.* Ela pode estar em qualquer lado. São demasiadas estações e demasiadas linhas e demasiados carris e demasiados túneis. Sente o estômago dar uma volta. Não quer pensar em carris e em túneis. Porque não há aqui polícia? Porque é ela a única a procurar naquela plataforma? Faye já desapareceu há mais de uma hora; de certeza que estarão a levar o caso a sério, não? Deixa-se fraquejar encostada à parede e depois recompõe-se. Não há tempo para aquilo. Vai voltar a confirmar a entrada e a plataforma. Pelo menos é um plano concreto.

Sente-se dormiente ao subir a escada rolante. Cartazes passam lentamente por ela, execráveis na sua mundanidade. Um rosto sorridente num anúncio de vitaminas. Um rosto sorridente num anúncio a um filme. Disneyland Paris, oportunidades de outono. Prometeu levar Faye à Disney quando for mais crescida. *Meu Deus.* Um cartaz do Crimestoppers. Um concerto em Stratford na próxima semana – Jasmina Langford, cantora lírica. Uma conferência no Royal Victoria Dock hoje: Joe White, orador motivacional. *Encontre o seu novo eu!*, ordena o cartaz em letras amarelas gigantes. *Só quero encontrar a minha filha!* grita Sive para consigo.

O telefone toca quando sai a cambalear no cimo da escada rolante.

– Sive – diz a pessoa. Com vigor. Num tom profissional. – Fala a Jude Barr. Soube o que aconteceu. Onde estás?

– Na estação de metro de Bond Street. Mas a Faye não está aqui. – A voz fraqueja-lhe.

– OK, estou a caminho. Vou preparar qualquer coisa *online* enquanto estiver no táxi. Já tenho uma fotografia e a descrição, mas preciso de lhe dar um pouco de cor. Vou dizer que estou a participar na busca. A fazer o relato ao vivo. Isso vai chamar a atenção. Parece *clickbait*, mas o importante é resultar.

Não é uma pergunta e Sive fica satisfeita por não ter de dar a sua opinião. Jude Barr é a eficiência em pessoa.

– Portanto, tens a Polícia dos Transportes Britânica à procura, o

pessoal do Metropolitano também e estás a pedir à população que fique atenta à menina... Vejamos, és tu e o teu marido, Aaron, à procura?

– Sim.

Uma mulher resmunga qualquer coisa ao tentar passar. Sive chega-se para o lado, espremendo-se contra os azulejos da parede para sair do caminho.

– OK. E estão cá para...?

– Um encontro com os antigos colegas de casa do Aaron, de quando ele morava em Londres.

– Excelente. Vou usar isso para dar cor. Tudo ajuda. O teu marido é advogado e está a representar o Pete Brosnan no julgamento por homicídio, certo?

– Sim, mas...

– Ótimo. Já tenho informações sobre isso e consigo obter uma citação do teu marido. Quando é que podemos estar com o Aaron?

Sive abana a cabeça ao telefone. Jude está a tentar ajudar ou está a ver o que consegue ganhar com o assunto?

– Não me parece que...

– Espera um pouco, tenho de entrar no táxi. – Por um instante só se ouvem os sons abafados da rua, após o que Jude volta a falar. – E têm outros dois filhos. Nomes e idades? – Jude parece ter uma caneta na boca.

– A Bea tem dois anos e o Toby quatro meses.

– Mais alguém? Têm família por cá?

– Não, não temos família na zona. Telefonei a contar-lhes o que se passava. – Sente um aperto no estômago ao recordar a chamada, a voz aterrorizada da mãe, o silêncio estupefacto do pai.

– Certo, já chega para começar. Estou num táxi. Em que estação estás?

Sive diz-lhe que vai estar na plataforma oeste da Central Line.

– Até já – diz Jude, desligando o telefonema.

As perguntas de Jude ecoam nos ouvidos de Sive, com uma em

particular a ser especialmente insistente: a que dizia respeito ao caso de Aaron. Será que Jude o mencionou por «dar cor» ou porque quer um furo maior?

Ou – o que lhe ocorre fá-la estacar – será que Jude acredita que possa haver uma ligação entre o trabalho de Aaron e o desaparecimento de Faye? *Poderá haver? Não.* Descarta o pensamento antes mesmo de ele se instalar, acede à fotografia de Faye e dirige-se a outro passageiro a quem pergunta se viu a sua filha desaparecida.

9h41

– Senhor Sullivan!

Aaron vira-se e vê a DC Hawthorn a dirigir-se a ele pela plataforma atulhada da Central Line.

– Encontrou-a?

– Não, senhor, sinto muito. Mas os nossos agentes estão à procura em todas as estações. Queria perguntar-lhe...

– Espere lá, se os vossos agentes estão à procura em todas as estações, porque é que, além de si, não vejo aqui mais polícia? Começa a parecer que só eu e a minha mulher estamos a levar a sério o que se passa.

– Garanto-lhe que estamos a levar o caso muito a sério. Temos todos os agentes dis...

– Sim, eu sei o que isso quer dizer – interrompe Aaron de forma concisa. – Os agentes que podem disponibilizar. E quantos são?

– Acho que nos devíamos concentrar no...

– Por favor, não me venha dizer aquilo em que nos devemos concentrar. A minha filha de seis anos desapareceu. É só nisso que estou concentrado.

A agente anui, de lábios cerrados. Silenciada como uma testemunha a depor. Só que ela não é uma testemunha a depor e, se ali se encontrasse, Sive estaria a recordá-lo de que gritar com a polícia não vai ajudar a encontrar Faye.

– Bolas. Sinto muito. Normalmente, não sou assim. – A voz denota um tremor pouco comum em Aaron. Pigarreia. – Estou aterrado, só isso.

– Eu compreendo, e garanto que estamos a fazer tudo o que podemos. Sei que vai sair para procurar nas estações seguintes, mas queria perguntar-lhe se terá mais fotografias que possamos usar, especificamente uma imagem da mochila e do blusão de ganga, visto

serem os dois elementos que se destacam.

Aaron sente os ombros descaírem.

– Claro. – Pega no telefone para procurar na galeria. – A minha mulher talvez tenha uma da mochila. Pelo visto, eu não tenho – informa, passado um momento.

– Ou até uma imagem *online*? De onde a compraram? – sugere a DC Hawthorn.

Aaron abana a cabeça.

– Não faço ideia. Não me lembro de como é a mochila.

Uma pausa.

– Está tudo bem. A minha colega em Bond Street vai pedi-la à sua esposa, ou se, entretanto, falar com ela, talvez lhe possa pedir que a envie.

Afasta-se, deixando Aaron na plataforma com os passageiros a rodeá-lo no seu percurso. Estará a julgá-lo? Por não saber como é a mochila da filha? Tenta ligar a Sive a perguntar, mas não tem rede. Frustrado, apanha a escada rolante para o piso térreo, mas antes de conseguir voltar a tentar ligar a Sive, o telefone começa a tocar, com o nome trigger a piscar no ecrã.

Dave.

Credo, tudo, menos falar com Dave. Chega-se para o lado a fim de atender, esquivando-se a uma nova onda de passageiros.

– Olha, Dave, não é uma boa altura... A Faye ainda não...

– Aaron, olha, pá, desculpa por aquilo que eu disse.

– O quê?

– Na outra noite.

– Na outra... Ah, isso. Valha-me Deus, Dave, esquece.

– Não, a sério. Mesmo. Exagerei. E agora, com o que está a acontecer, isso deu uma nova perspetiva às coisas e...

– OK, está bem, mas preciso de desligar. Tenho de ter o telefone livre para o caso de haver notícias. – Com calor e incomodado, Aaron prende o telefone com o ombro enquanto tenta despir o *hoodie*.

– Eu sei, pá. Desculpa não estar aí para ajudar. Não posso deixar o

trabalho, mas o meu irmão está a caminho. Ele já chegou?

– O Jerry? Não, ainda não. – Aaron consegue despir a camisola e atá-la à cintura. Tem a *T-shirt* colada às costas.

– Mas o Scott está aí, não?

– Veio buscar a Bea e o Toby e levou-os para o hotel.

– Ah, claro. E a Maggie?

– Não consegui falar com ela. Dave, tenho mesmo de desligar – tenta Aaron. Esta conversa começa a parecer um caso de FOMO³ e Aaron não tem tempo para isso. Mas Dave continua a falar.

– Ah... a Maggie deve estar à espera da Sive no Rooftop Bar.

– Sim, vou continuar a tentar. Quanto mais pessoas à procura, melhor. – Olha à sua volta. – Não há assim tantos polícias como gostaríamos, pelo que cada par de olhos ajuda.

– A sério? Normalmente, com uma pessoa tão nova como a Faye desaparecida, costuma haver pelo menos...

Pronto, lá vem o jargão.

– Olha, Dave, vou desligar. Fico atento ao Jerry.

Assim que desliga a chamada, o telefone começa mais uma vez a tocar. O número da esposa de Pete Brosnan aparece a piscar no ecrã. Aaron rejeita a chamada. De certeza que até uma chata como Carmen Brosnan sabe que não é altura de telefonar, não? A filha dele desapareceu! Aaron fecha os olhos por breves instantes, respira fundo para se recompor e prepara-se para retomar as buscas.

Em Dublin, Carmen Brosnan pousa o telefone no braço do sofá e leva a cara às mãos.

³ Do inglês *Fear of Missing Out*, expressão usada para designar o receio de perder informações relevantes, de não estar a par de tudo o que acontece. (N. do E.)

9h46

Jude Barr. Jornalista. Consumidora de café. *Kickboxer*. Empreendedora (*copyright*: mãe da Jude, a partir da cadeira da cozinha em Longford, a ler religiosamente cada publicação e comentário de Jude). Fã de *Ozark*, *sushi*, ficção científica e tatuagens. Nada fã de segundas-feiras.

Naquela manhã específica de segunda-feira, em Londres, está a escrever no telefone à medida que as ruas da cidade vão passando pela janela num borrão de calor húmido.

Criança Irlandesa Desaparecida em Londres

A menina irlandesa Faye Sullivan, de seis anos, filha de Sive Quinn, jornalista do Daily Byte, e do conhecido advogado Aaron Sullivan, está desaparecida em Londres desde as 8h30 desta manhã.

Larga o telemóvel sobre o colo e suspira. A pequena deve estar sentada num banco, algures, à espera da mãe. É uma história inexistente, no entanto, por algum motivo, a sua editora achou por bem afastá-la do grande julgamento por fraude financeira que estava a cobrir para se dedicar àquilo. Um colega – um homem, claro – ficará com o caso do julgamento, com ela a ser transferida para a história de «interesse humano».

– É por eu ser mulher, não é? – tinha perguntado à editora, mesmo sabendo bem que ela não é esse tipo de editora. – Achas que me vou dar bem com a mamã e conseguir uma história melhor.

– O teu grande defeito é o cinismo – respondera a editora, recusando-se a morder o isco.

– O cinismo é o meu superpoder – tornara Jude.

– Acredita que não te estou a destacar por causa dos teus dotes de

compassividade. Sem ofensa, Jude, mas tens a compaixão de um bocado de fita adesiva usada. Estou a destacar-te porque és boa. E esta é uma história sonante. E porque a Sive é uma das nossas e bem falta lhe faz uma cara familiar.

Tinha concordado, então, em encontrar-se com Sive, prometendo a si própria que à hora de almoço estaria de regresso ao tribunal. Volta a pegar no telemóvel e relê a primeira linha, roendo uma pele no canto da unha. Aaron Sullivan é um advogado conhecido que está a representar um antigo elemento de um gangue criminoso num caso de homicídio. Deveria incluir essa informação? Não é relevante para a história da criança desaparecida, mas *será* de interesse. Jude cobrira a primeira audiência. Vira a multidão no exterior e o furor dos média. Pessoas que queriam enforcar Pete Brosnan pelo que (alegadamente) fizera. Pessoas que diziam que ele estava a ser tramado pelos Callans, o grupo criminoso que, na verdade, estava (alegadamente) por detrás do homicídio. Pessoas que não tinham opinião, mas que queriam acender uma vela pela alma do falecido. Um pai de três filhos, assassinado num caso de identidade trocada. Não era a primeira vez que tal acontecia em Dublin, mas havia qualquer coisa naquela história em particular que havia captado e mantido a atenção do público. Talvez porque os filhos da vítima fossem tão jovens (e tão fotogénicos, comentara Jude com a editora, o que lhe merecera um abanar de cabeça e uma admoestação), ou talvez porque a esposa da vítima fosse tão jovem e tão fotogénica. O assassinado trabalhava num lar de terceira idade e estava a tirar um curso noturno em fisioterapia. As pessoas também gostavam disso – um homem com uma profissão que lhe permitia ajudar terceiros e que se esforçava por melhorar continuamente. Nem todas as vítimas são iguais. Jude abana a cabeça. Até ela se vê obrigada a admitir que o cinismo, por vezes, pode ir longe de mais. No entanto, pensando melhor: siga com a história sobre Brosnan. Volta a escrever.

Na estação de metro de Bond Street, Jude dirige-se à plataforma da

Central Line e avista Sive mais à frente, a mostrar o ecrã do telemóvel a um passageiro. Jude encontrou-se com Sive algumas vezes em eventos profissionais, mas conhecem-se, sobretudo, do Twitter. Sive escreve o tipo de artigo leve sobre estilos de vida que Jude associa a aventais e a biscoitos e a crianças pequenas, embora isso talvez seja injusto, pois nunca a leu, pelo que não tem a certeza. Viram-se pela última vez no jantar Mulheres nos *Media* de 2019, altura em que ficaram na mesma mesa. Sive não será mais do que cinco anos mais velha do que Jude – quarenta, se tanto –, mas tinha-lhe parecido tão adulta. Nessa noite, conversara sem esforço com os outros convidados, de uma forma de que Jude nunca seria capaz, e parecia conhecer alguém em cada mesa. Jude também conhecia as pessoas, mas só a nível profissional. Nunca percebera como entrar no território das amizades e, passado algum tempo, tinha parado de tentar. Deixaria isso para as Sives deste mundo. Sive estivera deslumbrante nessa noite, com um vestido comprido verde-escuro que lhe destacava o cabelo castanho e os olhos azul-escuros. A maquilhagem estava impecável. Jude lembra-se de a analisar, interrogando-se com que idade seria capaz de se maquilhar impecavelmente. Tinha comparecido no jantar com uma saia comprida de tule cor-de-rosa e um pouco de batom aplicado à pressa, passara metade do tempo a fumar na rua e depois saíra, antes da sobremesa, com uma rapariga do departamento de vendas do jornal para correr as discotecas.

Naquela segunda-feira, em Londres, Sive estava com um aspeto completamente diferente. Tinha o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo, o rosto de uma palidez cadavérica. Com umas calças de ganga de bainhas dobradas, uma camisola azul-clara e sandálias rasas de cor bege, parecia perturbada e perdida no meio da multidão da manhã. Jude levanta o telefone e tira uma fotografia, indo depois na sua direção.

Sive ergue o olhar quando ela se aproxima e as feições comprimem-se numa máscara de dor.

– Desculpa. Normalmente não sou assim – lamenta-se Sive,

limpando os olhos. – Acho que é por ver um rosto familiar.

Jude acena com a cabeça.

– Nem penses nisso. Já cá estou e farei o que estiver ao meu alcance para amplificar a história e dar-te maior cobertura. – *E estar de volta à Sala 5 do tribunal à hora de almoço.*

– Posso usar esta fotografia que te tirei?

Jude mostra-lha. Tirou-a a meio caminho da plataforma, focando apenas Sive. À volta dela, esbatidos, estão dezenas de londrinos anónimos. Em fundo, as paredes da estação parecem sombrias e austeras.

– Sim. Por favor – responde Sive. – Usa tudo o que possa ajudar. Nem tens de perguntar.

– Ótimo. – Jude escreve no telefone. – Assim que chegue ao editor de informação fica *online* e será partilhada nas redes sociais. E agora?

– Ia começar a procurar outra vez nas outras plataformas de Bond Street. Parece inútil, mas tenho de fazer alguma coisa.

Jude observa-a por um instante.

– Se calhar devíamos começar a usar a cabeça, não?

– Como assim?

– Vamos pensar no caso. Tentar perceber para onde a tua filha pode ir?

Sive morde o lábio.

– Não me parece que uma criança de seis anos vá pensar muito no que faz...

Jude encolhe os ombros.

– Pode ser. Não tenho filhos. Mas, olha, a polícia já está no terreno. Ninguém conhece melhor a tua filha do que tu, certo?

Sive assente.

– Então, e se perdêssemos três minutos a trocarmos umas ideias?

– OK.

– Boa. Portanto, se ela se perdesse, ficava onde estava à tua espera, ou tentava voltar ao último sítio onde te viu?

– Não sei. – Sive abana a cabeça, desolada.

– Pensa numa altura em que se tivesse perdido. Imagino que já tenha acontecido, não? As minhas sobrinhas estão sempre a perder-se.

Nesse momento, uma composição para na estação e Sive vira-se, perscrutando ansiosamente os passageiros de saída. Jude também fica a olhar, mas não há qualquer menina pequenina de blusão de ganga cor-de-rosa. O mar de gente esvai-se e Sive volta a encarar Jude.

– Uma altura em que se perdeu? – incita Jude. – O que fez ela?

– Aaa... houve uma vez na escola. A Faye estava a brincar com outras crianças, contornou um edifício pré-fabricado e não me conseguiu encontrar. Tive de ir à procura dela com um grupo de mães que estavam ao portão.

Jude acena com a cabeça de forma compassiva. Em tempos leu um artigo sobre essas mães, que se reúnem ao portão da escola, e a política não lhe pareceu apelativa.

– O que fez a Faye quando se apercebeu de que estava perdida?

– Ficou onde estava, à espera de que eu a encontrasse.

– Ótimo, quer dizer que ela é prudente?

– Valha-me Deus, não sei. E perdida em Londres... é uma situação completamente diferente. É... – Abana a cabeça. – Acho que tenho de me sentar.

Aponta para um banco vazio e dirigem-se até lá. O calor na plataforma é insuportável e Jude despe o casaco antes de se sentar. Na sua camisola de manga comprida, Sive parece alheia a tudo, mas é provável que esteja dormente.

– E quanto a estranhos? – Continua Jude, uma vez sentadas. – Achas que ela iria com um estranho?

Sive empalidece visivelmente.

Jude tenta suavizar a voz. Não vão chegar a lado nenhum se Sive perder a cabeça a cada pergunta.

– É muito, muito improvável que um estranho a tenha levado, mas temos de considerar essa hipótese. E então, achas que ela ia com alguém?

– Eu... eu não sei. Chegámos a representar a possibilidade.

Lembro-me de me rir com o Aaron. Jesus.

– Então?

– Eu fingi que era um estranho no parque e perguntei-lhe se queria ir ver um cãozinho ao meu carro. – Sive abana a cabeça. – Parece tolo.

Parece realmente tolo, mas a julgar pelas cunhadas de Jude, grande parte daquilo que os pais fazem parece tolo. Uma das cunhadas suga a chucha do bebé para a limpar sempre que ela cai ao chão e outra toca música para a barriga, e Jude já viu as três a cheirarem os bebés para confirmarem se têm de lhes trocar as fraldas. É tudo normal, dizem elas. Jude terá de acreditar na palavra delas.

– Continua.

– Perguntei-lhe se ia comigo, um estranho, até ao carro caso lhe dissesse que tinha um cachorrinho para lhe mostrar. Ela disse que dependia se fosse um cão a sério ou não. Se fosse verdadeiro, ia, mas nunca se fosse um cachorro falso.

Jude sorri e Sive consegue responder com um sorriso débil, que depressa se transforma em lágrimas.

– Rimo-nos e ficámos por aí. Nunca imaginei...

Jude acena com a cabeça.

– Ninguém imagina. No ano passado fiz uma investigação sobre crianças desaparecidas e... enfim, deixemos isso por agora. Estás disposta a filmar um pequeno vídeo?

– O quê, agora? – Sive limpa as lágrimas da face.

– Sim, agora. Vamos lá acima para termos rede. O drama de um relato ao vivo vai captar a atenção. Parece desesperado, mas se ajudar a obter mais cliques e partilhas...

– Eu faço-o. – Sive limpa os olhos com a palma da mão. – O que for preciso.

Dez minutos depois, Jude está a tentar carregar um vídeo curto, embora surpreendentemente coerente, com Sive a olhá-la por cima do ombro. Jude sente uma nova quebra em soluços silenciosos. *Valha-me Deus*. Reprime a impaciência e vira-se, encarando Sive, as sobrancelhas erguidas.

– Desculpa. – Sive leva a cara às mãos. – É que o vídeo faz com que a situação pareça ainda mais séria. Não tanto que a Faye esteja perdida por umas horas, mas sim que seja uma pessoa desaparecida. *Porra*. Tenho de me controlar.

– Escuta. – Jude estende a mão, como se fizesse menção de tocar no cotovelo de Sive, mas contém-se antes de estabelecer contacto. Sive ergue o olhar, as faces riscadas pelo rímel borrado. – Há pouco comentei que no ano passado fiz uma investigação sobre crianças desaparecidas. Os raptos feitos por estranhos são extremamente raros. Quase todos os raptos são domésticos, tipo, o pai que não tem a custódia a tirar o filho ao pai que tem.

Nesse momento há algo que perpassa o rosto de Sive. Esquece-se das lágrimas por um instante e está a pensar em alguma coisa. Jude espera, porém Sive não diz nada.

– Portanto, a menos que tu e o Aaron estejam a meio de um divórcio secreto – prossegue Jude –, e que ele tenha orquestrado o rapto elaborado de um dos filhos, duvido que estejamos perante um rapto.

Sive faz que sim com a cabeça.

– OK. OK.

Reconfortada, pensa Jude, mas não a cem por cento.

– Há mais alguma coisa que me queiras dizer?

– Não. O Aaron e eu não estamos a meio de um divórcio secreto. – Segue-se um soluço inconclusivo. – Devia ver como ele está. – Sive toca no ecrã do telefone e leva-o ao ouvido.

Jude espera, à escuta, para o caso de haver uma atualização, e também porque está curiosa com aquela relação – o advogado belicoso e vistoso e a jornalista modesta e desprezensiosa. Pelo que sabe, conheceram-se em tribunal: Sive estava a assistir a um caso que Aaron ficara a cargo da defesa. Um caso que Aaron havia perdido, se Jude bem se lembra, um acontecimento raro que se destacava na sua galeria de vitórias. Um indivíduo que tinha começado uma briga na festa de Natal da empresa. O empregador era um banco holandês com

uma pequena filial no centro financeiro de Dublin e uma grande sede impessoal em Haia, e haviam-se esforçado por abafar as notícias sobre o caso. Portanto, ninguém estava propriamente interessado na história. Ninguém, à exceção de Sive, pelo visto, que, antes da maternidade, costumava cobrir julgamentos. E veja-se o que lhe conseguira esse encontro específico: um marido atraente (na opinião de Jude) e arrogante, uma mansão em Ailesbury Road e três filhos lindos. Só que uma das filhas está agora desaparecida.

Jude volta a concentrar-se no lado de Sive do telefonema, mas esta já está a desligar a chamada.

– Nada. – Abana a cabeça. – O Aaron está a ir de estação em estação, à procura, e a DC Hawthorn quer falar connosco às onze, em Oxford Circus, para nos atualizarmos. É a nossa agente de ligação.

– OK. – Jude olha para o relógio. – Vou acabar de carregar o vídeo e depois vamos. O teu marido também vai?

– Sim. Porquê?

– Seria interessante entrevistá-lo. Sei que normalmente é bastante reservado quanto à vida pessoal e à família, pelo que será uma excelente oportunidade.

Sive franze o cenho, parecendo desconfiada, de repente, e Jude tem de se lembrar de melhorar a sensibilidade.

– Uma boa oportunidade para conseguirmos mais cobertura para o desaparecimento da tua filha, claro.

Sive faz um aceno com a cabeça e dirige-se a outro passageiro, o telefone estendido, mas o homem acelera, contornando-a.

O vídeo é publicado e o telefone de Jude continua a iluminar-se com notificações: mais de quatrocentas partilhas da fotografia de Sive. Uma dúzia de mensagens privadas a dizer que está a fazer um bom trabalho. Outras seis a acusá-la de se aproveitar de um trauma alheio. Jude suspira. Não era assim que contara passar o dia. Escreve uma mensagem à editora.

Vídeo com Sive carregado, muitas redes sociais cobertas, tens a

minha reportagem. Quero voltar ao tribunal à tarde. Tens alguém que me substitua? A Sive é... intensa. Lavada em lágrimas, etc. Compreensível, claro, mas manda alguém... paciente?

Ainda a olhar para o telefone, começa a dirigir-se às escadas rolantes e vira-se para confirmar se Sive a está a seguir. Porém, Sive está imóvel, com a multidão a passar por ela, o telemóvel ao ouvido. Jude observa, curiosa, o rosto de Sive contorcer-se com o que é dito do outro lado da linha, indo da esperança ao choque e a um terror abjeto.

10h16

Sive tenta processar o que a DC Hawthorn está a dizer. Algumas palavras atravessaram o nevoeiro. *Mochila da Frozen. CCTV. St Paul's. Um homem.* Um homem de mão dada com uma criança, a sair da estação de St Paul's. Uma criança que parece Faye e uma mochila que parece a de Faye. Um homem que não telefonou à polícia, nem se dirigiu a uma esquadra, nem reagiu, de qualquer forma, aos pedidos de ajuda do público. Cristo. *Porquê?*

Há agentes a caminho, diz Hawthorn, e ela entrará em contacto assim que tiver novidades.

– Eu também vou – afirma Sive.

– Não há necessidade, temos tudo controlado – descansa-a Hawthorn. Mas Sive não fica descansada. Não argumenta, limita-se a desligar a chamada e a aceder ao Google Maps.

– O que foi? – pergunta Jude.

Sive põe-na ao corrente, as palavras a saírem em rajadas entrecortadas.

– Eu vou contigo. É na Central Line. – Jude orienta-a na direção da plataforma e Sive tenta controlar a respiração. O que significará aquilo? Quem será o homem? E... será uma pista positiva ou um pesadelo ainda pior?

Sem falarem, Sive e Jude apanham o metro até St Paul's e saem da estação a pestanejar com o brilho do sol do meio da manhã. *E agora?* Freneticamente, Sive perscruta o que a rodeia. Gente por todo o lado, com cafés, telefones, malas com portáteis a tiracolo, mas ninguém com uma menina pequena. Ninguém com uma mochila da *Frozen*.

Vira-se, impotente, para Jude.

– Eu... eu não sei para onde ir. O que fazemos?

– OK, em primeiro lugar, lembra-te de que a polícia já está a

acompanhar o caso. Nós somos só mais dois pares de olhos. Por isso, não entres em pânico. Está bem?

Sive assente, embora isso não ajude. Como pode não entrar em pânico? Vê um polícia do outro lado da estrada, um agente que aborda os transeuntes. Outros dois um pouco mais ao fundo da rua. E está um carro da polícia no semáforo, com outro carro patrulha alguns veículos atrás. Permite-se respirar um pouco.

Jude sugere que vasculhem as ruas junto à estação, expandindo a busca. Sive não tem uma opção melhor, pelo que é isso que fazem no calor opressivo da cidade.

Passa meia hora. Um agente da polícia acerca-se e pergunta a Sive pela sua própria filha desaparecida. Ela não tem energia para explicar. Jude diz ao agente surpreendido quem Sive é e o que estão a fazer, e seguem o seu caminho. Espreitam à montra das lojas, entram em cafés, dobram esquinas. A partir da estação, rua a rua, numa busca minuciosa. Uma busca minuciosa, frenética e inútil. As ruas estão cheias de trabalhadores com cafés na mão; bancários e recrutadores e vendedores. Mas há poucas crianças e nenhuma como Faye. Jude faz uma pausa a uma esquina e acende um cigarro. A Sive, o gesto parece pouco apropriado, deslocado na seriedade da situação.

Jude sopra o fumo e vira-se para Sive.

– Há ali um parque. – Aponta com o polegar. – Vamos dar uma vista de olhos.

À falta de outras ideias, Sive segue-a.

No parque, param para respirar. Os salgueiros bloqueiam o sol do meio-dia. Tulipas de um amarelo brilhante agitam-se com a brisa nos seus canteiros recém-plantados. Um carreiro serpenteia através de um relvado bem cuidado, a caminho de um pequeno parque infantil vedado. Mas este está vazio. Mesmo à distância, Sive consegue perceber que está vazio. Ainda assim, dirigem-se até lá a fim de espreitarem pelas grades pretas. É minúsculo. Uma estrutura com dois

baloiços. Um escorrega pequeno, enferrujado de um lado. Não há crianças a brincar. Não está lá ninguém.

O carreiro segue na direção de um conjunto de árvores e de um lago e, sem saber o que fazer a seguir, Sive começa a percorrer o caminho.

E é então que a vê.

Sozinha, oculta na erva alta que rodeia a água, está a mochila de Faye.

Sive começa a correr.

11h01

Sive arrebatava a mochila da erva, gritando o nome de Faye, olhando em desespero para todos os lados. O sangue ribomba-lhe nos ouvidos ao olhar na direção do lago. A água imóvel cintila silenciosamente ao sol. Sem ondas. Sem movimento. Nada, além de sombras. Uma sombra escura, poucos metros além da margem, uma coisa abaixo da superfície castanho-dourada da água. Sive avança, a boca seca. Incapaz, agora, de dizer o nome de Faye. Está prestes a entrar na água quando Jude lhe agarra o braço.

– É só a árvore – aponta Jude. – É o reflexo da árvore. Está tudo bem. Não há ninguém na água.

Sive parece esvaziar-se ao expirar, os ouvidos ainda a martelarem ruidosamente.

– É mesmo a mochila da tua filha? – Está Jude a perguntar. – Não pode ser de outra pessoa?

Sive mira a mochila que tem nas mãos. O desenho é o mesmo. Elsa de vestido branco. O fecho azul, as alças cor-de-rosa, a nódoa de laranja. Faz que sim.

– É... é a mesma.

– Tens a certeza? Não deve haver centenas de crianças com mochilas parecidas?

Como que em resposta à dúvida, ouvem tossicar atrás delas.

– Eeh, com licença? Desculpe, mas essa mochila é minha.

Um homem aparece de um carreiro à direita de Sive. Atrás dele vem uma menina mais ou menos da idade de Faye.

O homem acerca-se, estendendo a mão para pegar na mochila.

– Não a devia ter deixado assim. Sinto muito. – Ele sorri e indica um baldinho de plástico na mão da menina. – Andávamos à procura de amoras.

Sive não entrega a mochila. O homem parece um pouco

desconfortável, como se quisesse insistir para ela lhe dar a mochila, embora sem encontrar uma maneira educada de o fazer.

– Sive – diz Jude –, se não é a mochila da Faye temos de entrar em contacto com a polícia o mais depressa possível para lhes dizer que é uma pista falsa. – Dirige-se ao homem. – A polícia vai querer falar consigo para confirmarem se é a pessoa que viram no CCTV.

– Desculpe lá, o quê?

Jude explica rapidamente e depois pede a Sive o número de telefone de Hawthorn. Volta a encarar o homem.

– Tem de esperar aqui até que a polícia chegue.

O homem anui.

– Eu... É claro.

A mochila continua na mão de Sive e a menina – a menina do tamanho de Faye – dá um passo em frente para a alcançar e envolve uma das alças com a mão. Porém, Sive continua agarrada a ela. Isso vai contra qualquer regra de boa educação, mas há algo que a incomoda. Algo em relação à mochila. A menina parece confusa e agora está a falar, vira-se para o pai, diz algo sobre a mochila, a mão ainda na alça, no entanto Sive não a está a ouvir. Os olhos percorrem a superfície da mochila – as familiares personagens de animação, a pequena pega no cimo, o fecho azul, as alças cor-de-rosa, a mancha cor de laranja. E então, de repente, ela percebe.

11h02

A alça cor-de-rosa com a mancha cor de laranja: é isso o que a incomoda. O sumo de laranja que Bea derrubou no hotel. Sive puxa a mochila da mão da menina e observa a alça com mais atenção. Não está enganada. É a mochila de Faye.

– Onde é que arranjou isto? – A voz de Sive aumentou de tom. – Porque é que tem a mochila da minha filha?

– Não sei – responde o homem debilmente. – Não reparei que não era a nossa. A Eva acabou de o dizer. Eu... não compreendo.

Jude intervém.

– OK, vamos lá ver. Esta mochila não é tua? – Dirige-se à criança, que abana a cabeça.

– A minha tem a Elsa de vestido azul – explica a menina. – Esta está de vestido branco. O resto é igual...

Sive está a abrir a mochila e a espalhar o conteúdo na erva. Um ursinho de peluche com um passaporte de brincar. Uma escova. Uma embalagem de lápis de cera. Um bloco minúsculo. De Faye. Tudo de Faye. Não consegue falar.

– Onde é que a encontrou? – Jude pergunta ao homem. – Depressa, isto é urgente.

– Eu... não sei. Saímos de casa com a mochila da Eva. Guardei lá um lanche e uma garrafa de água. Mas ainda não a tínhamos aberto. Estávamos a voltar para fazer o nosso piquenique.

– Vieram de metro? Saíram em St Paul's?

– Sim.

– E pousou a mochila em algum momento?

– Acho que não. – O homem parece inseguro.

A filha toma a palavra.

– Tirei-a no metro, papá. A alça estava muito apertada e eu pousei-a no chão. Lembras-te?

É óbvio que não se lembra, mas o homem faz que sim.

– Talvez...

– Pousei. E depois voltei a pô-la quando saímos do metro. Se calhar agarrei na mochila errada. – Agora parece ansiosa, como se estivesse ciente de que se trata de um problema, embora não saiba porquê. Em qualquer outra situação, Sive tê-la-ia reconfortado, mas agora não é capaz.

– Alguém trocou as mochilas? – Aventa ela a Jude, num murmúrio estrangulado. – Alguém levou a Faye e trocou as mochilas para confundir as coisas?

– Ou então a Faye pegou na mochila enganada. Não quer dizer que alguém a tenha levado. – Mas até Jude parece pouco convencida. – OK, vou ligar à polícia.

Três dias antes – sexta-feira

Meridian Hotel

– Vou telefonar a pedir um táxi! – disse Aaron da sala de estar da *suite* do hotel.

– Usa a *app*. Já ninguém telefona – respondeu Sive do quarto das crianças, sorrindo e revirando os olhos à *babysitter*.

A *babysitter* – aquela que Sive se recusara terminantemente a solicitar – era espantosa. Tinha chegado ao quarto às 19h30 em ponto. Não estava atrasada, mas também não estava adiantada, o que foi uma bênção. Chamava-se Willow, um nome adequadamente *millennial*, pensou Sive, observando-lhe o longo cabelo ondulado e a imaculada pele dourada. Passados dez minutos, tinha Faye e Bea pelo beicinho. Fizera-se acompanhar por livros. Não sabia como, mas aquela estranha, aquela jovem de vinte e seis anos recomendada pelo hotel soubera exatamente o tipo de livros de que elas gostariam e soubera exatamente como criar laços com as duas meninas de Sive. Até Toby ficou hipnotizado, com os olhos a seguirem Willow quando esta fora buscar um copo de água para Bea.

– Se não se importar, vai ter de vestir o pijama à Bea – indicou Sive a Willow. – A Faye costuma preparar-se sozinha, mas ontem caiu e cortou a perna num prego, por isso tem pontos. Talvez precise de ajuda com as calças do pijama. – Baixou o tom da voz. – Está um bocadinho afetada com isso.

– Não faz mal. Tenho quatro irmãs mais novas. Estou habituada a lidar com cortes e arranhões. – Claro que estaria. Será que podiam levá-la para casa?, interrogou-se Sive. Podia sair *muito* mais vezes com o marido se tivessem alguém como Willow disponível.

Faye puxou a manga de Sive.

– Eu não devia ficar a tomar conta das bolachas se a *babysitter* quiser uma?

– *Muito* obrigada pela sugestão, mas acho que é melhor dizer à Willow onde estão e, se quiser, ela vai buscá-las.

Faye mordeu o lábio e murmurou ao ouvido de Sive.

– OK, mas ela sabe que eu posso ficar acordada até mais tarde do que a Bea e que sou quatro anos mais velha do que ela?

O maior horror de Faye era ser tratada ao mesmo nível da irmã mais nova.

– A Willow sabe tudo o que precisa de saber – garantiu-lhe Sive. – Não te preocupes.

– Pronta? – indagou Aaron, espreitando à porta. O marido estava a preparar-se no sossego invejável do quarto principal, ao passo que Sive, que ainda tinha de se arranjar, estava a aquecer um biberão numa taça de água quente.

– Vou só ver se o Toby aceita o biberão – indicou.

– É claro que sim. Se tiver fome, aceita.

– Hum. – Sive não estava convencida. Claro que, pensou ela, vendo Willow a ler uma história a Bea ao mesmo tempo que entrançava o cabelo de Faye, talvez ela fosse capaz de fazer o que mais ninguém conseguira. Talvez Sive pudesse sair e Aaron ficasse satisfeito e ambos apreciassem o facto de ele ter tido razão quanto a contratar uma *babysitter*. E claro, dois minutos depois, Toby estava nos braços de Willow, a fitá-la, bebendo alegremente o seu biberão.

– Eu disse-te – sorriu Aaron enquanto o táxi ia avançando a passo de caracol no trânsito de Londres.

– Pois, mas ainda não me sinto bem a deixar os miúdos com alguém que não conhecemos.

– O hotel verifica-as.

– De certeza? Não são só pessoas que usam habitualmente? Não me parece que ponham a polícia a investigar-lhes os antecedentes.

– Podemos pedir ao Dave que a investigue – gracejou Aaron. – Mas agora a sério: é assim tão diferente de usarmos uma *babysitter* em casa? O hotel conhece tão bem a Willow como tu conheces aquela

fulana. A irmã da coleguinha da creche da Bea. Vá, descontraí-te a aprecia o serão.

O táxi continuou a avançar pelas ruas apinhadas de trabalhadores agora de folga que se deleitavam com cervejas e gozavam o sol vespertino. Sive, por sua vez, continuava preocupada, a mente a saltar de tema em tema.

O táxi parou num semáforo e Aaron pegou-lhe na mão.

– Eles ficam bem por umas horas.

– Eu sei... Só espero que não doa a perna à Faye. Esqueci-me de dizer à Willow para lhe dar o xarope.

– Pois é – exclamou Aaron, como se tivesse voltado a esquecer-se de que a filha tinha levado pontos. – Olha, por acaso tens aí o recibo da clínica e eu peço ao Garvin que o submeta?

Sive tirou o recibo da carteira e entregou-o a Aaron, que o fotografou e começou a escrever qualquer coisa no telefone.

– Não o vais mandar agora, pois não, Aaron? Às oito da noite de sexta-feira? O Garvin já acabou o trabalho.

– O Garvin nunca acaba o trabalho. E é só um recibo. Se não o mandar agora, já sei que me esqueço.

Claro que Aaron podia descarregar a *app* do seguro de saúde e tratar ele próprio dos assuntos, pensou Sive, olhando pelo vidro do táxi. Porém, ele afirmava constantemente que os seus dotes técnicos se limitavam a *e-mails* e a mensagens de texto, mantendo-se obstinado quanto a isso. Fazia parte da imagem de marca de Aaron: o advogado inteligentíssimo de cabelo desgrenhado que mal sabia enviar uma mensagem de WhatsApp. Era uma pedantice inversa: demasiado intelectual para a tecnologia. Na verdade, tratava-se da mais pura das preguiças. E se tivesse um assistente como Garvin, Sive provavelmente também deixaria de fazer fosse o que fosse sozinha.

– Ele é um santo – comentou Sive quando Aaron enviou o recibo. – Espero que lhe pagues bem.

– Por acaso pediu um aumento. Disse que tem de encontrar um lar para a mãe e que isso lhe vai custar uma fortuna.

– Olha, tenho pena da mãe dele, mas ainda bem que o vais aumentar... ele merece.

Aaron abanou a cabeça.

– Não lho dei.

As sobrelhas de Sive saltaram.

Aaron levantou as mãos.

– *O que foi?* Não se aumenta o ordenado de alguém só porque tem a mãe num lar. O que tem isso que ver com o trabalho?

– Há dez anos que é um assistente leal e esforçado... Se calhar é por causa disso?

Aaron pegou-lhe na mão e apertou-a.

– Tens um coração mole e eu adoro-te.

– Então vais dar-lhe o aumento?

Um sorriso.

– Talvez. Mas não lhe digas que eu to disse.

Quando Aaron e Sive chegaram, os outros já se encontravam no restaurante. Dave, que envergava orgulhosamente o boné novo, estava a meio de uma das suas demoradas histórias profissionais, pontuando a narrativa com goles de uísque. Scott, de ar afogueado e olhar vítreo, agarrava uma garrafa de cerveja pelo gargalo. Nita segurava a sua (completamente invisível) barriga e Maggie segurava um copo de *rosé*. Estavam sentados a uma mesa redonda e Sive deu graças por isso: todos podiam falar com todos. O tampo polido cintilava com o bruxulear das velas e com o vidro reluzente dos copos. Num balde de gelo de prata, no centro da mesa, uma garrafa de champanhe escorria, aguardando pacientemente pelos que estavam atrasados. As duas cadeiras vazias encontravam-se entre Maggie e Dave e, com o mais leve dos sentimentos de culpa, Sive ocupou discretamente o lugar ao lado de Maggie.

Esta cumprimentou-a com um sorriso. Do outro lado da mesa, Nita bateu palmas como uma criança entusiasmada.

– Sive! Estás fabulosa. Eu *adoro* esse ar discreto. É preciso coragem

para vir a um sítio destes com um simples vestido escuro. Bom para ti.

– Oh. Obrigada. Também é um prazer voltar a ver-te. Como te sentes? – perguntou Sive educadamente enquanto despia o *blazer*.

– *Espantosa* – respondeu Nita, radiante. – Esta manhã estive tão enjoada... Já to tinha dito? Talvez não. Não gosto de falar demasiado sobre mim. Sabes como são algumas pessoas quando estão grávidas. É só «eu, eu, eu». – Revirou os olhos. – Mas hoje sinto-me *tão* bem.

Sive fez um aceno de cabeça, enquanto pegava numa ementa, consciente de que os outros poderiam estar prontos para fazer os pedidos.

– Lamento que tenhas passado a manhã enjoada... É péssimo! Mas ainda bem que te sentes melhor. Os meus enjoos costumavam durar dias inteiros. Lembro-me de que eu e as minhas amigas costumávamos ficar na dúvida sobre a razão pela qual lhes chamariam enjoos matinais.

– A sério? Que estranho. – Nita inclinou a cabeça, franzindo o sobrolho, como se pensasse que Sive teria feito mal a gravidez.

– Passaram por volta das catorze semanas e já não estás muito longe disso. – Sive relanceou a ementa e depois voltou a dirigir-se a Nita. – Já fizeste a ecografia das doze semanas?

– Oh, sim. Na semana passada. Foi *espantoso*. Uma experiência incrível. Sou tão abençoada.

Sive sorriu. *Valha-me Deus*, como é que tudo era tão espantoso para Nita? Lembrava-se de se sentir enjoada e exausta.

– Mas que bom, Nita – disse Maggie no seu tom gentil. – Tens uma imagem da ecografia?

– Claro! Foi esta que publiquei no Insta na semana passada. De certeza que já a viram. – Nita fez deslizar o ecrã do telefone e depois abriu, com orgulho, uma imagem de uma ecografia, que mostrou à volta da mesa. Todos soltaram exclamações e voltaram a dar-lhe os parabéns. Sive teve a oportunidade de ler a ementa, Scott serviu champanhe e a noite teve então início. Pediram mais bebidas a um empregado de mesa, chegaram garrafas de vinho e todos

mergulharam nos seus papéis. Nita deleitava-se no seu fulgor de grávida, tapando orgulhosamente o copo de vinho com a mão quando o empregado tentou enchê-lo. Dave começou a contar-lhes sobre um caso no trabalho, cheio de «não devia estar a falar disto» e «se me ouvissem despediam-me, mas esperem só para saber». Sive tinha noção de que mais tarde, Aaron iria queixar-se. Tinha pouca tolerância para Dave e as suas histórias demoradas, mas naquela noite estava de bom humor e conseguiu ouvir sem parecer aborrecido. Scott, por outro lado, estava a irritar Aaron, e Sive não percebia se era intencional. Ia falando sobre a liberdade que tinha na nova carreira como piloto e como não sentia saudades nenhuma dos tempos fechado no escritório. Até estava satisfeito com a aquisição, comentou, mesmo tendo sido devastador na altura.

– Um dia ganhas juízo – disse, erguendo o copo na direção de Aaron. – Vais fartar-te de defender os maus.

– Ná, o dinheiro ia fazer-me falta – tornou Aaron, esfregando o polegar e o indicador.

Sive fez um esgar.

Scott ergueu a sobancelha.

– Faço mais dinheiro a voar do que com o Direito. – Terminou o champanhe e verificou a garrafa. Vazia. Fez sinal para pedir outra.

Aaron abanou a cabeça.

– Talvez para ti. Não te esqueças de que sou conselheiro sénior. É outro nível.

O rosto de Scott enrubesceu e Sive deu um toque no joelho de Aaron, mas ou ele não sentiu, ou ignorou-a.

Aaron sorriu.

– Estou a *brincar*. Calma, Burner. Estou a meter-me contigo.

Maggie interveio, a sua voz a servir de bálsamo.

– Como estão os miúdos, Scott?

– Estão bem. – Scott cerrou o maxilar. – Por acaso, estão na Florida. A Caron mudou-se para lá no início do verão. Diz que é uma empreitada de trabalho e insiste que não é permanente... mas, que

merda, como é que faço para estar com eles? – O tom da pele e da voz intensificaram-se. – Não posso dar lá um salto a cada quinze dias. Só pensa nela.

Abateu-se um silêncio enquanto o grupo digeriria a informação.

– Imagino que não seja fácil – comentou Maggie, levando a mão à de Scott. – Como te estás a aguentar?

Scott desviou a mão.

– Como é que achas?

Mais silêncio.

– Desculpa, Maggie. Não queria responder assim. Mas estou furioso com a Caron. E tenho saudades dos miúdos.

Aaron pegou na garrafa de tinto e despejou o resto do conteúdo no copo de Scott.

– Toma, bebe mas é e para de choramingar. Quando eles cá estavam, nunca te calavas a reclamar dos miúdos.

Sive preparou-se para o pior. No entanto, para sua surpresa, Scott limitou-se a oferecer um sorriso pesaroso – quase grato – a Aaron. E, por um bizarro momento, Sive invejou-os – pela sua capacidade de lançar farpas um ao outro, continuando amigos. Sive não se lembrava de uma única pessoa na sua vida sobre quem pudesse dizer o mesmo.

Aaron levantou a garrafa vazia para pedir outra, aproveitando o momento em que o empregado de mesa começou a receber os pedidos.

– Não queres fazer o pedido em italiano por nós, Dave? – perguntou Nita. Virou-se para Sive. – O Dave tem andado a aprender italiano com o Duolingo. Começou durante o confinamento. E alemão também. – Estendeu a mão e deu-lhe umas palmadinhas na cabeça. – O nosso erudito.

Dave sorriu.

– Acho que é melhor mantermos o inglês, ou ainda acabamos a comer massa à sobremesa.

Todos se riram, mesmo sem que a saída tivesse grande piada; pelo menos serviu para afastar a conversa do tema do divórcio de Scott,

pensou Sive.

– Maggie, querida, tenho uma coisa tua – indicou Nita ao chegar da casa de banho do restaurante, segurando um relógio. – Deixaste-o no lavatório.

– Ah, obrigada, Nita. Tive medo de o molhar quando estava a lavar as mãos. – Maggie pegou nele e pô-lo no pulso.

Exasperada, Nita sentou-se a abanar a cabeça.

– Da última vez foi o telemóvel e passaste horas sem reparar! O relógio é novo, eu sei, mas como é que alguém não repara que lhe falta o telemóvel?

Maggie encolheu os ombros.

– Se calhar, porque ela não olha para ele quinze vezes por minuto, como *certas* pessoas – atirou Scott. – Não estou a acusar ninguém. – Ergueu as sobrancelhas na direção de Nita, que, naquele momento, consultava o seu telemóvel.

– Tenho de pensar no meu público – tornou Nita, e todos se riram, incluindo a própria. Sive sorriu. Ela fazia parte do «público» de Nita – uma entre os 46 000 seguidores no Instagram. Graças ao @NitaGsWorld sabia tudo acerca do trabalho exigente de Nita, das carteiras dispendiosas, das férias gloriosas e dos chãos de mármore. Também sabia da jornada de Nita com a FIV, e soubera da gravidez através de um *Live* no Instagram. Para Aaron, tudo aquilo era absurdo – quem é que se servia das redes sociais para anunciar aos amigos uma gravidez? Claro que a reação não surpreendia, visto Aaron nunca usar redes sociais. Menosprezava a coisa, equiparando-a às telenovelas e às revistas femininas, embora, por vezes, não se opusesse a espreitar quando Sive navegava pelo Facebook. No entanto, ficava estupefacto com a conta de Nita, obviamente. Por que razão quereriam 46 000 pessoas saber o que fazia uma pessoa normalíssima que não era, nem de perto nem de longe, uma celebridade? Pelo amor de Deus, ela era advogada, não era uma estrela *pop*. Sive explicara-lhe com toda a paciência que não era preciso ser uma estrela *pop* para se ser famoso

nas redes sociais, e era essa a beleza da coisa – se o conteúdo fosse interessante ou bonito, qualquer um poderia granjear seguidores. A jornada de Nita com a FIV fora a cereja no topo do seu bolo de Instagram: pessoas que seriam incapazes de passar por isso sozinhas acorriam em magotes à história e ofereciam-lhe visualizações e *likes*. E Nita deleitava-se com isso.

Agora, com um sorriso recatado, pousava o telefone junto ao copo de água, de ecrã para baixo.

– Vês? Até eu consigo tirar uma folga.

E, durante alguns momentos, a conversa navegou por águas mais seguras – viagens, livros, filmes e carreiras. Dave contou mais uma história profissional, desta vez sobre um roubo de identidade, chegando a puxar de um caderno para confirmar alguns pormenores. Isso levou a gargalhadas estrondosas por parte dos outros, com piadas afetuosas sobre Sherlock Holmes e Jessica Fletcher a saltarem de todos os lados. Scott e Aaron recordaram os primeiros tempos como estagiários, reclamando de um chefe que detestavam, a anterior picardia esquecida. A comida chegou e a conversa amainou por instantes, até que Scott reparou no pedido de Nita.

– Estás a comer *camarão*? – indagou ele, fitando o prato fumegante que pousaram à frente dela. Sive também tinha ficado curiosa quando Nita fizera o pedido, mas não gostava de tecer comentários. Além disso, talvez a extenuante lista não exaustiva de alimentos proibidos durante a gravidez fosse diferente no Reino Unido. O conteúdo alterara-se entre Faye e Bea, e depois entre Bea e Toby, e Sive nunca conseguia recordar-se de qual o marisco ou o queijo azul que eram permitidos em determinada altura.

– Não sou *eu* que não gosto de camarão – limitou-se Nita a responder. – Estás a confundir-me.

– Não, é por causa da... – ainda começou Scott a dizer, mas Dave atalhou.

– Scott, quem detestava camarão era a Yasmin – lembrou, baixinho.

A mesa silenciou-se. O único som era o retinir do garfo de Nita no prato.

– Está tudo bem, sabem? – acabou por dizer. – Podemos falar sobre ela.

Maggie assentiu, mas não respondeu. Dave fitava o prato, e Sive não tinha a certeza, mas julgava que ele pudesse ter ficado com os olhos marejados de lágrimas. Aaron pigarreou e olhou em volta, porém, à semelhança de Maggie, parecia não saber o que dizer. Scott ocupou-se com a bebida.

– Na segunda-feira faz anos e *devíamos* falar sobre ela – continuou Nita. – Ela ia gostar disso. Iria detestar este silêncio de cada vez que referimos o nome dela. Conheceram a Yasmin. Sempre o centro das atenções.

– Bem, sim, isso é verdade... – admitiu Scott a medo, com um relancear para os outros, de sobancelha erguida. E depois apresentou um sorriso mais rasgado. – Lembram-se da «música de marca», como ela dizia... gritar «Killing me softly» sempre que via uma máquina de *karaoke*?

Nita riu-se.

– E era uma cantora terrível. Execrável. – Com a tensão a dissipar-se, todos se riram.

– Lembram-se daquele terrível blusão de pele de ovelha que ela costumava usar, o que comprou na loja solidária de Covent Garden? – continuou Scott, dando seguimento ao seu papel enquanto quebrador de gelo.

– Ou «loja de poupança», como ela dizia, pois soava muito melhor. – Era Aaron. Curiosa, Sive virou-se para o olhar. Raramente o ouvira falar sobre Yasmin. Depois de perceber, logo nos primórdios da relação, que ele não gostava de falar sobre isso, Sive também não abordava o assunto.

– Pois é, já me tinha esquecido! – confirmou Maggie, os dedos a roçarem ao de leve uma tatuagem de dois sóis no interior do pulso. As tatuagens fascinavam Sive – Maggie não parecia uma pessoa que

gostasse de tatuagens. – Adorava as suas coisinhas *vintage* – prosseguiu, virando-se para Nita. – Ao contrário de ti, com esses teus vestidos de marca. As pessoas nunca se habituavam à diferença entre as duas, lembra-te? Eram tão parecidas, mas, ao mesmo tempo, eram diametralmente opostas.

– Oh, a sério? – comentou Sive, só para ter algo que dizer, uma forma discreta de participar num tema traiçoeiro ao qual era claramente alheia, embora também se interessasse por essa rapariga com quem o marido se quisera casar.

– Ah, sim – garantiu Nita. – Eu era tal como sou agora: já na altura adorava as minhas blusas *Moschino* e as minhas bolsas *Marc Jacobs* e...

– Valha-me Deus, não falem na guerra da camisa *Moschino* – adiantou Scott, fazendo uma careta a Dave.

Nita continuou como se Scott não tivesse aberto a boca.

– ... e os meus saltos altos e a minha maquilhagem. E a Yasmin... olha, a Yasmin achava que isto era tudo uma grande intrujice.

– E é uma intrujice – gracejou Scott –, e continuas a cair nela.

– Diz o homem cuja mulher tinha dois dias de *spa* semanais – contrapôs Nita, embora com alguma afabilidade.

– Ex-mulher – corrigiu Aaron, e Scott olhou-o de esguelha.

– Adorava saber mais – garantiu Sive, voltando a encaminhar a conversa para terrenos seguros. – Como era ela?

– Comprava a roupa em segunda mão sempre que podia... Gostava do estilo *vintage*. Adorava *boho chic*, como se fosse uma Sienna Miller morena – explicou Nita.

– Coisas que *tu* nem morta usavas – atalhou Scott com uma gargalhada estridente. Nita voltou a baixar o olhar e, mais uma vez, o grupo mergulhou num silêncio com a má escolha de palavras de Scott.

– Porra, desculpa, não devia ter dito aquilo.

– Não faz mal. – Nita ergueu mais uma vez o olhar. – A sério que não faz mal. Temos de poder falar sobre isso, tanto das partes boas como das menos positivas. Caso contrário, fica toda a gente com medo

de meter a pata na poça e nunca falamos dela. Era minha irmã, éramos noite e dia, era toda a família que eu tinha, adorava-a e ela morreu. – Nita endireitou a faca na toalha. – Retiro esta última parte. Não foi algo ao acaso. Alguém a matou. – Olhou à volta, para o grupo. – E, um dia, vou descobrir quem foi.

Segunda-feira

11h32

– Estou? Nita? Sim, é a Sive. Sim. Eu sei, é... Obrigada por ligares, mas é melhor manter o telefone desimpedido. A minha mãe também acabou de ligar e tenho de... Eu sei. Sim, mas as coisas agravaram-se e tenho mesmo de desligar...

Jude só consegue ouvir o lado da conversa de Sive, mas esta parece ansiosa e perturbada. Ou melhor, ainda mais ansiosa e perturbada. Acabaram de regressar à estação de Oxford Circus depois de, no parque, terem esperado, com o homem e a filha, pela chegada dos agentes para os interrogarem. Sive quisera ficar com a mochila de Faye, mas a polícia tinha-a levado. Obviamente, agora tratava-se de uma prova, embora não se soubesse, ao certo, se fora cometido algum crime. Todos – a polícia, Jude, o homem no parque – se haviam esforçado por confortar Sive quanto a isso: o facto de se ter encontrado a mochila não implicava que Faye tivesse, realmente, sido raptada, apenas que a menina, Eva, pegara na mochila enganada.

Agora, Jude aguarda que Sive se livre da tal Nita ao telefone – e, dadas as circunstâncias, de uma forma bastante mais educada do que Jude seria capaz. Olha em redor enquanto aguarda e, um pouco mais à frente, na direção das cancelas onde se validam os bilhetes, reconhece Aaron Sullivan, que está a falar com uma agente da polícia. Ele agiganta-se sobre ela, estando um tudo-nada debruçado e a gesticular. Ela está de costas para um pilar e a situação deve ser intimidante, pensa Jude, sem ter para onde fugir e com Aaron a invadir-lhe o espaço pessoal daquela maneira. Mas a agente parece manter-se firme.

Sive continua a tentar dar por encerrada a chamada.

– OK, está bem. Se achas que sim. Oxford Circus. Que entrada? Eeh... Eu partilho a localização contigo. OK, obrigada, Nita. Até já. –

Fecha os olhos por breves instantes e devolve o telefone ao bolso. Um grupo de adolescentes passa alvoroçado, rasando Sive, que parece nem notar.

– Vem alguém ajudar? – pergunta Jude.

– A amiga do Aaron, a Nita. Está a uns minutos daqui, num táxi. As pessoas são tão atenciosas. – Faz-se uma pausa. – Merda, se calhar devia ter-lhe pedido que tomasse conta dos miúdos...

– Precisas de alguém que fique com os teus filhos? – *Não me peças isso, por favor*, acrescenta Jude, embora em silêncio. Não é só porque não faz ideia de como lidar com crianças, mas também porque será mais útil ali, na busca. E, desde que não se trate realmente de um rapto, ainda conta regressar à Sala 5 do tribunal.

– Não, o Scott pode ficar lá. Só não sei se a Nita vai ser de grande ajuda. Ela não é propriamente... Enfim, já está a caminho. Ligou para o Aaron, mas ele não atendeu.

– Ele está ali – aponta Jude por entre a multidão.

Sive franze o sobrolho.

– Conheces o Aaron?

– Fiz a cobertura da primeira audiência do caso Brosnan. Conhecemo-nos na altura. Mas lembro-me dele de muitos outros casos ao longo dos anos, mesmo de quando eu estava a dar os primeiros passos. Vocês conheceram-se no caso do funcionário do Dunner Bank, certo? O indivíduo que matou outro numa festa da empresa? O Aaron foi advogado dele?

As faces de Sive ruborizam-se. Jude sorri para si própria. Também ela não tem pejos em misturar os mundos profissional e pessoal, embora nunca tenha chegado ao ponto de se casar com ninguém.

– Como é que ele se chamava, mesmo, o homem que foi condenado por homicídio involuntário? – está agora a perguntar, desviando a conversa da parte, aparentemente embaraçosa, da mistura do trabalho com o prazer. *Vês, eu sou capaz de ser sensível*, diz para com os seus botões.

– Joost De Witte. – Sive pronuncia os nomes como «Yoost de

Vitta».

– É verdade, já me lembro. Foi condenado a oito anos, não foi? Uma das raras derrotas do Aaron. – A expressão de Sive é inescrutável e Jude decide que falar sobre os fracassos na carreira do marido talvez não seja propriamente útil naquele momento. *Bem, o acesso de sensibilidade não durou muito*, diz-lhe a voz da mãe. *Touché*.

– Mas enfim – Jude indica Aaron com um gesto da cabeça –, acho que metade da população irlandesa conhece o teu marido.

– Bem, talvez nos círculos do Direito e da comunicação social. – É então que Sive parece recompor-se, como se tivesse esquecido por breves momentos o motivo que a faz estar ali. – Cristo. – Olha em seu redor para as multidões que encham o espaço. – Onde é que ela *está*? Como é que ninguém reparou numa criança de seis anos sozinha?

E é exatamente isso que Aaron está a dizer à agente quando elas se acercam, instantes depois, junto a um pilar largo ao lado das cancelas de validação de bilhetes.

– Com os recursos que têm à vossa disposição, como é que ainda ninguém encontrou a minha filha? – O tom é brusco. Zangado. Jude imagina que também seria brusca e zangada se fosse a sua filha a ter desaparecido.

– Estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance, senhor Sullivan. Esta nova informação no que concerne à mochila é útil. Estamos a rever as imagens do CCTV à procura de uma mochila que corresponda à da outra menina, no caso de a Faye a ter levado por engano.

É então que Sive intervém, falando tão baixinho que Jude mal a consegue ouvir.

– Não a imagino a pegar na mochila errada, DC Hawthorn. Ela adora aquela mochila... Morro de medo que isso possa querer dizer que alguém a levou. Que trocaram as mochilas de propósito para induzir a polícia em erro.

A detetive acena com a cabeça.

– Compreendo, e é algo que temos de ter em conta. Razão pela

qual... – faz uma pausa para inspirar um fôlego – ... temos de discutir o que fazer caso haja contacto.

Sive franze o sobrolho com a sua confusão.

– Contacto?

– Sei que é difícil, mas se alguém entrar em contacto a dizer que tem a Faye, vocês *têm* de nos informar de imediato. Não interessa o que disserem sobre não contarem à polícia, sejam quais forem as ameaças.

Sive assente, o rosto cadavérico sob aquelas luzes.

Hawthorn continua.

– E preciso que fiquem à superfície, para o caso de vos tentarem telefonar, ou, pelo menos, que subam com frequência se andarem a procurar nas plataformas. Aqui em baixo praticamente não existe rede. Também gostaríamos de realizar uma conferência de imprensa para levar as notícias a um público ainda mais vasto. Estariam receptivos a isso?

– É claro – responde Aaron. – Esta manhã já fui abordado por jornalistas. Terei todo o gosto em falar para que isto se espalhe.

– Ótimo. Vamos usar uma sala de um hotel a um minuto daqui, mais ou menos. Imaginei que o fossem preferir, já que é mais perto do que a esquadra.

Os Sullivans concordam em unísono.

– OK. Foi provisoriamente reservada para a uma da tarde. Face à situação da mochila, também preciso que respondam a umas perguntas de dois dos nossos detetives.

– Perguntas? – Aaron parece intrigado, mas Jude imagina que ele esteja apenas a fazer-se de desentendido. De certeza que sabe que haverá perguntas, caso exista a possibilidade de crime, por mais remota que seja.

– No caso improvável de um rapto, temos de saber se alguém teria motivos para vos visar. Se algum familiar poderia levar a vossa filha, se há desentendimentos familiares, disputas profissionais, etcétera. – Hawthorn vê Aaron a abanar a cabeça e levanta a mão, num gesto

apaziguador. – É claro que é tudo bastante improvável, mas é nosso dever fazer essas perguntas. Reservei o uso de um gabinete aqui na estação. – Olha para o relógio. – Daqui a cerca de vinte minutos?

Sive assente, muda. Aaron vira-se a fim de a puxar para junto de si. Ao reparar em Jude, olha, curioso, para Sive.

– Oh. Esta é a Jude, uma colega do jornal. Agora mora em Londres, mas é de Longford. Está a ajudar com as buscas.

Aaron mira Jude de alto a baixo.

– Prazer – diz ele, num tom mecânico, voltando a dirigir-se à agente.

– Conhecemo-nos na audiência do Brosnan – diz Jude.

Aaron volta-se para ela, uma expressão reservada no rosto.

– Conhecemos?

– Posso perguntar-lhe se o Brosnan, ou algum dos seus camaradas agora inimigos, entrou em contacto consigo desde que aqui está?

– A sério? Valha-me Deus, não me parece que esta seja uma boa altura para andar à pesca de histórias.

Até Sive parece chocada, e Jude retrata-se.

– Não estou à pesca de histórias. Mas fico a pensar se poderá haver alguma... – Cala-se. – Esqueça o que eu disse. Só quero ajudar como puder.

– Ótimo – intervém a agente da polícia, avançando. – Sou a DC Hawthorn. Não percebi o seu nome?

– Jude Barr, do jornal *Daily Byte*.

A DC Hawthorn ostenta uma expressão tão cínica como a de Aaron.

– Agradecemos a ajuda com as buscas e esteja à vontade para assistir à conferência de imprensa à uma da tarde. – *Mas não terá qualquer tratamento especial*, fica implícito.

– Obrigada. Estava a pensar, o indivíduo que trouxe a Bea até aos funcionários... Tim, não é?

A DC Hawthorn confirma o nome.

– Por acaso sabe o apelido dele? – pergunta Jude, mas a DC

Hawthorn está a falar pelo rádio e não a ouviu. Mas Aaron sim.

– Espere lá. Está a ver se consegue uma entrevista com ele?

– Não – responde Jude. – Estou curiosa com um pormenor desta história que não faz sentido. Não deve ser nada.

– Tim Brassil – diz Sive baixinho. – É assim que se chama. O que é que não faz sentido?

– É só um pormenor minúsculo, não deve ser nada... – Jude está a introduzir o nome na sua *app* Notes quando, de repente, uma mulher diminuta, de cabelo castanho comprido e saltos agulha enormes, abre caminho por entre um grupo de turistas italianos e se atira a Sive.

– Ai, meu *Deus*, Sive. Aaron. Sinto muito. O que posso fazer?

– Obrigada, Nita. Vai haver uma conferência de imprensa à uma e, até lá, vamos continuar as buscas. – Sive escusa-se, gentilmente, ao abraço de Nita. – Ainda nem acredito que isto está a acontecer.

– Desculpa o atraso. Adormeci. Perdi a corrida. – Os olhos de Nita saltam de Aaron para a esposa, e Jude tem quase a certeza de ver um olhar trocado entre Nita e Sive. Uma pergunta silenciosa de Nita e um abanar ínfimo de cabeça por parte de Sive. *De que se tratará?*, interroga-se Jude.

Nita continua a falar.

– Se soubesse, tinha chegado há mais tempo. Peguei no telefone e quase *morri* quando vi. – Afasta-se então de Sive e agarra a mão de Aaron nas suas.

Jude estuda a recém-chegada. É extraordinariamente bonita, com o cabelo muito bem arranjado e a maquilhagem com um aspeto quase profissional, no entanto tem olheiras profundas e parece ter estado a chorar. Terá que ver com Faye ou será outra coisa? Uma mensagem da editora rouba a atenção de Jude da mulher que acabou de chegar: tem alguém que a pode substituir e assim pode voltar ao caso do julgamento. Jude escreve uma resposta.

Não é preciso, por acaso não me importo de ficar. Ainda não se sabe, mas pode ser rapto. É um grande furo se for. E neste momento

não há jornalistas com os Sullivans.

Chega-lhe imediatamente uma resposta:

Disseste que querias voltar ao tribunal e esfalfei-me para isso. Ele está praticamente a chegar aí.

Jude morde o lábio e volta a escrever.

Tenho o melhor acesso aos Sullivans. A Sive confia em mim.

Nova resposta.

O teu substituto também é muito bom e tive de cobrar um favor para que fosse para aí. Não é bonito, Jude. Volta já ao tribunal, por favor.

Porra. Jude olha na direção dos Sullivans. Se for um rapto, o caso vai disparar. Pode fazer-lhe a carreira. E ela já ali está. Tem mesmo, mesmo de ali permanecer.

A Sive prometeu-me uma entrevista exclusiva.

Não é *exatamente* assim, mas Sive disse que ela podia usar o que quisesse sem ter de pedir. *Em relação a uma fotografia, o que não é o mesmo que uma entrevista exclusiva*, diz-lhe uma vozinha na cabeça. Jude ignora-a.

Depois? Podem faltar dias para isso. Ela pode arrepender-se. A história pode acabar. Se a miúda estiver numa estação qualquer à espera da mãe, nem sequer é uma história.

Não, depois não. Agora. Para a peça que vou escrever hoje. A Sive disse que posso citar tudo o que ela disser durante as buscas,

pelo que, efetivamente, é uma entrevista.

Jude arrepia-se com a meia-verdade.

Então OK. Esperemos que seja bom. Ficheiro até às 17h, OK?
Preciso disso online à hora do lanche.

Combinado. Olha para o relógio. Ainda mal são onze e meia. Tem bastante tempo. E Sive está de tal modo embrenhada na sua busca por Faye que nem vai saber, nem vai querer saber, que deu uma espécie de entrevista a Jude. E tudo isso ajuda a divulgar o que se passa, que é, *grosso modo*, o objetivo pelo qual está ali. Volta a procurar *online* o cavaleiro andante de Bea, Tim Brassil, e a sua história um pouco mal contada.

11h42

Aaron aceita o abraço de Nita, vendo, por cima do ombro dela, Jude escrever qualquer coisa no telemóvel, toda calma e importante, no seu rabo de cavalo apanhado em cima e nas botas de salto alto. O que está ela a fazer? A tentar entrevistar o tal Tim, que encontrou Bea? Os jornalistas são todos iguais, pensa, esquecendo-se, por breves instantes, de que é casado com uma repórter. Olha então para Sive, e a expressão da mulher deixa-o triste. De repente, torna-se assustadoramente claro que Sive não vai sobreviver se não encontrarem Faye. Afasta-se de Nita e pega nas mãos de Sive.

– A cidade está toda à procura dela – garante-lhe. – Nós vamos encontrá-la.

– Sim – concorda Nita. – A fotografia está *por todo o lado*. O blusãozinho de ganga cor-de-rosa e o adorável cabelinho louro. Publiquei-a no meu Insta, claro, e toda a gente diz que vai ficar atenta a ela. Agora, o que posso eu fazer?

Aaron não faz ideia. E sabe que as intenções de Nita são boas, mas do que eles precisam agora é de quem lhes diga o que fazer, não de pessoas que esperem que lhes digam a elas o que fazer.

Pelo sistema de som ouve-se uma voz a anunciar um atraso e, ao lado deles, um homem bate com o jornal na perna, resmungando qualquer coisa acerca de um incidente nos carris.

Aaron e Sive entreolham-se e Aaron sabe que estão a pensar na mesma coisa.

– E se... – começa Sive a dizer.

Ele interrompe-a e puxa-a para um abraço.

– Não vás por aí.

Nita tossica.

– Então... telefone à Maggie? Trago-te um chá? – Olha em volta, sem saber ao certo onde poderá encontrar quem lhe faça chá. Nita não

viaja de metropolitano.

– Ainda não consegui falar com a Maggie – declara Sive.

– Já não deve estar à tua espera no Rooftop Bar, pois não? – pergunta Aaron.

– Não, ela teria visto as minhas chamadas. E decerto já terá visto os alertas nas redes sociais.

O telemóvel de Aaron vibra e ele baixa o olhar.

– Alguma coisa? – A voz de Sive está enrouquecida pela esperança.

– Não, é só outra vez a Carmen Brosnan, a mulher do Pete. Ela sabe que estou fora. E, por esta altura, de certeza que já viu que a Faye desapareceu. – Rejeita a chamada com um gesto brusco do polegar. Jude ergue o olhar.

– Disse que era a mulher do Pete Brosnan? – indaga.

– Eu estava a falar com a minha esposa.

– Aaron – intervém Sive calmamente. – A Jude só quer ajudar.

– Isso é muito bonito, mas o desaparecimento da Faye não tem nada que ver com o meu julgamento. – E mais baixinho, só para Sive: – Não confio nela.

– Para com isso. – Sive afasta-o um pouco de Nita e de Jude, na direção de uma área de bilheteiras. Um homem passa a correr, dando uma cotovelada accidental a Aaron ao apressar-se a chegar às máquinas. Aaron mal nota.

– Vá lá, Sive. Sabes tão bem como eu que é preciso ter cuidado com o que dizemos à frente de alguém como ela. Quando dermos por nós, já está a publicar uma parangona de tabloide a sugerir que o meu trabalho está associado ao que aconteceu, só para obter cliques.

– Não pode ser, pois não? Não pode estar associado ao caso do Brosnan? – Sive fala tão baixo que Aaron mal percebe o que ela está a dizer. Debruça-se mais. Jude está a meia dúzia de passos, a fingir que não tenta ouvir o que está a ser dito. Nita está a gravar-se a si própria ao telemóvel. – Aquela gente para quem o Brosnan costumava trabalhar – continua Sive. – Os Callans. Eles são implacáveis.

– Eu sei, mas...

– E se estiverem a tentar assustar-te?

Aaron abana a cabeça. Sive tem andado a ver televisão a mais. Os antigos patrões de Brosnan não hesitariam em visar um dos seus, mas não vão ameaçar um advogado de prestígio e grande visibilidade.

– Eles não fariam isso, garanto-te. – Desvia o cabelo da testa de Sive, que tem a pele a colar devido ao calor do metropolitano. – Não é assim que as coisas se fazem.

Sive desvia-lhe a mão.

– Lá porque uma coisa nunca aconteceu, isso não quer dizer que seja impossível. Aaron, o trabalho deles é matar pessoas! Julgas que és à prova de bala, mas não és.

Aaron recua.

– Está bem. Vamos tentar seguir essa linha de raciocínio. Mesmo que me tentassem assustar, haveria quem pegasse no caso.

– Podem não querer que desistas, apenas que o percas. Deliberadamente.

Aaron irrita-se.

– Achas, sinceramente, que eu seria capaz de uma coisa dessas?

– Em situações normais, não, claro, mas se a Faye foi levada... Bem, acho que farias tudo para a recuperar. – Sive procura-lhe a mão. Mesmo com o calor, tem os dedos gelados quando envolve os dele.

– OK, mas ninguém teria como saber que estarias em Bond Street naquele exato momento desta manhã, nem que a Faye e a Bea entrariam no metro à tua frente, pois não?

Sive assente e encosta-se a ele. O marido tem razão. Aaron sabe que tem razão. Ainda assim, quando Sive se afasta para orientar Nita na direção do chá prometido, Aaron dá alguns passos para telefonar ao assistente. Se alguém consegue descobrir alguma coisa, esse alguém será Garvin. O homem é um verdadeiro sabujo. Um génio com tecnologia e um investigador brilhante. Se os Callans tiverem historial de raptos ou de agressão a crianças, Garvin vai descobri-lo.

12h01

Estão numa espécie de gabinete. Um gabinete de uma estação de metropolitano, cheio de papéis e dossiês. Estão sentados a uma secretária larga com uma fenda fina que a percorre de um lado ao outro. À frente têm dois agentes da polícia. Não se sabe onde estará o ocupante habitual do gabinete. Está tudo enevoado: aquele sítio, aquele espaço sem janelas, aquela entrevista. Sive está fora do seu próprio corpo, a ver a dupla à secretária aguardando que eles se sentem, dedos das mãos entrelaçados sobre a mesa, à espera de fazer as perguntas que possam dar sentido a tudo. Ansiosos.

Um dos dois agentes pigarreia.

– Muito bem, senhor e senhora Sullivan, sei que já transmitiram boa parte desta informação à minha colega DC Hawthorn, mas preciso que voltem um pouco atrás. Tudo o que me possam dizer, por mais irrisório que pareça, pode ajudar-nos a encontrar a vossa filha. – É um homem na casa dos cinquenta, com sobranceiras fartas e expressão grave. Sive não se lembra do nome dele. – Vou começar por lhe perguntar sobre o seu trabalho, senhor Sullivan. Ao que sei, o senhor está a re...

– Espere – atalha Sive. – Não devíamos falar sobre o que a Bea disse, agora que... – interrompe-se para se recompor, expirando lentamente – ... agora que julgamos poder haver uma pequena possibilidade de alguém ter a Faye?

O polícia parece confuso.

– Aquilo que *quem* disse?

– A Bea, a nossa filha de dois anos. Quando lhe perguntámos onde estava a Faye, ela disse que «Chase no comboio». Não fez muito sentido e não conseguimos que nos dissesse mais nada. Mas agora que sabemos que as mochilas podem ter sido trocadas... Bem, talvez queira dizer que alguém a assustou e foi atrás dela e a apanhou? –

Inspira de maneira entrecortada.

O polícia está a tirar apontamentos.

– Espere aí, não sabia disto? – pergunta Aaron, endireitando-se na cadeira.

A expressão do agente é de enorme compostura.

– Está tudo nas notas, não se preocupe. E agora que as coisas assumiram um rumo diferente, vamos concentrar-nos nos pormenores relevantes. – Dirige-se a Sive. – Pode esclarecer melhor o comentário da sua filha mais nova? Ela desenvolveu-o?

Se o desenvolveu! Ela tem dois anos!, quer Sive gritar. Mas isso não vai ajudar.

– Não, ela ainda não tem um grande vocabulário.

A agente mais nova intervém, a voz parecendo mais velha do que o sugerido pela aparência.

– Senhora Sullivan, eu tenho uma filha de dois anos. E às vezes ela diz coisas extremamente factuais. Outras vezes, ela quer dizer algo completamente diferente. E por vezes inventa coisas. Tendo isso presente, o que acha que a Bea pode ter querido dizer? Poderá ter um significado distinto do literal?

– Sim, claro. Se a Faye estivesse a correr, só porque sim, a Bea talvez pudesse usar a expressão «ir atrás». Não seria, necessariamente, o caso de estar alguém a ir atrás da Faye, a persegui-la. – Sive não consegue decidir se isso é bom ou mau. Se as palavras de Bea tiverem um sentido literal, será útil. Mas também é aterrador.

– Ótimo, isso ajuda. Se pode não ser uma descrição concreta de um acontecimento, não é bom que nos concentremos demasiado nisso. Neste tipo de situação, a Faye podia começar a correr só porque sim, tal como diz? Se não visse a mãe?

– Talvez – admite Sive. – Ela gosta de explorar. Não tem medo. Não ficaria propriamente preocupada por estar sozinha. Já a Bea ficaria ansiosa por não me ver.

– Razão pela qual o jovem do metro encontrou a Bea quando olhou à volta, mas não a Faye... Imagino que ela já teria saído a correr. – A

agente rói a ponta da caneta por uns instantes. – OK. Vamos ter presente o comentário da Bea mas, por enquanto, não partimos do princípio de que a Faye estivesse a ser seguida por alguém. – Olha para o relógio e faz sinal ao colega para que continue.

– Certo. Mais uma vez, senhor Sullivan. – Tem a expressão de alguém que foi interrompido desnecessariamente. – É advogado, não é verdade? E, neste momento, está a representar um cliente com associações ao crime organizado?

– Sim. Mas, tal como já disse, isso não tem nada que ver com o que se passou.

– Se não se importa, será que, mesmo assim, o senhor pode adiantar os pormenores?

E Aaron assim faz, frisando, mais uma vez, que mesmo que alguém o quisesse afastar do caso, não poderiam saber que Sive e os filhos estariam na estação de Bond Street naquele preciso momento. Nem que Faye e Bea estariam sem vigilância na carruagem.

Sem vigilância. Sive sente um arrepio. Como malas perdidas. Só que não são malas perdidas. São crianças. As suas *filhas*. E uma desapareceu, sendo agora culpa dela. Se não lhes tivesse dito que avançassem. Se não tivesse olhado para o telefone. Se tivesse levado o marsúpio, em vez do carrinho de bebé.

– Senhora Sullivan?

Sive apercebe-se de que não é a primeira vez que chamam o seu nome.

– Desculpe. Sim.

– Pode dizer-me com quem se cruzou durante a sua estadia em Londres? Recapitulemos a partir desta manhã. Pode dizer-me o que fez?

– O Aaron saiu cedo para participar numa corrida e eu levei as meninas a tomar o pequeno-almoço e saímos para a estação pouco depois das oito. Não falámos com ninguém, a não ser os funcionários do hotel. Era suposto encontrar-me com uma das amigas do Aaron enquanto ele estava na corrida.

– Fale-me dos amigos com quem aqui está. Disse que se trata de um encontro? – A pergunta é dirigida a Aaron, que repete o que já disse a Hawthorn. Fala-lhes também de Willow, a *babysitter* – de quem Sive se esqueceu até agora –, e a polícia aponta os pormenores sobre a jovem.

– Certo. Algum problema financeiro? Dívidas? Têm casa própria?

Aaron responde num tom tenso.

– Não temos problemas financeiros. Temos casa própria. Temos uma hipoteca, obviamente, mas não temos problemas com dinheiro.

– Alguma disputa no seio das vossas famílias? Avós distantes, rixas familiares, esse tipo de coisa? Por vezes vemos avós que não têm acesso aos netos a resolverem o assunto por conta própria.

– Não. Os nossos pais adoram os miúdos. – Claro. Indignado. – Não há membros da família que estejam afastados.

Sive toca-lhe no braço.

– Aaron.

Ele olha-a. Ela incita-o em silêncio. *Tens de lhes contar tudo.*

– Isso não é relevante, Sive, por motivos óbvios.

– É melhor que saibam. Conta-lhes – pede Sive gentilmente. Penosamente.

E ele conta-lhes o segredo que nunca contaram a ninguém, pelo menos até à véspera. A «história de origem», tal como Aaron lhe chama em casa, não vão estar ouvidos pequeninos à escuta. Que estranho que os primeiros a saberem daquilo não seja a família, mas uma pessoa amiga de Londres e dois estranhos numa estação do metro. Será que todos saberão em breve? Não interessa. Naquele momento, Sive está aliviada. Nada daquilo ajuda, claro. Mas é melhor estar ali a falar com aqueles polícias, na ilusão de que estão a fornecer informações úteis, do que algures lá fora, inúteis, junto às bilheteiras. Vê as horas. Meio-dia e trinta e dois. Faye já desapareceu há quatro horas. Sive fecha os olhos e implora em silêncio para acordar, para que tudo aquilo não passe de um sonho; que ainda esteja no belo hotel londrino, num encontro com os velhos amigos de Aaron.

Três dias antes – sexta-feira

Giumbini

Os amigos de Aaron ficaram em silêncio, os olhos colados aos pratos, enquanto as palavras de Nita ecoavam nos ouvidos de Sive.

Alguém a matou.

Sive julgava que Yasmin, a irmã de Nita, tinha morrido num incêndio doméstico. Uma tragédia terrível de que ninguém tivera culpa. Aaron não gostava de falar do assunto e Sive nunca o havia pressionado para lhe adiantar pormenores. Nunca chegara a saber se fora devido a problemas de cablagem da velha casa ou a um carregador sobreaquecido ou a luzes de decoração acesas durante demasiado tempo.

Scott lá acabou por tomar a palavra.

– Eu sei que é difícil, Nita, sobretudo agora que está a fazer anos que aconteceu, e toda a gente precisa de um bode expiatório quando acontecem coisas más. Mas a morte da Yasmin foi um acidente.

Nita abanou a cabeça.

– Ele matou-a.

Sive ficou verdadeiramente confusa. Ocupou-se com o seu bife, cortando-o meticulosamente em pedaços minúsculos. Quem é que Nita achava que tinha matado Yasmin? Mas ninguém o perguntou. Ou seja, Sive apercebeu-se, eles já sabiam a resposta.

– A polícia nunca encontrou indícios da existência de um perseguidor, nem provas de que o incêndio foi propositado – continuou Scott.

Um perseguidor? Sive pousou os talheres. Santo Deus, como é que Aaron nunca o tinha referido? Relanceou o marido sem mexer a cabeça. Aaron estava de olhos fixos em Nita. A expressão era inescrutável.

– O Aaron sabe. – Nita apontou para o outro lado da mesa com o

garfo. – Talvez nós os dois sejamos os únicos que acreditaram na sua existência, mas isso não quer dizer que não tenha existido.

Sive olhou diretamente para o marido, que ficou em silêncio por um momento, como se ponderasse com cuidado as palavras a usar.

– Não sei se teve alguma coisa que ver com o incêndio – afirmou lentamente –, mas sei que ela julgava que estava a ser seguida. E sei que estava aterrada.

Sive mexeu-se na cadeira, espantada e intrigada, atenta às palavras tão bem selecionadas: «ela julgava que estava a ser seguida». Será que Aaron julgava realmente que houvera um perseguidor, ou estaria apenas a tentar apaziguar Nita?

Esta abanou a cabeça impacientemente.

– É demasiada coincidência. Ela era perseguida, alguém lhe deita fogo à casa, mas afinal não foi o perseguidor? *Haja paciência.*

Dave, que até então ainda não havia dito nada, levou a mão à de Nita. Parecia à beira das lágrimas.

– Não digas isso, Nita. É demasiado horrível.

– É horrível, mas não quer dizer que não tenha acontecido. O mundo não é o mar de rosas que tu julgas. – Olhou em volta, para os amigos. – Eu tenho razão. Eu sei que tenho. O incêndio não foi accidental. E não se esqueçam da vizinha que, naquela noite, viu o bandido do Michael Rosco na zona... Ele era conhecido por usar fogo posto como forma de intimidação.

Sive sentiu os seus olhos arregalarem-se. *Fogo posto e intimidação?*

– Então e em que ficamos? – perguntou Scott, batendo com o cigarro eletrónico na mesa, qual juiz a pedir ordem. – Ainda agora estavas certa de que era um perseguidor; agora dizes que pode ter sido um *gangster* sem qualquer ligação à Yasmin. – Olhou para Sive. – O Michael Rosco era um criminoso profissional conhecido. Na verdade, ainda é. No entanto – voltou a dirigir-se a Nita –, a Yasmin era professora de arte. Porque haveria alguém de a ter como alvo?

Antes que Nita pudesse responder, Aaron tomou a palavra, num tom impaciente.

– Nita, a vizinha que disse que viu o Rosco era uma gabarolas. Só queria fazer parte dos acontecimentos. Como é que ela ia conhecer o aspeto do Michael Rosco? Estava ansiosa por ter atenção, mais nada. E tinha visto qualquer coisa no jornal sobre ele e um incêndio que tinha provocado numa zona industrial, somou dois mais dois e teve dez.

– Exatamente o que eu acabei de dizer – interveio Scott. – Porque queria o Rosco alguma coisa com a Yasmin?

Nita cruzou os braços e fulminou os dois homens com o olhar.

– Não sei. Mas a Yasmin tinha um perseguidor e a vizinha garantiu que viu esse tal Rosco, e parece tudo demasiada coincidência.

– Não achas que já está na altura de seguir em frente, Nita? – insistiu Scott, e embora Sive tivesse a certeza de que ele não queria parecer paternalista, foi assim que soou. – Ainda por cima com uma vida nova a chegar ao mundo?

Nita franziu o sobrolho.

– Desculpa?

– Novos começos e isso tudo. Águas passadas a acompanhar as águas vertidas sobre o teste de gravidez. – Scott parecia deleitar-se com tais trocadilhos.

O silêncio voltou a imperar e Sive ficou com a impressão de que os velhos amigos esperavam apenas que Nita desse luz verde para que a noite prosseguisse. Para que a conversa voltasse ao tema da gentrificação, da cripto e da comida. Nita olhou-os a todos sem dizer nada, e, no fim, foi o telemóvel de Sive que salvou o dia, tocando sonora e repentinamente.

– Oh, desculpem. – Olhou para o ecrã. – É a *babysitter*. Tenho de atender.

Os outros dispensaram as desculpas. Ficava implícito que todos atenderiam um telefonema de uma *babysitter*, sobretudo de uma estranha num hotel.

Sive inclinou o corpo afastando-se da mesa e levou a mão ao ouvido a fim de ouvir melhor, perguntando a Willow se havia algum problema.

Estava tudo bem, afiançou Willow, Faye só queria dizer boa noite. Sive falou com a filha e depois voltou-se mais uma vez para a mesa, onde viu que o telefonema tinha resolvido o assunto: quebrara a tensão e permitira que a conversa regressasse a temas mais seguros.

– Como estão as coisas com a *babysitter*? – perguntou Nita.

– Está tudo bem. Já me posso descontraír. – Sive pegou no copo de vinho e bebeu um gole.

– Nem imagino deixar os meus filhos com uma *babysitter*. E muito menos com alguém que não conheço de todo. És tão *corajosa*, Sive.

– Pois, sabes, havia uma série de coisas que eu nunca iria fazer como mãe. Televisão. Chuchas. McDonald's. Açúcar. Subornos. – Sive bebeu um trago ainda maior de vinho e encolheu os ombros para Nita.
– E depois tive filhos.

Segunda-feira

13h

Quatro horas e meia. É o tempo que já passou e Sive mal se aguenta. Não consegue falar. Não consegue pensar. Não consegue respirar. Daria tudo. Tudo para que alguém dissesse *Já a tenho! Ela está aqui! Estava escondida debaixo de um banco*. Isto não está a ajudar, e ela sabe que não, mas não consegue raciocinar e não consegue ser forte e não consegue fazer nada. E querem que participe numa conferência de imprensa. Pediram-lhe para sair da estação do metropolitano e ir até àquele hotel a fim de dizer algumas palavras sobre a filha. Tem o peito demasiado comprimido. Faltam-lhe as palavras.

Tem Jude consigo, a fazê-la avançar na direção de uma mesa comprida, junto à qual está a DC Hawthorn. Aaron, pálido e com um ar sombrio, encontra-se do seu outro lado. Os jornalistas viram-se para eles. As máquinas fotográficas disparam. Ela olha em frente, com a mesa e a DC Hawthorn a esbaterem-se e a dissolverem-se.

– Ouve – diz Jude, num tom breve e profissional –, não faz mal chorar durante a conferência de imprensa. Até é uma boa ideia, é aquilo que as pessoas esperam, e se não chorares, ou se não pareceres suficientemente aflita, o público pode virar-se contra ti *assim*. – Estala os dedos. – Mas também tens de dizer algumas palavras coerentes. Cria laços com os espetadores. As mães têm qualquer coisa, sabes? Ainda mais do que os pais. Vai prender a atenção das pessoas.

Talvez, mas ajudará a encontrar Faye? Quantas vezes é que Sive viu uma publicação sobre alguém desaparecido nas redes sociais e a partilhou, esquecendo-se disso logo em seguida? Alguma vez chegou a realmente procurar a pessoa desaparecida? Vão ouvi-la a falar, vão abanar a cabeça, talvez até vertam uma lágrima ou duas, mas depois esquecem e seguem com a vida.

Agora estão sentados à mesa, em cadeiras almofadadas. Ao fundo da sala, as portas vão abrindo e fechando à medida que chegam mais repórteres. Rostos curiosos espreitam pelas falhas nas paredes de vidro opaco – hóspedes do hotel que se interrogam quanto ao pequeno ajuntamento de elementos da imprensa e aos dois pais devastados. Hawthorn está a falar. Aaron segura a mão de Sive. Concordaram que seria ela a falar, mas que ele tomará a palavra caso Sive não se aguente. Hawthorn faz-lhe sinal. Chegou a sua vez. Encara as câmaras. Cristo, como vai ela ser capaz de fazer aquilo? Fecha os olhos, invocando Faye. A sua bela, enérgica, alegre e faladora primogénita. Perdida e sozinha e com medo. Abre os olhos.

– A Faye tem seis anos e tem cabelo louro pelos ombros e olhos azuis. Está a usar um blusão de ganga cor-de-rosa. Tem uma mochila da *Frozen*. Adora *O Reino do Gelo*. Mas não o filme original; é bastante resoluto na preferência pela sequência. – Alguns risos dos jornalistas ali reunidos. – Adora *Maltesers*, chocolate quente e livros. Anda desesperada por ter um cão e por provar gelado de pastilha elástica. Prometi-lhe que podia experimentar enquanto cá estivéssemos. – A voz cede-lhe, porém Sive continua. – Ela não é de cá, por isso não conhece a cidade, nem vai saber como voltar para mim. – Engole em seco. Só mais uns segundos. *Aguenta-te*. – Portanto, se estiver a ver isto, por favor, por favor, fique atento. Lembre-se de nós quando sair de casa. Por favor, olhe à sua volta. Olhe para baixo. Ela é pequenina. Pode não a ver. Mas, por favor, fique atento, porque eu preciso que ela volte para mim.

E não consegue dizer mais nada. Enterra o rosto nas mãos e o braço de Aaron cobre-lhe os ombros e Hawthorn está a levantar-se para dizer qualquer coisa acerca de perguntas. Sive não as ouve. É como se o esforço para falar a tivesse deixado esvaída. Os sentidos não funcionam. Porém, ninguém lhe pergunta nada. Hawthorn é a única a falar. Apreende algumas palavras. Oito e meia. Seis minutos. Duas meninas. Todas as estações. Não há vestígios.

Não há vestígios.

13h23

Jude vê Sive tapar o rosto e Aaron a passar o braço sobre os seus ombros. As perguntas da imprensa são bastante normais – pormenores sobre os horários e os locais. E então ouve-se o inevitável «Há suspeitas de crime?» vindo de um homem baixo perto da frente. Sive afunda ainda mais a cabeça e Aaron aperta-a mais. É uma pergunta válida, e se não estivesse já a par dos pormenores, Jude tê-la-ia feito. Hawthorn oferece uma resposta formal padronizada sobre linhas de investigação e sobre não haver motivos para desconfiar de tal coisa, e sobre mente aberta e pontos críticos. Mas já passaram quase cinco horas e é difícil imaginar que uma criança sozinha passe despercebida durante tanto tempo.

Jude sai para o corredor do hotel a fim de tirar apontamentos para o artigo que está a escrever e vê a amiga de Aaron, Nita, a espreitar. Numa mão tem o telefone e na outra segura um tabuleiro de cartão com três chás em copos de *takeaway*, que ela conseguiu demorar uma hora para encontrar. Vendo melhor, Jude apercebe-se de que Nita está a filmar a conferência de imprensa através do vidro. *Mas que classe*, pensa Jude, e prepara-se para publicar no Twitter a sua própria fotografia da conferência de imprensa, sem qualquer sentido de ironia.

Nita vê-a, o rosto ilumina-se com a sensação de reconhecimento. Mais uma vez, Jude repara na vermelhidão em torno dos seus olhos e nas sombras por baixo, que nem o corretor aplicado como uma profissional consegue esconder.

– Ah, olá! – Nita suspende a gravação. – Disseram-me que eles estavam aqui e vim trazer-lhes os chás, e depois houve quem me dissesse que não podia entrar! – As palavras estão carregadas de indignação. – E agora, estes copos miseráveis de água de lavar pratos vão ficar frios. Mas enfim, a culpa não é minha. Quer dizer que é a

amiga jornalista da Sive?

Jude assente.

– Também é da Irlanda?

– Sim, mas agora moro aqui.

– A sério! Que bom. O meu vizinho é irlandês. Trabalha cá há quarenta anos e ainda parece que vem do interior profundo. Passa o tempo livre no *pub* Blarney Stone. Conhece?

– Não... mas eu não frequento *pubs* irlandeses.

– A sério! Não gosta?

Jude sente uma necessidade invulgar de se explicar.

– Bem, não queria estar a mudar-me para cá e acabar a conviver só com outros conterrâneos. Quero concentrar-me na minha carreira, conhecer gente nova...

– Hum, imagino que na sua idade não seja fácil mudar de país e conhecer pessoas novas – comenta Nita, como se Jude estivesse na terceira idade. Sorri, exibindo uns fabulosos dentes reluzentes. – Não me ligue. De certeza que já fez imensos amigos.

– Eu... sim. – Jude ruboriza-se. Se a cabeleireira contar como amiga.

– E sempre tem os seus colegas na redação do jornal, claro. Uma vida social pré-fabricada.

– Pois... eu trabalho a partir do meu apartamento.

Nita inclina a cabeça e, por um instante, Jude vislumbra o que lhe parece pena, como se aquela imbecil fosse capaz de dizer que Jude passa todas as noites e os fins de semana sozinha em casa, debruçada sobre o portátil.

– Estou constantemente fora, a entrevistar pessoas – apressa-se a acrescentar, agora irritada, talvez mais por causa do seu tom defensivo do que por algo que Nita possa ter dito. – Como agora, por exemplo.

– Bem, se está à procura de pessoas para entrevistar, terei todo o gosto em arranjar-lhe um bocadinho. – Nita prende uma comprida madeixa brilhante atrás da orelha. – Já conheço o Aaron há vinte

anos. Costumávamos morar juntos. Esteve noivo da minha irmã. Éramos todos chegados. *Muito chegados.*

Jude anui, à cautela. Que necessidade é esta que os seres humanos têm de fazer parte da ação? Assim que acontece alguma coisa vemos o público a correr para dizer como era próximo da vítima. *A irmã da vizinha da minha prima andou na escola com aquele homem que morreu.* Havia grupos de WhatsApp de todo o país carregados de intrometidos.

– E ainda somos. Muito chegados – continua Nita, à falta de resposta por parte de Jude. – Ele veio encontrar-se comigo e com os nossos outros amigos. – Abana a cabeça num gesto de tristeza. – Custa a crer que está a acabar assim. Mas enfim, se precisar de alguém para entrevistar, eu encontro um espacinho na agenda.

Jude assente, sem dizer nada.

Nita mira a sala onde a conferência de imprensa está a terminar.

– Qual é mesmo o jornal para onde disse que trabalhava? – pergunta Nita.

– Não disse.

Uma pausa.

– Certo. Bem, se calhar é melhor levar estes chás àqueles coitados. – Estica o pescoço. – Acho que já estão a sair. – Segura o tabuleiro com uma mão e enfia a outra na mala de ar dispendioso, de onde retira um cartão de visita que oferece a Jude. – Ligue-me, ou envie-me uma mensagem privada quando quiser. Faço o que for preciso para ajudar. – E, com isto, afasta-se.

A conferência de imprensa terminou e Jude olha na direção da receção do hotel, interrogando-se se haverá onde possa sentar-se para compor a entrevista. É então que avista um rosto familiar. Um homem alto, de fato, de cabelo encrespado e tez avermelhada, ao fundo do corredor. Tal como Nita, está a espreitar pelo vidro para a conferência de imprensa. Ou então para os Sullivans. De onde é que o conhece? Jude deixa-se fitá-lo, tentando recordar-se. Orgulha-se do seu excelente olho para o pormenor, mas não consegue precisar. Curiosa,

começa a acercar-se dele, mas o homem já se está a virar e a afastar, as pernas compridas a levá-lo além da receção e para fora do hotel em passos largos. Será que a viu a aproximar-se? Talvez não passasse de um observador curioso, pensa, enquanto o homem desaparece de vista. Mas tem a certeza de que já o viu.

Na sala multifunções, os repórteres estão a dispersar, Nita está a filmar e os Sullivans estão a murmurar entre eles enquanto os funcionários do hotel empilham cadeiras. Num abrir e fechar de olhos, tudo terminou. Os jornalistas vão entregar as suas peças rapidamente, os internautas vão abanar a cabeça com o choque e todos voltarão ao que estavam a fazer. Todos, exceto Sive e Aaron, que parecem desesperadamente abandonados.

Jude acerca-se deles.

– Estiveste bem – garante a Sive. – A Hawthorn disse o que vão fazer a seguir? Onde devemos procurar?

Sive olha-a e abana a cabeça, e Jude sente a profunda futilidade da situação.

– Acho que voltamos à estação de Oxford Circus – diz Aaron, parecendo perdido, e, sem ideias melhores, é o que fazem.

Estão no átrio das bilheteiras, junto ao mesmo pilar perto das cancelas, quando alguém que Jude não conhece se aproxima deles. Um jornalista? Imagina que não deve faltar muito para que repórteres de outros jornais se apercebam de que os Sullivans ali estão, eliminando a exclusividade de Jude. Observa o homem a acercar-se. Alto e espadaúdo, curva os ombros, como se estivesse consciente do espaço que ocupa. Está a usar um boné que agora tira, expondo uma cabeça completamente calva.

– Aaron, sinto muito, pá. O Dave pediu-me que viesse ajudar – diz o homem.

Aaron aperta a mão dele e apresenta-o a Sive.

– Este é o Jerry, o irmão do Dave. Acho que já se conheceram.

Sive confirma-o.

– O Dave teve de trabalhar, mas pediu-me para te dar uma mãozinha, por isso vim logo para aqui a seguir à corrida.

Aaron franze o sobrolho.

– Mas tu não participaste na corrida. O teu nome não estava no quadro.

Jerry parece embaraçado por um instante.

– Desculpa, pois, não pude... Mas, seja como for, estou livre. E juntei um grupo do clube de remo, todos os que estavam de folga hoje. Estão todos prontos a procurar. Devemos ir para algum sítio específico?

Aaron ergue as mãos num gesto de impotência.

– A melhor hipótese talvez sejam as estações da Central Line? Já lá estivemos, mas...

Jude apercebe-se do vazio na voz. Seria mais fácil se tivessem algum indício concreto, fosse o que fosse, algo mais específico do que «procurar em toda a cidade de Londres». Ou se a outra miúda, Bea, lhe conseguisse dar uma pista. O facto de ela ter visto o que aconteceu, mas ser incapaz de lhes contar era mais do que frustrante, e Jude não deixava de pensar se valeria a pena tentar outra vez. Um novo dilúvio de notificações encheu-lhe o telemóvel e ela afastou-se para as verificar. Mais partilhas, mais mensagens privadas, mas nada de interesse prático. Ainda a pensar no homem de fato, pesquisa no Google «colaboradores conhecidos de Pete Brosnan» e depois clica no separador das Imagens. Um homem de peito largo, *T-shirt* justa e gorro vermelho. Um homem esguio de pele estragada pelo sol e pelo tabaco. Um louro de faces afogueadas, os olhos ocultos atrás de óculos de sol de avião. Nenhum deles é o jovem de fato que viu. E ele não parecia um malfeitor. Parecia um analista de um banco importante da City. E de repente, com uma nitidez absoluta, Jude lembra-se de onde o viu.

Dois dias antes – sábado

Meridian Hotel

– Aaron?

Sive estava sentada à beira da cama do hotel, a amamentar Toby, enquanto Faye e Bea viam os desenhos animados das manhãs de sábado na sala de estar ao lado.

Aaron ergueu o olhar do telefone.

– Hum?

– Lembras-te daquilo que a Nita estava a dizer ontem ao jantar, sobre um perseguidor? Isso é verdade?

Aaron devolvera os olhos ao telefone.

– A Nita sempre foi um bocadinho histérica.

– Ó Aaron, não a menosprezes como sendo histérica. E eu detesto essa palavra.

Aaron voltou a erguer o olhar, com um sorriso.

– Desculpa. A Nita sempre foi um bocadinho dramática.

– Estás a dizer que não é verdade? Tu próprio disseste que sabias que a... – fez uma pausa, não estando habituada a dizer aquele nome – ... que a Yasmin tinha medo de estar a ser seguida.

Credo, porque seria aquilo tão incómodo?

Aaron suspirou e foi sentar-se ao lado dela na cama, debruçando-se para lhe beijar a testa.

– Essa parte é verdade. Ela tinha a certeza de que alguém a estava a seguir e a vigiar a casa.

– E tu achavas que não?

O marido ergueu as mãos.

– Sinceramente, não sei. Acho que certa noite foi mesmo seguida, e isso assustou-a. Tornou-se hipervigilante. E depois, quanto mais ela procurava o perigo, mais o via, percebes?

Sive assentiu.

– Portanto, ela olhava pela janela à noite e via uma sombra na rua. Chamava-me e, onde ela via a sombra de um homem, eu talvez visse a sombra de uma árvore a abanar com o vento. Ou talvez lá *tivesse* estado um homem, que na altura já teria desaparecido. Não se podia ter a certeza.

– Meu Deus, isso deve ter sido horrível para ela.

– E foi. Começou a afetá-la bastante. Ficava ansiosa quando pensava em sair, ansiosa quando voltava para casa de noite. Costumava ir ao seu encontro sempre que possível, para voltarmos juntos, mas era habitual eu sair mais tarde. Isso também começou a afetar a nossa relação.

– Sim? – Entravam agora num território estranho, porém Sive não o queria interromper.

– Pois. Ela mudou. – Aaron levantou o telefone da cama e depois voltou a pousá-lo. – Foi como se, de repente, perdesse todo e qualquer pingo de humor.

– Não admira. Se me andassem a perseguir, eu também perderia a piada.

– É justo. Fomos inclusivamente à polícia, mas eles nunca chegaram a uma conclusão.

– E depois houve o incêndio – resumiu Sive baixinho.

– E depois houve o incêndio.

Satisfeito com o seu leite, Toby aninhou-se nos braços de Sive para uma sesta. Era estranho estar a falar sobre fogo e morte, mas haviam demorado tanto para chegarem àquele ponto que ela se sentia incapaz de parar. – Então e esse tal Michael Rosco que a Nita mencionou? Não achas que a vizinha o viu mesmo? Ou só disseste aquilo para acalmar a Nita?

Aaron abanou a cabeça com veemência.

– Não estou a querer acalmar ninguém. A vizinha não tinha razão. – De repente, a voz ganhara uma maior dureza. Uma certa impaciência. – Era uma bisbilhoteira, a tentar meter-se no drama.

– Está bem. – Sive mudou de abordagem. – O que é que a polícia

acha que aconteceu?

– Uma vela. – Mais calmo. Sive apertou-lhe a mão. – Ela adorava aquelas velas perfumadas e era rara a noite em que não acendia uma. Ainda mais a partir do momento em que passou a recear que estivesse a ser seguida. Julgo que se sentia reconfortada a iluminar a casa. – Tossiu. – Má escolha de palavras. Porque foi exatamente isso que aconteceu. Certa noite adormeceu na nossa cama depois do duche. Um cortinado incendiou-se e a casa foi consumida numa questão de minutos.

– Ai, santo Deus. – O cabelo de Sive caiu-lhe sobre os olhos, porém, com Toby num braço e a mão de Aaron sobre a dela, foi incapaz de o desviar. – Sinto muito.

– É esquisito falar sobre isso. – Abanou a cabeça. Os olhos reluziram e Sive voltou a apertar-lhe a mão.

– Ainda bem que não estavas na casa. Espera... não estavas, pois não?

– Não, estava no trabalho. – O rosto de Aaron foi então acometido por uma expressão defensiva, algo que ela vira amiúde ao observá-lo em tribunal. Era o ar com que o marido ficava quando pisava terreno mais traiçoeiro, desafiando todos os que o quisessem pôr em causa. Ela não insistiu.

– Mas enfim – rematou ele, com uma boa-disposição forçada. – É melhor arranjar as miúdas para o *brunch* com o pessoal. – Desviou gentilmente o cabelo dos olhos de Sive e beijou-lhe a testa.

– Não podíamos ficar por nossa conta esta manhã e ir ter com os teus amigos mais tarde? Vai ser tão chato para as meninas.

– Vá lá, só estou com esta gente quando o rei faz anos. – Aaron passou-lhe o braço sobre os ombros e aninhou-se no pescoço dela. – Por mim? Por favor?

Era difícil recusar. Aaron não via aquele grupo específico de amigos com frequência. Em Dublin, a vida social dele consistia em eventos profissionais, não tinha um grupo de amigos próprio. Frequentara um colégio interno em Meath porque os pais viajavam

muito e os colegas do secundário, por sua vez, haviam-se instalado em paragens distantes com as suas ilustres carreiras brilhantes dignas de um LinkedIn. Portanto, sim, era difícil dizer que não.

– Se calhar... Mas de certeza que te sentes bem com isto? Ali às turras com o Scott, tu a deitá-lo abaixo, ele a deitar-te abaixo?

Um sorriso.

– Sou muito melhor nisso do que ele.

– Gostas mesmo disso, não gostas? – indagou Sive, admirada.

– Ah, gostamos os dois. Estamos só na brincadeira.

Sive não tinha a certeza de que Scott pensasse o mesmo.

– Lembra-te de que a mulher o deixou. Pode não estar na melhor das condições para essa tua suposta «brincadeira».

– Ele recupera – asseverou Aaron com a sua habitual plena convicção.

– Está bem, mas se tenho de aguentar mais um dia a ouvir os comentários da Nita sobre a maneira como educo os meus filhos, ficas a dever-me um grande favor. Jesus. Aquela mulher julga que sabe tudo e ainda mal fez a ecografia das doze semanas.

– Ela sempre foi assim. É a sua maneira de se sentir boa. Para saber que se está a sair bem na vida tem de se comparar constantemente com os outros e precisa de sair por cima. Trabalho, casas, dinheiro, sapatos, seja o que for.

– Hum. Farinha e saco? Conheço alguém que se está sempre a comparar...?

– *Quem?* – exclamou Aaron, de olhos arregalados, numa inocência fingida. – Mas pronto, é por isso que a Nita vai ter o bebé. Mais um ponto a riscar na lista.

Sive olhou para o bebé adormecido nos braços.

– Então, vá lá, ninguém tem um filho só para riscar um ponto de uma lista.

Aaron ergueu uma sobrancelha.

– Conheceste a Nita, certo? Ela parece-te ter instinto maternal?

– Lá porque uma mulher usa sapatos caros, isso não quer dizer que

seja incapaz de ser maternal. Achas que as mães vêm todas com vestidos *Laura Ashley* e aventais bonitinhos?

– Laura quem?

Sive revirou os olhos. O telemóvel apitou na mesa de cabeceira e ela relanceou-o. Um *e-mail* de um fotógrafo sobre outro dos seus entrevistados.

– Trabalho?

Sive fez que sim com a cabeça.

– Não tenho de o ler. – Embora, na verdade, quisesse muito fazê-lo.

Aaron beijou-lhe a face.

– Ah, tudo bem, não te coíbas por minha causa. Mas depois ativa o teu *out-of-office*, sim? Estas férias também são tuas. Tempo para a família.

Uma mensagem de ausência do escritório. Sive não se podia dar ao luxo de recusar trabalho. Coisa que Aaron, com a sua equipa de apoio e Garvin, o assistente pessoal extraordinariamente competente, não percebia.

– Está bem, se puseres o Toby a arrotar, eu escrevo uma resposta rápida e podemos ir.

Entregou o bebé a Aaron e ficou a vê-lo erguer Toby até ficarem de bochechas encostadas. Sorriu para consigo, agradecendo em silêncio ao universo. Um marido imperfeito e adorável, e três filhos imperfeitos e adoráveis. Sive Quinn era uma mulher cheia de sorte.

Pelo menos durante mais dois dias.

Segunda-feira

13h40

Desaparecida há cinco horas. Sive limpa os olhos e endireita-se. Estão no átrio das bilheteiras de Oxford Circus, ali de pé sem fazer nada, e têm de retomar as buscas. As lágrimas não vão ajudar Faye. Aaron aperta-lhe a mão. Tem o rosto pálido e os olhos raiados de sangue. Isto é igualmente difícil para ele, recorda-se Sive. *Será mesmo?*, questiona uma vizinha na sua cabeça. Sive ignora-a.

Jerry, o irmão de Dave, anda por ali, provavelmente sem saber ao certo como ir embora. Acaba por fazer uma breve vénia atrapalhada e diz que vai ao encontro dos amigos do clube de remo a Tottenham Court Road e seguem a partir daí. Sugeriu que Nita podia juntar-se-lhes, mas ela recusou, decidindo percorrer as ruas adjacentes de Uber. Não pareceu a Sive uma maneira propriamente eficiente de procurar, mas será que já houve alguma coisa que funcionasse? Por breves instantes, o seu pensamento volta-se para o que, na véspera, já tarde, havia descoberto sobre Nita em casa de Maggie. Era estranho que na altura tivesse parecido tão importante. Tinha pensado em abordar o assunto diretamente com Nita. Agora já não interessava. A mente regressa a Toby e Bea. Estarão bem com Scott? E se Toby não aceitar o biberão? Cruza os braços com força sobre o peito, sentindo o leite a escorrer, o corpo a dar-lhe sinais. Talvez devessem regressar ao hotel? Mas não pode. Não pode enquanto Faye continuar perdida.

Jude acerca-se, olhando para qualquer coisa no telemóvel.

– Sive, como é que foi mesmo a história com aquele Tim? O que encontrou a tua outra miú... hum, a Bea. Ele estava a caminho do trabalho?

– Sim, a namorada saiu em Bond Street e ele viu-me a gritar pela porta fechada.

– E foi quando reparou na Bea?

– Sim. – Sive tenta engolir ao sentir o nó na garganta. – Levou-a até Oxford Circus e encontrou um funcionário do metro. – Interrompe-se para respirar. – Tinham acabado de receber informações de Bond Street, mas ninguém se apercebeu de que a Faye também lá devia estar. – Como pôde deixar que aquilo acontecesse? Encosta-se mais a Aaron.

– Certo – diz Jude, insistindo, como se não houvesse tempo para conforto, e tem razão: não há. – E onde é que ele disse que trabalhava?

– Não sei. Num escritório em Liverpool Street, acho eu.

– E chegaste a conhecê-lo?

– Sim, estava a dirigir-se à saída e olhou para trás. Depois viu-me e veio ter comigo.

– Ah-ha – exclama Jude. – Era isso que me estava a fazer confusão.

– Como assim?

– Se trabalha em Liverpool Street, porque é que não apanhou o metro seguinte? Porque é que ia sair em Oxford Circus?

– Oh. Pois, não sei. – Ainda as palavras estavam a sair da sua boca quando Sive se lembrou de ter pensado que havia algo estranho em Tim. Não propriamente em relação a ele, mas a algo que disse. Tenta recordar-se do que foi, mas não consegue. Jude continua a falar.

– Hum. Não faz sentido... E ainda agora o vi, no hotel.

– O quê?

– Andava a rondar a porta da conferência de imprensa. Parecia um funcionário qualquer na sua hora de almoço. Mas está muito longe do trabalho.

– É estranho.

– Pois. – Jude exhibe o telefone. – Segundo o LinkedIn, ele trabalha num sítio chamado Anderson Pruitt, em Liverpool Street. Então, porque estaria a sair aqui?

Aaron intervém antes que Sive tenha oportunidade de responder.

– E isso é relevante porquê? É óbvio que não levou a Faye. Onde é que a teria? Na pasta?

Sive leva-lhe a mão ao braço.

– Aaron.

Jude não se deixa afetar pela tirada.

– Concordo plenamente. É óbvio que não teria a Faye com ele. Mas porque mentiria quanto ao seu destino? – É uma pergunta retórica, porém Jude faz uma pausa e olha de Sive para Aaron antes de continuar. – Quando alguém mente, por mais inocente que seja a mentira, vale sempre a pena investigar. Para quê mentir? – Jude di-lo de forma tão simples, tão casual, que desta vez, nem Aaron tem resposta.

– Tens razão – admite Sive. – Deve haver uma explicação lógica, mas vale a pena confirmar. Vamos dizer à DC Hawthorn.

Um grito a alguns metros deles chama-lhe a atenção. Maggie, de longos caracóis ruivos a esvoaçarem atrás de si, corre para eles, esquivando-se a um grupo de turistas surpreendidos.

– Ai, meu Deus. Peço tanta desculpa. – Tem uma expressão perturbada, os olhos arregalados com o choque. – Não sabia. Senão já teria vindo. Há novidades?

Sive e Aaron abanam a cabeça.

– Sive, esta manhã esqueci-me do telemóvel em casa e, quando não apareceste, não tinha como falar contigo. – Maggie, ofegante, engole o ar. – E depois não apareceu mais ninguém. Depois da corrida. No Rooftop Bar. E imaginei que tivessem cancelado o *brunch*. Por isso voltei a casa. – Nova golfada de ar. – E demorei uma eternidade a encontrar o telemóvel, caso contrário teria chegado há mais tempo. Sou tão parva. – Parece estar prestes a chorar. – Estava entre as almofadas do sofá. Só me apercebi quando me sentei e esta coisa parva – aponta para o *smartwatch* que tem no pulso – voltou a ficar ao seu alcance e as notificações começaram a cair. E tinha uma série de chamadas perdidas e não sabia o que se passava e depois vi nas notícias na televisão. – Agora, as lágrimas começam a escorrer. – Ai, meu Deus, quase morri. Lamento tanto, a sério.

Puxa Sive para um abraço, no entanto ele não lhe traz qualquer

conforto.

– Como nos encontrou aqui? – pergunta Jude com o que parece a Sive um toque de ceticismo.

Maggie fita-a, curiosa.

– Esta é a Jude – explica Sive. – Nós trabalhamos para o mesmo jornal.

– Ah. É um prazer conhecê-la. – Maggie volta a encarar Sive. – Quando vi a conferência de imprensa na televisão apanhei logo um táxi para cá. Tentei telefonar aos outros, mas ninguém me atendeu, depois mandei uma mensagem ao Jerry e ele disse-me onde estavam. – Olha em volta e dirige-se a Aaron. – Os outros estão cá? O Scott e o Dave e a Nita?

– O Scott está a tomar conta dos miúdos. O Dave tem de trabalhar até mais logo. E a Nita desapareceu. Anda de Uber, a vasculhar as ruas a partir do interior de um carro. – Aaron revira os olhos. – E não te preocupes, não foste a única que só se apercebeu agora. A Nita adormeceu e só apareceu às onze e meia.

Maggie assente.

– Pois. Ela ficou comigo e esta manhã não a quis acordar, depois... – Interrompe-se e relanceia Sive. – Mas pronto, já cá estou. Digam-me o que fazer.

Mas o problema é esse, pensa Sive. Ela não sabe o que fazer, nem onde procurar, nem como ajudar. Só precisa de alguém que resolva aquilo. Que reaja à conferência de imprensa. Que apareça com a sua filha.

É então que a DC Hawthorn surge a correr na direção deles. Sive tem a vaga noção de duas ou três pessoas a correrem atrás dela; imagina que sejam jornalistas. Porém, está focada em Hawthorn.

– Temos uma testemunha. – A agente tenta recuperar o fôlego. – Alguém que viu a Faye. – Cala-se, os olhos a saltarem de Sive para Aaron, como se estivesse a avaliar em que medida poderão receber o que está prestes a revelar. – Se calhar é melhor sentarem-se.

Dois dias antes – sábado

Besk

O *brunch* tinha sido marcado para as onze, num café *hipster* em Hackney chamado Besk. Estava cheio de casais e de grupos de pessoas nos seus vinte e trintas a comerem abacates esmagados acompanhados pelos seus *Bloody Marys* de sábado de manhã. Com as mesas quase coladas umas às outras e cadeiras desemparelhadas de espaldares encostados, não era, de todo, apropriado para crianças. Sive avançava com um esgar enquanto tentava manobrar o carrinho de bebé pelo café. Aaron tinha ido à frente com as meninas e procurava mais cadeiras quando ela chegou à mesa.

– Oh, desculpa, pá – lamentou-se Dave. – Esqueci-me de que os miúdos vinham contigo. – Bebeu um gole da garrafa de cerveja. O estômago de Sive deu uma volta ao pensar em cerveja antes do pequeno-almoço, estivesse ou não de férias.

Scott ergueu o copo.

– Mimosa. Não há melhor para a ressaca. Queres uma?

– Não faz o meu estilo, Burner – respondeu Aaron. – É um bocadinho... feminino, não?

– Só se não te sentires à vontade na tua pele, pelo menos era o que eu acharia – retrucou Scott com um sorriso, batendo no braço de Aaron com um jornal enrolado.

Sive soltou um suspiro discreto.

Vinte minutos depois, Sive havia equipado Faye e Bea com lápis de cor e papel e estava a tentar comer os seus ovos *Benedict* com Toby sentado no colo. Sempre que levantava o garfo, o cotovelo batia em Maggie, sentada ao seu lado. Que saudades do espaço no bar do hotel, na véspera, sobretudo com Faye, aborrecida, a levantar-se para passear pelo café.

– Ela está bem? – perguntou Nita, de sobrolho franzido.

– Está a explorar – respondeu Sive. – Mas o pessoal pode não gostar – admitiu, e chamou Faye. A pequena pareceu não a ouvir, dirigindo-se às traseiras do café, onde se situavam os lavabos.

– Vai explorar as casas de banho e depois volta – informou Sive, esticando-se à frente de Maggie para endireitar o copo de Bea pela terceira vez.

– Este sítio não é muito bom para crianças – concedeu Maggie. – Desculpa, Sive, devíamos ter pensado nisso.

Sive rejeitou a ideia com um aceno da mão.

– E que tal – continuou Maggie – se quando estes aqui estiverem a fazer a corrida virtual deles, na segunda-feira de manhã, tu e eu e os miúdos fôssemos tomar um *brunch* ao Rooftop Bar? Há montes de espaço e à segunda vai estar sossegado.

– Oh, que bela ideia – disse Sive, embora não lhe parecesse, de todo, uma boa ideia. Terraços e crianças não combinavam, além de não fazer ideia onde ficava, nem de como chegar lá.

– Bom plano – interveio Scott. – Nós vamos estar ocupados com a corrida, por isso mais vale entreteres-te com uma refeição agradável com a Maggie.

– Quanto tempo demora a corrida? – perguntou Sive.

– A corrida propriamente dita não demora muito. Mas quando todos tomarem o seu duche e assim... – Levantou as mãos, como se dissesse que isso poderia durar uma quantidade indeterminada de tempo. – E se fôssemos ter com as senhoras ao Rooftop Bar depois de terminados? Beber umas cervejas a comemorar a minha vitória? – Deu uma cotovelada a Aaron.

– Ah, vais ganhar, vais? Depois vemos.

– Que máquina vais usar, Aaron? – perguntou Dave, enfiando um rebuçado de mentol na boca e oferecendo a embalagem aos outros. Bea fez menção de aceitar um e Sive esticou-se mais uma vez à frente de Maggie para afastar gentilmente a mão da filha.

– Então, deixa-a comer um rebuçado! – Dave voltou a oferecer a

embalagem. – Tenho muitos.

– É um bocadinho nova para *Polos* – disse Sive com um sorriso.

– Ah. Pois – tornou Dave, num tom que sugeria que pensava que ela estaria a exagerar. – Mas, diz lá, Aaron, que máquina de remo é que vais usar?

– Uma do ginásio do Scott – respondeu Aaron. – Vais usar a máquina que tens em casa?

– Sim, e o Jerry também tem uma em casa. Mas ele ainda não sabe se pode baldar-se ao trabalho. – Dave exibiu um sorriso rasgado. – Espero que não possa, senão bate-nos a todos. – Sive encontrara-se com Jerry uma ou duas vezes em encontros. À semelhança do irmão, Jerry tinha uma expressão gentil e ansiosa por agradar, e era, de longe, o melhor remador de todos, mas pertencia à segunda divisão no que dizia respeito àquele grupo de velhos amigos. Era um acompanhante periférico: convidado para eventos de remo, mas não tanto para a confraternização geral, nem para *brunches hipster*.

– Acho que já somos uns vinte e dois, pelo que deve ser uma boa corrida – anunciou Scott, ao que Nita assentiu. Também ia participar.

Sive foi ouvindo, mais uma vez espantada com o conceito de corrida de máquinas de remo. Tudo começara durante o confinamento, quando não podiam encontrar-se para remar na água. Na altura usavam máquinas em casa, ligadas virtualmente. E agora que era possível voltarem à água, continuavam a usar com regularidade máquinas para corridas improvisadas. Não lhe fazia sentido, mas, pelo menos, isso significava que no dia seguinte, Aaron iria juntar-se a ela mais depressa do que se estivesse a remar em água a sério. *Ao menos isso*, pensou, olhando e vendo Faye a dirigir-se a um empregado com pratos quentes. *Menos tempo como mãe solitária*.

Sive ziguezagueou por entre as mesas para ir buscar Faye de volta ao seu lugar. Quando se sentou, Scott apontava para algo no jornal.

– Olha só: corpo encontrado em Dublin. Sufocado com um saco de plástico. – Encolheu os ombros num arrepio exagerado. – Está ligado aos Callans, aqueles tipos contra quem tu estás, Aaron.

– Eu não estou contra eles – refutou Aaron. – Estou a defender o Pete Brosnan de uma incriminação clara.

– Segundo ouvi dizer, encontraram uma arma enterrada no jardim dele, não foi? – lançou Scott, e Sive identificou o desafio na sua voz.

– Foi. Para o *incriminar*.

– Mas como é que tens tanta certeza de que o Brosnan está inocente?

– Bem... – Aaron sorriu magnanimamente para os rostos interessados – ... ele não estava no país na altura do crime.

Scott pareceu confuso.

– Nesse caso, porque vai a julgamento? Os registos de voo ou o controlo de passaportes não provam que era impossível que o tivesse feito?

– Pois, infelizmente, ele e a Carmen, a mulher dele, apanharam o *ferry*. Atravessaram Inglaterra de carro, percorreram França e chegaram a Espanha. Ele tem medo de andar de avião.

– Então, se não há provas de que ele esteve em Espanha, como é que sabes que esteve? – indagou Scott.

– É aí, meu amigo, que entra em jogo a tecnologia. – Aaron exibiu um sorriso benevolente.

Sempre um *entertainer*, pensou Sive, com um misto de irritação e de orgulho.

– Como assim? – Scott tirou o cigarro eletrónico do bolso do *blazer*. Se voltasse a armar-se em juiz com o martelo, Sive poderia ter de se ausentar.

– O telemóvel, o *Fitbit*, o portátil – explicou Aaron. – Tudo o que ele tem mostra que esteve em Espanha. – Aaron exibiu um sorriso satisfeito ao ver o público a assentir apreciativamente. Todos, menos Scott.

– Espera lá.

Cinco cabeças viraram-se para Scott.

Este bateu com o cigarro eletrónico na mesa para dar ênfase às palavras e Sive ocultou o esgar com o *cappuccino* frio.

– A mulher não podia ter ido sozinha a Espanha e levado o telemóvel, o *Fitbit* e o portátil dele? Para fazer parecer que ele esteve lá?

Quatro cabeças viraram-se outra vez para Aaron.

– Hum, não. Ela não esteve lá sozinha, esteve com ele. Os vizinhos no complexo de apartamentos tê-los-iam visto.

– Claro que sim, mas será que os vizinhos os conhecem bem? Não poderia ter ido outra pessoa com a Carmen? Alguém que todos aceitarão como sendo o marido dela? Usa o *Fitbit*, anda com o telemóvel, faz umas chamadas? Simples, pelo menos era o que eu acharia. – Scott pareceu satisfeito com a dedução.

Dave inclinou a cabeça enquanto ponderava a sugestão.

– Uau, e isso resultaria? É impressionante, Scott. Davas um bom criminoso. Houve um caso no trabalho em que...

Aaron interrompeu-o com um estalar da língua.

– Tens andado a ver *Lei & Ordem* a mais – disse, abanando a cabeça e sorrindo para mostrar que tinha uma certa pena de Scott e das suas hipóteses extravagantes.

Scott retribuiu o sorriso.

– Mas eu tenho razão. Não seria assim tão difícil. Digamos, por exemplo, que o Brosnan tinha um irmão. Ele tem um irmão?

Aaron encolheu os ombros. Pete Brosnan tinha um irmão, Sive sabia disso, e sabia que Aaron também o sabia.

– Não faço ideia se tem irmão ou não, mas se tivesse, de certeza que ele não ia até Espanha com a Carmen Brosnan só para dar um álibi ao irmão.

– Porque não? Se resultar, o teu homem safa-se com um crime.

Aaron suspirou como se estivesse a explicar algo a uma criança pequena.

– Olha, a verdade é que... – pegou num pedaço de *bacon* e enfiou-o na boca, mastigando enquanto o público aguardava – ... os Callans estavam a tentar eliminar um traficante de droga e culpar o Brosnan por isso. Dois coelhos, uma cajadada. Mas apanharam o tipo errado. E

o Brosnan tem-me a *mim* como advogado. – Bateu com o polegar no peito e o sorriso satisfeito regressou. – Por isso, os Callans estão fodidos.

Sive sentiu um aperto no estômago e olhou instintivamente em seu redor para ver se alguém estava a ouvir. Sabia que estava a ser tola. Como se alguém num café de Londres fosse ouvir Aaron e transmitir a informação a criminosos em Dublin. Mas, mesmo assim... Eles eram infamemente cruéis e aquele tipo de conversa por parte de Aaron deixava-a nervosa.

– *Claro*. – Scott aquiesceu a enfatizar o sarcasmo. – De certeza que o bando criminoso mais temível da Irlanda está a tremer de medo.

– Mas é emocionante, não é? – meteu-se Dave. – Estar envolvido com a lei e apanhar os maus. Também é isso que eu sinto em relação ao meu trabalho. A maneira como...

Aaron tirou o boné da cabeça de Dave.

– Pois, pois, já sabemos. Onde estaríamos sem o Agente Dave a manter a ordem nas ruas de Londres.

Dave agarrou no boné e devolveu-o à cabeça.

– Muito engraçadinho. Aquilo que eu faço é importante, sabes – afirmou, mas estava a sorrir. – Se a polícia não apanhasse ninguém, não tinhas quem defender. Nós os dois pertencemos à mesma equipa. – Deu um murro ao de leve no ombro de Aaron e Sive julgou ter visto o semblante do marido turvar-se ligeiramente.

– Mas pronto – atalhou Scott –, tens aqui a história do corpo que encontraram em Dublin, para o caso de a queres ler. – Passou o jornal a Aaron, no momento exato em que Bea derrubou um copo de leite, molhando as bordas das páginas.

– Ah, bolas, desculpa – lamentou-se Aaron.

– Não faz mal, já o acabei. Deita-o fora quando acabares, ou dá-o ao Dave, por causa das palavras cruzadas.

– Já fiz as palavras cruzadas em casa, pá, mas deixa-me ver essa história sobre o corpo. – Dave debruçou-se para ler também.

– Meu Deus, já chega de corpos e de sacos de plástico! – exclamou

Maggie. – Voltemos a planear o resto da vossa estadia. Sive, eu tenho o teu número? Devo ficar com ele para o caso de haver algum problema na segunda de manhã?

Maggie *tinha* o número dela. Sive sabia-o pois enviava sempre uma mensagem a Maggie após as visitas a Londres para lhe agradecer por ter passado tempo com eles. Secretamente à espera de uma amizade continuada. Mensagens de texto que, era notório, diziam menos a Maggie do que a Sive; sorriu para si mesma pela sua necessidade.

– Acho que já o deves ter, mas, se não tiveres, diz-me.

– Ótimo. Encontramo-nos no Rooftop Bar às dez? Tirei o dia de folga, por isso vamos começar com estilo enquanto aqui estes se vão esfalfar nas máquinas de remo! – Os olhos franziram-se.

– Excelente – disse Sive. – Parece perfeito.

– Adorávamos ir lá. Era o nosso pouso. Parecíamos o elenco do *Friends*, só que muito menos bonitos e com muito mais tequila – comentou, Maggie, rindo-se. – Vocês lembram-se daquela vez...

Mas foi interrompida por Dave, que apontava para qualquer coisa no jornal.

– Aaron! Viste isto? «Famoso empresário Hugh Pemberton detido.» Ele não foi uma das tuas testemunhas, há uns anos?

Aaron abanou a cabeça.

– Não, minha, não.

– O quê? O Hugh Pemberton: bigodinho branco e óculos de armações de arame. Baixo, Rico. Lembras-te?

– Não. Terá sido um dos teus casos no trabalho?

Dave pareceu confuso e depois a sua expressão alterou-se.

– Se calhar até tens razão. Pois foi. – Assentiu lentamente, como se estivesse a recordar-se de alguma coisa, e Sive interrogou-se se estariam prestes a ser brindados com nova e longa história profissional de Dave.

Aaron dobrou o jornal e dirigiu os olhos ao telemóvel por baixo.

– Raios. – Tamborilou com os dedos na mesa, algo que, regra geral, era sinal de energia nervosa.

– Está tudo bem? – perguntou Sive.

– Duas chamadas perdidas do Garvin. – Ergueu o olhar. – É o meu assistente – esclareceu aos outros. – Mas o que é que ele quer a um sábado de manhã? – Empurrou a cadeira, quase batendo no lugar atrás dele. – Desculpem, mas tenho de lhe telefonar. É o preço do êxito – acrescentou, num tom resmungado. – Nada de folgas. – Percorreu as mesas e saiu do café, com uma mão a tapar o ouvido para se proteger da algaraviada matutina de sábado.

Sive observou as costas do marido que se afastava, de repente consciente de que Scott também estava a olhar com o que parecia ser ressentimento mal reprimido espalhado pela cara. Scott viu-a a olhar e, com a mesma rapidez, neutralizou a expressão.

– Não tenho saudades nenhuma daquela vida – comentou, e Sive sorriu educadamente.

– Nunca há descanso – ofereceu Dave, acenando com a cabeça na direção das costas de Aaron. – Embora o meu trabalho também seja assim, claro. Sempre de plantão, dia ou noite.

– Isso não é nada verdade – desmentiu-o Nita. – Tu picas o ponto a horas marcadas. Se trabalhas à noite é porque estás nesse turno.

Dave enrubescou e encolheu os ombros.

– Mas não deixa de ser importante.

Sive teve pena dele. Não podia ser fácil andar com aquelas pessoas que tinham superado todas as expectativas.

– A mim parece-me interessante – adiantou. – Que tipo de casos te passam pelas mãos?

Nita e Scott gemeram em uníssono.

– Não lhe puxes pela língua! – disse Nita, acrescentando um débil: – Estou só a brincar.

Dave ignorou-a.

– Não posso falar sobre casos específicos, Sive. As pessoas julgam que é só trabalho administrativo, mas temos de ser muito éticos. Temos acesso a muita coisa. Por acaso – olhou em volta e baixou o tom de voz – um colega meu acabou de ser repreendido por fazer

verificação de antecedentes que não tinham nada que ver com quaisquer investigações. Todos ouvimos falar disso, mas ninguém sabe o que ele andava a tramar. Foi uma auditoria aleatória que o apanhou. E agora temos uma aposta a decorrer, a ver quem acerta no motivo que o levou a fazer aquilo. O que acham que poderá ter sido?

– De certeza que andava a espiolar alguém por quem se embeçou. – Scott bateu na mesa para dar ênfase. – É o que eu faria.

– Ná, ele tem uma namorada estável. Mais alguma ideia? Neste momento, a aposta vai em oitenta libras.

– Lá porque tem uma namorada estável não quer dizer que não procure coisas sobre outras mulheres – lembrou Scott.

Nita franziu o nariz.

– Que nojo, Scott, nem toda a gente é como tu. Não queres mesmo saber daquilo que as pessoas pensam de ti, pois não?

O rosto de Scott ficou toldado.

– Pareces mesmo a Caron.

– Ai, pá, que sensível – replicou Nita, apertando-lhe afetuosamente o braço. – Oh, por falar em ex, talvez o colega do Dave estivesse à procura de podres sobre o ex da namorada. – Começava a animar-se com o tema. – Ou a chantagear o ex da namorada. Vamos por aí. Estava a chantagear o ex para que ele... pagasse a pensão de alimentos.

– Isso é bizarramente específico – comentou Dave –, mas obrigado pelas dicas. – Puxou de um caderno – Dave era famoso por andar sempre com um caderno – e anotou qualquer coisa. Sive não percebia se estaria a falar a sério ou se estaria a representar a sua «marca» para gáudio dos seus amigos.

Maggie juntou à conversa.

– Talvez não haja pensão de alimentos. Talvez o teu colega estivesse a chantagear o ex em troca de dinheiro.

Nita bateu palmas e afirmou que essa ideia era bastante mais interessante.

Dave voltou a rir-se e opinou que provavelmente haveria uma

explicação inocente, tal como Scott aventara.

Nita ergueu uma sobrancelha perfeitamente arranjada e frisou que obter informações sobre alguém por quem se sentisse atraído não era, de todo, uma atitude inocente. Scott ofendeu-se e encetou um debate aceso que Sive mal escutou, pois estava a ajudar Bea com a comida. Faye voltou a afastar-se e começou a falar com um casal jovem perto do fundo do café. Sive cruzou os dedos, esperando que o casal não se importasse de ter o *brunch* interrompido por uma menina tagarela de seis anos, e, embora soubesse que provavelmente deveria intervir, Sive não se sentia com energia. Amiúde pensava que oitenta por cento do trabalho de mãe era decidir quando se envolver e quando deixar as coisas seguirem o seu rumo. Levou uma derradeira garfada de ovos *Benedict* à boca – naquele momento, já frios e solidificados –, e olhou pela montra do café. Scott estava lá fora, com o cigarro eletrónico, ao lado de Aaron, que continuava ao telefone com o escritório. Quando se apercebeu de que não era com o escritório que estava a falar, isso já se tornara quase, mas não completamente, irrelevante.

Segunda-feira

13h47

Se calhar é melhor sentarem-se.

Sive fita Hawthorn, os olhos arregalados, mas é Aaron quem responde.

– Não precisamos de nos sentar, diga-nos só: alguém viu a Faye?

– Sim, no metro. – Uma pausa. – Segundo quem ligou, de mão dada com alguém. De mão dada com uma pessoa adulta.

E mesmo sabendo que essa notícia acabaria por chegar, desde o momento em que percebeu que a mochila no parque era de Faye, Sive sente as pernas a dissolverem-se, à medida que o chão se levanta ao encontro dela.

– A senhora está bem?

A voz é de Hawthorn, pensa Sive, embora sejam os braços de Aaron que ela sente a levantá-la. Algures mais acima, uma máquina fotográfica dispara o *flash*. Ouve um jornalista a fazer uma pergunta e um agente da polícia a pedir espaço.

– Desculpe – lamenta-se a Hawthorn, furiosa consigo própria. Não há tempo para aquilo. – Diga-nos. Por favor. Tudo.

Hawthorn vira-se e dirige-se aos jornalistas, mantendo-os afastados, voltando depois a encarar Sive.

– Precisa de se sentar? Ou de regressar ao hotel? – pergunta, os olhos denotando apreensão.

– Não! – A resposta sai com alguma brusquidão. – Não vou sair daqui. Desculpe. Normalmente não sou assim. Por favor, conte-nos o que sabe. – *Valha-me Deus. Alguém deu a mão à Faye e foi-se embora com ela.*

Hawthorn olha para os repórteres e encaminha Sive e Aaron até à parede oposta às cancelas de validação dos bilhetes. Jude e Maggie

seguem-nos.

– Muito bem – diz Hawthorn. – Houve uma mulher que ligou. Tivemos bastantes telefonemas, claro. Isso acontece sempre que fazemos uma conferência de imprensa. Mas esta mulher em particular telefonou a dizer que esta manhã, no metro, reparou numa menina que correspondia à descrição da Faye. O que se destacava era a mochila. Diz que andava à procura de algo semelhante para a neta. Também se lembra de um blusão de ganga cor-de-rosa. E que a menina estava de mão dada com uma pessoa adulta. – Relanceia os jornalistas que aguardam a curta distância e depois baixa a voz. – O que é crucial, ela reparou nos pontos na perna da Faye. Não referimos isso em nenhum dos alertas, não o indicámos nas redes sociais e não falámos deles na conferência de imprensa. Isso faz com que esta mulher pareça ser uma testemunha credível.

Sive sente um aperto no estômago. Pensar nessa mulher a ver Faye sem saber que estava desaparecida. A não fazer nada porque não sabia que algo errado se passava. *Jesus*.

– Não se lembra de mais nada. Diz que o metro estava a abarrotar e que ficou com a sensação de que a menina estava de mão dada com alguém, mas a senhora não reparou, nem prestou atenção ao adulto. Estava a olhar para a mochila.

– Que mochila? – apressa-se Jude a perguntar. – Qual era a imagem?

– A que tinha a Elsa com um vestido *azul*. Ou seja, podemos pressupor que a mochila pertencia à outra menina, a Eva, mas como a testemunha se lembra do blusão cor-de-rosa e dos pontos, sabemos que foi a Faye quem ela viu. Logo, isso terá sido *depois* de as mochilas terem sido trocadas.

Sive tenta descortinar o que isso poderá querer dizer. No entanto, como as mochilas podem ter sido trocadas em qualquer momento entre Bond Street e St Paul's, isso não lhes diz grande coisa.

– Certo, onde estava a mulher quando viu a Faye? – pergunta Aaron.

– Isso é um problema. Em retrospectiva, ela lembra-se da mochila, do blusão cor-de-rosa e do corte na perna, mas não prestou atenção ao local onde se encontrava na altura.

Ai, meu Deus. Tão perto, mas continuamos sem nada.

– Ela saiu na estação de South Woodford.

Sive não faz ideia de onde isso fica, nem o que pode querer dizer, mas Hawthorn parece circunspecta.

– Isso fica perto daqui? – pergunta.

Hawthorn inspira de maneira audível.

– Fica a pouco mais de vinte quilómetros daqui. Ou catorze paragens do metro.

– Porra – exclama Aaron. – *Porra*. Então, quem tem a Faye pode ter saído em qualquer estação entre Bond Street e South Woodford?

Jude tossica.

– Ou até mais longe? A menos que a testemunha se lembre de eles terem saído do metro antes dela?

Hawthorn abana a cabeça.

– A senhora não se lembra de os ver a saírem do metro. Mas acha que quando se levantou para pegar nas suas coisas, em South Woodford, o adulto e a criança já lá não estavam. Os passageiros eram muito menos e, quando pensa em ter olhado em volta, não os viu.

– Certo – diz Aaron. – Portanto, têm agentes em todas as estações entre a nossa localização e South Woodford, e gente a analisar o CCTV? – Mais do que uma pergunta, era uma exigência.

– É claro. Já o estávamos a fazer.

– E agora que estamos perante um rapto, imagino que tenham ampliado os recursos?

Hawthorn levanta as mãos num gesto apaziguador.

– Julgo que ainda é cedo para dizermos que estamos perante um rapto. Pode tratar-se de um passageiro bem-intencionado a cuidar da Faye, com o objetivo de a devolver aos pais. Alguém que não se apercebeu de que já estamos à procura dela.

Aaron resmunga.

– Está espalhado pelas notícias e pelas redes sociais. Não há quem não saiba.

– A nossa testemunha não usa redes sociais – contrapõe Hawthorn.
– Só se apercebeu quando viu a conferência de imprensa na televisão.

– Mas mesmo que alguém não tenha vista os alertas, iria levá-la a uma esquadra – afirma Sive. – Quem encontra crianças perdidas não as leva para casa... E não temos de partir do princípio de que quem está com ela trocou deliberadamente as mochilas, numa tentativa de induzir em erro? Isso não parece de alguém que «não se apercebeu».

Olha para os rostos que a cercam. Hawthorn está a esforçar-se por manter uma expressão de profissionalismo calmo, mas logo abaixo da superfície também há ansiedade. Aaron está pálido, furioso e aterrado. Maggie continua em choque, agora que está a ficar a par de tudo. E Jude, a eterna observadora, está calma e composta, porém, pela primeira vez, também nessa expressão impávida se vislumbra uma centelha de apreensão. E isso, mais do que qualquer outra coisa, perturba Sive.

Dois dias antes – sábado

Torre de Londres

Faye estava apoiada à vedação de madeira, os olhos arregalados, hipnotizada pelos atores em fatos medievais. Bea, demasiado pequena para apoiar os braços no topo da vedação, espreitava pelo meio. E Toby dormia profundamente contra o peito de Sive, aninhado no marsúpio.

– Adoro isto – murmurou Faye, num tom quase de reverência. Era estranho que aquela enorme atração turística, na margem do Tamisa, estivesse a ser a parte mais descontraída da viagem até ao momento, pensou Sive, acariciando a cabeça aveludada de Toby.

Ao seu lado, Maggie lia a brochura.

– Sabias que os corvos da Torre são alimentados com bolachas embebidas em sangue?

– OK, obrigada, mas *não* precisava de saber isso.

– Engraçado – continuou Maggie –, há vinte anos que moro nesta cidade, mas nunca tinha vindo à Torre de Londres.

– Acho que é mesmo assim. Na Irlanda, nunca fui às Falésias de Moher, nem à Pedra da Eloquência. Raramente somos turistas no nosso país.

– Credo, até eu já fui às Falésias de Moher! – exclamou Maggie. – Fui lá com a Yasmin quando andávamos na faculdade.

– Oh, andaste na faculdade com a Yasmin? – indagou Sive, olhando para ver se Aaron estaria a ouvir. Encontrava-se a alguns metros, embrenhado numa conversa com Dave. Não que importasse, mas parecia estranho falar sobre a noiva falecida do marido quando ele a pudesse ouvir.

– Sim, foi assim que conheci os outros. A Yasmin e eu éramos melhores amigas, e a Nita, que era irmã da Yasmin, obviamente, andava na faculdade com o Scott e o Aaron. Estávamos todos à

procura de um sítio onde morar e decidimos arrendar casa juntos.

– E o Dave? – perguntou Sive, com Toby a começar a agitar-se no marsúpio.

– A mãe dele era a dona da casa que arrendámos em Stratford.

– Espera lá, quer dizer que moraram todos com a mãe do Dave?

Maggie riu-se.

– Credo, não. Isso ia dar cabo no nosso estilo enquanto pessoal de vinte e poucos a tentar ser porreiro e cheio de *glamour* na Londres da viragem do milénio. Ela morava num apartamento e o Dave era uma espécie de senhorio residente. Acho que ela julgava que o filho garantia que não se faziam demasiadas festas. «Resolve sempre as coisas pessoalmente», era uma das coisas que ela mais gostava de dizer. Neste caso, o coitado do Dave era o representante dela. – Foi a vez de Maggie olhar na direção de Dave e Aaron, ainda sem escutarem. Ergueu uma sobrancelha. – E digamos que o Dave *não* era a melhor pessoa para cuidar dos interesses de ninguém.

– Então? – incitou Sive.

– Ah, não que alguma coisa tenha corrido mal, mas ele andava tão ansioso por cair nas boas graças de todos que imagino que não se oporia a nada do que pudéssemos querer fazer.

– Estou a perceber. Pois, não imagino o Dave a mandar em vocês.

Maggie suspirou.

– Ele não é pessoa de tomar iniciativas, não – confirmou, e Sive ficou com a impressão de que havia uma história por trás disso, mas Bea começou a puxar-lhe a perna, a pedir comida, e a conversa ficou por ali.

– A seguir vamos ver as Joias da Coroa? – perguntou Aaron quando a encenação medieval chegou ao fim.

Sive assentiu, entregando bolos de arroz a Bea e a Faye.

– Claro. E parece que podemos entrar na torre onde mantinham os príncipezinhos. Parece bem a todos?

Maggie e Aaron concordaram. Dave levantou a mão, qual aluno a

pedir autorização para falar.

– Sou capaz de ir para casa. Já vi isto tudo. Não me interpretem mal, é excelente, mas já aqui estive umas sete ou oito vezes com a minha mãe. Ela adora tudo quanto tem que ver com a família real.

– Oh, claro! – disse Sive. – É claro, vai lá.

– Mas temos de combinar alguma coisa para mais logo. Eu sei que marcámos aquele restaurante japonês, mas, e se cancelássemos e fôssemos todos a minha casa? Sempre é mais tranquilo.

Sive e Maggie concordaram em uníssonos.

– Certo, então vou-me embora. Olha, Aaron, e se nos encontrássemos antes para uma caneca?

Aaron hesitou, involuntariamente inseguro.

– Só uma, no Lion – insistiu Dave.

Aaron olhou para Sive, talvez num apelo para que intervisse e recusasse a proposta. Mas Dave não esperou por uma resposta.

– Combinado, encontramos-nos lá às sete, então. Quanto aos outros, encontramos-nos em minha casa às oito. – Deu uma palmada no braço de Aaron, acenou a Maggie e a Sive, e desapareceu no meio dos turistas.

Maggie ergueu as sobrancelhas.

– Uau, Aaron, uma hora inteira com o Dave e ninguém te salvou. Olha, boa sorte. – Havia afeto nas palavras dela, mas notava-se algo mais, pensou Sive. Irritação, talvez? Ainda não percebera a cem por cento a dinâmica naquele grupo de velhos amigos. Parecia-lhe um grupo heterogéneo, pessoas que não seriam amigas caso se conhecessem hoje. Mas não era assim que as coisas funcionavam? Podia dizer o mesmo em relação aos colegas do seu primeiro trabalho como jornalista. Na altura eram inseparáveis, mas pouco teriam em comum caso se juntassem nesta fase da vida. Mesmo assim, juntavam-se uma vez por ano para beber copos e recordar os velhos tempos, ainda ligados pelos laços do passado. Pensando bem, provavelmente diria o mesmo em relação aos amigos da faculdade. Nunca o admitiria a terceiros, pois eram, oficialmente, os seus *melhores* amigos. Mas não

os tinha como confidentes. Não lhes dizia como a maternidade, por vezes, era avassaladora e solitária, sobretudo nos primeiros dias sozinha em casa com Faye. Não se abria por completo como as mulheres dos livros e da televisão. Se fosse mesmo muito sincera, Sive teria de admitir que embora tivesse muitos amigos – antigos colegas de trabalho, colegas de faculdade, as mães que se juntavam à porta das escolas, membros do clube do livro –, nunca tivera um *melhor* amigo, daqueles que se veem nos filmes. E a verdade era que se conhecesse agora os seus supostos melhores amigos da altura, vinte anos e toda uma vida depois dos tempos de faculdade, poderiam ter muito pouco em comum.

Talvez fosse o mesmo em relação aos antigos colegas de casa de Aaron. Scott, com as suas provocações e competições. Dave, com as suas histórias arrastadas. Nita, como as suas tendências narcisistas. E Maggie – bem, Maggie era adorável. Maggie era alguém com quem Sive se via a ter uma grande amizade.

– Gostava que tivesses dito alguma coisa para não ter de me encontrar com o Dave – Aaron queixava-se agora a Sive.

– Então?! Já tens idade e coragem suficientes para resolveres a tua própria vida social – respondeu ela, com um sorriso rasgado. – Claro que isso significa que vou ter de preparar os três miúdos e levá-los até à casa do Dave. Onde quer que seja a casa do Dave.

Maggie ergueu o olhar da brochura.

– Eu mostro-te. Não fica longe do vosso hotel.

Aaron estava abanar a cabeça.

– Não, é melhor não levarmos os miúdos. É mais fácil se forem só os adultos.

– É *claro* que é mais fácil se forem só os adultos, mas não os trouxemos a Londres para os deixarmos constantemente sozinhos no hotel à noite.

– Eles não ficam sozinhos. Fala com a *babysitter*. A Willow, ou lá como se chama.

Sive soltou um suspiro exasperado. Porque seria sempre

responsabilidade dela?

– Porque é que não falas *tu* com a *babysitter*?

– Não tenho o número dela... tu é que tens – retrucou Aaron com um sorriso pedante. – Claro que se quiseses que eu comece a ligar a miúdas de vinte anos que mais parecem modelos, terei todo o prazer em...

Sive gemeu.

– Não sei. Sinto-me mal em deixar os miúdos duas noites seguidas com uma estranha.

Aaron abanou a cabeça.

– O Dave vai ter um ataque se apareceres com os miúdos. Sem ofensa, miúdos! – Pegou em Bea, balançando-a e enfiando a sua cara na barriga dela. A menina guinchou de satisfação. – O apartamento dele é só vidro, cromados e cantos aguçados, e de certeza que o convite não incluía esta canalha. – Voltou a fazer cócegas a Bea, com Faye a puxar-lhe o braço e a pedir a sua vez.

– Está bem. Eu falo com a Willow.

– E depois de falares com ela – sugeriu Maggie –, que tal se fôssemos buscar cafés, se o Aaron não se importar de ficar com os pequenos?

Sive estava capaz de a abraçar. Sim, ela e Maggie podiam mesmo ter sido amigas.

– Não sei como consegues – comentou Maggie ao ocuparem o seu lugar na fila para o café. – Três filhos e um trabalho. Espera, as mães detestam quando as pessoas dizem isto?

Sive sorriu com gosto.

– Não me importo nada. Sinceramente, não sei como é que há quem o consiga. Assim que descobrir explico a toda a gente. – Hesitou. – Por falar em coisas que se calhar não devíamos dizer, *tu* nunca quiseste assentar? Ter a experiência do casamento com filhos?

Maggie abanou a cabeça.

– Houve um rapaz. Mas percebi que me estava a conformar. Sabes

aquele episódio dos *Friends* em que fazem pactos de casamento para o caso de nunca virem a encontrar ninguém?

Sive assentiu enquanto a fila ia avançando.

– Pois. Felizmente, percebi a tempo que não era um bom motivo para assentar com ninguém. Estou feliz sozinha. Tenho as minhas quatro irmãs, que são as melhores do mundo, e tenho bons amigos. – Baixou o tom de voz num gesto de conspiração simulada: – *Outros* amigos, não só este bando. – Ofereceu um sorriso rasgado, apontando para onde Aaron girava Faye pelos braços, enquanto Bea batia palmas e Toby se aninhava no marsúpio.

– Pois, vocês são um... grupo eclético? – opinou Sive. – Se calhar tinham mais em comum há vinte anos?

Maggie assentiu.

– Tínhamos carreiras novas brilhantes, muito dinheiro e um estilo de vida boémio em comum, sim. E tínhamos a Yasmin. Era quem nos unia.

– Como era ela? – Quando as palavras lhe saíram pela boca, Sive percebeu que por mais que quisesse saber sobre a Yasmin, ela procurava também uma ligação mais profunda com Maggie.

Maggie sorriu.

– Foi a melhor amiga que eu já tive. – Estendeu o braço, virando-o para mostrar o pulso a Sive. – Chegámos a fazer tatuagens a condizer. Já viste coisa mais pirosa? – Passou com o indicador sobre os dois sóis. – A minha mãe passou-se. Mas ainda bem que a fiz. É um marco, um lembrete discreto constante.

Sive acenou afirmativamente.

– É linda.

– E é um bom símbolo – afirmou Maggie. – A Yasmin era como o sol. Todos nos queríamos deleitar com a sua luz. Quando estava em baixo, procurávamos, instintivamente, fazê-la feliz, e quando estava feliz, só queríamos estar com ela. Acho que nos sentíamos atraídos para ela.

– Ela e a Nita eram parecidas? – perguntou Sive.

– Diria que a Nita empalidecia na sombra da Yasmin. Olha, mais analogias manhosas com o sol! E nunca digas à Nita o que acabei de dizer. Na altura, ela tinha uns ciúmes de morte da Yasmin, embora nunca o vá admitir.

Sive assentiu à laia de conspiração.

– Tinha ciúmes porquê?

– Com a Yasmin era tudo natural, ao passo que a Nita se esforçava por ser a melhor, por vencer na vida. Não era uma questão de ter quem gostasse dela, o que queria era ser admirada e invejada. Era isso que a animava. Mas tu conheces a Nita, portanto percebes o que eu quero dizer. – Novo sorriso conspiratório enquanto a fila avançava a passo de caracol. Mais à frente, um casal jovem deslocava-se ao mesmo tempo, as mãos nos bolsos traseiros um do outro, o rosto de um colado ao do outro. Sive deu consigo a interrogar-se se Aaron e Yasmin teriam sido assim. Ela e Aaron haviam saltado essa fase, passando de imediato para compras de carrinhos e ecografias.

Olhou para onde Aaron se encontrava com os filhos. Estava a acenar-lhe e a apontar para o relógio, gesticulando para dizer que ia ter com elas. Mas Sive e Maggie estavam quase na sua vez e Sive levantou a mão, dizendo *Está quase, espera aí*.

– O Aaron não gosta de falar sobre a Yasmin – admitiu a Maggie.

– Não me admira. Demorou bastante a superar o que aconteceu. Culpava-se, claro.

Sive encarou Maggie.

– O quê? O Aaron culpava-se?

Maggie mordeu o lábio.

– Oh, querida. Não sabias?

– Não. Ele nunca fala dela. Vi uma fotografia dos dois juntos, e ele nem sabe que eu a vi. Sabia que ela existia porque o Aaron me contou uma versão resumida da história antes de vos conhecer. – Fez uma pausa. – Não fosse o nome dela vir à baila, imagino.

– Pois. E, ao certo, o que é que sabes? – perguntou Maggie com cuidado.

Chegou a vez delas e Maggie pegou na bolsa, pronta a pedir.

– O Aaron e a Yasmin tinham ido morar juntos e estavam a planear o casamento. Ela estava em casa. Ele estava a trabalhar. Começou um incêndio. E ela morreu. E é isso. Como é que ele se pode culpar?

– Ah. – Maggie arregalou os olhos. – Não sabes mesmo o resto da história, Sive?

Dois dias antes – sábado

Torre de Londres

Antes que Sive pudesse responder, o barista perguntou a Maggie o que queria e, de repente, Aaron e as crianças também ali estavam, o que marcou o final da conversa. Pelo menos por enquanto.

Foram ver as Joias da Coroa, mais uma encenação, e depois decidiram que estava na altura de uma pausa com bolos, desta vez num salão de chá recomendado por Maggie, a poucos minutos a pé da Torre de Londres. O estabelecimento, uma bonita cabana de madeira, ficava no meio de um pequeno parque com um parque infantil, para deleite das meninas, que imploraram para andar nos baloiços assim que terminaram os *brownies*. Aaron fingiu-se relutante enquanto elas lhe puxavam os braços, até que, por fim, deixou que o levantassem da cadeira.

– Ficas a dever-me uma! – disse a Sive, num exaspero simulado, após o que se virou e seguiu as meninas para o exterior.

– Não te esqueças de que eu fico com o bebé – exclamou Sive enquanto o marido saía. – É ele quem dá mais trabalho!

– Hum, acho que, neste caso, o sacrificado foi o Aaron – comentou Maggie, indicando o adormecido Toby.

– Bem... – Sive começou a cortar o que lhe restava do caracol de canela em pedacinhos minúsculos, empurrando-os pelo prato. – Queria perguntar-te mais sobre o que estavas a dizer há pouco, em relação ao Aaron estar a culpar-se. Parece estranho. Afinal, como é que ele podia ter feito alguma coisa se estava a trabalhar?

– Ah, mas ele não estava a trabalhar, ele estava num bar.

– Oh. – Sive matutou um pouco. Interessava que ele tivesse dito que estava a trabalhar e não num bar? – Mesmo assim, não seria por isso que a culpa seria dele, pois não?

Maggie mexeu o café.

– Ele contou-te do perseguidor?

– Sim. Ou melhor, não. Soube disso ontem ao jantar, convosco, e esta manhã perguntei-lhe. Parece que não é claro se o perseguidor era ou não real.

Maggie pousou a colher no pires e assentiu lentamente, como se estivesse a escolher as palavras com todo o cuidado.

– Agora a Nita acredita que havia um perseguidor, mas na altura não acreditava – acabou Maggie por dizer. – A Yasmin, essa, acreditava. Andava aterrorizada. O Dave também estava preocupado com ela, lembro-me disso. Ele tinha um grande fraquinho pela Yasmin, e embora nunca tivesse visto nenhum perseguidor, ele defendia tudo o que a Yasmin dizia com unhas e dentes.

– E tu?

– Nunca tive a certeza. Acredito que a Yasmin ficou assustada depois daquela primeira vez em que foi seguida. Se imaginou o resto, não sei. O Scott não acreditava em nada disso e dizia-o à Yasmin. Às vezes conseguia ser um grande parvalhão.

Sive pegou num pedaço do bolo e voltou a pousá-lo.

– E o Aaron?

– Acho que ele estava como eu, sem certezas. Mas tentou apanhar o tipo.

– Espera... o quê?

Maggie olhou pela montra do café, para onde Aaron empurrava Bea num baloiço.

– Se calhar não te devia contar isto...

Sive estava confusa.

– O Aaron tentou apanhar o perseguidor em que não acreditava propriamente?

Maggie assentiu.

– Acho que ele pensava que se o perseguidor fosse real, seria uma maneira válida de o tentar apanhar, e se não passasse de imaginação da Yasmin, não faria mal mostrar-lhe que a levava a sério. – Uma brisa leve fez restolhar as árvores lá fora e ambas dirigiram o olhar

para a montra e para os baloiços além dela. – Dois coelhos, uma cajadada, como diria o Aaron.

– A sério? O que é que ele fez? – Sive não conseguia imaginar Aaron a tentar apanhar um perseguidor, porém, quando ele metia uma coisa na cabeça...

Maggie abanou a cabeça, o cabelo ruivo-dourado a cintilar ao sol.

– Que diabo! Nem acredito que ele nunca te contou. Acho que é melhor ser ele a fazê-lo.

– Então, Maggie, não me deixes pendurada.

– Juro que não foi nada de mal – garantiu Maggie, bebendo o resto do café. – Mas foi na noite em que a Yasmin morreu, por isso é um... assunto difícil. – Maggie franziu os lábios. – E não me compete a mim contá-lo.

A expressão dela ficou carregada e, de repente, os olhos pareceram tristes.

Sive tocou-lhe no braço.

– Desculpa. Não devia ter puxado este tema. Deve ter sido terrível.

– E foi. A Yasmin era o nosso eixo. O centro de tudo. O Aaron amava-a, obviamente. O Dave idolatrava-a. Para ele, a Yasmin era perfeita. O Scott tinha-a num pedestal. Acho que a via como sendo um troféu que o Aaron conquistara, um troféu que ele também queria. À parte os ciúmes, a Nita também a adorava. Era a única família que tinha. E eu... Bem, ela era a minha melhor amiga. E, desde então, nunca mais tive uma amiga como ela.

– Sinto muito, a sério. Não admira que o Aaron não fale muito sobre isso. Deve ter sido horrível. – *Credo, quantas vezes é que alguém é capaz de dizer as palavras «terrível» e «horrível» e oferecer as mesmas banalidades?*

– Fala com o Aaron sobre o que ele fez naquela noite – insistiu Maggie. – Tal como te digo, não sou eu quem deve contar a história. Mas se lhe pedires, ele talvez esteja disposto a partilhá-la.

Segunda-feira

13h53

– Aaron, agora que sabemos que a Faye está com um adulto... que pode ser um rapto, temos de pensar seriamente que poderá estar associado ao teu caso Brosnan. – Sive toca no braço do marido enquanto diz as palavras, a voz urgente, mas ao mesmo tempo gentil. A manipulá-lo, pensa Jude.

Jude vê o maxilar de Aaron a cerrar-se, a cabeça a abanar.

– Sive, como é que iriam saber que estarias em Bond Street esta manhã? Como poderiam prever que deixarias as meninas entrar no metro antes de ti? É absurdo.

Jude repara nas palavras «deixarias as meninas entrar no metro antes de ti» e vê Sive a estremecer. Mas ela continua:

– E se houve quem aproveitasse uma oportunidade inesperada? Talvez fossem fazer outra coisa. – A voz de Sive fraqueja. – E depois, quando a Faye e a Bea entraram sozinhas no metro, aproveitaram.

Maggie segura a mão de Sive e esfrega-lhe o braço.

– Mas, Sive – diz Maggie gentilmente –, como podiam saber que nos íamos encontrar esta manhã? Que estarias sequer na estação de metro?

Sive endireita-se de repente.

– Espera. Maggie, disseste que tinhas perdido o telemóvel.

– E perdi, mas encontrei-o.

– Será que alguém o poderia ter usado para ficar a par dos nossos planos?

Jude olha para Aaron, que está a abanar a cabeça. Hawthorn também parece cética.

– Não, querida, estava em minha casa – diz Maggie no seu leve sotaque escocês. – Entre as almofadas do sofá. Provavelmente desde ontem à noite, quando andávamos à procura de atualizações sobre... –

Maggie cala-se de repente e Jude fica com a impressão de que se passa qualquer coisa entre as duas mulheres. Depois, um breve abanar de cabeça de Sive e um olhar apologetico de Maggie. Jude pergunta-se o que terá sido aquilo.

Hawthorn intervém.

– Mesmo sendo improvável que alguém dessa rede criminosa irlandesa os tenha como alvo, quero garantir-lhes que estamos em contacto com a Gardaí⁴ irlandesa. Por falar nisso... – Hawthorn levanta um dedo e depois afasta-se para atender uma chamada, voltando para a confusão de passageiros e – Jude repara – o crescente ajuntamento de repórteres.

O telefone de Jude apita e também ela se afasta, virando as costas a Maggie, Aaron e Sive. Uma mensagem da editora, a perguntar se continua a prever enviar a entrevista com Sive até às cinco, tal como prometido. Portanto, faltam pouco mais de três horas para o prazo. Jude abre a *app* Notes. Tem lá bastante – tudo o que Sive disse sobre ter simulado com Faye a abordagem de um estranho perigoso, sobre ter perdido a menina na escola, sobre a falta de familiaridade com Londres e sobre o caso de Aaron. Morde um nó do dedo enquanto pensa. Imagina que possa incluir o desvio até St Paul's, desde que não refira a mochila. Nunca a mochila, nem a testemunha no metro. A intenção é escrever uma boa história e não pôr em risco a investigação. Ou pior, a segurança de uma criança. Escreve uma resposta.

Vais tê-la às 17h.

Ao pressionar enviar, pelo canto do olho vê Hawthorn a desligar a chamada e a virar-se para os Sullivans, fazendo-lhes sinal para que se aproximem. Jude continua a olhar para o ecrã do telemóvel, mas agora está a escutar com atenção, tentando ouvir o que Hawthorn está a dizer. Chegam-lhe fragmentos de palavras que se sobrepõem ao clamor da estação de metropolitano.

– ... Willow ... confirmar outra vez... – *Terá que ver com o parque onde encontraram a mochila?*

Sive responde, embora as palavras sejam ininteligíveis, e a seguir Hawthorn parece avançar para outro tema. O tom de voz baixa e passam-se alguns momentos até que Jude volte a perceber novos fragmentos.

– ... nova informação... seis meses...

Jude arrisca um olhar discreto. Não lhe estão a prestar qualquer atenção.

Chegam-lhe mais palavras.

– ... sendo estáveis... acompanhar ...

Porque será que de repente parece que entraram no tema das finanças? Hipotecas?

Hawthorn parece estar a perguntar-lhes algo, e os Sullivans ostentam ambos uma expressão chocada.

A voz de Hawthorn volta a chegar-lhe:

– ... Garda Síochána na Irlanda...

Agora é Sive que está a falar, mas em voz muito baixa, Jude não a percebe. Continua a olhar, tentando entender a linguagem corporal. Aaron abana a cabeça. Uma negação firme. Sive tem os olhos arregalados, mas também está a abanar a cabeça. Os Sullivans não concordam com aquilo que Hawthorn possa estar a sugerir. Jude está surpreendida. Com a filha desaparecida, seria de imaginar que valesse a pena seguir qualquer pista, não? Isso lembra-a de qualquer coisa e, após uma breve pesquisa no Google, está a selecionar o número de telefone da Anderson Pruitt e a pedir para falar com Tim Brassil.

A rececionista encaminha-lhe a chamada. Uma voz feminina atende e Jude volta a pedir para falar com Tim.

– Sinto muito, mas não trabalha aqui ninguém com esse nome – diz a mulher, desligando a chamada.

4 Nome pelo qual é conhecida a força policial da República da Irlanda. (*N. do E.*)

Dois dias antes – sábado

Clarinda Gardens

– Uau, o Dave anda bem na vida! – comentou Sive com Maggie quando lhes abriram o portão e se dirigiram ao pátio. – Clarinda Gardens *não é* aquilo que eu esperava.

O edifício de tijolo de três pisos era amplo e extenso, cercado por relvados levemente inclinados, e situava-se no interior de um muro alto com portão de segurança.

– Pois, é lindo – concordou Maggie. – É um velho colégio que foi transformado em apartamentos na década de 1960. Era aqui que a mãe do Dave morava, quando lhe arrendávamos a casa em Stratford.

– Ah! Estava a imaginar a coitada da senhora num T0 enquanto um grupo de jovens adultos viviam à grande na casa dela.

– Credo, não. – Maggie arqueou as sobrancelhas. – A mãe do Dave sabia cuidar bem de si. Nunca houve cá misérias.

Sive observou os jardins arranjados e o colégio idílico. Devia ter custado uma pequena fortuna.

Maggie imaginou o que lhe estaria a passar pela cabeça.

– A mãe do Dave recebeu um prémio chorudo do seguro de vida do pai do Dave quando ele morreu. Caiu pelas escadas e fraturou o crânio. Morreu três dias depois.

Sive levou a mão à boca.

– Ai, meu Deus, coitado do Dave. Que coisa horrível.

– Hum. Bem, pelo que me parece, o pai tinha mão pesada. A situação não foi assim tão trágica como seria de imaginar. – Maggie fez um esgar. – E a garrafa de vodca que bebeu antes de cair não terá ajudado com o equilíbrio.

– Oh. – Sive não sabia o que dizer.

– Pois. Enfim, o Dave e a mãe trocaram de casas há uns dez anos, e foi assim que ele acabou com este apartamento bastante interessante.

– Mas então e o irmão do Dave? Ele não quis parte do apartamento ou da casa?

– Não me parece que tenha tido grande escolha... O Dave sempre foi o favorito. Acho que para a mãe deles, o Jerry lembra-a demasiado o marido.

Sive parou e virou-se para Maggie.

– Estás a dizer que o Jerry também tinha... mão pesada, como disseste? – Tinha conhecido Jerry, que parecia jovial, afável, modesto.

Maggie não demorou a descansá-la.

– Oh, não. Era só muito parecido com o pai... alto, pesadão, os mesmos olhos. Portanto, a mãe sempre favoreceu o Dave, e o coitado do Jerry não foi tido nem achado na troca de casas. Às vezes penso se ele terá ficado ressentido.

– Eu ficava. Isto é lindo – constatou Sive, seguindo Maggie na direção de uma de várias portas vermelhas idênticas. – Sortudo do Dave.

O interior do apartamento de Dave contrastava profundamente com o exterior gentil do colégio. Aaron tinha razão – era *mesmo* só arestas vivas. Janelas de parede inteira, uma bancada de pequeno-almoço de mármore com três bancos cromados de assento em pele, um piano preto brilhante junto à parede, um sofá em L de um bege imaculado e uma enorme mesa de centro em vidro. As meninas iam adorar. Sive teria tido um ataque.

Graças a Deus pela jovem Willow. A *babysitter* revelara-se tão competente naquela noite como na véspera, ficando com Toby para que Sive se pudesse preparar, tagarelando com as meninas como se fossem velhas amigas. Maggie, que tinha ido ajudar Sive com os filhos enquanto Aaron fora beber imperiais com Dave, teve todo o gosto em ser redundante. E Sive até conseguiu sair suficientemente cedo para parar e comprar uma garrafa de *rosé* fresco e uma caixa de trufas, que agora entregara a Dave.

– Oh, não era preciso. Isto é só um grupo de velhos amigos a

comerem *takeaway* juntos – afirmou Dave, embora parecesse satisfeito.

Aaron já lá estava, sentado numa cadeira de pele à janela, de cerveja na mão. Sive sorriu-lhe e Aaron levantou a bebida numa saudação, porém tinha a expressão tensa, os lábios cerrados numa linha fina. Scott estava num pequeno banco à frente dele, a falar animadamente. Sive não percebia o que era dito por causa do som de «One more time» de Britney Spears, mas esperava não ter de suportar mais um longo serão de Scott e Aaron na mais pura picardia.

– Um regresso aos anos noventa – comentou Dave, indicando a coluna na mesa alta de pequeno-almoço. Estava a sorrir, mas também parecia tenso. *Valha-me Deus, de que teriam falado Aaron e ele enquanto bebiam cervejas?* – Mais logo vou buscar a guitarra e podemos cantar um bocado. Faço um bom *medley* de Oasis e Blur com o Scott a fazer de coro. – Dirigiu-se a Maggie: – Passas-me copos de vinho?

Maggie procurou num armário alto atrás deles e voltou com dois copos de vinho minúsculos que pareciam terem sido roubados de um *pub*.

– Eu não bebo vinho, sabes – explicou-se. – Esses devem ser os únicos copos que eu tenho. Vamos abri-la? – Pegou na garrafa de *rosé* de Sive. – Ou preferem uma cerveja?

Sive e Maggie optaram ambas por vinho e Maggie tirou um saca-rolhas de uma gaveta. Parecia conhecer os cantos ao apartamento de Dave – talvez aquele fosse o novo «antro das festas» quando se juntavam, por menos frequente que isso fosse.

Nita chegou nessa altura, com duas garrafas de champanhe e deu beijos no ar a cada um à vez. Scott levantou-se para a cumprimentar, mas Aaron não. Continuava com uma expressão tensa no rosto e Sive decidiu que estava na altura de interromper a conversa que Scott estaria a ter com ele.

Dave baixou a música e apontou para as garrafas de champanhe.

– Boa, Nita. Mas não tenho copos de champanhe. Isto serve? – Exibiu um copo sem pé.

– Não interessa qual é o copo, vai saber bem à mesma – afirmou Nita. – Lembras-te daquela vez, no casamento de alguém, em que acabaram os copos todos e só lhes restaram canecas de cerveja, e serviram-me uma caneca de champanhe?

– Ah, sim, foi o casamento do Burner, não foi? – disse Aaron do outro lado do espaço.

Agora ele fala, pensou Sive, sentindo vergonha alheia por Scott enquanto se deslocava pela sala para ir ter com o marido.

– Pois foi. Desculpa por falar nisso, Scott – disse Nita, abrindo o champanhe.

Scott franziu o sobrolho.

– Se não falássemos das coisas desastrosas, pouco nos sobrava, não?

– Grande verdade – resmungou Nita, pensando, talvez, em Yasmin e no incêndio e no perseguidor, real ou imaginário, enquanto se servia de champanhe.

Sive instalou-se num dos lados do sofá em L e Nita juntou-se-lhe. Estava linda, com um vestido preto curto e saltos agulha altíssimos, o tipo de calçado que Sive costumava usar antes de trabalhar a partir de casa e de as visitas à escola se tornarem a sua prática diária. Naquele momento sentia-se uma pelintra, com o bonito conjunto de *jeans e top* e sandálias rasas.

– Valha-me Deus, estou *exausta* – comentou Nita, desviando o cabelo dos olhos. – Depois da semana horrível que tive, devia ter marcado um dia de *spa*, mas não, a Nita teve de ir às compras. – Bebeu mais um gole de champanhe.

Por favor, não passes a noite a referires-te a ti própria na terceira pessoa, rogou Sive, mas só na sua cabeça.

– Encontraste alguma coisa gira? – perguntou, educadamente.

– Umas coisitas na Harvey Nicks. E como foi o teu dia? Oh! – Levou a mão arranjada à boca. – Caramba, devia ter-te convidado para ires às compras comigo! Ai, desculpa, Sive. Que falta de educação.

– De todo, não te preocupes. Sim, tinha os miúdos. E tínhamos reservado bilhetes para a Torre de Londres. A Maggie também foi e o Dave passou por lá.

– A sério? – As sobranceiras de Nita arquearam-se. – Que bom. Se soubesse, se calhar tinha ido...

Não havia qualquer hipótese de ela ir até lá, e Sive sabia bem disso.

– Oh, desculpa... Acho que o Aaron o disse a toda a gente num *e-mail* quando ainda estávamos a marcar a viagem. – Sive olhou para Aaron, em busca de ajuda, mas o marido estava agora a fitar o telemóvel, alheio à conversa.

Maggie interveio.

– Sim, ele disse – confirmou. E depois: – Não te preocupes, Nita, minha querida. Terias odiado. Andou-se muito e ficou-se de pé. Crianças por todo o lado. Eu gostei, mas garanto que estiveste melhor em Knightsbridge.

Isso pareceu aplacar Nita.

– Quem quer mais uma? – perguntou, esvaziando o copo e levantando-se.

Todos quiseram mais uma, pelo visto, incluindo Sive, que começava a ficar extremamente satisfeita por os miúdos não terem sido convidados. As filhas estavam muito melhor no quarto de hotel, com os seus livros e desenhos animados, e ela estava muitíssimo melhor sem ter de proteger o tampo de vidro da mesa de centro das filhas arraçadas de Coelhoinho da *Duracell*.

– A tua casa é linda – disse a Dave, com Nita a servir *rosé* para o copo minúsculo de Sive e – para surpresa desta – mais champanhe para o seu próprio copo.

– Oh, à nossa. Pois, tive de a renovar quando a minha mãe se mudou. Era um estilo muito à velhota.

– E agora é muito à homem de meia-idade – comentou Scott, de sorriso rasgado.

– Engraçadinho. Mas as coisas correram bem. A minha mãe queria

voltar à sua casa de infância e eu queria menos divisões para arrumar.

– Não voltaste a arrendar a casa de Stratford? – perguntou Sive.

– Ná. Não seria o mesmo. Sobretudo depois de... – Calou-se e bebeu um gole de *lager*.

– Ele quer dizer sobretudo depois de a Yasmin ter morrido – completou Nita baixinho.

Dave tirou o boné e passou a mão pela cabeça.

– Pois. Na altura, ela e o Aaron já se tinham mudado, mas aquela casa vai recordar-me sempre de quando estávamos os seis juntos. Não me parecia bem ter outro grupo a instalar-se.

– Parece que foi um período idílico quando lá moravam todos – comentou Sive, interrogando-se se seria algo estranho de se dizer, tendo em conta como havia terminado.

– E foi – confirmou Maggie. – Claro que todos julgávamos que sabíamos tudo. E que éramos muito adultos e sofisticados. Dave, ainda tens os álbuns de fotografias antigos? Podemos mostrá-los à Sive?

– Ná. Já se foram.

– O que queres dizer com isso, já se *foram*?

Dave encolheu os ombros.

– Perderam-se. Foram deitados fora. Provavelmente, foi a minha mãe.

Maggie franziu o sobrolho.

– Tens a certeza? Não terão... – Calou-se. – Mas enfim. Que pena. Seria bom voltar a vê-los. Na altura não havia *smartphones*, claro, por isso eram, sobretudo, fotografias terríveis de gente com maquilhagem mal aplicada, iluminada pelos *flashes* demasiado brilhantes das máquinas fotográficas.

Sive pensou na única fita de fotos tipo passe que vira de Aaron e Yasmin e imaginou um álbum inteiro cheio de imagens amorosas. Talvez não viesse grande mal ao mundo que não as visse.

Relanceou Aaron. O marido já não estava a olhar para o telefone, porém também não parecia atento à conversa. Nita, que ficara com a garrafa de champanhe aberta junto aos pés, pegou nela para se servir

de um terceiro copo.

– Ó Nita, não devias largar a bebida agora que estás grávida? – perguntou Scott.

Nita exibiu o copo.

– Já viste bem o tamanho disto? Três copos destes equivalem a um copo normal.

Isso não era propriamente verdade, sobretudo porque Nita enchia cada copo até à borda. Sive ficou surpreendida e, ao mesmo tempo, irritada consigo própria por se sentir assim. Orgulhava-se da sua atitude aguerridamente não preconceituosa, sobretudo quando debatia qualquer tema com Aaron, que nunca se coibia de expressar as suas opiniões acerca do comportamento alheio. Observou Nita a bebericar o seu champanhe. Era estranho que se tivesse dado ao trabalho de seguir os procedimentos da reprodução medicamente assistida e não acatar as mais básicas diretrizes de saúde... Mas enfim, Sive não ia abrir a boca. Já tivera de aguentar suficientes comentários de terceiros em relação às suas gravidezes, em especial à primeira. Santo Deus, as pessoas tinham tido muito para dizer quando perceberam que ela estava grávida de Faye. *Não é muito cedo? Há quanto tempo conheces o Aaron? Foi planeado? Vais até ao fim? Tens a certeza de que é dele?* Afastou as memórias. Agora que eram uma família nuclear feliz, com rendimentos de ambas as partes e uma casa na melhor zona, já ninguém lhes perguntava pela história inicial.

Levantou-se e dirigiu-se à janela.

– A vista para os jardins é linda – elogiou, desviando a atenção de Nita e do seu champanhe. – Parece um enclave secreto no meio de Londres. A tua mãe não sentiu falta disto quando vocês trocaram de casa?

– Nem por isso – respondeu Dave. – Ela sempre adorou aquela velha casa em Stratford, mesmo depois de os joelhos terem piorado e ela ter deixado de conseguir subir escadas.

– Não consigo imaginar a tua mãe como uma velhota de joelhos fracos! – asseverou Nita. – Quando lá morávamos, ela foi sempre uma

megeira. Lembras-te de que estávamos sempre com medo de que ela entrasse para confirmar se tínhamos limpadado bem a cozinha?

– E a casa de banho, porque costumavas deixar manchas de maquilhagem no lavatório. E depois culpavas a Yasmin!

– Ora, ela não nos distinguia, por isso eu aproveitava ao máximo. «Aqueles duas raparigas castanhas, nunca sei quem é quem» – disse Nita num sotaque *cockney* cerrado que era suposto ser a imitação da mãe de Dave.

– Nita! Ela nunca disse isso. Ela não vos distinguia porque eram irmãs. Não era racista.

– Humpf! – Nita bebeu mais um gole, mas estava a sorrir atrás do copo.

– Imagino que o principal motivo para as visitas surpresa era confirmar a presença de convidados durante a noite – esclareceu Scott. – Não tenho aqui uma casa de má fama, costumava ela dizer. Imaginem se soubesse o que se passava por baixo do nariz dela: a Yasmin a ficar todas as noites no quarto do Aaron. – Relanceou Sive. – Ups, desculpa. Esta, se calhar, era escusada.

Sive sorriu para mostrar que não se sentia incomodada. *Nem um bocadinho.*

– Adorava voltar a ver a casa – indicou Nita, agora com mais gentileza. – Se calhar não convém aparecermos todos de repente à tua mãe, pois não, Dave. Ou será que podemos?

Maggie pigarreou e Sive olhou-a de relance. Teria Nita dito algo errado? Agora Maggie estava a olhar para baixo, as mãos entrelaçadas no regaço.

– A casa foi-se – explicou Dave. – Tivemos de a vender.

– Oh. – Nita respondeu com um leve suspiro de surpresa e de tristeza. Sive percebeu que a última vez que Nita havia vivido com a irmã fora nessa casa em Stratford.

– Não sabia – admitiu Scott. – Então, onde é que vive agora a tua mãe?

As faces de Dave coraram.

– Ela... ela teve de ir para um lar. Já não podia viver sozinha e eu... – Um encolher de ombros impotente.

– Não poderia ter-se mudado para aqui? – indagou Scott, e Sive apercebeu-se de um toque de provocação. – Há muito espaço. Pelo menos era o que eu acharia.

Dave fez um trejeito.

– Se calhar, mas...

– Não sejas parvo, Scott. – Inesperadamente, fora Nita, e não Maggie, que intercedera para salvar Dave. – O Dave passa o dia no trabalho e a mãe dele precisa de acompanhamento. O lar é o melhor sítio para ela. Não há qualquer vergonha nisso, Dave – acrescentou, o tom mais gentil.

Sive olhou para Maggie e viu-a a fitar Dave e Nita, uma expressão perplexa no rosto.

– Estás bem, Maggie?

– O quê? Sim. Está tudo bem. – Um breve sorriso.

Porém, a julgar pela forma como Maggie cruzava e descruzava os dedos, Sive tinha a certeza de que se passava alguma coisa com ela. Não parecia nada bem.

Segunda-feira

14h24

Estão em Regent Street e Aaron agarra a mão de Sive. Obrigam-se a sorrir para a videochamada com Bea. Scott está a segurar o telemóvel por ela, virando depois a câmara na direção de Toby, que dorme nos seus braços. Reconfortado, Aaron desliga a chamada e, juntos, em silêncio, os Sullivans voltam a entrar na estação de Oxford Circus e descem até ao átrio das bilheteiras.

Os outros repórteres desapareceram, pelo menos por enquanto, mas Aaron vê Jude lá à frente, encostada à parede oposta às barreiras de entrada, afastada do interminável fluxo de passageiros. Parece uma sanguessuga, pensa ele, agarrada ao furo. Será que ouviu algo da atualização que Hawthorn fez há pouco? Aaron tem a sensação de que ela estava a tentar ouvir. Já não é a primeira vez, nesse dia, que deseja que Sive não tivesse contado o seu segredo à polícia.

Olha em volta quando chegam junto a Jude.

– Onde está a Maggie?

– Teve de fazer uma chamada e foi lá fora para ouvir melhor. – Morde o lábio por um instante. – Entretanto, estive a falar com a Hawthorn sobre o Tim Brassil, o indivíduo que encontrou a Bea.

Aaron tenta conter o revirar de olhos.

– Porquê? – quer saber Sive.

– Porque ele não trabalha onde disse que trabalhava.

– *O quê?* A polícia acha que ele teve alguma coisa que ver com o desaparecimento da Faye?

– É improvável – diz Jude –, mas vão entrar em contacto com ele para apurar o motivo por que mentiu. Para o excluir. Por outro lado, Aaron, estive a falar com colegas do jornal sobre crime organizado e sobre os Callans. – Suga ar por entre os dentes. – Pode não ser mal...

Aaron interrompe-a.

– Isto não tem nada que ver com eles.

– Deixa-a falar – pede Sive. – Continua, Jude, por favor.

Jude olha de Sive para Aaron, depois continua.

– Pelo visto, eles não têm problemas em ir atrás de gente abastada e influente quando isso lhes dá jeito. Ora, sabemos que o caso do Aaron tem que ver com o Brosnan a ser incriminado porque se queria afastar dos Callans e estes não se podem dar ao luxo de ter gente a sair da organização. Podiam ter abatido o Brosnan, mas isto serve para matarem dois coelhos com uma cajadada. Abateram o outro indivíduo e incriminaram o Brosnan para que este arcasse com as culpas. Só que ele tem o melhor advogado de defesa criminal do mundo a representá-lo. Certo?

Aaron sustém o olhar de Jude. Estará a trocar dele? Mas a expressão é séria.

– Temos preparada uma defesa muito boa. É improvável que o Brosnan vá parar à prisão – afirma ele calmamente.

– Então, os Callans não têm motivos para o ter como alvo? Com o objetivo de o levarem a afastar-se do caso, ou perder deliberadamente, para que o Brosnan seja preso?

Jude está a escutiná-lo de um modo de que ele não gosta e Aaron sente o ardor desconhecido da inquietação. Talvez seja melhor tê-la do seu lado.

– Tenho a certeza de que não é disto que se trata. – Jude está prestes a dizer mais alguma coisa e ele levanta a mão. – Mas, seja como for, eu falo com a Hawthorn.

Jude acena com a cabeça, sem dúvida satisfeita por se ter feito ouvir.

Sive dirige-se a Aaron.

– Eles têm algum historial... Seriam capazes de fazer mal a crianças?

Aaron pega no telefone.

– Pedi ao Garvin que confirmasse isso. – Um ar que pode ser de satisfação percorre o rosto de Jude. – Vou ver se ele conseguiu alguma

coisa.

Garvin atende de imediato, como se estivesse à espera do telefonema do patrão. Começa a debitar os resultados no seu habitual tom formal sem que Aaron tenha de o pedir. Um dos muitos talentos de Garvin é antecipar as necessidades de Aaron. Sive diz que isso se deve ao facto de ele o aterrorizar – as reações são automáticas, como um cão nervoso. Mas ela nunca teve empregados e não sabe como funcionam as relações entre patrão e trabalhador.

– No tempo que tive para investigar até agora – diz Garvin –, há indícios de que os Callans terão estado envolvidos em três raptos para coação de terceiros, dois dos quais envolvendo crianças. As crianças não foram maltratadas. Ou, mais concretamente, se foram, não há registos disso.

– Portanto, é seguro afirmar que eles não maltratam crianças.

– Eu... bem. Se calhar...

– Certo. Mais alguma coisa?

– Por enquanto, não, mas posso ajudar de alguma maneira com as buscas?

Aaron passa a mão pelo cabelo.

– Como é que podes ajudar com as buscas se estás em Dublin e nós estamos em Londres? – A brusquidão do tom não é intencional. – Tenho de manter a linha livre. – Aaron desliga e olha para Sive, que aguarda, expectante.

– O Garvin diz que não visam crianças. Nunca. – É uma mentira inocente, e vale a pena, se Sive se preocupar menos.

Sive solta um suspiro silencioso de ínfimo alívio e o telefone de Aaron começa a tocar.

É um número privado. Ele atende.

– Aaron Sullivan.

Ouve-se a voz de uma mulher. Fala de forma lenta e deliberada. Cada palavra é pronunciada com todo o cuidado.

– Tenho a Faye.

A boca de Aaron fica subitamente seca. Perde a força nas pernas e

estende a mão para o pilar atrás dele de modo a segurar-se.

A mulher continua a falar. Sem pressas. Fria.

– Vou dizer como pode tê-la de volta.

Qualquer resposta que Aaron pudesse ter está-lhe presa na garganta. Ela continua e ele deixa-se tombar contra o pilar.

– Pode escolher seguir as minhas instruções ou pode ficar sem a sua fil...

Um anúncio crepita no sistema de som, abafando por momentos a voz da mulher. Aaron pressiona o telefone contra o ouvido, desesperado por ouvir cada palavra.

– ... não vai gostar do que lhe vou dizer para fazer. Pode bem ser o mais difícil com que já se deparou. Um dilema. Vai ver.

E a linha fica muda.

Dois dias antes – sábado

Clarinda Gardens

Quando o *takeaway* chegou ao apartamento de Dave, no sábado à noite, Maggie pareceu voltar ao normal e Sive interrogou-se se teria imaginado a expressão peculiar no seu rosto quando os amigos haviam falado sobre a mãe de Dave. Sive ficou a ver Maggie meter mãos ao trabalho, dispondo talheres e copos de água e tirando um conjunto de xadrez e uma pilha de jornais da mesa de centro – depois de tantos anos, continuava a ser a «mãe da casa» oficiosa –, enquanto Dave enchia os copos.

Estavam agora sentados à volta da mesa, com pratos nos joelhos, e a conversa encaminhou-se para as circunstâncias em que Aaron e Sive se haviam conhecido. Sive detestava essa parte.

– Conhecemo-nos em tribunal – disse Aaron com um sorriso, como sempre. Gostava de provocar reações.

– Oh, o que é que ela tinha feito? Andava a roubar em lojas? Fraude com cartão de crédito? – perguntou Scott com uma gargalhada. E depois: – Estou só a brincar, Sive.

Aaron ignorou-o e continuou com a história.

– Eu estava a representar um indivíduo que matara um colega de trabalho. O gajo estava desgraçado, mesmo comigo a defendê-lo. Foi condenado. Tenho a certeza de que foi o último caso que perdi, e, muito sinceramente, ainda tenho vergonha disso. Mas o lado positivo foi ter conhecido a minha adorável esposa. – Sorriu a Sive.

– Bem, dizem que a maior parte das pessoas se junta no trabalho, por isso bate certo para vocês, mesmo que não tenha sido um caso de «olhares trocados junto à fotocopadora» – comentou Scott. – Eu conheci a Caron junto à fotocopadora. Não que me tenha servido de grande coisa, agora que ficou com metade do que era meu e fugiu com aquele cabrão daquele produtor.

Maggie deu uma palmadinha no joelho de Scott.

– Pelo menos tiveste três filhos maravilhosos.

– Mesmo estando agora noutro continente – lembrou Aaron.

Sive abanou a cabeça na direção dele, num alerta silencioso, mas Aaron não a viu. Ou fingiu não ver. A obsessão que ele tinha em superar todos era bastante útil num tribunal, porém não era propriamente agradável em contextos sociais. Mas Aaron nunca diferenciava entre a vida pessoal e profissional. Pensou no que Maggie dissera, sobre Aaron ter tentado apanhar o perseguidor de Yasmin. Não a surpreendia. Era *típico* de Aaron. Nada de ficar sentado: levantar e *fazer* alguma coisa, era o seu lema. Estava sempre a tentar fazer alguma coisa, sempre a tentar vencer, derrotar e superar. Adorava superar. E adorava apanhar as pessoas a mentir. O passatempo preferido de Aaron era apanhar os outros a mentir. Sive preferia dar a alguém a oportunidade de dizer a verdade (os filhos, por exemplo), mas Aaron gostava do jogo do gato e do rato, de espalhar armadilhas e ver as pessoas a caírem nelas. Fazia-o em tribunal, obviamente, sendo esse o seu trabalho. Mas também o fazia nos bastidores – no escritório, com a equipa de apoio.

Ainda lhe custava recordar os primeiros tempos com Garvin, o assistente perfeccionista de Aaron, que, certa vez, num lapso raro e que nunca mais se repetira, se tinha esquecido de marcar um almoço com um cliente importante numa sexta-feira atarefada de dezembro. Aaron havia descoberto o erro quando telefonara para o restaurante com um pedido de última hora relativo a um tipo específico de champanhe, mas ao em vez de o dizer a Garvin, tal como Sive faria, tinha preparado uma armadilha a Garvin, querendo saber se ele mentiria ou se diria a verdade. Perguntou-lhe se o restaurante havia telefonado a confirmar. Viu Garvin desesperado à medida que a consciência do acontecido se lhe espalhava pelo rosto. Deixou-o mentir em relação ao telefonema por parte do restaurante para confirmar o número de pessoas. Viu-o sair a correr para fazer uma chamada urgente, numa tentativa desesperada de conseguir uma marcação. Esperou enquanto

Garvin tentava perceber como havia uma marcação se ele não a tinha feito. E depois puxava o assunto em todas as análises de desempenho nos oito anos desde então. *A confiança é essencial, Garvin. Mentir sobre coisas pequenas significa que uma pessoa pode mentir sobre coisas importantes. Não há fumo sem fogo.*

E assim sucessivamente, até à exaustão. Para Sive, nunca havia necessidade de chegar a tal ponto. Se Aaron não tivesse levado Garvin a tentar encobrir o sucedido, o episódio nem sequer teria começado. Claro que nada disso lhe dizia respeito. Ela nunca tivera funcionários a seu cargo. E Aaron era um dos mais bem-sucedidos advogados de Dublin – supostamente, saberia o que estava a fazer. Portanto, sim, ela imaginava-o a tentar apanhar o perseguidor de Yasmin e agora tinha ficado curiosa e queria saber o que fizera ele. Mas Maggie havia ido com eles até ao hotel depois da visita à Torre de Londres e ficara a ajudar com as crianças, enquanto Aaron foi ao encontro de Dave para tomarem uma caneca. Logo, Sive teria de esperar para o interrogar.

A conversa mudara da separação de Scott para a gravidez de Nita, depois para os muitos afilhados de Maggie e, finalmente, outra vez para os filhos de Scott e sua reação ao divórcio dos pais.

– Afetou-os muito – disse Scott, o músculo do maxilar a tremer. – E a culpa, valha-me Deus. Teria dado o braço direito para os poupar àquilo por que passaram... – Olhou pela sala e bebeu um gole de cerveja. – E estou a falar muito a sério. Mas acho que é uma coisa que só se entende quando temos filhos.

Maggie soltou um suspiro exasperado.

– Scott, por favor, não venhas com a fita do «só se compreende quando se é pai». Sinceramente. Mesmo quem não é pai também consegue sentir empatia, sabes? E todos nós tivemos pais. – Estalou a língua. – Hei de morrer a defender isto. Quem não tem filhos não é incapaz de compreender o que é ser pai.

Sive beberricou o seu *rosé*, assentindo silenciosamente.

Mas Scott não se demoveu.

– Nunca serás capaz de o entender até seres capaz de morrer por

um filho.

– Eu era – afirmou Maggie.

– Eras o quê?

– Se chegasse a esse ponto, se estivesse numa situação impossível, e fosse a minha vida ou a de uma criança, acho que era.

Scott riu-se.

– Espero que não morresses pelos meus filhos, aquelas pestes ingratas.

– Acho que ninguém sabe até se encontrar nessa situação – ponderou Maggie. – E, se acontecesse, eu talvez dissesse algo completamente diferente, mas sim... Uma criança, com a vida toda pela frente, ou eu, que já cá ando há quarenta e dois anos. Acho que era capaz.

Dave interveio.

– Desculpa lá, Maggie, mas não contes comigo. Os miúdos são giros, e tal, mas não são *assim* tão giros. – Encolheu os ombros e sorriu.

Nita riu-se.

– Também não contes comigo. Pergunta-me outra vez daqui a seis meses, mas, por agora, não, obrigado.

Maggie abanou a cabeça.

– Estás a ver, é *isso* que eu quero dizer. Tu dizes, «Pergunta-me outra vez daqui a seis meses», como se fosses mudar profundamente. Como se eu fosse incapaz sequer de compreender esse amor. Eu compreendo o amor. Tenho as minhas irmãs e os meus pais e...

– Sorte a tua – atalhou Nita com simplicidade, e Maggie enrubesceu.

– Desculpa, não devia ter dito aquilo.

Fez-se um breve silêncio e Sive interveio.

– Olhem, tenho três filhos e nem eu sei se morreria por eles. – Todos se riram com um pouco mais de intensidade do que o necessário, satisfeitos, assim imaginou Sive, por se afastarem, mais uma vez, do espectro do fantasma de Yasmin.

Só Aaron permaneceu sério.

– Não morrerias? – perguntou a Sive. – Eu morreria – prosseguiu, sem esperar por uma resposta. – Se dava a vida pelos meus filhos? De certeza.

Sive arrepiou-se involuntariamente com as palavras do marido e rezou, em silêncio, para que nunca fossem postas à prova.

Maggie começou a levantar os pratos e Sive foi ajudá-la. Nita também se pôs de pé, agora cambaleante nos seus saltos altos, e foi buscar uma nova garrafa de champanhe ao frigorífico. Mais ninguém estava a beber champanhe. Teria ela acabado mesmo com uma garrafa inteira? Sive mordeu o lábio. Talvez fosse por causa das memórias de Yasmin? O aniversário? Estaria a presença de Aaron a perturbá-la? Mas ela estivera bastantes vezes com ele ao longo dos anos, mesmo que aquele fosse a primeira reunião «oficial».

Sive juntou-se a Maggie a arrumar a louça na máquina de lavar, sem que os outros as pudessem ouvir graças a Sive, cuja «If ya gettin' down» estava a tocar na coluna da bancada de pequeno-almoço.

– A Nita está bem? – perguntou.

Maggie abanou a cabeça.

– Não sei. Já tento falar com ela.

– É que... o bebé. Isto não lhe vai fazer bem. Mas ela é adulta. Não a podemos proibir de beber, pois não?

– Eu sei. É o tipo de coisa que julgamos que vai ser fácil até nos encontrarmos mesmo na situação. – Maggie procurou pastilhas para a máquina de lavar debaixo do lava-louça.

– Sabes mesmo o sítio às coisas! – comentou Sive. – Não devia ser o Dave a arrumar?

Maggie revirou os olhos.

– Pois. – Lançou um olhar aos outros, a conversar, enquanto ligava a máquina. – Mas acho que ele pode estar... bem, ele pode estar a passar por certas coisas. Por enquanto vou deixá-lo em paz.

Sive abriu boca, fazendo menção de perguntar que «coisas», mas

não havia maneira de o fazer sem parecer intrometida. Olhou para Aaron, no outro lado da sala. Talvez ele soubesse. Por enquanto iria acrescentar isso à lista crescente de questões acerca daqueles amigos londrinos e dos seus passados complexos.

Segunda-feira

14h31

Sive fica de boca aberta em choque quando o telemóvel de Aaron lhe escorrega da mão e se estatela nas lajes.

– Aaron, o que foi? Encontraram-na?

Aaron abana a cabeça em silêncio. Sive agarra-lhe o braço.

– Aaron! Quem era ao telefone?

Aaron, de olhos arregalados, mira Sive, depois Jude, e então, com um esforço notório, consegue falar.

– Jude, dá-me um bocadinho com a minha esposa?

Jude assente.

– Claro. – Afasta-se, pegando no telemóvel enquanto Aaron apanha o dele do chão.

– Aaron, estás a assustar-me. Quem era?

– Não sei. – Os dedos apertam o braço de Sive e ele afasta-os ainda mais de Jude. – Eles disseram que têm a Faye.

Valha-me Deus.

– Quem? – murmura ela.

– Não sei. – Aaron fala com um fio de voz. – Uma mulher. Disse que tem a Faye e... e que tenho de fazer qualquer coisa para a recuperar.

– Tens de fazer o quê? – Sive está a abanar-lhe o braço.

– Ela não disse. Só disse que se eu seguir as instruções, recuperamo-la. E se não seguir... não.

– É dinheiro? Nós temos dinheiro. Podemos vender a casa. Podemos arranjar o que eles quiserem.

Mas o marido está a abanar a cabeça.

– A mulher não disse nada sobre dinheiro. Acho... que é outra coisa.

Sive está a chorar e a abaná-lo com força.

– Mas como é que sabemos o que fazer?

– Chiu, Sive. Isto tem de ficar entre nós. – Olha para trás dela. – Um dos repórteres de há bocado voltou – resmungando. – Anda para aqui. – Guia-a ao longo da parede, os dois afastados do caminho dos passageiros e da linha de visão do jornalista.

– Aaron, o que é que vamos fazer?

– Ela volta a ligar – diz simplesmente. E, como se estivesse à espera da deixa, o telemóvel começa a tocar.

– Estou? – atende ele, pondo o telefone em alta-voz, e Sive junta-se mais para ouvir.

– Imagino que tenha tido tempo para digerir o meu primeiro telefonema. – A voz é clara e modulada. Educada. Normal. Não é a voz de alguém que leve crianças. Não é a voz de alguém que Sive conheça. – Vou dizer-lhe o que lhe vou pedir que faça. Mas, primeiro, que fique bem claro. Nada de polícia. Se forem à polícia, nunca mais veem a Faye. Sou a única pessoa no mundo que sabe onde ela está, por isso não me provoquem. – Sive faz menção de responder, quer dizer que não dirão a ninguém, mas a pessoa continua a falar. – Não vai gostar, Aaron, mas a sua tarefa é a seguinte.

Dois dias antes – sábado

Clarinda Gardens

Em retrospectiva, Sive decidiu que houve uma certa inevitabilidade. A forma como Nita se levantou devagar, balançando sobre os seus saltos altos. A procura atrás dela, em busca do telemóvel no sofá. A mão dirigida à bolsa no chão. Uma bolsa *Miu Miu* preta que havia comprado naquela tarde. O modo como falhou a alça e depois voltou a baixar-se. Dessa vez agarrou um dos lados da bolsa aberta e conseguiu virá-la ao contrário. O conteúdo espalhou-se pelo soalho de betão polido de Dave. Seis pessoas agiram em simultâneo para recolher os pertences dispersos. Uma carteira *Marc Jacobs*, aberta sobre o tapete. Meia dúzia de cartões de crédito. Uma nota de cinquenta libras. Um batom *Charlotte Tilbury*. Um pacote de lenços de papel. Uma embalagem de anti-histamínicos. Uma bisnaga de *Bio Oil*. Uma bolsa de maquilhagem, pequena, mas pesada, felizmente com o fecho de correr fechado. Um *blister* de paracetamol, meio cheio. Uma caixa de *Ovidrel*. Um bálsamo de lábios *Baume de Rose*. Um frasco de suplementos *Pregnacare*. E uma fotografia de Yasmin.

Foi Sive quem pegou na fotografia de Yasmin e não conseguiu deixar de olhar para a segunda fotografia que via da falecida noiva do marido. Naquela, Yasmin estava sozinha, sentada num banco iluminado pelo sol debaixo de uma palmeira. Parecia mais nova do que na outra fotografia – dezassete ou dezoito anos, imaginou Sive – e o cabelo já era vermelho-acastanhado, embora mais escuro, com um tom menos vibrante. Talvez na altura ainda estivesse a começar a pintá-lo. Usava um *top* de alças turquesa e calções de ganga cortados, as pernas cruzadas pelos tornozelos, enquanto lambia um gelado. Férias de família, talvez? Porém, do que Sive se lembrava, os pais de Nita e Yasmin haviam morrido quando as irmãs eram novas e tinham sido criadas pela prima da mãe, na zona norte de Londres. Ainda a

fitá-la, Sive entregou a fotografia a Nita. Havia qualquer coisa que lhe parecia não bater exatamente certo, mas não conseguia perceber o que era. Se calhar também bebera um pouco a mais.

Nita enfiou as coisas na bolsa, lamentando-se enquanto o fazia. O incidente parecia tê-la deixado sóbria. Na verdade, pensava Sive agora, ao ver Nita fechar a bolsa e percorrer a sala para recuperar o seu casaco, ela parecia perfeitamente bem. Será que o desequilíbrio fora simulado, só para chamar a atenção? Nita seria bem capaz disso. Vivia para a atenção Talvez não tivesse realmente bebido o champanhe? Sive lembrava-se de despejar um copo de *Pinot Grigio* para o vaso em casa de um amigo, numa altura em que ainda era demasiado cedo para contar da gravidez de Bea. E tinha feito o mesmo com uma chávena de chá quando a sogra acrescentara níveis industriais de leite. Porém, ali não havia vasos. E parecera mesmo que Nita – a Nita inteligente e a par de tudo, com a sua gravidez cuidadosamente planeada – emborcara uma garrafa de champanhe sozinha.

Tinha o Uber à espera junto ao portão do condomínio, informou, despedindo-se com um aceno alegre; era uma pena sair tão cedo, mas tinha de pôr o trabalho em dia na manhã seguinte. Aaron levantou-se e pôs a bebida. Ia acompanhá-la. Os outros concordaram e Nita não se opôs. O breve silêncio que se seguiu quando Aaron fechou a porta foi quebrado por Maggie.

– E então, Sive, como vão as coisas contigo? Espero que não tenhas de pôr o trabalho em dia ao domingo de manhã, como a Nita!

Sive sorriu.

– Espero que não.

– A Sive é patroa dela própria, não é? – adiantou Scott. – Pode tirar as folgas que quiser. Deve ser bom.

Sive continuou a sorrir.

– É mais *nunca* conseguir tirar folgas. Mas não me importo. Gosto daquilo que faço.

– Imagino que possas desistir quando quiseres – opinou Dave. – O

Aaron ganha bem.

Scott abanou a cabeça.

– Olha que não se faz tanto dinheiro em Direito como julgas, Dave.

– Olha lá, tu já viste a casa deles? Uma mansão enorme, com portão elétrico e câmaras de vigilância? – Dave exibiu um sorriso tímido a Sive. – Fui ao Google.

Scott abanou a cabeça.

– As casas são mais baratas na Irlanda.

– Garanto que não são – esclareceu Maggie. – Acredita, andei à procura de uma casa de férias na zona ocidental da Irlanda, mas ficava *muito* fora do meu orçamento.

– Então, talvez o Aaron vá buscar dinheiro a outro lado – comentou Dave, com uma piscadela de olho.

Sive pareceu inquieta. Que conversa tão estranha. Talvez fossem restos do que faziam quando eram mais novos, comparando os salários iniciais dos respetivos empregos.

Aaron voltou e Sive, aliviada por interromper o tema dos rendimentos de Aaron, perguntou-lhe se Nita estava bem.

– Sim, ela está bem – foi a única resposta de Aaron, voltando a pegar na cerveja e juntando-se a Dave e Scott, que estavam agora a admirar o televisor de cinquenta polegadas e a debater os respetivos serviços de *streaming*. Não havia grande coisa com que Aaron e Scott estivessem de acordo, mas mantinham uma frente unida no que aos televisores dizia respeito: quanto maior, melhor. Sive viu Aaron passar o braço sobre o ombro de Scott e soltou um breve suspiro de alívio. Apercebeu-se de que esse alívio estava maculado por uma pontada de inveja, ciúmes de uma amizade sem segundas intenções.

Dirigiu-se a Maggie.

– Então e aquilo foi... um bocadinho estranho? Com a Nita?

Maggie franziu os lábios.

– Depois de ver o que lhe caiu da mala, fico com uma ideia... mas não tenho a certeza. – Fez uma pausa e depois continuou: – E se amanhã tivéssemos uma noite de mulheres? Tu e eu, um copo de

vinho num sítio agradável. Convido também a Nita. E podemos tentar perceber o que se passa?

– Parece-me bem. Mas tenho de falar com o Aaron. Pode não lhe parecer bem deixá-lo no hotel com os miúdos, já que a viagem supostamente é dele...

– Também é tua. Além disso, eles amanhã vão ficar em casa para dormirem bem antes da corrida de segunda-feira de manhã. Não vale a pena ficares também, pois não?

Era verdade. E talvez Aaron ficasse satisfeito. Se ela estivesse no quarto na noite seguinte, ambos teriam necessidade de fazer *alguma* coisa – ver um filme, pedir o serviço de quartos, falar. Se estivesse sozinho, Aaron podia ler os jornais de domingo e ver programas desportivos. Pensando bem, seria uma noite de sonho para ele.

– Combinado – disse a Maggie. – Bom, é melhor levar aquele meu marido para casa, ou a coitada da *babysitter* ainda pensa que abandonámos os nossos filhos de vez.

Chamou a atenção de Aaron e bateu com o dedo no relógio. O marido assentiu, com uma expressão grave. Voltou a lembrar-se de como lhe parecera tenso. E da história que Maggie acabara por não lhe contar sobre o perseguidor de Yasmin. Será que aquele encontro estava a reavivar más memórias? Observou-o do outro lado da sala. Ou estaria o caso que se avizinhava a afetá-lo mais do que dava a entender? Talvez os comentários de Scott no café o tivessem atingido. Talvez o álibi do cliente não fosse tão inabalável como Aaron julgara. Talvez... mas Sive não conseguia deixar de imaginar que fosse outra coisa completamente diferente.

Segunda-feira

14h33

Não vai gostar, Aaron, mas a sua tarefa é a seguinte.

Sive e Aaron sustiveram ambos o fôlego, à espera para ouvirem o que a pessoa do outro lado da linha queria em troca de Faye. Mas faz-se uma pausa. Não há palavras. Não há voz. À volta deles ouvem-se os sons do metro de Londres, mas do telefone na mão trémula de Aaron não sai nada. Sive sente o pânico crescente – será que a mulher desligou? E se tiver desistido do telefonema e não voltar a ligar? E se acontecer alguma coisa àquela mulher e eles nunca mais voltarem a encontrar Faye? E se...

Ouve-se um clique. E depois, a voz retoma o discurso.

– Não vai ser fácil, Aaron, mas lembre-se, a escolha é sua. O que tem de fazer para voltar a ver a Faye é o seguinte: grave, neste momento, um vídeo seu a contar a verdade ao público. A contar o que tem andado a fazer estes anos todos.

Sive fita o telemóvel, depois Aaron. *Ela está a falar do quê?*

Após uma breve pausa, como se esperasse que Aaron e Sive absorvessem o que está a dizer, a mulher continua.

– Sobre como o Aaron vence os seus casos.

Nova pausa, desta vez de tal modo prolongada que Sive volta a recear que a mulher tenha desligado. Debruça-se sobre o telefone para falar.

– Estou? Ainda aí está? Está a falar do quê?

Aaron abana a cabeça, silenciando Sive.

Ouve-se um clique e depois a voz da mulher reaparece.

– Acho que os seus colegas da Ordem talvez possam gostar de saber como o Aaron vence os casos. E há juízes que também vão ficar curiosos. E a guardai.

Sive não consegue esperar mais.

– Diga-nos onde está a Faye! Damos-lhe dinheiro, damos-lhe o que quiser... Eu preciso da minha filha de volta. Por favor.

Mas a pessoa do outro lado da linha continua a falar com Aaron como se Sive não tivesse aberto a boca.

– Julgo que a polícia estaria interessada na forma como paga a hipoteca da sua casa em Ailesbury Road e a educação privada da Faye. Nem mesmo o «melhor advogado da Irlanda» poderia ganhar tanto como o Aaron ganha.

Falta alma àquela voz. É quase robótica, como numa chamada falsa. Mas não exatamente.

– Espere lá, como é que sabemos que está a falar a sério? – indaga Sive. – Deixe-me falar com a minha filha.

Silêncio. Depois, outro clique débil.

– Agora não estou com a sua filha. Ela está a dormir noutra local. Não pode falar com ela antes de passar o efeito das drogas. Nessa altura, se tiver feito o que tem de fazer, poderá vê-la pessoalmente.

– Onde está...

A mulher continua a falar. Sempre calma, sem pressas, sem emoção.

– Quando fizer o que lhe disserem, eu digo-lhe onde ela está.

Aaron faz menção de falar, mas Sive adianta-se.

– Se não me pode deixar falar com ela e se não está com ela neste momento, como é que eu sei que ela está onde me diz?

Novo silêncio. E novo clique.

– Estive com a sua filha há uma hora. Ela tem muitas saudades suas. Chorou um bocadinho, mas, de um modo geral, tem tido muita coragem. Dói-lhe a perna, claro. Um dos pontos rebentou. Mas pode tratar disso quando estiver consigo outra vez. – Uma pausa. – Isso, claro, *se a quiser* outra vez consigo.

14h36

– É claro que a queremos connosco – sibila Aaron à pessoa do outro lado da linha, enquanto Sive fica a olhar silenciosamente para o telemóvel, tentando apreender o que se passa. Do outro lado da linha, aquela linha invisível, está a única ligação com a filha. *Como pode isto estar a acontecer? Quem é esta mulher gelada que levou a Faye?*

Aaron respira fundo.

– Diga-me o que fazer. Aonde ir. Como recuperá-la.

Sive obriga-se a concentrar-se e, quase por instinto, pega no seu telemóvel e prime o ícone de um microfone.

Mas agora só se ouve silêncio.

– Estou? – diz Aaron, aproximando o telemóvel da boca.

Depois ouve-se um clique.

– É simples. Grave um vídeo seu. Conte a verdade sobre o que tem feito. Sobre como pressiona as testemunhas para alterarem o que dizem. Sobre a chantagem que livra os seus clientes da cadeia e que lhe enche os bolsos com dinheiro. Carregue o vídeo no Twitter e identifique dez contas de uma lista que lhe acabei de enviar. Vai ficar na boca do mundo. E nunca mais voltará a trabalhar. É como o Aaron gosta de dizer, não há fumo sem fogo. – Uma pausa e um clique. – Mas nem pense em dizer que o obrigaram a fazer uma confissão falsa. Se o fizer, nunca mais vê a Faye.

Desligam a chamada.

Sive está gelada, enjoada e tonta, e tenta desesperadamente recompor-se, agir. Fazer o que tiver de ser feito para recuperar Faye.

– Tens... tens alguma mensagem? – pergunta, vendo Aaron clicar em algo no telefone.

– Sim. RTÉ. Sky. BBC. O *The Irish Times*. O *Daily Byte*, etcétera. – Ele fita-a. – Não posso fazer isto. Vou ser expulso da Ordem.

– Aaron! O que interessa isso? Fá-lo. Esta pessoa tem a Faye!

– Mas nem temos a certeza...

– Foda-se, Aaron! Ela sabia dos pontos na perna dela. Ninguém sabe deles. E mesmo que só haja um por cento de hipóteses de isto ser legítimo, de a Faye estar com esta louca, de ela a devolver mesmo, temos de tentar! Faz o vídeo!

– Ei – diz Aaron, gesticulando com a mão para que ela fale baixo e olhando para onde Jude se encontra. – Fala baixo.

– Não me digas para falar baixo. Alguém levou a Faye e ela quer que faças um discurso qualquer num vídeo, por isso faz a porra do discurso num vídeo!

– Mas eu...

– Não acredito que estamos a ter esta conversa. Fá-lo! – Sive tira-lhe o telemóvel da mão e acede à câmara. A meros quinze centímetros do marido, Sive pressiona o ícone de vídeo e faz-lhe sinal para que fale.

Aaron abana a cabeça.

– Isto é de loucos! Não vou fazer uma confissão parva. Não acreditas mesmo em nada daquilo, pois não?

– É claro que não, porra, mas o que é que isso interessa? Di-lo! É a maneira de recuperarmos a Faye. E assim que a tivermos podes fazer outro vídeo a contar a toda a gente o que aconteceu, que foste obrigado a fazer uma confissão falsa. – *Como é que ele não o percebe?*

– Mas Sive, vai haver quem acredite. Vão pensar que não há fumo sem fogo, tal como ela disse.

– E depois! Tu não queres saber do que o público pensa de ti, nunca quiseste. Fá-lo. Pela Faye.

– Mas vai haver investigações.

– Pois que investiguem. É a porra de uma confissão falsa. Cristo, ainda no sábado à noite, na casa do Dave, disseste que davas a tua vida pelos nossos filhos. Isto não é a tua vida, é só um vídeo.

Faz-se silêncio, com Aaron a fitar o telemóvel, mas ainda sem dizer nada.

– Aaron – murmura ela. – Isto não é... isto é por causa...

– Não! Não é isso. É difícil, mais nada. Pode ser o fim da minha carreira. Não interessa o que eu diga a seguir, vai haver sempre quem acredite. Mas eu faço-o. É claro que faço. Porra. Começa a gravar.

14h41

Jude devia estar a dar-lhes espaço, mas não consegue evitar e aproxima-se. Aaron parece estar prestes a fazer um discurso, com Sive a filmar. Um apelo ao público? Dá mais um passo. Nenhum deles lhe está a prestar atenção. Já os vai conseguir ouvir. Um anúncio da estação de metro abafa as palavras de Aaron, porém, quando termina, ela concentra-se.

– ... e eu... eu tenho chantageado testemunhas para as pressionar. Para vencer casos. Lamentavelmente.

Jude fita-os. Ele disse mesmo aquilo? Sive para de filmar e começa a fazer alguma coisa no telemóvel. Jude desiste de fingir que lhes está a dar espaço.

– O que foi aquilo? – pergunta, chegando junto deles.

Sive e Aaron entreolham-se e há algo silencioso que passa entre eles. Aaron arregala os olhos, como se lhe pedisse permissão, e Sive abana a cabeça. É um movimento ínfimo, mas Jude apercebe-se.

– Um vídeo. Já o vais ver, vou carregá-lo no Twitter – responde Sive com brusquidão, tocando no ecrã do telefone à velocidade da luz.

– Sobre *chantagem*?

Aaron fecha os olhos por breves instantes.

– Sim. Bem vistas as coisas, essa palavra tem uma certa ironia.

– Aaron – diz Sive, com o tom a denotar um alerta claro.

– Tem andado a chantagear testemunhas? – Jude está incrédula. – Para se retratarem de testemunhos contra os seus clientes... é isso?

– Não, não tenho. – Truncado. Enfático.

– Então, o que é que acabou de... o que se passa?

Sive ergue o olhar do telefone.

– Não podemos dizer, Jude, por isso, não pergunes. – Dirige-se a Aaron. – Já está. Já o publiquei e identifiquei a lista.

Jude acena afirmativamente com a cabeça, surpreendida com o

tom firme e tenso de Sive. A mulher que passou a manhã a colapsar parece ter-se recomposto por fim. Jude pega no seu telemóvel e depressa acede à conta de Twitter de Sive. Lá está o vídeo, com dez contas identificadas – TV, rádio, jornais, incluindo aquele onde trabalha. *Mas que raio?* Abre o vídeo e aproxima o telefone do ouvido. Não é muito maior do que aquilo que já ouviu.

– Acabou de confessar chantagens. Alguém o obrigou a fazer isto? Alguém ligado ao desaparecimento da Faye?

– Jude, por favor – insiste Sive. – Não pergunes.

Jude faz um esgar.

– OK. – Olha para o telemóvel. O vídeo de Sive ainda não foi visto. Sive não tem um grande número de seguidores e as contas dos *media* ainda não se aperceberam dele. – Partilho-o? – pergunta Jude. – Precisam que ganhe projeção?

– Não – rejeita Aaron. – Já fizemos o que nos pediram. Ninguém nos disse que teríamos de alargar o alcance.

Jude assente. Portanto, alguém o obrigou a fazer aquilo e ele está a seguir instruções específicas. *Jesus. Isto é muito importante.* Quer dizer que foi premeditado e está associado ao trabalho de Aaron. Ela nunca cobriu nada tão importante.

O telemóvel de Aaron toca. Relanceia Jude e Sive ao atender.

– Sim.

Jude só ouve o lado da conversa de Aaron.

– Mas fizemos o que...

– Mas...

Aaron ergue o olhar.

– Ela desligou.

Jude pestaneja. *Ela? É uma raptora?*

– O que disse? – pergunta Sive.

– Precisamos de que a publicação ganhe projeção. Depois volta a ligar. Ela falou em si. – Aaron olha para Jude. – Disse que tem visto as suas publicações e que sabe que passou a manhã connosco. Pede que partilhe o vídeo. – Aaron olha para o teto da estação e esfrega o rosto.

– *Porra.*

Jude assente. Já está agarrada ao telemóvel.

– Claro. – Partilha o vídeo de Sive, legendado com um simples «por favor, vejam». No espaço de segundos surgem comentários, gostos e partilhas. Os comentários variam entre «WTF?» e «Alguém o obrigou a fazer isto?» até uma qualquer variante de «Sempre desconfiei dele.» Mas o resultado é o desejado. No espaço de minutos, o vídeo foi partilhado mais de quatrocentas vezes e as agências noticiosas também já se aperceberam do que se passa. Jude mostra o telemóvel a Aaron.

– É isto o que a pessoa quer?

Aaron e Sive assentem, os rostos pálidos. Já não há como escamotear a verdade. Faye Sullivan não se perdeu. Faye Sullivan não está com um estranho benevolente. Jude sente uma onda de temor, misturada com adrenalina. Sive tinha razão. Faye Sullivan foi realmente raptada. E Jude Barr tem uma entrevista exclusiva.

14h52

Sive sustém o olhar de Jude.

– OK, isto é muito importante. Não podes dizer *nada*. A ninguém.

Aaron resmunga qualquer coisa entredentes sobre jornalistas e depois, em voz alta, diz:

– Então e o que aconteceu à ideia de não lhe contar nada? Ainda há cinco minutos me dizias para estar calado.

Ele tem razão, mas Sive ignora-o. Jude já ouviu mais do que o suficiente para adivinhar tudo. Será melhor incluí-la e mantê-la do lado deles do que aliená-la – ou pior, arriscar a que publique algo que ponha em causa a segurança de Faye.

– Nem uma palavra, pelo menos por enquanto – continua Sive. – Obviamente, quando a recuperarmos, vamos precisar da tua ajuda para anular os danos, contando a história toda. Mas, por enquanto, não digas nada. – *Porque é tudo mentira, é claro que é*. Afasta a preocupação incómoda de que possa haver a mais leve verdade naquilo que ele foi obrigado a dizer. *Não é esta a altura*.

Jude hesita, mas acaba por assentir.

– Então e a polícia? Não acham que eles vão ver o vídeo e imaginar o que aconteceu?

Aaron pragueja entredentes e Sive sente cada partícula do que ele diz. Não tinham pensado nisso.

Morde o lábio, percorrendo as várias opções.

– Dizemos que é falso. Um vídeo *deepfake* que alguém está a obviamente a publicar numa altura em que o Aaron não está em posição de responder.

Jude parece cética.

– OK. É isso que vamos dizer se a Hawthorn nos perguntar? Não sei até que ponto isso possa ser credível.

– Tem de ser. Antecipo-me e digo-lhe primeiro, antes que ela fale

connosco. – Sive escreve uma mensagem muito breve a Hawthorn:

Vídeo deepfake de Aaron a fazer uma «confissão» online. Ignore, é uma distração, alguém a usá-lo como alvo quando está muito vulnerável para lidar com o assunto.

– OK – diz Jude. – E eu corroboro se ela perguntar.

– Não te posso pedir que mintas à polícia, Jude...

Um encolher de ombros.

– Estou só a repetir o que me contaste. Como é que eu ia saber que não era verdade? Mas, enfim, o que disse quem ligou?

Sive olha em redor, porém não há ninguém a prestar-lhes atenção.

– É uma mulher e telefonou ao Aaron a dizer que tem a Faye. Que ele tinha de fazer esta confissão *online* para a recuperar. Portanto, agora esperamos por novo telefonema. Para sabermos onde ela está. – *Por favor, que seja assim tão simples. Por favor, que o vídeo do Aaron seja suficiente.*

– Ela disse mais alguma coisa? – pergunta Jude.

– Que a escolha era do Aaron: podia fazer o vídeo e recuperar a Faye, ou escolher não o fazer. Que tinha de confessar, mesmo que isso implicasse o envolvimento de juízes e da gardaí.

Jude ergue as sobrancelhas.

– Ela empregou o termo «gardaí»?

Sive assente.

– Então, ela pode ser irlandesa? Tinha sotaque irlandês?

– Ai, meu Deus, tens razão. O sotaque era bastante neutro; não soava propriamente britânico...

– E tens a certeza de que era legítimo? – indaga Jude. – O facto de ser uma mulher parece estranho.

– Não há como ter certeza de nada, mas temos de rezar para que seja legítimo, pois até agora não temos mais nada.

Jude tira um bloco e uma caneta da bolsa.

– Lembras-te de mais alguma coisa do que ela disse?

– Gravei-o. Pelo menos as últimas partes – indica Sive, pegando no telemóvel.

Aaron ergue o olhar, surpreendido.

– A sério?

– É o hábito – torna ela com brusquidão. – Trabalho. – Clica numa *app* e os três debruçam-se para ouvir.

«... e identifique dez contas de uma lista que lhe acabei de enviar. Vai ficar na boca do mundo. E nunca mais voltará a trabalhar. É como o Aaron gosta de dizer, não há fumo sem fogo.»

Sive clica na pausa, rejeita uma chamada de Hawthorn e olha para Jude.

– É difícil perceber com o ruído de fundo, mas é uma mulher, mesmo soando um tanto ou quanto robótica, e julgo que tens razão quanto a ser irlandesa.

– Podes enviar-me a gravação? – pergunta Jude, rabiscando furiosamente no bloco.

Aaron abana a cabeça.

– Nem pensar.

– Quando a Faye estiver a salvo, sim, mas antes não – declara Sive.
– É demasiado arriscado. Se a pessoa descobre que falámos com alguém...

– Tudo bem. Podes passá-la outra vez? Tens mais alguma coisa?

Sive pressiona o *play* e Jude aproxima-se. Passado um instante endireita-se.

– O que é aquela coisa esquisita da pausa e do clique? Parece que está a parar e a arrancar?

Sive abana a cabeça.

– Não sei.

Pensa em retrospectiva. A chamada, a sequência de acontecimentos já estão enevoadas. Mas há algo que a incomoda. Volta a reproduzir a gravação, aproximando o telefone do ouvido. Abana a cabeça.

– O que foi?

– Não o apanhei nesta gravação, porém, quando penso nisso, é

como se a mulher nunca se calasse quando tentávamos falar. Era quase como se não estivéssemos aqui. Ou como se não nos ouvisse.

– Como se estivesse a reproduzir uma gravação dela? Um ficheiro de som?

– Exatamente. – Sive confirma. – Mas porquê? Por não poder fazer uma chamada real?

– Ou então estava a disfarçar a voz, a acelerá-la ou a abrandá-la?

– Talvez. Ou seja – avanta Sive, dirigindo-se a Aaron –, pode ser alguém que conheças.

Na véspera – domingo

Meridian Hotel

Quando acordou, na manhã de domingo, Sive tinha a boca seca e uma leve dor de cabeça. Não era uma ressaca, apenas a indisposição inevitável que agora parecia seguir-se a cada serão fora, por mais calmo que fosse. Ao seu lado, Aaron ressonava. No berço junto à janela, Toby mexeu-se, mas não acordou. Para até ele ainda estar a dormir, pensou Sive, ainda devia ser cedo. Na sala de estar não se ouviam desenhos animados – as meninas também ainda estariam deitadas. Aquela paz seria maravilhosa se não estivesse preocupada com Aaron. Tinha tentado falar com ele na véspera, depois de a *babysitter* se ter ido embora, mas não conseguira grande coisa.

– Está tudo bem? – perguntara-lhe, ao vestir o pijama. – Esta noite parecias preocupado.

– Hem? – Aaron já estava deitado, a olhar para o telemóvel.

– Parecias... tenso? Fiquei a pensar se o Dave ou o Scott te teriam dito alguma coisa que te incomodasse? Talvez quando foram beber aquela cerveja ao Lion?

Aaron continuava a olhar para o telefone.

– Ou – continuou Sive – será por causa da Yasmin? Más recordações?

Aaron ergueu então o olhar.

– Não. Estou apenas cansado.

Apenas cansado. A resposta típica de Aaron quando não queria falar. Verdade fosse dita, também era a dela. Talvez fosse assim com todos os casais. Tentou pensar numa maneira de lhe perguntar sobre o perseguidor de Yasmin, mas nada lhe pareceu bem. Tudo rondava o voyeurista. Indiscreto. Aaron recostou-se na cama e apagou o candeeiro.

– Estou de rastos. Boa noite – foi tudo o que disse, virando-lhe as

costas. Daí a minutos estava a ressonar, tal como ressonava agora – olhou para o telemóvel – às seis e meia da manhã. Tinha de voltar a dormir. Toby nunca dormia além das seis. Acordar antes dele era um desperdício. Ainda mal a ideia lhe havia passado pela mente quando Toby se mexeu e desatou a chorar. E pronto – tinha começado o domingo em Londres.

– Meu Deus, a minha cabeça – gemeu Aaron meia hora depois. – Que horas são? E porque é que eu bebi tanto?

– São sete. E não bebeste. Estamos só a ficar velhos. – Encontrava-se sentada na cama, com Toby aninhado nos braços, sonolento depois de ter mamado.

– Como é que estás tão animada? – Apoiou-se num cotovelo e beijou a cabeça de Toby e depois a face de Sive.

– Começaste antes de mim... a tua caneca com o Dave. Já agora, como correu?

Foi como se uma nuvem tivesse passado pelo rosto de Aaron.

– Correu bem. Sabes como é o Dave, nunca se cala.

– E o Scott? Parecias tenso a falar com ele.

– O Scott é o Scott – comentou Aaron, o que não lhe dizia absolutamente nada.

– Estas viagens devem ser difíceis, não – tentou ela –, quando vocês falam na Yasmin?

– Foi há muito tempo. E a Nita tem razão, já passámos demasiado tempo a evitar o assunto. – Sentou-se na cama e apoiou as costas à cabeceira. – Falar sobre ela, quero eu dizer. Sobretudo no aniversário da morte.

– A Maggie disse que tentaste apanhar o perseguidor da Yasmin? – *O touro pelos cornos.*

– Sim. Na noite em que ela morreu. – Pegou na mão de Sive e começou-lhe a traçar círculos com o dedo.

– A sério? – Sive virou a cabeça para o ver melhor. – Não sabia. O que fizeste?

Uma gargalhada vazia.

– Na verdade, foi uma parvoíce. Mas, da primeira vez que a Yasmin foi seguida, ela estava a voltar a casa do Rooftop Bar. E depois, sempre que lá ia, ficava com a sensação de que era seguida até casa pela mesma pessoa. Mas só se estivesse sozinha, não quando eu a acompanhava.

– Ela ia ao bar sozinha? – Sive interrogou-se de imediato quanto ao motivo por que teria feito tal pergunta, pois também ela fora amiúde a bares sozinha, sobretudo em viagens de trabalho. Mas depois de tudo o que ouvira dizer sobre os colegas de casa de Aaron daquela altura, tinha ficado com a impressão de que eram inseparáveis.

– Não, quando se encontrava com os outros lá e eu ficava a trabalhar até tarde. Depois ia sozinha para casa. Era nessas alturas que era seguida. Ou julgava que era seguida.

Sive acenou com a cabeça.

– OK, estou a ver. Continua.

– Portanto, começou a associar o perseguidor ao Rooftop Bar. Tinha a certeza de que devia ser um cliente, e assíduo a ponto de parecer estar lá sempre quando ela também ia. Deixou de querer ir lá de todo.

– Compreensível.

– Mas depois começou a vê-lo fora da nossa casa. Sombras que ela dizia serem humanas. Ficou paranoica.

Sive fez um esgar.

– Pensaste que ela pudesse estar a inventar?

– Não, ela acreditava que esse homem era real. E estou certo de que terá sido seguida naquela primeira noite. Mas é como te digo, nunca consegui ter a certeza do resto.

Da sala chegou o som de uma porta a abrir-se, seguido por murmúrios e depois a televisão. O encanto não tardaria a quebrar-se.

Sive endireitou-se e mudou a posição de Toby nos braços. E Aaron continuava a descrever-lhe círculos na mão.

– E o que é que fizeste?

Aaron soltou um longo suspiro.

– Pronto, isto vai parecer-te parvo, mas publiquei uma fotografia no Facebook. O Facebook era a grande novidade da altura, e ainda andávamos todos a tentar perceber como trabalhar com aquilo e...

– Espera lá, tu tiveste Facebook? – Sive não o podia deixar passar. Aaron não tinha qualquer tipo de rede social e nutria um desprezo particular pelo Facebook.

Um sorriso acanhado.

– Ainda era novo. Mas, enfim, publiquei uma fotografia de uma noite que tínhamos passado no Rooftop Bar. Era uma fotografia terrível, cheia de grão, mas eu, como é que se diz... identifiquei a Yasmin e fiz com que parecesse que ela estava lá naquela noite. A ideia foi dela. Depois era suposto eu ir lá e ver se conseguia identificar alguém que a procurasse.

– Parece... rebuscado?

– E foi. Mas, sabe-se lá, podia ter resultado. – Começou a girar a aliança de casamento de Sive, o diamante antigo que pertencera à avó dele. – Dava-me a oportunidade de observar o observador, por assim dizer.

– Mas, sei lá, sem querer deitar abaixo o teu plano, ou assim, o perseguidor não seria vosso amigo no Facebook, certo?

Aaron riu-se.

– Meu Deus, na altura não pensávamos nessas questões de privacidade e assim. Era tudo público. Portanto, se houvesse alguém a persegui-la, seria fácil de a encontrar no Facebook.

– E o que é que aconteceu nessa noite?

– Nada – respondeu Aaron. Desviou o olhar ao falar e Sive não pôde deixar de imaginar que a história não ficaria por ali.

– Não houve perseguidor?

– Não. – Aaron largou-lhe a mão. – Não houve sinais de ninguém sozinho, de ninguém a observar outros clientes. E depois – engoliu em seco audivelmente – cheguei a casa e vi-a em chamas.

– Ai, meu Deus, Aaron. – Sive sentiu os olhos a marejarem-se-lhe

de lágrimas.

– Pois. – Aaron calou-se e ela deixou o silêncio instalar-se, enquanto Toby se aninhava nela e o som da *Patrulha Pata* lhe chegava da sala adjacente.

Daí a pouco, em voz baixa, Sive perguntou se ele achava que teria sido o perseguidor a incendiar a casa.

– Tal como a Nita disse na outra noite, era difícil não imaginar que as coisas estivessem relacionadas. – Um encolher de ombros que soava a falso. Talvez ele precisasse de acreditar na existência de um perseguidor, alguém que pudesse ser culpado. Claro que na sexta-feira, ao jantar, ele parecera menos convencido. O que tinha mudado desde então?

– É tudo tão triste.

Aaron passou-lhe um braço em volta da cintura.

– Ambos temos uns belos ex, não é verdade.

– Temos o nosso passado, ninguém o pode negar – comentou Sive com um sorriso irónico, ao mesmo tempo piscava os olhos para reprimir as lágrimas.

– Há quanto tempo?

– Dezoito meses.

– E nem um pio da família, pois não?

– Nem um pio.

Aaron beijou-lhe a fronte.

– Eu disse-te. Tens de deixar de te preocupar. Nunca ninguém vai descobrir.

– Esperemos que não – comentou Sive, entregando Toby a Aaron antes de sair da cama para ir ver as meninas. Aaron era muito mais descontraído do que ela no que dizia respeito à história deles.

Ao pequeno-almoço, as meninas estavam animadas – entusiasmadas com a ideia de «comida à discrição», agora que já tinham percebido como isso funcionava. Acidentalmente, Faye programara a máquina de panquecas para que fizesse quinze

panquecas, o que levou a que Sive distribuísse o erro por vários pratos na mesa deles, em vez de admitir que haviam desperdiçado tanta comida. Bea comeu a primeira taça de cereais de chocolate da sua vida, servidos pela generosa irmã mais velha, após o que devorou duas miniporções de doce quando Sive não estava a ver. Sive bebeu três chávenas de café e interrogou-se quando teria início a parte das férias daquelas férias. Aaron, com Toby no marsúpio, lia os jornais de domingo. Sive fez uma careta. Devia ter ficado com Toby e deixado que Aaron andasse aos saltos com as meninas.

– Trocamos? – perguntou ela daí a pouco, e Aaron entregou-lhe o bebé com alguma relutância, beijando-lhe a cabeça como era seu hábito. Sive puxou o jornal na sua direção e deixou escapar um suspiro de satisfação. As regras eram simples: quem estava com o bebé não precisava de se mexer. Sorriu a Aaron. – Importas-te de me trazer outro folhado?

O jornal estava aberto numa página de notícias locais e, ao ler na diagonal, Sive avistou um nome que lhe parecia familiar. Pemberton. O homem sobre quem tinham falado no *brunch* da véspera. Detido e acusado de um chorrilho de crimes que remontavam há décadas. Deu uma vista de olhos ao artigo enquanto terminava o café e virou a página, onde outro nome lhe chamou a atenção. Rosco. A polícia procurava Michael Rosco para que ajudasse com uma série de investigações em curso.

– Aaron?

O marido acabara de regressar do bufete com um prato cheio de folhados em miniatura na mão e Bea apoiada na anca. Faye ainda continuava entretida com o dispensador de sumo.

– Sim?

– Acabei de ver isto no jornal... uma referência ao Michael Rosco. Não foi esse o nome que a vizinha referiu? Relativamente ao...

Calou-se. Não ia comentar o incêndio à frente de Bea, mesmo sendo a filha demasiado nova para compreender.

– Foi. Mas ele está metido em muita coisa, por isso não é

descabido ver-lhe o nome no jornal. Certo. – Ofereceu um sorriso rasgado. – Será que, antes de irmos, há lugar para mais uma panqueca?

Naquele dia estavam a planear andar de teleférico e depois apanhar um táxi fluvial no Tamisa que os levasse até ao Big Ben. Só Scott ia com eles: Nita tinha trabalho a pôr em dia, Dave ia visitar a mãe e Maggie ia encontrar-se com a irmã. Sive estava satisfeita com essa pausa nas atividades de grupo, sobretudo porque os adultos tendiam a andar muito mais depressa do que Faye e Bea. Chegou a desejar que Scott também não fosse, mas sentiu-se logo mal por pensar isso. Suspirou enquanto acabava o café. Enfim. Só mais dois dias e regressariam à querida banalidade da vida doméstica em Dublin. Dobrou o jornal, beijou a cabeça de Toby e levantou-se para acompanhar Bea e Faye para fora do restaurante. Ao enxotá-las entre as mesas, lançou um olhar para trás e viu Aaron a ler o jornal, a testa fortemente franzida. Não tinha a certeza, pelo menos daquele ângulo distante, mas parecia a mesma página que tinha acabado de lhe mostrar. A página com a história sobre Rosco – a história que ele menosprezara. Os dedos iam batendo na mesa enquanto lia. Uma fanfarra rápida e inconsciente, algo que fazia habitualmente ao preparar-se para as audiências; um sinal demasiado familiar de energia nervosa e agitada. Por causa de Rosco, interrogou-se Sive, ou por qualquer outro motivo?

Segunda-feira
15h01

Os cinco minutos que passam enquanto Sive, Aaron e Jude esperam no átrio das bilheteiras de Oxford Circus pelo telefonema da mulher que levou Faye são os mais longos da vida de Sive. Estão junto à parede, com os passageiros da tarde a passarem ao seu largo, a utilizarem os passes para abrir as barreiras, a seguirem com o seu dia, alheios ao pânico dos Sullivans. Quando o telemóvel toca, Aaron liga a alta-voz e os três aproximam-se para ouvir.

– Muito bem, Aaron, parabéns – diz a voz da mulher. Soa calma e clara. Parece uma professora a elogiar um aluno. – A sua história já se espalhou por todo o lado, pelo menos no Twitter. Mas eu não sou estúpida, eu sei que vai retratar-se, que vai dizer que estava a ser pressionado. O problema, Aaron, é que vão investigar os seus casos. E vão escavar. E vão distanciar-se. E vão falar. Não há fumo sem fogo.

Sive já não é capaz de esperar mais.

– Onde está ela?! Onde está a Faye?!

Uma pausa e um clique.

– Para encontrar a sua filha, veja as suas mensagens. Vá ao lugar com a sua esposa. Mais ninguém. Se a polícia aparecer, eu magoo a Faye. Acredite. – E mais nada. A chamada é desligada.

– Depressa! Vai ver! Tens alguma mensagem? – *Por favor, meu Deus, que haja uma mensagem. Por favor, que a Faye esteja lá.*

Aaron está a mexer no telemóvel demasiado lentamente e Sive estica o pescoço para ler.

– É uma morada.

– Onde?

– Em Leytonstone. É só uma rua, não sei que tipo de edifício possa ser...

– Não interessa. Temos de ir já para lá.

– Não deviam falar com a polícia? – indaga Jude. Sive quase se esqueceu da sua presença.

– Não! – Aaron responde a gritar. – Ouviu o que aquela louca disse. Nada de polícia. Ela vai magoar a Faye.

– Mas eles terão maneira de chegar sem serem vistos. É a polícia... é isso que eles fazem. E podiam apanhar quem fez isto.

Aaron vira-se para ela, os olhos em fogo.

– Não me interessa quem fez isto! Neste momento, só quero a Faye de volta. Sive, vamos apanhar um táxi lá fora. – Começa a dirigir-se para a escada rolante.

Mas Sive está a olhar para o mapa no telefone.

– De metro é mais rápido.

– Eu vou convosco até Leytonstone – diz Jude. – Posso ficar para trás antes de chegarem ao sítio onde ela está a ser retida.

Aaron abana a cabeça, mas Sive responde antes que ele possa dizer seja o que for.

– Obrigada, Jude, mas não. Temos de cumprir o que nos foi pedido. Se pudesses ficar aqui, não vá a DC Hawthorn andar à nossa procura, isso seria bom. Ela deve aparecer não tarda, e sei que está a tentar ligar-me por causa do vídeo, mas neste momento não lhe podemos estar a explicar o que aconteceu. Portanto, seja o que for que possas fazer para a distrair, fá-lo. E o mesmo em relação a outros repórteres. – Olha para onde Maggie está ao telefone, um pouco atrás, perto da saída. – E a Maggie também. Acho que ela continua a falar com o Dave, mas não tarda vai andar à nossa procura. Inventa qualquer coisa.

Jude assente e Sive e Aaron correm na direção das barreiras de entrada.

Trinta e três minutos até Leytonstone. Trinta e três minutos até Faye.

Na véspera – domingo

The Grapevine

Aquilo fazia mais o seu género, pensou Sive, percorrendo o bar iluminado por velas até um conjunto de bancos junto a uma mesa alta no fundo do espaço. Sem Scott nem Aaron às turras, sem Dave mais as suas narrativas alongadas, e (desculpem, crianças, sem ofensa) sem filhos. Só as raparigas e as conversas. Maggie e Nita já lá estavam. Maggie tinha uma *Guinness* diante de si. Nita tinha o que podia ser água com gás. Ou um *gin* tónico? Sive não conseguia perceber. Sabia que Maggie esperava poder ter a oportunidade de apurar o que se passava com Nita. Uma espécie de intervenção *light*. Sive contava com o mesmo, mas tinha de desempenhar um papel mais passivo. Estivera com Nita umas cinco vezes, talvez, não mais do que isso, portanto não lhe competia participar numa intervenção, fosse ela mais ou menos intensiva. As duas mulheres acenaram-lhe quando se aproximou. Maggie parecia radiante, numa camisa comprida preta com um trio de correntes de ouro à volta do pescoço, a cintilarem à luz das velas. Nita também estava linda, num vestido de alças verde-azeitona com a dose certa de informalidade e de «Domingo à Noite com a Rapariga Irlandesa que Não Conhecia Muito Bem». Tinha os lábios pintados de vermelho garrido e, mais uma vez, Sive ficou impressionada com quão parecida era com Yasmin. As olheiras escuras eram o único indício dos excessos da véspera.

– Puxa um banco. O que queres tomar? – perguntou Maggie, fazendo sinal a um empregado de mesa.

Sive optou por um copo de espumante, que não demorou a chegar à mesa. Enquanto beberricava, Maggie perguntou-lhe como fora a viagem de teleférico. O teleférico tinha sido agradável e o dia quase perfeito, disse-lhes, tirando – hesitou, interrogando-se se seria a golada de espumante ou o fascínio irresistível da criação de laços que

a fazia querer confidenciar tais coisas – Aaron e Scott, mais uma vez às turras.

Nita e Maggie aproximaram-se, os olhos a brilhar, ansiosas por trocar histórias.

– É tão irritante! – exclamou Nita. – Quer dizer, valha-me Deus, todos sabemos que o Aaron é um menino de ouro, ah e tal. E o Scott também. Já chega dessa merda!

Sive riu-se. O sotaque perfeito à BBC de Nita era lindo quando praguejava.

– E o coitado do Dave devia estar a tentar acompanhá-los, não? – indagou Maggie.

– Não, ele hoje foi visitar a mãe – adiantou Sive –, por isso não foi connosco.

– A sério? – Maggie parecia surpreendida. – O Dave disse isso?

– Bem, quem disse foi o Aaron. – Sive bebeu mais um trago de espumante. – Porquê?

– Por nada – retorquiu Maggie, embora houvesse claramente um motivo. Sive não a conhecia o suficiente para insistir.

– E agora somos só nós, sem aqueles rapazes irritantes – declarou Nita, erguendo o copo. – À nossa, minhas senhoras!

Brindaram e Sive voltou a interrogar-se sobre o conteúdo do copo de Nita e sobre como Maggie poderia abordar o assunto. Não precisou de esperar muito.

– Estou fascinada contigo, Nita – disse Maggie –, a avançar sozinha. Claro que eu nunca tive filhos, mas imagino que uma gravidez não seja fácil. São tantas regras! – Um sorriso rasgado. Sive estremeceu. Maggie era excelente. Uma das pessoas mais afáveis e diplomáticas que já vira – pelo menos com base na mão-cheia de vezes que haviam estado juntas –, mas a situação já estava a tornar-se desconfortável.

– Será que a Sive terá dicas que te possa dar? – continuou Maggie, erguendo as sobrancelhas desnecessariamente, numa mensagem silenciosa para Sive.

– Ah, claro. Pergunta o que quiseses! – concordou Sive. – Não que eu seja uma perita, claro.

Um olhar desconfiado cruzou o rosto de Nita e as sombras por baixo dos olhos aprofundaram-se.

– Li os livros todos, pelo que estou a par de tudo.

– Imagino, mas não há nada que se compare com a experiência – lembrou Maggie. – Sive, como te sentiste quando descobriste que estavas grávida da Faye? Assoberbada por teres de mudar de estilo de vida?

Sive mordeu o lábio. *Meu Deus. Que subtil.* Mas agora não havia como voltar atrás.

– Bem, passei os primeiros dois meses sem saber que estava grávida, por isso demorei um pouco mais a mudar de estilo de vida. – Sive riu-se e bebeu mais um gole. Começava a sentir-se zozza.

– Oh! Não foi planeada? – perguntou Nita. Ela nunca fazia nada sem planear antes.

Estavam em terreno traiçoeiro.

– Não. Ainda não estávamos juntos há muito tempo. A Faye foi uma surpresa.

– Ora vejam só! Um caso de uma noite que se transformou num casamento? – indagou Nita, os olhos a brilhar.

– Não foi isso. Já estávamos juntos, não foi um caso de uma noite. – *Cristo, a defesa hipócrita.* Terminou a bebida e chamou a atenção de um empregado. – Peço nova rodada?

– Oh, sim – concordou Nita, dando meia-volta e fazendo o movimento circular com o dedo que indicava «o mesmo».

– Já me lembro – afirmou Maggie. – O Aaron disse-nos que tinha conhecido alguém no trabalho e que ia ser pai, e *realmente* pareceu tudo muito rápido na altura. – Levantou as mãos. – Credo, isto pareceu tão crítico! Não estou a tecer juízos de valor. Tive a minha dose de desastres amorosos.

Nita aproximou-se mais.

– A sério? Conta-nos, Maggie. Nunca nos dizes nada sobre a tua

vida romântica.

Maggie piscou o olho.

– Nem penses. Há coisas que esta miúda vai sempre guardar para ela.

Nita suplicou-lhe, mas Maggie mostrou-se decidida, o que, por sua vez, fez com que Nita insistisse mais. Porque é que não contava?, perguntou. Era alguém famoso? Alguém que conheciam? As bebidas chegaram, interrompendo por momentos o fluxo de Nita, mas depois continuou.

Era alguém casado? Maggie levantou as mãos ao ouvir essa possibilidade. Nunca dormiria com alguém casado, garantiu. Nita encolheu os ombros. No amor e na guerra valia tudo, assim julgava, e a monogamia era um disparate. Na verdade, as *relações* eram um disparate, disse ela apontando para si própria. Sive lançou um olhar a Maggie, interrogando-se se seria mais um motivo para invocar o consumo de álcool de Nita, mas esta continuava a falar – agora perguntava se Maggie tinha vergonha da pessoa com quem saíra. As faces de Maggie ficaram rosadas.

– É isso! – exclamou Nita em triunfo. – Tens vergonha da pessoa! É horrivelmente feio? É péssimo na cama? Vá lá, Maggie! Bebe mais uma e desembucha! – De olhos vidrados, Nita pediu mais uma rodada, embora só ainda tivessem consumido um quarto das bebidas que tinham na frente.

Maggie suspirou.

– Não estou com vergonha. Era só mais simples mantermos segredo. – Porém, as faces de Maggie continuavam vermelhas e Sive não pôde deixar de se interrogar quanto à suposta ausência de «vergonha».

– Vá lá! Conta lá, para poder começar a provocar-te com crueldade. Eu conheço-o?

Maggie abanou a cabeça, mas estava a rir-se.

– Nem penses.

Nita recuou no banco.

– É alguém que nós conhecemos!

Maggie abanou a cabeça, mas estava a fraquejar.

Sive observou-a, recordando-se, de repente, de que na véspera, Maggie pusera e levantara a mesa. Que ela soubera onde estava tudo – os copos, o saca-rolhas, as pastilhas da máquina de lavar louça.

– Uau. É o Dave, não é?

Maggie levou a mão à boca.

– Oh pá, merda! Como é que adivinhaste?

A boca de Nita ficou escancarada.

– O Dave! O nosso Dave? Maggie. A sério. Não posso. A sério? Quando? Quanto tempo?

Maggie escondeu a cara nas mãos e falou por entre os dedos.

– Estivemos juntos seis meses. Acabámos há cerca de um ano. Não há mais nada a dizer. – Ergueu o olhar, com um sorriso tímido. – E pronto, já chega!

– Tenho pena de que não tivesse resultado – lamentou Sive.

Nita escarneceu.

– Eu não. É o Dave! – Terá percebido nessa altura a expressão de Maggie. – Oh, Maggie, estou a ser horrível. Estavas mesmo com ele?

Maggie confirmou.

– E o que aconteceu?

– Ele continuava apanhado pela ex.

Nita pareceu confusa.

– Qual ex? Como é que eu não sei nada dessas mulheres todas com quem ele andou?

– Aquela de há uns anos – esclareceu Maggie. – A rapariga que «não-era-uma-Kate-Moss»? A que acabou com ele antes sequer de a conhecermos?

– Oh, por amor da santa! Como é que ele pode continuar apanhado por ela?

– Pois. – Maggie suspirou. – Porém parecia incapaz de avançar. Tentou fingir, mas passado algum tempo isso tornou-se óbvio. Por isso afastei-me.

– E vocês... Imagino que não tenham vivido juntos, certo? – aventou Nita, ainda notoriamente confusa.

– Não, mas passávamos muito tempo juntos. Era raro o fim de semana em que eu não ficava em Clarinda Gardens.

– E nenhum de nós imaginou... Deviam chegar e sair sozinhos sempre que nos encontrávamos, não?

Maggie riu-se.

– Na verdade, saíamos juntos, mas ninguém reparava.

– Sinceramente... E nunca ninguém soube?

– Só o Jerry, o irmão do Dave, e a mãe deles.

– A velha megera?

– Ah, ela só parecia ser assim quando foi nossa senhoria e nós estávamos na casa dos vinte anos. Por baixo daquele exterior agressivo, ela até era OK. – O rosto de Maggie toldou-se, como se algo a incomodasse, no entanto não demorou a voltar a sorrir. – Enfim, esse é o meu segredo. – Uma gargalhada. – Bem, mas agora que já desabafei, fico a pensar porque não vos contei mais cedo.

– Se calhar é porque o Dave «não é uma Kate Moss», como ele próprio diria – escarneceu Nita –, nem é a última bolacha do pacote?

Maggie abanou a cabeça.

– O Dave é inteligente, acredita. Nós é que o provocávamos na altura, e obrigámo-lo a assumir aquele papel, e a coisa pegou.

– Estás a falar de quê? Qual papel? – Nita balançou ligeiramente no banco. – Não o *obrigámos* a nada.

– É claro que *obrigámos*. Nós é que éramos os meninos cheios de êxito e ele era o filho da senhoria, o único que não andou na faculdade, o único que não conseguiu uma carreira destacada. E, por isso, fomos assumindo coisas sobre ele, partindo do princípio de que não era tão inteligente como nós.

– Aah, porque não é mesmo?

Maggie voltou a abanar a cabeça com toda a paciência.

– Quantos instrumentos é que tocas, Nita?

– Nenhum. O que tem isso que ver com...

– O Dave toca piano e guitarra. Quantas línguas falas?

– Uma. Inglês. Não preciso...

– O Dave aprendeu italiano e alemão sozinho e fala essas duas línguas muito bem. Para descontrair joga xadrez. Faz as palavras cruzadas todos os dias. Já foi promovido muitas vezes no trabalho. Lá porque não andou na faculdade e assumiu o papel do «pouco esperto» quando morávamos juntos, isso não quer dizer que não seja inteligente. Nós é que éramos umas bestas.

Nita continuava na dúvida.

– Sim, nós éramos mesmo umas bestas. Mas não sei o que queres dizer com essa coisa dos «papéis».

– Claro que sabes. O teu papel é o de princesa. Aquela que é demasiado bonita e demasiado fútil para ser uma advogada brilhante, mas que depois surpreende toda a gente com uma inteligência notável.

Nita exibiu um sorriso rasgado.

– Valha-me Deus, sou assim tão óbvia? Isto está a começar a parecer *O Clube*⁵. Então e os outros? Faz o Aaron.

– Ele é o macho alfa sem escrúpulos que se derrete assim que vê os filhos. – Maggie sorriu a Sive enquanto o dizia.

– E o Scott? – Nita levantou um dedo. – Espera, já sei: é o arrogante, aquele que não quer saber do que pensam dele.

– Só que *quer* – comentou Maggie num tom mais sóbrio –, e muito.

– E tu, Maggie? – perguntou Sive.

– Sou a sensível. Sempre fui. – Pareceu melancólica. – A minha irmã mais velha era volúvel e estava constantemente em apuros, por isso optei por ser a sensível, e caía-me bem. – Sorriu. – Regra geral. – Beberricou a espuma da *Guinness* intocada. – Valha-me Deus, devia mudar para outra coisa, não vos consigo acompanhar com essas bebidas elegantes. Desculpa lá, Sive, por abandonar a tua bebida nacional.

– Eu perdoo-te, e o meu país também. Experimenta o espumante: é

fresquinho e cai muito bem.

E era verdade. Uma hora depois tomara mais dois copos e começava a desejar poder comer um belo jantar para absorver o álcool. Enviou uma mensagem a Aaron a alertá-lo para que se preparasse para se levantar durante a noite e ter um biberão pronto para Toby. Claro que – olhou para o relógio –, com a corrida de remo pela manhã, o marido, provavelmente, já estaria a dormir. Mal podia esperar por lhe contar os mexericos sobre Maggie e Dave. Que outros segredos guardariam uns dos outros os membros daquele grupo, interrogou-se, olhando de Nita para Maggie enquanto trocavam histórias dos «velhos tempos», inteirando-a de pormenores e contextos, para que não se sentisse excluída.

– Não foi nessa noite que o Scott incendiou o barracão dos vizinhos? – dizia agora Nita.

Maggie assentiu.

– Que grande confusão. – Virou-se para Sive, para lhe explicar. – O Scott costumava ir fumar às escondidas nas traseiras da casa dos pais sempre que ia de visita. Era um homem de vinte e cinco anos e continuava sem ser capaz de admitir que fumava. Mas, enfim, como já deves ter ouvido, certa noite, a mãe foi à procura dele e o Scott, em pânico, atirou o cigarro por cima do muro, para o jardim dos vizinhos.

– O Scott, na altura, era um idiota – comentou Nita, mexendo-se no banco e balançando um pouco. Agarrou-se à mesa com as duas mãos para se equilibrar e dirigiu-se a Maggie. – Havia erva cortada ou coisa assim, não era, e pegou fogo? E o barracão ardeu. Tão parvo.

Sive sorriu, abanando a cabeça.

– Mais uma história a juntar às muitas que o Aaron nunca me contou.

Maggie pestanejou.

– Mas é exatamente por isso que a alcunha dele é Burner⁶ – explicou Nita. – Como é que isso te passou ao lado?

– Esperem lá, não é porque ele se chama Scott Burns?

Nita e Maggie soltaram uma gargalhada em uníssono.

– Ele chama-se Scott Callanan! – esclareceu Nita. – O Aaron começou a chamar-lhe Burner depois do incêndio no barracão e a alcunha pegou.

– Credo, não devíamos brincar com o assunto. Podia ser catastrófico, se a casa também tivesse pegado fogo – lembrou Maggie, tentando conter o riso. – O Scott foi acusado de danos patrimoniais. Foi condenado e teve de pagar uma multa, acho eu.

– Pois. – Nita levou o copo à boca, mas calculou mal o ângulo e dois cubos de gelo retiniram ao caírem na mesa. Estaria bêbeda?, interrogou-se Sive. Sem reconhecer o lapso, Nita deitou os cubos de gelo para um copo vazio e continuou a falar. – Fica com cadastro por causa de um cigarro descuidado, e tudo porque tinha medo da Mamã Callanan. Foi motivo de chacota durante muito tempo. – Um sorriso rasgado. – Acho que não gostou da alcunha. – As últimas três palavras fundiram-se numa só. *Guextoudalcunha*.

Maggie inclinou a cabeça e, de repente, endireitou-se. À expressão de confusão que lhe apareceu no rosto seguiu-se, rapidamente, o que a Sive pareceu um ar de compreensão. A solução de um enigma.

– O que foi? – perguntou Sive.

– Há uma coisa sobre o Scott que de repente faz sentido... ou melhor, não faz sentido. – Abanou a cabeça. – Não me liguem. Enfim, mais uma rodada?

Foi então que aconteceram duas coisas. Nita caiu do banco e todos ficaram a saber a verdade.

⁵ Referência ao filme *The Breakfast Club*, de 1985. (N. do E.)

⁶ «Queimador», em português. (N. do T.)

Segunda-feira
15h06

O mundo passa lá fora num borrão que Sive e Aaron não veem. Não estão a ver nada. Estão de mãos dadas, o olhar baixo, sem falar, e o metro desliza de estação em estação, a caminho de Leytonstone. De Faye. *Por favor, meu Deus, de Faye.* Sive não acredita em Deus. Só acredita na ciência. Salvo quando está desesperada. Nessa altura, suplica. *Por favor, meu Deus, que ela esteja lá. Que esteja bem. Ela só tem seis anos. Por favor, por favor, que ela esteja bem.*

Obriga-se a concentrar-se em Faye. Em coisas boas. Em recordações felizes. Faye a entrar para a escola, a tentar esconder o medo que sentia, mas sem ser capaz. Faye na apresentação de ginástica – garantidamente a criança menos coordenada ali presente, mas felicíssima com a medalha de participação.

A recente mensagem de Faye para Sive, supostamente escrita por Aaron: «Pra mae. Da um cao a faye. do papa.» Faye a tentar fugir de Bea, depois à procura dela, passados uns minutos, pois está aborrecida sem a irmã. Os abraços de Faye. Abraços apertadinhos de bochecha contra bochecha que resolvem tudo. O que não dava por um desses naquele momento.

O metro para em Leytonstone e ela abre o Google Maps, atualizando-o com os dedos trapalhões. A morada que lhes indicaram fica a seis minutos a pé da estação de metro, em Halford Road, logo à saída de Leytonstone High Road. O Street View mostra uma série de pequenas lojas. Fachadas simples e inócuas, mas bem cuidadas. Não é o tipo de sítio que se associaria a um crime. Um talho, uma lavandaria, o que parece ser uma loja de recordações. Não consegue identificar o número treze. Parece tudo tão suburbano, tão normal, tão corriqueiro.

Sive corre para alcançar Aaron e diz-lhe da caminhada de seis

minutos, do talho, da lavandaria e da loja de recordações. Saem para a rua soalheira lado a lado, à medida que os passageiros alheios vão à sua vida de segunda-feira.

– Por aqui, acho eu – indica Sive –, pela Church Lane. – A voz pouco mais é do que um murmúrio, cada palavra uma luta por causa dos nós que sente no estômago. Voltaram a correr, com Aaron um pouco à frente, Sive a olhar para a *app* Maps no telemóvel.

– Atravessa na passadeira – indica ela. – Temos de ir para o outro lado.

Aaron obedece sem olhar para trás e ela segue-o. Uma senhora idosa observa-os, certamente curiosa, quanto àquilo de que estão a fugir. Passam por restaurantes e por pequenos estabelecimentos, por uma loja de produtos em segunda mão e por um supermercado, até que param à frente de uma biblioteca, no final de Church Lane.

– Esquerda ou direita? – pergunta Aaron, ofegante.

– Direita, depois atravessamos e ficamos com Halford Road à esquerda.

Atravessam-se à frente do trânsito, ignorando uma buzina, e recomeçando depois a correr, ao longo de Leytonstone High Road. Sive espreita o telemóvel e depois ergue o olhar.

– Passamos o *pub* e viramos à esquerda.

Aaron desaparece de vista ao dobrar a esquina para Halford Road. Ela está meros segundos atrás do marido. Já não estão longe. *Por favor, que ela esteja bem.*

Lá à frente, Sive vê a sequência de lojas.

– Aaron, é aqui. – Engole em seco para recuperar o fôlego. – É isto. Treze. Procura o treze.

Por eles passam dois adolescentes, de auscultadores nos ouvidos, que levantam a cabeça, surpreendidos com o pânico nas palavras de Sive.

O talho não tem número. Nem a lavandaria. Mas a loja de recordações tem, num azulejo com padrão azul e branco, e é um treze.

Ai, meu Deus. Estão aqui. É aqui que ela está.

Ficam à porta, momentaneamente paralisados. E agora? Será que Faye estará no interior da loja? Ou numa espécie de apartamento por cima? A segunda hipótese faz mais sentido. Talvez não tenha nada que ver com a loja de recordações. Mas pelo exterior não há acesso ao que esteja lá em cima, pelo que entram.

Sive olha em seu redor. É a normal loja de recordações do século xxi – postais engraçados e estampas abstratas, bijutaria artesanal e um pouco de tudo em bambu. Há qualquer coisa de familiar – talvez não em relação à loja, talvez a algo *na* loja –, mas é uma sensação tão efémera que Sive não consegue perceber o que seja. A rapariga ao balcão olha na direção deles. Tem cerca de vinte anos, cabelo roxo e um *piercing* no nariz, oferecendo o esboço de um sorriso ao casal que se aproxima.

– Estamos à procura da nossa filha – explica Sive, pois não sabe o que mais dizer para iniciar uma conversa como esta.

– Oh – responde a rapariga. – Só cá estou eu.

Aaron dirige-se ao balcão e a rapariga endireita-se, levemente alarmada.

– Este é o número 13 de Halford Road?

– Sim. A vossa menina fugiu?

– Disseram-nos que estaria aqui. Como chegamos lá acima? O que há lá em cima?

– Um apartamento. Há uma entrada pelas traseiras. – Encolhe os ombros, mas está desconfiada.

– Quem é que lá mora?

– Victoria. A proprietária.

– Temos de lá ir. Já.

– Pois, sinto muito, mas a Victoria está ocupada com a contabilidade.

– Não me interessa quão ocupada ela possa estar. Temos de lá ir, a nossa filha está aqui.

A rapariga parece confusa.

– Acho mesmo que não...

Mas Aaron não está a ouvir. Está a dirigir-se para a porta, ao fundo da loja.

– Ei! Isso é privado!

Aaron escancara a porta e Sive segue-o, consciente de que a rapariga deixou o balcão e continua a chamar por eles. Agora encontram-se num pequeno corredor, ao fundo do qual veem uma porta das traseiras e uma escada. Aaron sobe os degraus dois a dois e tenta abrir a porta no cimo, mas está trancada. Esmurra-a, gritando o nome de Faye. Não se ouve nada no interior.

Sive está dois degraus abaixo de Aaron, à espera. A rezar.

Por favor, que ela esteja bem. Por favor, meu Deus, eu faço qualquer coisa.

Atrás dela, a rapariga chegou ao fundo das escadas.

– Vou chamar a polícia.

– Não chame a polícia. Por favor, não o faça – roga Sive, virando-se para ela. – Levaram a nossa filha. E quem o fez mandou-nos aqui, mas disse-nos para não chamarmos a polícia. Por favor, deixe-nos encontrá-la primeiro.

A rapariga abana a cabeça, mas afasta o telemóvel do ouvido.

Aaron vai esmurrando a porta.

– Faye! Faye, estás aí? Grita se me conseguires ouvir!

E então, a porta escancara-se.

Na véspera – domingo

The Grapevine

Tudo aconteceu em câmara lenta. Sive estendeu a mão para agarrar Nita quando esta começou a tombar do banco alto, mas já foi tarde: Nita estatelou-se no chão, batendo com a cabeça no soalho.

– Ai, meu Deus! – Maggie ajoelhou-se de imediato ao lado da amiga. – Consegues ouvir-me? Estás bem?

Nita parecia desorientada. Tinha os olhos abertos, mas não parecia capaz de responder a Maggie, pelo menos ao início. Uma empregada de balcão ocorreu à situação e ajoelhou-se ao lado delas.

– Ela bateu com a cabeça? – perguntou. – Chamo uma ambulância? – Estava já a tirar um telemóvel do bolso traseiro.

– Sim. Ela está grávida. Acho que seria melhor fazer uma ecografia. – A voz de Maggie começou a ceder. – Por favor. Chame uma ambulância.

Nita, ainda caída no chão, começou a soerguer-se apoiada ao cotovelo. Abanou a cabeça, fez um esgar de dor e levou a mão à fonte.

– Não. – Um murmúrio. – Não chamem uma ambulância.

– Minha querida, de certeza que o bebé está bem, mas é melhor que sejas vista. – Maggie olhou para a empregada e assentiu. – Ligue, por favor. A minha amiga é famosa pela sua casmurrice – sorriu para Nita – e não vai dar ouvidos ao bom senso.

Nita sentou-se.

– Para. Por favor.

– Nita, batestes com a cabeça e estás bê... – Maggie lançou um olhar a Sive – ... bebeste um bocadinho e não estás lúcida.

– Estou perfeitamente lúcida. Não preciso de uma ambulância.

– Mas o bebé...

– Maggie, *não há* bebé.

Sive olhou de Maggie para Nita enquanto processava o que Nita

havia dito e percebeu que não estava tão surpreendida quanto deveria. Pensou um pouco. Até certo ponto, já devia ter noção de que não havia bebê. Era impossível Nita não saber o que era ou não seguro, era impossível ter bebido uma garrafa de champanhe sozinha se estivesse mesmo grávida.

Maggie endireitou-se, o rosto inescrutável. A empregada do bar esquivou-se. Sive pôs-se de pé e estendeu a mão para ajudar Nita a levantar-se.

– Vou pedir gelo para a tua cabeça.

A empregada adiantara-se e chegou com um saco de gelo embrulhado num pano de louça, desaparecendo rapidamente em seguida.

– Obrigada. – Nita já estava de pé, encostada à mesa alta. Levou o gelo à cabeça e ofereceu um sorriso macambúzio. – Parece que amanhã me vou baldar à corrida.

– Nita. – Maggie falou baixinho. – Sinto muito. Quando ontem vi a caixa de *Ovidrel* na tua bolsa... reconheci-o das encomendas da clínica. – Dirigiu-se a Sive. – É um medicamento para a fertilidade. A Nita teria de se injetar antes da inseminação intrauterina – explicou, voltando-se depois outra vez para Nita. – Fiquei a pensar se... Sinto muito, Nita.

Nita arregalou os olhos.

– Ó Deus, não, Maggie. Não é isso. É que... eu nunca estive grávida.

– O quê?

– Ai senhores... Vamos pedir mais uma rodada. Preciso de *gin* para isto – comentou Nita.

Sive fez sinal a pedir as bebidas e voltaram a sentar-se. Nita dirigiu-se a Maggie.

– *Pensei* que estivesse grávida. Nisso, tens de acreditar. É verdade. Sentia-me diferente. Doía-me o peito. Andei enjoada. Não havia cheiro que não me desse náuseas. Foram os sintomas todos. – Suspirou. – E entusiasmei-me. Estava tão empolgada. Fiz um anúncio no Instagram,

e é óbvio que todos vocês o viram, e os meus colegas de trabalho e os meus outros amigos, e depois... quando descobri que afinal não estava, não consegui confessar a ninguém.

– Nita. – Maggie ia abanando a cabeça, perplexa. Mas Maggie não tinha 46 000 seguidores no Instagram. Maggie nem sequer tinha uma conta de Instagram. Sive, na melhor das hipóteses uma curiosa das redes sociais, percebia. Vira o entusiasmo nos comentários à publicação de Nita. Os seguidores estavam extasiados. A dinâmica, bem-sucedida e bela Nita, órfã de pais imigrantes, ia avançar sozinha com a maternidade. *Adoro-te tanto*, diziam os comentadores. *Inspiradora. Força, miúda! Tu consegues!*

Porém, Sive via que Maggie estava desconcertada.

– Durante quanto tempo estavas a pensar continuar a fingir? Mas é claro que, com essa bebida toda, não estavas propriamente a encobri-lo.

– Pois. O meu terapeuta iria considerá-lo um pedido de ajuda. Ou um apelo por atenção. – Bateu com uma unha no lábio. – Preciso de um terapeuta novo.

Maggie continuava perplexa.

– Mas e a ecografia que nos mostraste?

Nita pareceu embaraçada.

– Fui à procura no Google Images. Precisava de alguma coisa visual para os meus seguidores no Insta.

– OK, esquece lá essa gente da porcaria do Instagram, sim? Porque não nos contaste a verdade? Somos teus amigos.

– Eu sei. Desculpa. Mas os encontros são complicados quando toda a gente anda tão bem na vida.

– Anda tão bem na vida? Estás à frente do Departamento Legal de uma multinacional enorme! Ganhas um milhão por ano, tal como já fizeste questão de nos dizer muitas vezes. Como é que defines «andar bem na vida»?

– A carreira é só um dos pontos da lista. Então e as relações e os filhos? Tens o Aaron e a Sive com os seus três filhos e tens-me a mim

sem ninguém.

Maggie ficou de boca aberta.

– Nita! Tens-me a mim, aqui sentada à tua frente, uma mulher solteira sem filhos. Eu não conto?

– Mas, Maggie, tu *tens* família. Tens as tuas irmãs e os teus pais. Tu própria o disseste várias vezes: as tuas irmãs são as tuas melhores amigas. A Yasmin era a única família que eu tinha. É verdade, tenho uma casa linda e um bom salário, mas não tenho família. Não tenho ninguém. Precisava que isto acontecesse. Precisava que fosse verdade.

– E depois... pensaste em tentar outra vez e engravidar antes de teres de admitir que afinal não estavas grávida?

Um assentir muito débil. A confiante Nita, o habitual centro vibrante de tudo, parecia encolhida e vulnerável.

– Desculpa.

As bebidas chegaram e, com elas, uma distração bem necessária, pois no tempo que demorou a distribuí-las, Maggie pareceu acalmar-se um pouco.

– A tua cabeça está bem? – perguntou, quando o empregado se afastou.

– Vai ficar.

Contudo, uma hora depois, quando se levantaram para ir embora, Nita ainda parecia tonta e Maggie decidiu que ela ficaria em sua casa nessa noite, prometendo uma derradeira bebida para lhe adoçar a boca. Sive não sabia se Nita parecia desequilibrada devido à queda ou ao *gin*, mas aceitou tomar, também ela, algo em casa de Maggie. Podia ir de lá para o hotel e ainda chegaria a tempo de se deitar antes da meia-noite.

Maggie morava em Silchester Road, numa casa geminada de pedra castanha, com uma enorme janela de sacada na frente. Parecia a Sive o tipo de casa que desde sempre vira nas séries de televisão dramáticas inglesas – bonita, compacta, elegante, urbana. Muito à Maggie. O interior também era muito à Maggie. O soalho original da

sala tinha sido envernizado até ficar bastante brilhante, e encontrava-se meio coberto por um tapete persa desbotado. Um televisor modesto sobressaía de um ninho de mesas de carvalho e, acima dele, uma tapeçaria de parede representava o que parecia ser uma cruz celta irlandesa. E no centro de tudo estava a lareira preta ornada, marchetada com azulejos. Ainda a esfregar o alto na cabeça, Nita decidiu abdicar da bebida e ir direita à cama, estando já meio além da porta da sala quando o anunciou. Maggie seguiu-a para lhe indicar o quarto de hóspedes, dizendo a Sive que estivesse à vontade. Sive não pôde deixar de dar uma vista de olhos pela sala enquanto elas se ausentavam – aos livros nas prateleiras de Maggie, às estampas nas paredes e às fotografias sobre a lareira. Pegou numa fotografia emoldurada de duas jovens, uma das quais reconheceu de imediato como sendo Maggie. Parecia ter uns dezoito ou dezanove anos na imagem e abraçava a cintura de outra rapariga, ambas a sorrirem para a máquina, as mochilas aos pés. Estavam embrulhadas nos seus cortaventos e tinham como pano de fundo aquilo que Sive tinha quase a certeza serem as Falésias de Moher, no oeste da Irlanda. Recordou que Maggie comentara que lá havia estado durante a faculdade. Sive não conhecia a outra jovem – de cabelo escuro e dois palmos a menos de altura –, embora, olhando com mais atenção, parecesse haver nela qualquer coisa familiar. Devolveu a fotografia à prateleira sobre a lareira quando ouviu Maggie a descer as escadas e sentou-se no sofá bege.

Maggie chegou daí a instantes, munida de uma garrafa de *Baileys* e dois copos com gelo.

– Bem! Vai ser difícil digerir isto tudo! – Inclinou a cabeça, os olhos arregalados numa mostra exagerada de assombro. – Uma bebida?

Sive assentiu e Maggie serviu.

– A Nita está bem?

– Já estava a dormir ainda a cabeça não tinha chegado à almofada. Louvado seja Deus, se ela não fosse uma paciente lesionada a meu

cargo, estava capaz de lhe torcer o pescoço. Mas o que é que lhe passou pela cabeça? Devíamos ser amigas.

– Eu sei. Mas quando contamos uma mentira grande é muito, muito difícil voltar atrás. – *O eufemismo do ano.*

Maggie olhou-a, curiosa.

– Pareces estar a falar por experiência própria?

As faces de Sive coraram.

– Pois. Talvez, se contarmos com as mentiras sobre o tempo que as minhas filhas passam a ver televisão.

Maggie não disse nada por uns momentos e Sive sentiu uma necessidade repentina de preencher o espaço. De lhe contar o segredo, a verdadeira história da origem. A história da origem de Faye. De o contar àquela pessoa, que ela não conhecia assim tão bem. E talvez fosse essa a atração. Em vez disso, deu um gole na bebida e mudou de assunto.

– Estive a admirar as tuas fotografias. Se não me engano, aquelas são as Falésias de Moher, certo? – Apontou para a lareira.

– Sim. – De repente, os olhos de Maggie ficaram marejados de lágrimas. – Credo, olha só para mim, toda emocionada. É a bebida.

– Desculpa, não imaginei que te fosse perturbar... – Sive calou-se, sem saber o que dizer.

Maggie foi buscar a fotografia. Depois voltou a sentar-se, olhando a imagem e sorrindo, enquanto uma lágrima lhe escorria pela face.

– Credo, porque é que eu estou assim! – disse, limpando o pó do vidro. – Ainda tenho saudades dela.

– De quem?

Maggie pareceu surpreendida.

– Da Yasmin – disse, apontando para a amiga na fotografia. Confusa, Sive olhou fixamente, enquanto Maggie passava o polegar com afeto pela imagem da rapariga. O cabelo escuro, o rosto desconhecido. Aquela não era a rapariga das fotografias de Aaron. Sive nunca tinha visto aquela jovem na vida.

Segunda-feira

15h37

A mulher à porta do apartamento por cima da loja de recordações é alta e magra, com cabelo grisalho curto e óculos enormes puxados para o topo da cabeça, e Sive nem consegue raciocinar, mas há uma coisa em que pensa, e é que aquela mulher não tem Faye. Mesmo antes de Aaron acabar de gritar e de a mulher abanar a cabeça confusa, no seu âmago, Sive sabe. Aaron não está a ouvir. Ele avança, passando pela mulher, e invade-lhe o apartamento, a gritar o nome de Faye. A mulher está corada e tem as mãos nas ancas, parecendo zangada e beligerante, e também um tudo-nada nervosa, como ficaria qualquer pessoa que tivesse à frente um estranho de um metro e noventa aos gritos por causa da filha desaparecida.

Sive segue-o, mas tem o estômago apertado. Aquilo está tudo mal. Mentiram-lhes. Ou talvez estejam no sítio errado? Enquanto Aaron procura, a gritar, indo de divisão em divisão no pequeno apartamento, enquanto a rapariga da loja lá em baixo chama a polícia, Sive olha para a *app* Maps. Estão no sítio certo. Terá retirado a morada errada da mensagem de Aaron? Ela pede-lhe o telemóvel e ele grita com ela, diz-lhe para o ajudar a procurar Faye. Ela não está ali, diz Sive. Aquela mulher não é uma raptora. Estamos no sítio errado.

Mas Aaron não está a ouvir. Está a arrancar lençóis da cama e a revistar armários e a procurar uma entrada para um sótão.

– *Aaron!* – grita Sive, obrigando-o a ouvir. – Dá-me o teu telemóvel. Deixa-me confirmar se tenho a morada correta.

Ele entrega-lhe o telemóvel, mas continua a procurar.

– A polícia vem aí – grita a rapariga lá em baixo, enquanto a proprietária, por sua vez, está na sala a gritar para Aaron sair dali.

A morada está certa; ela não se enganou. Então, aquilo é uma caça aos gambozinos. Por algum motivo, a raptora mandou-os para o sítio

errado. Derrotada e abatida, Sive deixa-se escorregar até ao chão.

Isto parece chamar a atenção da senhora, acalmá-la. Ela aproxima-se de Sive e acocora-se junto dela.

– Vai vomitar?

Sive abana a cabeça.

– Levaram a nossa filha. Eles mandaram-nos para aqui.

– Valha-me Deus. Bem. Isso não acontece todos os dias. A polícia não anda à procura dela? – Uma pausa. Pelo rosto passa-lhe uma expressão de consciência. – Oh! Vocês são aquele casal. A menina irlandesa?

Sive assente.

– Recebemos uma mensagem com esta morada. Avisaram-nos para não chamarmos a polícia.

– Estou a ver. – Depois, mais baixo: – Ela não está aqui. Sinto muito.

– Se a polícia vier, isso vai piorar as coisas – murmura Sive. – Não sei por que razão nos mandaram para cá, mas disseram-nos que nunca mais a víamos se chamássemos a polícia. – Olha para a mulher, no rosto uma expressão de súplica.

– Kayla! – grita a mulher. – Podes telefonar a dizer que foi um falso alarme? Eles que falem comigo, se for preciso.

Kayla espreita, talvez a confirmar se Sive estará com uma faca a obrigar a patroa a retratar-se ou assim. Satisfeita por não ser esse o caso, ela acena com a cabeça e vira-se, puxando o telemóvel do bolso.

Aaron volta à sala de estar e passa a mão pelo cabelo.

– Onde está ela? Onde é que está a Faye, foda-se?

– Aaron, ela não está aqui. Mandaram-nos para aqui por algum motivo, mas a Faye não está aqui, e esta senhora...

– Victoria – informa a mulher.

– A Victoria não é a raptora. Temos de entrar em contacto com a pessoa e saber onde, afinal de contas, está a Faye. Por favor. Podes ligar para o número que ela usou?

Aaron hesita, pegando no telemóvel. Põe-no em alta-voz e, juntos,

ouvem a chamada ser atendida por uma gravação:

«O número que marcou não está atribuído.»

15h37

Jude está sentada num banco de pedra de Oxford Street com Maggie. Tem estado a escrever a entrevista com Sive, digitando palavras no telefone, enquanto Maggie fita o próprio ecrã, vendo a contagem de Partilhas e Gostos do vídeo de Aaron a subir cada vez mais. Maggie tinha voltado ao átrio das bilheteiras no momento em que os Sullivans desapareciam a caminho de Leytonstone e Jude sugerira que fossem à rua apanhar ar e, no caso de Jude, fumar um cigarro. Desde então que ali estavam sentadas, à espera de notícias, embora, imagina Jude, Maggie não saiba ao certo que tipo de notícia esperar – ela fora propositadamente vaga, explicando que os Sullivans haviam recebido uma dica, mas que se dissesse demasiado, isso poderia pôr em causa a segurança de Faye.

Jude franze as sobrancelhas e reformula pela terceira vez um parágrafo do seu artigo, porém continua insatisfeita. Não está contente com nada daquilo. Vai precisar de que lhe alarguem o prazo. Envia uma mensagem à editora a dizer que antes das seis não o consegue enviar, depois bloqueia o telefone, deixando que as palavras respirem um pouco. *De certeza que vai fluir melhor com outros olhos.*

Acende outro cigarro e dirige-se a Maggie.

– Bem, parece que o vídeo do Aaron se tornou viral – comenta Jude.

– Credo, ainda nem acredito. Comecei por desconfiar que fosse falso. – Maggie morde o lábio. – Eu sei que não podes dizer, Jude, mas imagino que alguém o tenha obrigado a gravar o vídeo e que estará relacionado com o desaparecimento da Faye... E está tudo ligado ao lugar onde o Aaron e a Sive foram, essa tal dica que estão a seguir...

Jude olha em frente, vendo um autocarro a avançar lentamente no trânsito, atrás de uma fila de táxis.

– Tens razão. Não posso dizer nada – concorda, embora seja tudo

bastante evidente: o vídeo, a partida repentina dos Sullivans, o secretismo. Maggie não é parva.

Maggie aquiesce.

– Claro. Desde que encontrem a Faye, só interessa isso. Mas com este vídeo por aí... – abana a cabeça – ... a carreira dele foi-se.

Jude interroga-se se haverá um toque de *Schadenfreude* na forma como Maggie o diz, mas decide que estará errada. Trata-se apenas de Jude, a clínica, a ver demasiado em tudo.

– Hum, não será fácil recuperar disso – concorda.

– Claro que imagino que ele se possa retratar.

Jude estica as pernas, cruzando-as pelos tornozelos e quase derrubando um transeunte.

– Sempre pode *tentar*.

Maggie assente.

– Pois. Não há fumo sem fogo.

Jude endireita-se.

– Isso foi o que quem ligou disse.

– A sério? Deve ser esse o objetivo dele. Macular de vez a reputação do Aaron.

– Mas é engraçado que tenhas usado a mesma expressão.

As feições pálidas de Maggie ruborizam-se.

– Como assim «engraçado»? Estás a querer dizer... O que *estás* a querer dizer?

Jude sopra fumo enquanto observa a expressão de Maggie. Ficou claramente desconcertada com as palavras de Jude, mas não pareceu surpreendida com a referência a alguém que tenha ligado, mesmo sendo esta a primeira vez que Jude o diz. Recorda o telefonema. Estava junto de Aaron e Sive, a ouvir a mulher que tem Faye. Onde estava Maggie nesse momento? Ao telefone. Com o amigo Dave. Ou, pelo menos, foi o que ela disse.

Jude pensa por um instante, ao que diz:

– Quando falei na pessoa que ligou, disseste que talvez fosse «o objetivo dele». Mas, na verdade, foi uma mulher.

– O quê?

– Imagino que tenhas adivinhado – adivinhado ou então *sabias*, pensa Jude – e não digas nada a ninguém, mas houve quem telefonasse ao Aaron a dizer que tinha a Faye. Quem ligou foi uma mulher.

– Uma mulher. Valha-me Deus. – Maggie parece chocada e Jude não consegue deixar de pensar que será genuíno.

– Ficas admirada por saber que era uma mulher?

– Não parece o tipo de coisa que uma mulher faria. Raptar uma criança para fazer chantagem. De certeza que não é uma louca a *fingir* que tem a Faye?

– Quem ligou sabia dos pontos na perna da Faye, por isso imaginaram que seria legítimo. Essa informação não foi divulgada ao público.

– Pois. Credo, isto é tudo tão surreal. – Maggie volta a encarar Jude, os olhos semicerrados. – E qual o problema de eu ter dito que «não há fumo sem fogo»?

Jude morde o lábio e apaga o cigarro. Não é a primeira vez que a incapacidade de confiar nos outros a levou um pouco longe de mais. Quando abre a boca, ainda sem saber ao certo o que dizer, o telemóvel toca. *Salva pelo gongo*. O nome de Sive aparece no ecrã.

Vira as costas a Maggie para atender, levando uma mão ao ouvido quando uma buzina se faz ouvir a poucos metros dela.

– Encontraram-na?

– A Faye não está aqui. – Faz-se um breve silêncio. Jude imagina Sive do outro lado da linha, a tentar compor-se. – Não era verdade. Voltámos ao ponto de partida. Não fazemos ideia onde ela possa estar.

– Que porra.

– Estamos na morada em Leytonstone, mas vamos voltar agora a Oxford Circus. O Aaron continua sem querer falar com a polícia, mas eu acho que devíamos. Não sei porquê, mas a pessoa que a levou gozou connosco. Não me parece que tenhamos vantagens em não falarmos com a polícia. E de certeza que já viram o vídeo, a Hawthorn

tem estado a tentar falar comigo... mas enfim, é melhor desligar. Se houver novidades, eu digo.

Jude desliga a chamada no momento em que recebe uma resposta da editora.

Podemos alargar o prazo até às 18h, mas só. A Sive está OK? Espero que andes a controlar o revirar de olhos. Aquilo por que ela está a passar é terrível.

Jude fica confusa. Revirar de olhos?

Aquela tua mensagem, a dizer que a Sive anda lavada em lágrimas.

Jesus. Ela disse mesmo isso? Retrocede nas mensagens. Disse.

Isso foi antes... E... Pois, desculpa, não há justificação. Sou uma cabra. Controlei o revirar de olhos, a sério.

Jude conta, então, tudo a Maggie – tudo o que a mulher ao telefone lhes disse, o vídeo feito sob coação, a pressa de chegar a Leytonstone. Maggie acena com a cabeça, sem dizer grande coisa. Jude interroga-se se isso se deverá ao facto de já ter imaginado a maior parte ou se continua incomodada com o interrogatório de Jude antes da chamada.

– Não consigo deixar de pensar que isto terá que ver com o trabalho do Aaron – diz Jude daí a pouco. – Vou fazer uns telefonemas. – Abre os Contactos no telemóvel. Uma mulher com dois sacos de compras a abarrotar senta-se ao lado delas e Maggie chega-se para perto de Jude a fim de criar espaço no banco.

Maggie ainda parece perturbada.

– Credo, voltaram à estaca zero, sem fazerem ideia de quem estava no metro ou porque é que a Faye foi com aquela pessoa. Quem me dera que a Bea pudesse dizer o que aconteceu.

– Também acho.

– Ela não disse nada?

– Só «Chase», mas ninguém sabe se isso quer dizer que alguém foi atrás da Faye, ou foi só um nome ao acaso. E aquele indivíduo que estava com a Bea, o Tim, também não viu nada. Por falar nisso... pergunto-me se a polícia já sabe mais alguma coisa quanto ao motivo pelo qual ele mentiu.

– Ele mentiu sobre o quê? – indaga Maggie.

– Ele disse que trabalhava num sítio chamado Anderson Pruitt, só que não trabalha. Conteí isso à Hawthorn e ela disse que ia investigar, mas não pareceu propriamente interessada.

Maggie aparenta estar perplexa.

– Tenho de admitir que concordo com a Hawthorn. Como é que esse homem ia raptar a Faye se estava ali com a Bea?

– Duvido que tenha raptado a Faye. Mas não achas que é importante saber a razão por que mentiu?

Maggie aquiesce, a expressão, de repente, pensativa.

– E gostava muito de saber porque é que a mulher ao telefone mentiu sobre o paradeiro da Faye – acrescenta Jude. – Para quê? Porquê mentir?

– Não faço ideia – diz Maggie –, mas segundo a minha experiência, toda a gente mente. Pelo menos a julgar por este fim de semana.

Jude fica imediatamente curiosa.

– Estás a falar dos teus amigos? Eles mentiram sobre o quê?

Maggie lança um olhar à mulher ao seu lado e abana a cabeça.

– Não importa. Coisas tolas.

Jude observa-a mais um momento. Há qualquer coisa na expressão de Maggie que lhe diz que não foram «coisas tolas», mas, por uma vez, sente que não pode pressionar mais.

Maggie baixa-se para procurar na bolsa e tira um pequeno caderninho verde-azeitona com a palavra «Endereços» em letras douradas na capa. Há anos que Jude não via ninguém usar uma agenda para moradas e fica curiosa, vendo Maggie humedecer o

polegar e o indicador para folhear o caderno. Abre-o sobre o joelho e começa a marcar um número no telemóvel. A letra é minúscula, mas Jude consegue decifrar o que lhe parece ser o nome próprio «Caro» – ou talvez «Carol»? Parece ser um número de um telefone fixo. Enquanto Jude espreita, Maggie ergue o olhar. Fecha o caderno, levanta-se de repente, quase dando uma cotovelada na mulher ao lado dela, e pega na bolsa.

– Não vais esperar aqui pela Sive e pelo Aaron? – pergunta Jude.

– Daqui a pouco já venho ao encontro deles, mas, primeiro, tenho de confirmar uma coisa – diz Maggie, e, sem mais explicações, apressa-se na direção da entrada da estação de metro.

7 Alegria com o infortúnio de outros. (N. do E.)

15h49

Sive desliga a chamada de Jude e percorre a loja de recordações como se estivesse a atravessar cola. Têm de ir embora, agir, fazer alguma coisa; ela sabe isso, mas o corpo não está a colaborar. *A Faye não está aqui*. Porque terá mentido a mulher ao telefone? Aaron abre a pesada porta de vidro e ouve-se um sino. Victoria avança para segurar a porta, um breve gesto que parece uma tentativa de ajudar de algum modo. Um expositor de joias no interior da porta chama a atenção de Sive. *Miss Victoria London*. Sive leva a mão ao pingente que tem ao pescoço.

– Aaron, espera. O meu fio. Compraste-o aqui?

Ele vira-se. Ansioso. Impaciente. Arrasado.

– O quê?

Sive aponta para o expositor de joias e para o pingente que tem ao pescoço.

– Este fio que me ofereceste no Natal, com as pedras dos signos das meninas. Se bem me lembro, é feito por encomenda e só existe numa loja – dirige-se a Victoria – imagino que seja esta a loja?

– Sim, sou eu que os faço. – Victoria acerca-se e observa o pingente de Sive. – E sim, é um dos meus! – Parece ficar deliciada, mas depois lembra-se do motivo pelo qual estão ali.

Sive volta-se para Aaron.

– Isso quer dizer alguma coisa?

Aaron franze o sobrolho, abana a cabeça.

– Victoria, de certeza que esta é a única loja que os vende?

Victoria assente.

– Adoro fazê-los, mas não tenho tempo, nem energia, para procurar quem os venda.

– E então, Aaron, já tinhas estado nesta loja? Isso deve querer dizer alguma coisa, não?

Ele abana a cabeça.

– Então, como é que o encomendaste? Foi personalizado com as pedras dos signos das meninas, por isso deves tê-lo comprado diretamente à Victoria.

Aaron abre a boca para responder, fechando-a em seguida quando um pensamento parece atingi-lo. Mostra-se perplexo e algo mais que Sive não consegue identificar. A repentina consciência de alguma coisa?

Victoria tossica.

– Já agora, eu também os vendo na internet. Vender *online* é muito mais fácil do que tentar distribuí-los por outras lojas... Aprendi isso com a pandemia.

– Pois é – diz Aaron. – Comprei-o *online*. Temos de ir.

Ele sai da loja e Sive segue-o. Só tem certeza de uma coisa: o marido não está a dizer a verdade.

Jude telefona quando estão a caminho da estação de metro.

– E se voltassem a falar com a vossa filha mais nova? – sugere, sem perder tempo com cumprimentos. – Ela estava a repetir «*Chase*», e isso deve querer dizer alguma coisa. E é a única que viu o que aconteceu.

– Acredita, saber que ela o viu e não é capaz de o contar está a dar comigo em doida. Mas não sei se há alguma coisa que se possa fazer.

– OK. Era só uma ideia. Depois de ligares, a Maggie e eu estivemos a falar sobre isso. Vou continuar a investigar o Brosnan e não deixo esmorecer as redes sociais.

– A Maggie está contigo?

– Foi-se embora a correr. Disse que tinha de confirmar uma coisa. Mas posso tê-la perturbado... Fui um bocadinho, eeh, bruta com uma coisa que disse... Mas enfim, não interessa. De certeza que já volta.

– Oh. OK, é melhor desligar. Vamos entrar na estação.

Enquanto esperam pelo metro na plataforma, Sive conta a Aaron sobre o telefonema de Jude.

– Valha-me Deus, essa rapariga tem de largar a história do Brosnan. Está obcecada.

– Ela é uma jornalista que sabe o que faz e está a tentar ajudar. Tens alguma ideia melhor? – torna Sive, com alguma brusquidão. Uma mulher a curta distância olha para eles. Sive baixa a voz e aproxima-se de Aaron. – Desculpa. É só porque me estou a sentir tão inútil. Não podemos procurar numa cidade inteira e não me lembro de sítio nenhum onde possamos ir. É impossível.

Aaron puxa-a para ele e encosta-se a um poste metálico.

– Eu sei. – Parece exausto. – Desculpa por me ter irritado por causa da Jude. Mas a associação com o Brosnan parece muito rebuscada e preocupa-me que ela só aqui esteja por andar atrás de uma história e do que possa lucrar com ela. Além desse ângulo, não teve mais nenhuma sugestão.

Sive olha-o.

– Já agora, por falar em «andar atrás», ela também sugeriu que voltássemos a tentar falar com a Bea...

– Já sabemos que ela não nos pode dizer nada.

– Mas talvez valha a pena tentar, à falta de outras ideias? E, seja como for, devíamos ir ver como eles estão. – Volta mais uma vez a cara para o peito do marido e pressiona-a contra a camisola, inspirando o leve cheiro a suor e a amaciador. O cheiro a uma vida normal. – Estou preocupada com o Toby, que possa não querer o biberão, e com a Bea, tanto tempo sem nós.

– Queres voltar ao hotel? Não sei...

Sive procura-lhe a mão e aperta-a.

– Fico doente por pensar em voltar sem a Faye. Mas vale a pena tentar mais uma vez com a Bea. Só ela é que sabe o que aconteceu.

Aaron acena em concordância, embora pareça pouco convencido.

– Talvez, depois, a polícia tenha mais testemunhas e possa reduzir a zona de buscas – adianta ela. – E podemos voltar a procurar com um plano mais concreto?

Aaron assente, agora com mais veemência. Sive afasta-se dele para

pegar no telefone e procura o Meridian Hotel no Google Maps.

Bea corre para Sive assim que entram na *suite* e Sive faz o possível por reprimir os soluços. Toby está a dormir na cama de viagem. Bebeu um biberão inteiro, de acordo com Scott, que é então agarrado por Aaron no que é em parte um aperto de mão, em parte um abraço.

– Nem sabes como te agradecemos, Burner. És um bom amigo. Sei que passei o fim de semana a ser uma merda para ti, e sinto muito por isso. Hoje estás a ser inestimável.

Scott abana a cabeça.

– Então, eu fui parecido. Cristo, nem acredito que isto possa estar a acontecer... Não há novidades?

Não há novidades. Não há nada. A DC Hawthorn ligou-lhes a caminho dali para lhes dizer isso mesmo – contudo, pô-lo noutros termos, falando em alargamento de escala e efetivos e recursos e testemunhas e CCTV, mas tudo se resumiu a nada. Faye não está em lado nenhum.

E, agora, vão tentar interrogar uma criança de dois anos.

Sive debruça-se para a cama de viagem para beijar a cabeça do adormecido Toby e depois senta Bea no sofá e tira um pacote de bolachas da mochila. Bea bate palmas e grita quando as vê, saltitando com o entusiasmo.

– Olha, fofinha. – Sive sorri-lhe. – Preciso que me contes da Faye. Onde está a Faye?

Bea está a tentar agarrar nas bolachas, ignorando as palavras de Sive. Sive pousa o pacote no chão e empurra-o para debaixo do sofá.

– Espera. Podes ter uma bolacha quando me disseres onde está a tua irmã. Onde está a Faye?

– A Faye foi. *Chase*.

OK. Nada de novo. O que lhes terá passado pela cabeça? Porém, Sive continua a tentar.

– Quem foi atrás da Faye? Um homem?

Bea assente.

Sive sente um aperto no estômago.

– Um homem foi atrás da Faye?

– Homem *chase*. – Bea faz que sim com força.

– Ai, meu Deus. – Sive vira-se para Aaron.

– Mas será que o podemos levar a sério? Ela ainda não o tinha dito... Não pode estar só a repetir o que disseste?

– Talvez. Mas devíamos falar com a Hawthorn. – Volta a dedicar-se a Bea. – Como era o homem? Era alto, como o papá? – Aponta para Aaron.

Bea abana a cabeça, embora não seja claro se ela quer dizer «Não, ele não é alto como o Papá» ou «Não, não me estás a perceber» ou «Não, já chega disto, dá-me lá as bolachas.»

– *Chase* – repete ela.

– Aaron, procura imagens dos Callans no teu telefone.

– O quê?

– Faz o que te peço!

Aaron passa-lhe o telefone, resmungando que é um desperdício de tempo.

– Bea, foi este o homem que foi atrás da Faye? – Mostra a primeira imagem à filha.

Bea abana a cabeça. Faz o mesmo com a imagem seguinte e com a outra.

– Eu disse-te – comenta Aaron, e Sive julga que seria capaz de o matar naquele momento, não estivesse ela ocupada a tentar encontrar a filha desaparecida.

– Aaron – sibila.

Vira-se para Bea.

– É este, amor? É este o homem?

Bea abana a cabeça.

– Blacha! Já!

E ficam-se por aí.

Sive não sabe o que fazer a seguir. O instinto diz-lhe para voltar

para a rua, para continuar a procurar, por mais fútil que seja o esforço. Mas onde?, pergunta a Aaron. Ele responde-lhe que tem de fazer uma chamada. Mas que tipo de chamada pode ele ter de fazer no meio de tudo aquilo? Ainda assim, insiste e vai para o corredor telefonar.

Scott encolhe os ombros.

– Sabes como é o Aaron. Está sempre com um milhão de coisas ao mesmo tempo. Talvez esteja a tentar dar luta àquele vídeo. – Uma pausa. – Já se tornou bastante viral.

Sive abana a cabeça.

– Não quero saber disso para nada. E sei que o Aaron também não. Depois logo resolvemos isso.

Scott assente com veemência, talvez por se sentir culpado por esfregar sal na ferida. O telefone dele apita e Scott confirma-o.

– O Dave acabou o trabalho por hoje e está a caminho. Mais um par de mãos seria bom.

– Oh, sim, ele pode ajudar com os miúdos. És tão bom com eles.

Scott menospreza o comentário.

– Quero dizer outro par de mãos para ajudar com as buscas. Eu estou bem. Também tenho três, lembrás-te? Lá porque a Caron os levou para outro continente, isso não quer dizer que me tenha esquecido de tudo.

Ela faz um aceno, tão grata que se sente à beira das lágrimas.

Toby mexe-se na cama de viagem e Sive pega-lhe ao colo, satisfeita com a desculpa para o abraçar, para lhe dar de mamar.

– A Maggie continua à procura? – pergunta Scott.

– Segundo uma colega minha jornalista que tem estado a ajudar, foi não sei onde «confirmar uma coisa». Não sei o que possa estar a confirmar.

– E a Nita? Ela tem ajudado?

– A Nita chegou um bocadinho antes da conferência de imprensa e depois foi juntar-se às buscas. Dentro de um Uber.

– Certo. – Scott revira os olhos. – Chiça, demorou o seu tempo.

Precisava do sono de beleza, era? Ela nem apareceu na corrida. Reparei que o nome não estava no *placard*. – Faz um som *tch*.

– Oh, sabes, ela ontem à noite caiu e bateu com a cabeça, por isso não a quisemos incomodar esta manhã.

Scott parece consternado.

– Ah, bolas. Agora sinto-me mal. Ela está bem? O bebé está bem?

– Ela está bem. Está tudo bem – responde Sive, contornando a questão. Não lhe compete divulgar a história de Nita. Mas não consegue evitar interrogar-se se Scott terá conhecimento dos outros segredos revelados na véspera em casa de Maggie.

Na véspera – domingo
Silchester Road

Sentada na sala de estar de Maggie, Sive fitava a fotografia das jovens sorridentes nas Falésias de Moher, incapaz de evitar uma expressão de confusão.

– Não reconheceste a Yasmin? – comentou Maggie. – Oh, claro, se calhar nunca viste uma fotografia dela. – Devolveu a moldura à lareira. – Não estou a imaginar o Aaron como pessoa de álbuns de fotografias e nostalgia.

– Eu... eu vi uma fotografia da Yasmin. Só uma. Ou melhor, quatro. Uma sequência daquelas que se tiram nas máquinas automáticas que encontrei numa caixa que dizia «Londres». O Aaron e a Yasmin a fazerem poses e a beijarem-se e a fazerem caretas, com «Stratford 2008» escrito nas costas das fotos.

– Ah, portanto, uns anos depois das Falésias de Moher. Ela provavelmente teria mudado um bocadinho, mas não muito. Bolas, quando penso em como ela era nova. – Abanou a cabeça, a tristeza palpável.

– Mas, na fotografia que eu vi, ela tinha o cabelo completamente diferente, e... – Sive voltou a olhar de soslaio a fotografia na prateleira – ... muito sinceramente, a cara dela também parecia diferente. Porém, eu sabia que o Aaron andava com a Yasmin em 2008, e as parecenças de família estavam lá, por isso achei... – *Oh*.

Maggie franziu o sobrolho.

– Parecenças de família?

– Com a Nita... – *É claro*. – Maggie, a Yasmin pintava o cabelo de vermelho-acastanhado?

– A Yasmin? Não, nunca. Ela nunca ligou ao cabelo e à maquilhagem. Mas a Nita pintava. Passou a maior parte dos vinte com o cabelo vermelho-escuro.

Nita. É claro. Raios te partam, Aaron.

Maggie inclinou a cabeça.

– Espera, não estás a pensar que era a Nita nas fotografias que viste, pois não?

Sive assentiu lentamente, pensando ainda na fotografia que caíra da bolsa de Nita na véspera. Não era um instantâneo da irmã num banco banhado pelo sol: era uma fotografia dela mais nova.

– Acho que devia ser.

– Mas disseste que se estavam a beijar.

– Pois.

A boca de Maggie formava um círculo perfeito.

– Não. É. Possível. – Abanou a cabeça. – Não, eu ia saber. Todos sabíamos tudo uns dos outros.

– Diz a mulher que acabou de confessar que andou em segredo com o Dave?

– Bingo. Uau. O Aaron a trair a Yasmin com a Nita? O grande cabrão. Desculpa.

Sive abanou a cabeça.

– Não tens de pedir desculpa. Ele é um cabrão. – Por enganar Yasmin, por nunca ter contado a Sive, e, *raios te partam, Aaron*, por deixá-la passar tempo com Nita, completamente alheia ao historial partilhado por eles. De alguma forma, agora isso parecia-lhe embaraçoso. Devia comentar o assunto com Nita? Dizer-lhe que já sabe? *E a coitada da Yasmin*. Cabrão era um eufemismo.

– Torna-se ainda pior por estar a enganar a noiva atualmente falecida, não achas, mesmo sendo óbvio que não podia saber que ela ia morrer.

O rosto de Maggie estremeceu um pouco e Sive apercebeu-se do que havia dito.

– Desculpa, fui um bocado insensível.

– Não faz mal. E tens razão, irracionalmente, faz com que seja pior. Será que a Yasmin sabia? O que terá passado pela cabeça da Nita! – Parecia estar à beira das lágrimas. – Desculpa. Nunca

ultrapassei completamente a morte dela. E já bebi demasiado esta noite. – Passou com o dedo pelas tatuagens no pulso. – Nem acredito que a Nita fosse capaz de fazer isso à irmã.

– Nem acredito no *Aaron*. Estão bem um para o outro. Um par de narcisistas egoístas, é o que são.

Maggie levantou o copo.

– Bebo a isso – exclamou, com uma animação forçada, os olhos ainda brilhantes das lágrimas. – Dizemos alguma coisa?

Sive pensou por um instante.

– Ainda não. Vou perguntar ao Aaron quando voltarmos a Dublin. Não que isso interesse agora, acho eu. Mas estou curiosa. E... horrorizada. Ele pode ser muitas coisas, mas não o tinha como traidor.

Maggie deu-lhe uma palmadinha no joelho.

– Não te ia enganar a ti. Ficou apanhadinho desde o primeiro momento. Lembro-me de como estava entusiasmado, a dizer-nos que estavas à espera de um bebé.

Sive fechou os olhos por momentos. *Cá vamos nós outra vez.* Expirou longamente e ostentou um sorriso.

– É tão bom ouvir isso.

Maggie deve ter-se apercebido de algo mecânico no tom de Sive.

– O que foi?

Sive sabia que não devia, no entanto, a necessidade de se confessar a alguém era demasiado forte.

– Santo Deus, deve ser a bebida a falar. Mas a verdade não é bem assim.

Maggie arregalou os olhos e Sive preparou-se para contar a sua história.

Segunda-feira

16h52

O corredor do hotel está sossegado, com a carpete dispendiosa a abafar os sons. Ao fundo, perto da janela, Aaron continua ao telefone. Vira-se quando ouve o clique da porta e Sive estaca quando lhe vê o rosto. É óbvio que está furioso.

Sive faz um sinal que significa «dormir» e aponta na direção da porta, para lhe dizer que Bea está a fazer a sesta e que Aaron deve entrar pelo quarto principal. Ele assente, depois vira-lhe as costas e prossegue com o telefonema. Sive observa por um momento. Vê a mão dele subir, gesticular como se quisesse afirmar qualquer coisa. Vê-o inclinar-se para a frente, encostar a testa à janela, agora com os ombros descaídos. O tom de voz é demasiado baixo para que ela o ouça. O que poderá ser mais importante do que procurar Faye? Talvez tenha que ver com o caso que está a decorrer. Talvez os repetidos protestos de Aaron ocultem o receio de que Jude esteja certa.

Não vai querer que seja culpa dele.

Essa consciência torna-se, de repente, cristalina. É por esse motivo que está tão determinado a que isto não tenha nada que ver com o seu caso. Porque de contrário, terá sido Aaron quem provocou a situação. Sive abana a cabeça e regressa à *suite*.

– E agora? – pergunta Scott. Está sentado num cadeirão à janela da sala de estar e aponta um controlo remoto à televisão a fim de baixar o volume. No ecrã vê-se a emissão da BBC News e as legendas que passam em rodapé referem-se a Faye. *Menina irlandesa de seis anos continua desaparecida em Londres*. Sive vira-lhe as costas.

– Muito sinceramente, não sei, mas acho que devíamos voltar às buscas. Não te importas de ficar com os miúdos?

Ele abana a cabeça, indicando com o queixo a cama de viagem,

onde Toby voltou a adormecer.

– O pequenito só dorme. É canja. Irão para onde?

– Se calhar vamos perguntar à DC Hawthorn onde procurar... Meu Deus, que pesadelo. – Sive senta-se no sofá, a cara enterrada nas mãos.

Scott não diz nada.

O que haveria a dizer? É como quando alguém morre e...

Interrompe o pensamento antes de o terminar. *A Faye não morreu. Alguém a tem e vão devolvê-la*

A porta abre-se e Aaron entra, fazendo sinal para trás de si.

– Olha, pá, eu saio e espero no corredor – diz alguém num murmúrio sonoro. – Não quero incomodar os putos. – Será Dave, imagina Sive. Não sabe se naquele momento terá capacidade para o aturar.

Mas Aaron diz-lhe que entre.

– Não te preocupes, a Bea está a dormir no outro quarto e o Scott tem o Toby sossegadinho.

Há uma tensão na voz de Aaron que chama a atenção de Sive. Olha-o. Parece... constrangido. Culpado? Terá que ver com o telefonema?

Dave entra na sala e olha para Sive.

– Sinto muito – diz ele, e ela acena com a cabeça. – Vi a conferência de imprensa *online*. Tem de ajudar. Estamos sempre a ver isto lá no trabalho. As pessoas *relacionam-se*, sabes? Veem o humano que está por trás da notícia. Na verdade, há ciência que o sustenta, e...

Felizmente, Aaron interrompe-o.

– Temos de planear os próximos passos.

– Isso. Estratégia. Então, vocês têm andado a procurar nas estações de metro?

Sive olha para Aaron. Ele ergue as sobrancelhas numa dúvida silenciosa e ela assente. Já não há motivo para continuar a ocultar a caça aos gambozinos que empreenderam. Aaron põe-nos ao corrente e

Sive desliga. Na sua mente só vê Faye, nada mais do que Faye. Os olhos azuis. O nariz pequenino. O sorriso desdentado. A atitude lógica que tem em relação à vida. As reações maravilhadas às mais pequenas coisas. As tentativas frustradas de roubar bolachas do armário alto. A sua incapacidade de mentir. O desejo desesperado por um cachorrinho. O medo do mais ínfimo dos insetos. A adoração, como uma gralha, por tudo o que brilha. Sive toca no pingente que tem ao pescoço da maneira como Faye gosta de lhe tocar.

Miss Victoria London.

Não pode ser coincidência.

– Aaron? – afasta as mãos do rosto. – A pessoa que levou a Faye mandou-nos àquela loja de recordações por um motivo. É o único sítio onde se pode encontrar o colar.

– Não é bem assim. Esse foi comprado *online*. – *Casmurro até ao fim.*

– Eu sei, mas foi do *website* dela. Deve haver milhares de páginas de joalharia no mundo. E mandaram-nos para esta. O que significa? E porquê fazê-lo? Para quê fingir que a Faye ali estava se não estava?

Dave pigarreia e ambos olham para ele.

– Não sei porque escolheram essa tal joalharia, mas... – tira o boné e esfrega a cabeça – ... mas respondendo à segunda pergunta, imagino que tenha sido para que o Aaron gravasse o vídeo com a confissão.

– Obviamente – atira Aaron.

– Mas isso não explica o motivo por que a Faye lá não estava – insiste Sive. – O Aaron fez o vídeo. Ele fez o que lhe pediram. Porque é que nos arrastaram até lá? Foi para nos afastar de outra coisa? Para nos distrair?

Dave olha de um para o outro, sempre a esfregar a cabeça.

– Imagino que fosse porque a pessoa que telefonou queria que gravasses o vídeo: para te destruir a carreira e para te envergonhar. – Detém-se para respirar fundo, como se estivesse a preparar-se para algo difícil, ou talvez a apreciar o facto de estar a ser a voz da autoridade, a gozar a momentânea luz da ribalta.

E o que diz a seguir vira outra vez tudo do avesso.

17h00

Dave articula cada palavra com todo o cuidado.

– Essa pessoa que te obrigou a fazer o vídeo... – uma pausa – ... imagino que nunca chegou a ter a Faye.

Sive endireita-se.

– Como assim nunca chegou a ter a Faye?

– Quero dizer que imagino que se tenham aproveitado de uma oportunidade – aventa Dave, pousando o boné na mesa de centro e sentando-se do outro lado do sofá. A voz denota um toque de superioridade. Um certo prazer em ter finalmente a palavra.

Sive fita-o.

– Mas porquê...

É claro. Para obrigar Aaron a gravar o vídeo.

– Estás a dizer que alguém que não tem nada que ver com isto fingiu que tinha a Faye para forçar o Aaron a gravar aquilo? – Sive olha de esguelha para Aaron, a fim de ver a reação dele, mas a expressão é inescrutável.

Dave assente.

Scott parece intrigado e impressionado.

– Isso até é bastante inteligente. Se calhar tens razão.

– Eu trabalho na área da lei. – Dave encolhe os ombros com um desprendimento simulado. – Vamos aprendendo uma coisa ou outra.

Sive lembra-se de qualquer coisa.

– Mas a mulher ao telefone sabia dos pontos na perna dela, algo que ninguém teria como saber se não estivesse na presença da Faye.

Dave levanta as mãos.

– Pois, isso não sei, mas parece-me que alguém vos atirou areia aos olhos.

Sive não sabe o que pensar. Se a pessoa nunca teve a Faye, então desperdiçaram horas numa viagem escusada e numa falsa esperança.

E perderam aquilo que julgavam ser uma ligação ao paradeiro da filha – um número de telefone, ainda que não atribuído, que os associava à pessoa que tinha Faye. Sive volta a olhar para Aaron, precisando que ele lhe diga que Dave está errado. Que ainda há esperança. Que não voltaram à estaca zero. Mas Aaron está a balançar-se sobre os calcanhares, a olhar para o chão.

– Aaron?

Silêncio.

– Aaron? – repete Sive. – Tu sabes alguma coisa, não sabes? Isto está ligado ao pingente que me compraste? Espera... e ao teu telefonema mesmo agora?

– Não fui eu que te comprei o pingente. Foi o Garvin.

– Quem é o Garvin? – pergunta Scott.

– É o assistente dele – responde Sive, tentando dar algum sentido ao que ouviu. – Foi o Garvin que comprou o pingente?

Aaron levanta as mãos.

– Faz parte do trabalho dele! O título diz tudo. Assistente pessoal. – Assumi uma atitude defensiva. Provocadora. Desafia-os a contestá-lo. – Ele faz o que tem de ser feito e, neste caso, isso incluiu localizar o pingente com a pedra dos signos das miúdas como teu presente de Natal. – Fita-a e a arrogância reduz-se. – Desculpa.

– Valha-me Deus, não me interessa se foi o Garvin quem comprou o pingente. O que é que essa merda tem que ver com a minha filha desaparecida? – Está a gritar com o marido. Se aquilo pode ter influenciado o desaparecimento de Faye, como é possível que Aaron ainda não o tivesse referido?

Um suspiro profundo.

– Acabei de falar com o Garvin. Quando identificaste a ligação entre a loja de recordações e o pingente, as coisas começaram a fazer sentido.

– Mas disseste que eu estava errada? Que a ligação não significava nada?

– Desculpa. Queria falar com ele antes de tirarmos conclusões

precipitadas. Ainda não pensava que ele o tivesse feito mesmo... só que podia haver uma ligação bizarra que fizesse sentido depois de falar com ele. Por isso telefonei-lhe, ainda há uns minutos. E ele começou a rir. O cabrão riu-se de mim.

– O quê?

– Falou sobre ter passado anos a ser tratado abaixo de cão, a ser pressionado, intimidado, etcétera, etcétera, etcétera. Que andava a sonhar com o dia em que me obrigaria a... tu sabes. Aquilo que me fez dizer no vídeo.

Scott assobia. Dave abana a cabeça. Sive está entorpecida.

– Pelo visto, a gota de água foi quando lhe pedi que submetesse o recibo na sexta-feira à noite. Tipo, esse é o trabalho dele.

– Se calhar não a uma sexta-feira à noite – comenta Scott, inutilmente. Aaron fulmina-o com o olhar.

– Mas também não justifica o que fez! Raios o partam, podia ter-se despedido e pronto.

– Não lhe daria a mesma satisfação, pelo menos era o que eu acharia – diz Scott, entredentes.

– Ele disse que ia levar à polícia o que conseguisse tirar do escritório...

Sive fita o marido.

– O que é que levaria à polícia?

Aaron abana a cabeça.

– Não faço ideia. Ele está louco. Mas depois, quando viu que a Faye tinha desaparecido, percebeu que tinha maneira de, segundo as suas palavras, me fazer cavar a minha própria sepultura.

Scott arregala os olhos.

– Então, só um sociopata faria uma coisa dessas.

– O Garvin é um sociopata. Foi por isso que o contratei. Ele é excelente no trabalho dele e é completamente desprovido de emoções. Ou, pelo menos, era o que eu julgava.

Sive ainda não está em si.

– Ele fez aquele telefonema, a fingir que tinha a Faye, para te

obrigar a publicar o vídeo?

– Pelo visto. O cabrão destruiu-me a carreira em menos de uma hora numa segunda-feira de manhã. Disse que mandar-me à loja de recordações onde tinha comprado o colar era «um toque interessante» de que se lembrara à última hora.

Sive abana a cabeça.

– Mas quem ligou sabia dos pontos, foi assim que percebemos que era legít... – Ocorre-lhe assim que as palavras lhe saem da boca. – Oh. Ele sabia dos pontos porque lhe enviaste o recibo.

Aaron baixa o olhar.

– Pois. «Uma ironia perfeita», disse ele.

Sive continua sem estar convencida.

– Mas a pessoa ao telefone era uma mulher. Tens a certeza de que ele estava a dizer a verdade? Estaria a ser ajudado por alguém?

– Ele usou uma função, ou assim, chamada Scratch? Acelera e abranda a voz. Pode fazer uma mulher soar como um homem e um homem soar como uma mulher. Não percebo nada disso.

– Eu percebo – intervém Dave. – É muito fácil. O Scratch é um programa básico de codificação, mas há muitas *apps* de alteração de voz que fazem o mesmo.

– Então era o clique e a pausa que íamos ouvindo – diz Sive. – Estava a reproduzir ficheiros de voz pré-gravados, tal como a Jude achava.

– Pois.

– Porra.

– Pois.

– Quero matá-lo. – Sive sabe que é verdade. Se pudesse, atirava-o de um prédio, ou dava-lhe um tiro na cabeça. Nunca teve tanta certeza de nada na vida.

– Só se eu não o apanhar primeiro – diz Aaron. – Mas isso não ajuda. Neste momento temos de pensar na Faye. Ela continua algures com um estranho qualquer.

Um estranho qualquer, interroga-se Sive, olhando para o marido, ou

alguém mais próximo de nós?

Na véspera – domingo
Silchester Road

Maggie chegou-se à frente no sofá.

– OK, Sive. Tens a minha atenção. Então, como é que é a verdade?

– O Aaron não é o pai biológico da Faye. – Sive sentiu-se melhor assim que o disse. A mãe não sabia. O irmão não sabia. Os melhores amigos da faculdade não sabiam. Em todo o mundo, só Aaron e Sive sabiam aquele segredo, e as coisas tinham de continuar assim. Era o que havia ficado acordado entre eles. Sive nunca se sentira confortável a esconder a verdade do pai biológico de Faye, porém, tal como Aaron ia frisando, um criminoso não seria, de todo, o melhor exemplo na vida de Faye. E, além disso, ele continuava preso.

– Uau. Isso, sim, é uma *surpresa*, embora não seja devastadora. Hoje em dia há muitas famílias do género. Credo, isto hoje é só revelações. O pai da Faye acompanha-a?

– Não... é complicado.

– Sabem que não precisavam de fingir. Achavam que os íamos julgar?

– Foi só mais fácil – disse Sive, o que era apenas meia-verdade. – Ninguém sabe. És a primeira pessoa a quem eu contei.

As faces de Maggie ruborizaram-se com o que bem podia ser prazer perante a confiança nela depositada.

– Caramba. Olha, fico honrada. E podes contar sempre comigo para partilhar segredos. – Ergueu o copo e brindou com Sive. – Conheceste o Aaron devido ao trabalho, não foi, a cobrir um julgamento? Portanto, imagino que o pai da Faye seja alguém com quem andavas pouco antes de conheceres o Aaron? Para-me se estiver a ser demasiado intrometida.

– Não, tudo bem. E sim. Era alguém com quem eu andava... – *Perdida por cem, perdida por mil.* – O Aaron era advogado dele. O

Joost... o meu ex, é holandês... Foi acusado de homicídio involuntário e o Aaron era advogado dele. Eu não estava a cobrir o caso para o jornal; todos acham que sim, e deixamos que o façam. Eu estava lá porque o meu parceiro estava a ser julgado.

– Credo. Homicídio involuntário?

– Sim. Foi uma coisa horrível.

– Sinto muito.

Sive rejeitou as palavras com um gesto da mão.

– Só tenho pena da família da vítima.

– O que aconteceu?

E Sive contou a sua história. Sobre o encantador holandês que conhecera num jantar de prémios da indústria – ele encontrava-se presente com o banco para o qual trabalhava; ela estava a fazer uma reportagem para o suplemento financeiro do jornal. Joost De Witte era o cavalheiro perfeito. Engraçado. Inteligente. Diferente das outras pessoas com quem saíra. Direto e sincero tanto no trabalho como com os amigos – dizia sempre tudo o que lhe ia na mente e não compreendia o motivo pelo qual os irlandeses empregavam tantos floreados para todos os anúncios ou pedidos de ajuda. *Digam logo o que querem! Não usem dez palavras se podem usar só duas!*, costumava suplicar. Também era direto e sincero com Sive – não se queria casar, não queria filhos. Mas estava na Irlanda a longo prazo – *Deus*, adorava a Irlanda e tudo o que era irlandês – e era capaz de ver um futuro com ela. Quanto ao isso do futuro, Sive não tinha assim tanta certeza, mas gostava dele. E, em retrospectiva, percebia que se sentira sozinha – recém-chegada a Dublin, com saudades da família e dos amigos em Cork. E gostava de passar tempo com Joost. Ou melhor, de um modo geral. Exceto quando ele falava sobre trabalho. Era um perfeccionista e tendia a ficar impaciente com a maneira como os outros faziam as coisas. Criticava com regularidade os colegas. E foi então que as coisas começaram a correr mal. Era incapaz de se conter. Quando via alguém a cortar caminho ou a fazer pausas, sentia-se obrigado a comentar. *Estamos aqui para trabalhar*, costumava dizer. *Não estamos*

aqui para olhar para o Facebook ou para fazer cinco intervalos para café. Chegou até a denunciar colegas ao gerente, algo que não o tornou propriamente popular. Um dos colegas foi repreendido verbalmente pelos atrasos constantes, algo em que o gerente não havia reparado até Joost o realçar. Outro colega foi ignorado para uma promoção. As coisas escalaram. Joost foi ostracizado e isolado. Os colegas deixaram de partilhar informação e a mesa na cantina. Sive escutava-lhe as queixas sempre que passava a noite com ele. A sua abordagem era – sempre – a da diplomacia e da colaboração. Trabalhava com base na ideia de que não se apanhavam moscas com vinagre. Isso tinha trabalhado sempre a seu favor nos anos enquanto jornalista: conseguia levar a que os entrevistados se abrissem. Gostava de empregar uma afabilidade na qual os outros se reviam, ao passo que Joost dizia o que lhe ia na mente em qualquer altura, não importava quem saísse ofendido. *Mas eu tenho razão!*, costumava dizer, exasperado. *Aquele Diarmuid chegou atrasado três dias seguidos!* E Sive voltava a tentar explicar-lhe que isso não lhe dizia respeito. Era entre Diarmuid e o gerente. *Fica na tua*, costumava recomendar-lhe. Mas Joost era incapaz disso.

E foi então que a empresa juntou álcool à festa.

Foi durante um encontro de Natal que tudo se precipitou. Anos antes, durante a crise, a empresa cancelara a habitual festa de Natal, introduzindo no seu lugar *cocktails* informais em cada sucursal. E a maior parte das pessoas mostrou preferir isso a jantares formais com cinco pratos em hotéis, com vinho caro e comida reles. Saía, também, mais barato à gerência, que não se importava de fornecer grades e grades de cerveja de marca branca, a par de algumas taças de batatas fritas e a obrigatória caixa de chocolates *Celebrations*. Por altura da primeira festa de Natal de Joost, numa sexta-feira fatídica no início de dezembro, os *cocktails* descontraídos já eram famosos. O orçamento para cerveja barata tinha sido aumentado e alargara-se a vinho carrascão, com todos a ficarem bastante embriagados. Ao final dessa noite, depois de demasiadas cervejas, Joost deu consigo perante

quatro dos seus colegas na casa de banho dos homens. Não houve consenso quanto ao que acontecera ao certo. Joost disse que Diarmuid o agrediu. Os amigos de Diarmuid disseram que Joost foi o agressor: que Diarmuid tinha provocado Joost, mas não lhe batera. Independentemente disso, Diarmuid caiu para trás e bateu com a cabeça no lavatório. Morreu no hospital dois dias depois e Joost passou a primeira noite em prisão preventiva numa penitenciária irlandesa. Na verdade, havia imagens de CCTV, contou Sive a Maggie, pois o banco tinha uma câmara discreta oculta na casa de banho dos homens. Claro que, uma vez que estava escondida dos funcionários, era ilegal, explicou Sive, pelo que as imagens não foram admitidas como prova. Nem Sive as chegou a ver, e o banco não demorou a retirar as câmaras.

– O problema – disse Sive, quando Maggie fez mais perguntas sobre o vídeo – é que o Diarmuid Grant continuava morto. Mesmo que o juiz tivesse aceitado as imagens, na melhor das hipóteses, o Joost ficava com uma pena mais leve. Mas era culpado de tirar a vida a uma pessoa, tivesse sido o primeiro a agredir ou não. Não há nada que altere isso. É como diz o Aaron: é a lei das consequências inesperadas. O Joost não queria que o Diarmuid Grant morresse, mas foi o que aconteceu quando lhe bateu.

Maggie tinha uma expressão curiosa no rosto. Uma expressão com a qual Sive começava a familiarizar-se – vira-a quando a bolsa de Nita caíra na véspera, quando Dave havia falado sobre a mãe, e quando há pouco conversavam sobre Scott ter incendiado o barracão dos vizinhos.

– O que foi?

Maggie abanou a cabeça.

– Não, estou só fascinada. Credo, Sive, deve ter sido uma altura terrível para ti.

– E foi, mas não terá sido nada quando comparada com o que os pais do Diarmuid Grant devem ter sentido quando souberam que o filho estava morto.

– Claro. Mas lembra-te: lá porque há quem sofra mais, isso não quer dizer que tu não sofras também. Há sempre quem esteja pior e, segundo essa lógica, nunca teríamos o direito de achar nada difícil.

– Se calhar. Agora está tudo muito confuso. Fiquei entorpecida. Quer dizer, ouvimos falar dessas mortes com um murro, mas é chocante quando acontece na vida real. Quando conhecemos a pessoa que o fez.

– E conheceste o Aaron porque ele estava a defender o Joost?

– Sim. Eu sei. Não abona muito a meu favor, pois não?

Maggie levantou as mãos.

– Há muito que aprendi a não julgar. E, pelo menos, não fingiste que estavas grávida para quarenta e seis mil seguidores do Instagram.

Sive riu-se, embora Maggie estivesse apenas a ser simpática. Sive tinha quase a certeza de que aquilo que fizera havia sido bem pior. Trair Joost e depois mentir a toda a gente que conhecia. *Não o estás a trair*, garantira-lhe Aaron. *Foi ele que te traiu quando bateu no Diarmuid Grant e impôs isto aos dois. Faz todo o sentido que te afastes*. Aaron cortejara-a desde que se conheceram e ela gostava de pensar que ao início resistira. Na verdade, tinha havido uma atração mútua desde o primeiro momento, um sentimento que ela se esforçara por suprimir. Havia qualquer algo hipnótico na forma como Aaron assumira o controlo de tudo – a defesa de Joost, o bem-estar de Sive –, qual bálsamo calmante depois de semanas de ansiedade. Para Sive, fora como se ela se recostasse, enquanto alguém lhe reparava o computador, ou massajava as costas, ou lhe lavava o cabelo. A dizer que ficasse quieta, sem fazer nada, e que tudo iria correr bem. O perito confiante que se responsabilizava por tudo. O oposto de Joost, que se atirara de cabeça aos problemas e agora não conseguia sair de lá. Aaron era magnético.

E, tal como Aaron gostava de frisar, haviam tido a decência de esperar até que Joost fosse condenado antes de darem o passo da amizade para uma relação. Ou um caso? *Não é um caso*, sempre dissera Aaron. *Ele está na prisão. Isso anula a vossa relação*. Claro que

isso não era verdade. Havia muita gente que continuava junta depois de um dos elementos ser condenado por um crime. Talvez fosse mais fácil quando se era alguém que crescera nesse mundo e via as penas de prisão como danos colaterais aceitáveis. Talvez fosse mais fácil quando se tratava de um crime de colarinho branco – em que a vítima era uma corporação anônima. Talvez fosse mais fácil quando não morria ninguém. Se Joost tivesse dado um murro a alguém e essa pessoa não tivesse morrido, seria uma história embaraçosa sobre uma festa de Natal e nada mais. Porém, contas feitas, que diferença moral existia? Independentemente da consequência, a ação era a mesma. Claro que Joost nunca quisera matar ninguém, mas aquela morte alterava tudo. Ela não podia continuar com Joost sabendo que ele acabara com uma vida.

Mesmo assim... isso incomodava-a. Não era sempre. Só às vezes, quando olhava para Faye, para os membros compridos e a pele dourada e o cabelo louro, tão parecida com Joost, que não fazia ideia de que tinha uma filha. Joost, sozinho, naquela cela, a contar os dias até à liberdade.

Segunda-feira

17h59

Sive percebe que a DC Hawthorn está frustrada com o tempo que demoraram a regressar a Oxford Circus e com o quão vagos estão a ser quanto ao sítio onde estiveram, mas consegue reprimi-lo. Não seria propriamente correto admoestar um casal ansioso por causa da filha desaparecida, imagina Sive, mesmo quando esse casal esteve em parte incerta durante as últimas três horas e continuou misterioso quanto aos seus afazeres. Aaron não quer falar de Garvin à polícia. O vídeo já foi retirado e continuaram a dá-lo como falso, pelo que isso, para ele, acabou. Sive acha que tal é um erro. Porque não contar tudo à polícia – o que terão a perder? Passaram a viagem de táxi a debatê-lo em murmúrios acesos enquanto regressavam ao encontro de Hawthorn: Aaron inflexível na posição de que isso não ajudaria a encontrar Faye. *Para quê?*, indagara. Não passaria de uma distração. Se o revelassem, a polícia queria falar com Garvin, desperdiçando tempo a seguir esta linha de investigação, na hipótese remota de Garvin ter Faye. Ao passo que Aaron sabia que Garvin estava no seu apartamento em Dublin 8, a rir-se à gargalhada. Muito longe de Londres. Muito longe de Faye. *OK, mas assim que isto chegar ao fim, entregamos o cabrão*, dissera Sive. Aaron assentira sem grande entusiasmo. Porque estava centrado em Faye?, interrogou-se Sive, ou porque estava com medo do que Garvin poderia dizer à polícia? Observou o marido enquanto ele olhava pelo vidro do táxi. Quanta verdade haveria no que Garvin estava a dizer? Aaron não era avesso a procurar atalhos para conseguir o que queria. Mas coisas pequenas. *Certamente, apenas coisas pequenas*. Ou haveria mais a entender das palavras de Garvin? Teria Aaron realmente chantageado testemunhas para manipular casos? Não podia deixar de pensar que devia estar mais certa de que o marido não o tinha feito. De que num casamento

normal, com pessoas normais, a reação imediata do cônjuge a qualquer acusação seria de certeza absoluta na inocência do parceiro. Porque será que não tinha a certeza? Talvez porque ainda estava a processar a informação sobre o caso dele com Nita? Ou seria mais do que isso... um medo subjacente que sempre estivera presente. E se tudo isso – as zonas cinzentas de Aaron, o seu hábito de correr riscos – estivesse relacionado com o motivo do desaparecimento de Faye? Não Garvin – mas alguém com quem Aaron se tivesse cruzado? Que ele tivesse pisado? Deixou essa ideia assentar por uns instantes. Não fazia sentido. Como poderia alguém saber onde ela e os filhos estariam naquela manhã? A menos que estivessem a ser seguidos... O táxi dobrou uma esquina e Sive sentiu o estômago a dar uma volta. Não comia desde o pequeno-almoço no hotel, mas pensar em comida deixava-a ainda mais enjoada. Quantas horas já tinham passado? Olhou para o telemóvel. Quase seis da tarde. Faye havia desaparecido havia quase dez horas.

E agora ali estavam outra vez, em Oxford Street, no calor do fim de tarde, novamente sem saberem o que fazer. Hawthorn pergunta-lhes se querem ir ao gabinete do supervisor na estação, alertando-os para o facto de que não vai demorar muito até que os repórteres se apercebam de que eles voltaram. Mas Aaron quer ficar ali, na rua, onde se sentem mais úteis. Sive está dormiente. Completamente entorpecida. Como se a mente se estivesse a desligar para a proteger de pensar o pior.

Hawthorn afasta-se e Jude envia uma mensagem. Está num café de Regent Street, a trabalhar numa coisa, mas vai agora ao encontro deles. Para se reorganizarem, diz. E, menos de dez minutos depois, lá está ela, a ouvir enquanto Aaron adianta mais pormenores sobre a pista falsa em Leytonstone. Sive pouco ouve enquanto eles trocam perguntas e respostas – A Maggie está aqui?, pergunta Aaron. Não, ela não voltou, responde Jude. Os outros amigos deles vêm? O Dave vem assim que for a casa buscar o carro, diz Aaron. O Scott vai ficar com a Bea e o Toby, e a Nita está a partilhar a sua participação nas buscas

através de *Lives* no Instagram.

Jude está agora a dizer mais alguma coisa e Sive obriga-se a escutar.

– Uma vez que Leytonstone se revelou um beco sem saída, voltei a tentar falar com o Tim Brassil, o indivíduo que encontrou a Bea, para saber o motivo por que mentiu sobre o local de trabalho.

Aaron solta um suspiro audível. Sive ignora-o.

– Continua.

– Procurei-o nas redes sociais e enviei-lhe uma mensagem no Twitter e no Instagram. Portanto, a ver vamos. – Uma pausa. – Também voltei a averiguar os Callans. – Jude levanta a mão para calar Aaron antes que ele se oponha. – Mal não vai fazer. A menos que tenham pensado em mais alguma coisa?

Aaron não pensou em mais nada.

– Certo. Andei a investigar um pouco mais e se os Callans estão a tramar o Brosnan para assumir as culpas deste homicídio, não se vão coibir de chegar a extremos para que o consigam. – Faz uma pausa. À volta deles, os passageiros da hora de ponta vespertina apressam-se a entrar na estação, correndo para as suas composições. – Se quisessem pressionar o Aaron para deixar cair o caso, não teriam problemas em raptar uma criança.

Sive sente-se capaz de vomitar.

Aaron está a abanar a cabeça.

– Não faz ideia do que está a dizer. Isto não é uma série de televisão. Isto não é...

– Foda-se, Aaron! Cala-te! Deixa-a ajudar!

– Sive, eu...

Sive encara-o, pegando-lhe nas mãos.

– Não quer dizer que a culpa seja tua. Deixa a Jude fazer o trabalho dela. Deixa-a fazer as perguntas, e se não der em nada, que assim seja. Mas se houver a mais ínfima possibilidade de esta gente ter a Faye – aperta-lhe as mãos – vale a pena seguir essa pista. OK?

Aaron baixa a cabeça, a combatividade de repente esvaída.

Sive olha para cima e vê Hawthorn dirigir-se a eles, atravessando as ondas de passageiros. Aparentemente exausta, a DC desvia os fios de cabelo que tem colados à testa e, com um breve aceno a Jude, fala com os Sullivans.

– Duas breves atualizações. Primeiro, falámos com a vossa *babysitter*, Willow, e com o hotel. Ela esteve a trabalhar com outra família esta manhã, pelo que descartámos o seu envolvimento.

Sive começa a aquiescer antes que Hawthorn termine a frase. Nunca imaginou que Willow pudesse estar envolvida.

– E?

– Uma breve atualização sobre o pai biológico da Faye, o senhor De Witte. – Enquanto Hawthorn fala, Sive sente Jude a ganhar vida a seu lado. – Tal como já referi, ao início da tarde descobrimos que, ao contrário do que julgavam, ele foi libertado da prisão há seis meses. Ainda não o localizámos, mas estamos a trabalhar nisso, com a ajuda da gardaí.

Aaron franze furiosamente o sobrolho a Hawthorn, indicando Jude, mas Hawthorn não se apercebe e Sive não quer saber. O que é que isso interessa agora?

– Segundo apurámos, e os pormenores continuam escassos, ele passou a ser um cidadão exemplar, tendo-se reinventado como uma espécie de guru de, bem, reinvenção. Mas é claro que, cidadão exemplar ou não, uma vez que sabemos que está fora da prisão, não o podemos descartar.

– Garanto-lhe que podemos – afirma Sive com toda a certeza. – Além de não saber que a Faye existe, ele nunca, nunca quis filhos. Nunca a levaria.

Tem noção de Jude, ao seu lado, de olhos arregalados, a absorver tudo.

E de Aaron, de olhos em baixo, a apertar-lhe a mão.

– Claro. – Hawthorn franze os lábios. – Bem, ficarei mais satisfeita assim que o encontrarmos.

E então, o telefone de Aaron toca duas vezes, e tudo volta a mudar.

18h14

Aaron salta quando o telemóvel toca, tal como agora faz sempre que o ouve, desde essa manhã, quando Sive lhe ligou em pânico.

Mas é apenas Scott.

– Aaron, está tudo bem com os miúdos, mas a pequena disse uma coisa que pode influenciar o caso.

– A Bea? O que disse ela?

– Bem, sabes, liguei-lhes a televisão. Espero que não haja problema. – Aaron assente para o telemóvel. – E estava a dar um episódio daqueles desenhos animados, a *Patrulha Pata*, sabes quais são?

– Sim, Scott, sei, mas, olha, temos de deixar a linha livre. Não faz mal que os miúdos vejam televisão. – Limpa uma gota de suor que lhe escorre para o olho. – Faz o que for preciso.

– Espera. A Bea começou a apontar para a televisão, a dizer «Chase! Chase!», para as personagens, sabes, os cães. E se calhar era nisso que ela estava a pensar antes. Talvez não quisesse dizer que alguém foi atrás da Faye. Podia estar a falar da mochila. Ela tem uma da *Patrulha Pata*, não tem?

Aaron soprou o fôlego.

– Jesus! Pois tem. E devia tê-la esta manhã. – E talvez Bea a tivesse deixado no metro, ou talvez a tivesse perdido e a quisesse de volta. Mas era só isso. A mochila. Não tinha que ver com alguém a andar atrás de Faye. O que era bom. Aaron suspirou. Foi um suspiro muito breve. Podia não querer dizer grande coisa no pesadelo maior que era toda aquela situação, mas imaginar a filha de seis anos a ser perseguida por alguém fora todo outro nível de horror.

– Scott, tenho de contar à Sive. Tenho de desligar. – Depois: – Obrigado. És um bom amigo. Não te mereço.

Uma pausa.

– Não foi nada. Sei que farias o mesmo.

Quase no momento em que desliga a chamada, o telemóvel de Aaron volta a tocar. Carmen Brosnan. *Cristo, será que a mulher não pensa?* Aaron rejeita a chamada e grita por Sive para lhe contar o que Scott acabou de dizer sobre a mochila. Jude-a-jornalista está de telefone na mão, a escrever.

– Espere lá, não publique nada sobre isso – exclama Aaron. – Primeiro, temos de contar à Hawthorn.

Jude sustém-lhe o olhar com frieza, obviamente pouco satisfeita por ser interrompida daquela maneira.

– Estou a escrever uma nota para mim. Sei bem que não posso tornar nada público sem a autorização da polícia. Não sou uma estudante de jornalismo a fazer um estágio, Aaron, sou uma jornalista com quinze anos de experiência.

Clica em qualquer coisa no telemóvel e lê, articulando silenciosamente as palavras. Aaron reprime uma resposta enquanto Sive observa e aguarda. Jude é uma viciada em atenção e é óbvio que adora estar na luz da ribalta, mas é claro que Sive não o vê. Deixou-se cegar pela representação da colega prestável.

Jude franze a testa, mas a expressão desaparece depressa.

– O que foi? – pergunta Sive.

Jude exhibe o telefone.

– O Tim Brassil. Acabou de responder numa mensagem do Twitter. Pelo visto, foi despedido há um mês da Anderson Pruitt e anda à procura de trabalho desde então, mas não o disse à namorada. Portanto, não precisava de voltar de metro a Liverpool Street depois de ter entregado a Bea.

– OK... mas, porque mentiu à polícia? – indaga Sive.

– Bem, ele esforçou-se por frisar que *não* mentiu. Aparentemente, disse «Seis anos como Diretor de Gestão de Fundos na Anderson Pruitt», o que, verdade seja dita, não é mentira. Ele esteve lá seis anos, só que já não trabalha para a empresa. – Jude revira os olhos.

– Portanto, mais uma perda de tempo – comenta Aaron, sem tentar disfarçar o desprezo.

Jude franze o sobrolho.

– De todo. Demorei uns dez minutos no Google e a enviar as mensagens.

– Que não deram em nada.

– Eeh, pois, mas se só seguirmos as pistas que dão em *alguma coisa*, então o plano tem um problema qualquer, não é, Aaron?

Aaron quer mandá-la desaparecer dali de volta a Longford, mas Sive está a lançar-lhe um olhar de alerta.

– É bom podermos excluí-lo. Obrigada, Jude – diz Sive. Sempre a pacificadora. – Ainda bem que seguiste essa pista.

– Tudo bem. A mentira estava a incomodar-me e eu precisava de ter uma resposta. É como dizem: não há fumo sem fogo.

Está a responder a Sive, porém olha diretamente para Aaron.

Na véspera – domingo
Silchester Road

– Devia voltar ao hotel – disse Sive, olhando para o relógio na lareira de Maggie. – O Toby vai acordar durante a noite e o Aaron nem sempre o ouve.

O telemóvel de Maggie começou a tocar nesse momento, fazendo-as saltar. Maggie olhou para o ecrã e as faces ficaram rosadas.

– Está tudo bem? – perguntou Sive.

– Sim. É só o Dave. – Maggie rejeitou a chamada.

– Oh? – exclamou Sive, de sobranceiras arqueadas.

Maggie sorriu e o rosto ficou vermelho como um tomate.

– Ele... às vezes liga.

– Às onze da noite? Maggie, sua tarada! Estão outra vez juntos?

– Não. – Maggie alisou o vestido, olhando para o regaço enquanto falava. – Eu sei que nunca vai resultar enquanto relação.

– Tens a certeza? – perguntou Sive com gentileza, consciente de que a provocação de Nita fizera com que Maggie tivesse dificuldade em dizer o que realmente sentia.

– Tenho a certeza. Ele era gentil e atencioso, mas também era exigente, e conseguia ser excessivo. Queria a minha atenção plena, mesmo sem que eu tivesse a dele.

– Por causa da ex que não-era-a-Kate-Moss?

– Por causa da ex que não-era-a-Kate-Moss. Aquele jogo do empurra constante acabou por ser demasiado. Precisava que eu estivesse presente, mas depois desaparecia nas suas próprias recordações, a pensar nela.

– Bem, então parece que acertaram nas coisas: amigos com benefícios, não? – Sive indicou o telefone de Maggie.

– Pode querer falar. Se calhar, depois de ontem à noite, e daquela situação esquisita... – Calou-se. – Mas pronto, sim, às vezes ele liga e,

sei lá, somos ambos solteiros e... – um encolher de ombros e o esboço de um sorriso –... somos adultos, portanto...

– Adoro! Hoje saem os segredos todos. Bem, se ele vem cá, é mesmo melhor ir-me embora. E lembrei-me de que vou ficar sozinha com os miúdos quando o Aaron estiver na corrida. – Suspirou ao de leve.

– Quer-me parecer que não estás propriamente a gostar deste nosso encontro maravilhoso – comentou Maggie com um sorriso.

Sive revirou os olhos.

– Está tudo bem. Mas se calhar devíamos ter quem cuidasse dos miúdos em casa. Ou talvez o Aaron devesse ter vindo sozinho. Não tem que ver com o vosso grupo de amigos – apressou-se a esclarecer. – Os encontros, de um modo geral, conseguem ser tensos.

– É verdade. E será mesmo amizade quando há esta pressão constante pela competição?

– Pressão *autoimposta* – acrescentou Sive, pensando em Nita, Dave, Aaron e Scott, cada um a esforçar-se por se manter na conversa, por ser visto, por ser relevante, e nenhum deles a prestar atenção aos restantes. – Pode dar-se o caso de nós as duas sermos as únicas sensatas.

Maggie riu-se com o comentário.

– E o mais engraçado – continuou Sive – é que estão todos muitíssimo bem. Não há necessidade de competição. Quer dizer, vê só o Scott, que agora é piloto!

Outra vez aquela expressão.

– O que foi?

Maggie traçou um círculo à volta da borda do seu copo.

– Pois, sabes, não me parece que o Scott seja realmente piloto.

– O quê?

– Ocorreu-me hoje, no bar, quando te estávamos a contar sobre a altura em que ele incendiou o barracão dos vizinhos. Foi condenado por isso. Nada grave a ponto de o excluir do Direito, mas, pelo que sei, não se pode ser piloto com uma condenação no registo criminal. –

Apalpou o sofá atrás dela. – Deixa-me pegar no telemóvel e já pesquiso. – Levantou-se e procurou debaixo da almofada, fazendo depois um esgar quando avistou o telemóvel a espreitar por baixo do sofá. – Não digas à Nita que perdi o meu telemóvel na minha própria sala. Mas pronto, vamos ver...

Alguns cliques depois encontrava o que procurava: «Condenações Desqualificantes da Autoridade da Aviação Civil». Abriu o PDF, percorreu-o e apontou para o ecrã. Sive chegou-se para ver.

– «Destruir ou Danificar Propriedade ao abrigo da Lei de Danos Criminais de 1981.» Foi esta a acusação contra o Scott.

Sive, confusa, abanou a cabeça.

– Então achas que ele inventou tudo... isto de ser piloto? Porquê?

– Acho que não se sentia capaz de aparecer no encontro sem um feito. «Pai Divorciado Ainda a Pensar no que Fazer Depois do Despedimento» não é tão bonito como «Piloto».

– Isso é de loucos!

– Concordo. Mas sabes como é o Scott quando se trata de se comparar com o Aaron. E não ajuda que o despedimento tenha acontecido porque a empresa do Scott foi absorvida por uma empresa irlandesa. É sal na ferida.

– Valha-me Deus, mas é um motivo tão parvo.

– Sim, eu concordo contigo. Porém, sabes como o Scott é competitivo. E a Nita é igual.

– Pois. Sabemos o que a Nita fez. Porra. Por favor, não me digas que o Dave também está a esconder que foi despedido do seu amado emprego.

– Ah. Não, o Dave está muito feliz com o trabalho dele. É uma carreira para a vida. – Uma pausa. – O problema não é o trabalho.

– Estou a ouvir aí um «mas».

– E há um «mas»... – Maggie pegou na bainha do seu vestido, após o que a esticou. – Lembras-te de ontem ele falar da mãe, quando estávamos no apartamento dele?

– Sim?

– E ele disse que estava num lar? A questão é que a mãe morreu no ano passado.

– Oh não. Isso é terrível. Estás a dizer que ele nunca contou a ninguém?

– Exato. E eu só soube porque me mantive em contacto com ela depois de eu e o Dave nos termos separado. Costumava visitá-la para tomarmos um chá. Apesar daquilo que ouviste os outros a dizer, ela era uma senhora muito simpática, que se sentia um bocado sozinha naquela casa enorme em Stratford. Depois, certo dia, passei por lá e ninguém abriu. Uma vizinha viu-me e disse-me que ela tinha falecido.

– Abanou a cabeça e foi girando o copo entre as mãos. – Lembro-me de sentir que era uma situação bizarra. Habituo-nos a receber notícias do género através de amigos e de família. É estranho chegar a casa de alguém, de chocolates em riste, pronta para dois dedos de conversa, e descobrir que alguém morreu.

– É triste.

– Pois. Enviei um postal ao Dave, mas não sei se o chegou a receber. Pelo menos não me enviou uma mensagem. Passámos algum tempo sem nos falarmos depois de nos termos separado, pelo que não fiquei propriamente surpreendida. Quando voltámos a falar e, bem, tu sabes... – Deu um gole na sua bebida. – Fui buscar o assunto da morte da mãe dele, mas o Dave ignorou-o, como se não quisesse falar sobre o tema. Por isso, foi muito estranho ele ter falado ontem sobre a mãe no presente, sem referir que ela morreu.

Sive aquiesceu, recordando, agora, a expressão consternada de Maggie enquanto Dave falava sobre a mãe.

– Se calhar não queria ter de enfrentar um chorrilho de pêsames ou de estranheza, mas, seja como for – continuou Maggie –, é o tipo de coisa que nos sentimos confortáveis a partilhar com os amigos.

Sive abanou a cabeça. *Mas que grupo.* Todos a fingir, tudo pelas aparências, incluindo o seu próprio marido – embora ela fosse uma participante voluntária na mentira dele.

– E depois tens a coitada da Nita e o seu logro insano – prosseguiu

Maggie, olhando para o teto, por cima do qual dormia Nita.

– Achas que ela vai tentar engravidar outra vez? – indagou Sive.

– É possível. O medicamento de fertilidade que tem na bolsa sugere que já estará a tentar. E estou a pensar outra vez naquilo que descobrimos sobre o caso dela com o Aaron: quando a Nita põe uma coisa na cabeça, ninguém a detém.

Sive ergueu as sobancelhas.

– Achas que foi ela que o assediou? O noivo da própria irmã?

– Quem sabe. – Maggie encolheu os ombros. – Talvez tenha sido ao contrário.

– Bem, nenhum deles fica bem visto. Não que eu possa falar, depois da maneira como me juntei ao Aaron.

– Mas isso é diferente. Parece que tu e esse Joost já tinha acabado na altura?

Sive acenou com a cabeça. Só porque ela impusera distância entre eles. Afastando-se aos poucos, em vez de lhe dizer diretamente que estava acabado. Era esse o seu grande defeito – arrastar as coisas, esperando que os outros percebessem a mensagem.

– E quanto tempo lhe falta cumprir?

Ouviu-se ranger lá em cima e ambas olharam para o teto, porém não houve mais ruídos.

– Deve ser a Nita a virar-se na cama – aventou Maggie. – Amanhã vai doer-lhe a cabeça. Mas enfim, continua, quando é que o Joost sai?

– Faltam-lhe dezoito meses, mas pode ser libertado mais cedo... Criei um Google Alert com o nome dele e ando *sempre* a ver se surgem referências a ele *online*.

– Pois, olha, detesto ter de te dizer isto, mas os condenados não podem ter *smartphones*.

– Sim, eu sei. Mas o Joost gosta bastante de tecnologia. Adora o Twitter, costumava ter um blogue. Sei que, assim que sair, volta a estar *online*.

– E receias que ele te procure? Que queira conhecer a Faye?

– Ele não sabe da Faye e queremos que as coisas continuem assim.

Maggie pestanejou, na boca um O surpreendido.

– Eu sei... mas o Joost nunca quis filhos. Não teria interesse em conhecê-la.

– Mas... mas ele há de estabelecer a ligação, perceber as datas, a idade da Faye?

– Nós temos *muito* cuidado. O Aaron não usa redes sociais e eu nunca publico nada sobre os miúdos. Vivemos numa bolha de privacidade.

– O Aaron receia mesmo que o Joost seja uma má influência?

– Sim. E sabes como é o Aaron: aquilo que ele diz é lei. Tem de ser sempre tudo à maneira dele.

Maggie lançou-lhe um olhar estranho.

– O que foi?

– É que... isso nunca te parece excessivo? Ele é brilhante, é fascinante de observar, é excelente no seu trabalho. Mas, por vezes, isso tudo parece extenuante. Essa coisa do super-macho-alfa.

– É disso que eu gosto nele – disse Sive com leveza, sem saber ao certo para onde aquilo se encaminharia. – E ele não é assim comigo e com os miúdos. Em casa é um derretido.

– Está bem, mas a maneira como alguém se comporta com os outros conta muito, não?

Sive não fazia ideia do que responder.

Maggie levou a mão ao braço de Sive.

– Não me liguês. É a bebida a falar. Continuo a pensar nesse Joost e no julgamento dele e na insistência do Aaron de o manter à distância. Parece uma altercação alimentada a cerveja que terminou de forma horrível, mas talvez não queira dizer que o Joost seja o diabo em forma de gente, pois não?

Realmente, Joost nunca fora o diabo em forma de gente. Mas Aaron era intransigente nesse ponto, de uma maneira que nem sempre fazia sentido a Sive. Para ele, Joost nunca poderia regressar às suas vidas.

Segunda-feira

18h28

Alguém – um dos colegas de Hawthorn – entrega um café a Sive, que o bebe em piloto-automático, mal se apercebendo de que está demasiado quente e lhe queima a boca. Aaron anda às voltas, os olhos semicerrados ao sol do fim de tarde; vai aumentando e reduzindo um mapa de Londres no telefone. *É escusado*, diz-lhe ela em silêncio. *Não fazemos ideia de onde procurar.*

Jude está ao lado dela, a escrever no telemóvel com uma mão, um cigarro na outra. Não mencionou Joost, mas Sive tem noção de que isso surgirá a qualquer momento.

– Estás bem? – pergunta a Sive, sem desviar os olhos do ecrã.

– Não. – Sive abana a cabeça. – Sinto-me um desperdício de espaço. Primeiro, deixei que acontecesse, e agora estou aqui, de café na mão. Pareço uma merda de uma turista.

Estão à porta da estação de Oxford Circus, com trabalhadores alheios a tudo aquilo a correrem à volta deles. Ansiosos por chegarem a casa, aos seus jantares, à Netflix, aos animais de estimação, aos livros. Ansiosos por enfiarem os auscultadores e ouvirem *podcasts* e esquecerem mais um dia de trabalho. Seguros com a consciência de que os filhos estão exatamente onde deviam estar.

– Bem – diz Jude –, obviamente ouvi aquilo que a Hawthorn disse sobre o Joost...

– Pois. Ela disse-nos que tinha saído da prisão, mas eu não queria... Bem, o Aaron queria que isso ficasse entre nós.

– Oh! – Jude arregala os olhos e Sive quase consegue ver a lâmpada a acender-se por cima da cabeça dela. – Uau, eu devia ter percebido. Ouvi Hawthorn a dizer «Sendo estáveis... acompanhar». Pensei que fosse sobre finanças, alguma coisa sobre uma hipoteca. Mas o que ela estava era a dizer «Com o Joost a poder acompanhar».

Acompanhar o que se passa com a Faye?

Sive assente.

– Fomos dizendo que ele não sabe dela, que não quer filhos...

Jude abre a boca, fazendo menção de dizer mais alguma coisa, mas o telefone toca, interrompendo-a.

– É um dos meus contactos em Dublin. – Lança um olhar a Aaron.
– Vou atender aqui. – Afasta-se na direção oposta, para fora do alcance. Sive não a censura. A resistência de Aaron quanto à ideia de que isso esteja ligado ao caso começa a tornar-se ridícula. Certamente não haverá nada mais importante do que encontrar a filha, não? *Ela não é filha dele*, diz uma vozinha na sua cabeça. Sive ignora-a. Aaron é casmurro e arrogante. Obstinado a ponto de irritar todos os que o rodeiam. Consegue ser egoísta. Tacanho. Opinioso. Tem muitos defeitos. Mas adora tanto Faye como os seus filhos biológicos. Faria tudo por ela. Disso, Sive não tem dúvidas.

– Sive, Aaron!

Sive vira-se e vê Jude a correr para eles.

– O telefonema que recebi. O corpo que encontraram... – Para, a recuperar o fôlego.

Ai, meu Deus.

Jude abana a cabeça com veemência.

– Não! Não foi aqui, não foi a Faye. Jesus. Não, em Dublin. Não sei se o viram nas notícias... encontraram um corpo na sexta-feira? Asfixiado com um saco de plástico?

Sive não consegue raciocinar. Aaron está a assentir.

– Veio no jornal. – Dirige-se a Sive. – Lembras-te, o Scott estava a ver isso no sábado de manhã, no *brunch*, a perguntar-me se eu estava preocupado por enfrentar estes gangues homicidas.

– Isso mesmo – confirma Jude. – Os jornais relataram que a morte estava relacionada com gangues, mas só hoje identificaram a vítima e o local onde o corpo foi encontrado.

O telemóvel de Aaron começa a tocar. Ele olha para baixo.

– É outra vez a Carmen Brosnan. Mas que ra... Oh. Oh, merda. – Olha para Jude. – O corpo encontrado em Dublin... é o Pete Brosnan, não é?

– É o Pete Brosnan.

– Porra.

Sive pestaneja na direção de Aaron.

– Quer dizer que os Callans o assassinaram?

Aaron levanta as mãos.

– Talvez.

– Provavelmente – acrescenta Jude, num tom casual. – Pelos vistos, o plano dos dois coelhos com uma cajadada não era tão sólido como pôr um saco de plástico na cabeça do Pete.

Valha-me Deus.

– Então não são eles. – As palavras saem baixinho a Sive. Num tom cuidadoso. Temeroso. Esperançoso. – Se mataram o Pete Brosnan na sexta-feira, não têm qualquer motivo para levar a Faye. Não vai haver julgamento. O Aaron deixa de ser uma ameaça. Isto não tem nada que ver com os Callans.

O alívio é imenso.

Mas breve. Pois voltaram, mais uma vez, à estaca zero.

Enquanto Jude se afasta para telefonar a Hawthorn com a mais recente novidade, o telemóvel de Sive começa a tocar e ela vê o nome de Maggie no ecrã.

– Maggie. – Sente-se dominada por uma raiva irracional, ou será racional? Porque não está Maggie ali, a ajudar?

– Sive, desculpa por ter desaparecido assim. Precisava de ver umas coisas. – A voz de Maggie parece tensa. – E desculpa, mas descobri algo de que não vais gostar.

18h40

Sive fecha os olhos, o telemóvel contra o ouvido.

– O que foi, Maggie?

– Tem que ver com aquele julgamento. Do teu ex. O Joost. Disseste que as imagens da câmara não foram aceites como prova. Porque a câmara estava na casa de banho e os funcionários não tinham conhecimento dela?

– Sim. O que é que isso...

– É verdade, os empregadores não devem ter câmaras na casa de banho. Mas isso não invalidaria o uso das imagens como prova. Seria diferente se, digamos, a polícia obtivesse imagens através de meios ilegais. Mas não foi esse o caso. Por isso, surpreendeu-me que o juiz não as tivesse aceite.

– OK. Onde queres chegar com isso?

– Olha, Sive, procurei em todo o lado, e fiz uns telefonemas, e, *off the record*, não parece que o Aaron tenha sequer tentado usar o vídeo como prova.

– O quê?

– Desculpa estar a dizer isto, e só espero estar errada, mas é possível que o Aaron tenha feito asneira. Ou... – Cala-se.

– Ou?

– Ou que tenha omitido deliberadamente o vídeo.

– Mas, porquê?

– Não sei. Há algum motivo para ele querer o teu ex na prisão?

Sive está atarantada.

– Ele... o Joost ia para a prisão de qualquer maneira. O vídeo poderia ter implicado uma pena mais leve, mas... – Sive já nem sabe o que está a querer dizer.

– Talvez – admite Maggie, taciturna. – Mas também o podia ter ilibado. Dependendo do que mostrasse. Se o outro homem, a vítima,

tiver sido o agressor inicial, e se tudo estivesse a encaminhar-se para ser um confronto de quatro contra um, bem... Olha, nem sei. – Continua a parecer tensa, mas também apologética. – Posso estar errada. Há muito tempo que não exerço, por isso estou um bocado enferrujada. E é claro que foi julgado e condenado ao abrigo da lei irlandesa, com a qual estou menos familiarizada. E não vi o vídeo, pelo que esta é apenas a minha opinião. – Outra pausa. – Mas é possível que o Aaron tenha ocultado deliberadamente provas cruciais que poderiam ter evitado que o pai da Faye fosse para a prisão.

18h43

Aquilo é demasiado. É muita coisa a apreender em cima de tudo o que já aconteceu naquele dia. Sive não consegue processar o que Maggie lhe está a dizer. Porém, de repente, o marido – às voltas, a olhar para o telemóvel – é um estranho.

Não.

Não, tem de haver um motivo. Aaron pode ser muitas coisas, mas ele não omitiria provas. Pois não? Fita-o. *Pois não?* Para conseguir o que queria? Já o viu a trabalhar. Nunca fez nada que o pudesse deixar em apuros sérios. Apenas o suficiente para pôr o pé numa área cinzenta. Como por exemplo, não devolver um portátil novo quando chegaram dois por engano. Como exagerar os danos provocados pela água para que o seguro pagasse um tapete demasiado caro. Como exagerar nas despesas na declaração de rendimentos. Coisas pequenas. Coisas que Aaron dizia que toda a gente fazia, mesmo contra os protestos de Sive. Mas as coisas pequenas podem levar a coisas grandes... E Aaron tinha sido bastante insistente quando a convidara para sair pela primeira vez. E agora, ela sabe que o marido traiu Yasmin. Tantas mentiras. Poderia, realmente, ter feito aquilo a Joost? A ela? Aaron não tem problemas em mentir. Mas a Sive?

Maggie continua ao telefone, agora em silêncio. Jude está perto, a ouvir o lado da conversa de Sive.

– Maggie, vou passar-te à Jude. Tenho de falar com o Aaron.

Entrega o telefone a Jude e vira-se para o marido, que está encostado à montra de uma loja de roupa, debruçado sobre o telemóvel.

– Aaron.

O marido ergue o olhar. Tem o rosto pálido e contraído, os olhos orlados de vermelho.

– O que foi?

Há duas maneiras de fazer aquilo: levá-lo a mentir ou dar-lhe a oportunidade de dizer a verdade. Ela sempre defendeu a segunda hipótese, mas, *Cristo*, Sive precisa de saber se ele seria capaz de lhe mentir. Se mentir sobre aquilo, poderá mentir em relação a tudo.

– Quando o Joost estava em tribunal, porque é que o juiz não aceitou as imagens da luta?

Aaron faz um ar carrancudo.

– O quê? Porque é que me estás a perguntar isso?

– Preciso de saber. – Cala-se, apercebendo-se, agora que a ideia lhe entra pela primeira vez na mente, de que aquilo que vai dizer é verdade. – Receio que o Joost tenha alguma coisa que ver com o desaparecimento da Faye.

Aaron abana a cabeça.

– Não. Ele nem sequer sabe que a Faye existe. Garantimos que assim fosse.

– E quanto ao vídeo? Porque é que o juiz não o aceitou?

– Tu sabes bem. Porque o banco não devia ter a câmara na casa de banho. Era ilegal.

– Mas isso significaria que o *banco* ficaria em apuros e não que o vídeo não pudesse ser usado como prova, certo? – diz ela ao maior argumentador que já conheceu.

Ele inclina a cabeça e, quando fala, o tom é o de um pai a fazer a vontade a um filho ansioso.

– Temo que não seja bem assim que isso funciona. As provas foram obtidas de forma ilegal, pelo que eram inadmissíveis. Eu bem tentei. Mas o juiz recusou-as.

Ali está. A mentira. Se Maggie tiver razão, Aaron nem sequer tentou. Sive estende a mão para chegar à parede atrás de si. Está tudo às voltas. Se Aaron está a mentir em relação àquilo, poderá estar a mentir em relação a mais o quê?

– Aaron, a Maggie confirmou. Ontem à noite contei-lhe a história do Joost e...

– Tu fizeste o quê?

– Bebemos uns copos e estávamos a trocar histórias antigas. Olha, a partilhar confidências. Eu... contei-lhe do Joost. E da Faye. E da briga na casa de banho e da forma como nos conhecemos. Ela diz... Bem, tu sabes o que ela diz.

– Mas onde é que tinhas a cabeça? Tínhamos combinado que nunca íamos revelar isso! – As palavras saem-lhe sibiladas, tem o rosto branco, as faces rosadas. – Tu... Mas que porra?

– Não te atrevas a fazer de mim a má da fita. Partilhei uma confidência com uma amiga. Tu mandaste alguém para a prisão! – Sive não está a sibilar. Está a gritar e as cabeças começam a virar-se. Pelo canto do olho vê Jude a aproximar-se.

– Não é altura para isso – avisa Aaron, esforçando-se visivelmente para se acalmar. – A nossa filha está desaparecida.

– Eu sei! E eu tenho garantido à polícia que uma vez que o Joost não sabe que a Faye existe e nunca quis filhos, não pode ter sido ele. Não tem motivo. Agora, de repente, afinal já tem um belo motivo: mandaste-o para a prisão!

– Não te armes em santa. Sabes bem o que fizeste depois de ele ter sido preso.

Sive respira fundo.

– Não me orgulho de o ter abandonado. Eu sei que há quem fosse capaz de ultrapassar uma coisa assim. Talvez tenha sido porque andámos poucos meses. Talvez tenha sido por estar grávida e recluir o que poderia significar para o meu bebé crescer com um assassino como pai. Acredita que não me orgulho. Mas nunca pus ninguém deliberadamente na cadeia. Nunca omiti provas cruciais em tribunal.

– Não percebes – menospreza-a ele. – Não és advogada.

– Pois não. Mas sou um ser humano. E nunca fiz o que tu fizeste. Vou telefonar à Hawthorn, a dizer-lhe que estabeleçam como prioridade encontrarem o Joost. Se fores apanhado no fogo cruzado, que seja.

Vira-lhe as costas e afasta-se.

18h50

Sive está à procura do cartão de viagens Oyster e sabe que está no fundo da bolsa, mas não o encontra e agora tem o conteúdo da mala espalhado pelo chão, mesmo à frente das cancelas de validação de bilhetes. Ouvem-se sons impacientes das pessoas atrás dela.

– A minha filha desapareceu! – grita em resposta, acabando a pensar se vão julgar que está louca, à procura da filha entre os pertences no chão.

– Está tudo bem – diz uma voz.

Jude. Mais gentil do que o habitual. Ajoelhada ao seu lado. A juntar-lhe as coisas.

– É o teu Oyster? É disso que precisas? – Jude apresenta-o.

Sive assente e Jude agarra-lhe na mão para a ajudar a levantar-se.

– Eu não sou capaz. Não sei o que fazer. A Faye desapareceu e o Aaron... Já nem sei quem é o Aaron. Não consigo...

O telemóvel de Jude toca, interrompendo Sive a meio da frase. Jude olha para o ecrã, depois para o relógio e morde o lábio. Volta a mirar Sive, com uma expressão desconhecida no rosto. Algo que talvez seja empatia? Rejeita a chamada.

– OK. Olha, eu ouvi o teu lado da conversa com a Maggie, por isso fiquei com uma ideia do que se está a passar. – A Jude gentil desapareceu. – Telefonaste à Hawthorn?

Sive assente.

– Ela diz que encontrar o Joost vai passar a ser uma prioridade.

– Ótimo. – Jude afasta-a do caminho das cancelas. – Tal como já te disse, a grande maioria dos raptos são domésticos: o pai sem a custódia leva o filho.

– Mas *não* é isso que se passa. O Joost não *sabe* que a Faye é filha dele. Se a levou, foi por causa do que o Aaron lhe fez. Que raios, o Aaron devia ter pensado nisso.

– Pois, sabes, parece-me que o Aaron é aquele tipo de pessoa que faz o que lhe apetece e depois pouco volta a pensar no assunto. Talvez aquilo que fez ao Joost não lhe ocorresse? – Jude faz um esgar. – Sem ofensa.

– Já passei a fase das ofensas – responde Sive, num tom tenso.

– Ótimo. Vamos antes pensar onde o Joost pode ter ido depois da prisão. A Hawthorn disse que ele agora é um orador motivacional?

– Sim, mas já pesquisei «Joost De Witte» mil vezes e não há nada. – Suspira lentamente, numa tentativa de permanecer calma. – Ele sempre detestou o facto de ter um nome tão distinto entre os Johns e os Brians na Irlanda, sobretudo durante o julgamento, pelo que é óbvio que conseguiu desaparecer. – Ocorre-lhe alguma coisa. – Na verdade, ele chegou a mencionar que poderia usar outro nome quando saísse da prisão. Será que foi isso que ele fez... mudou de nome?

– Para qual?

Sive reflete. Será que Joost terá dito o que escolheria?

– Lembro-me de ele ter comentado qualquer coisa, que estaria ligado ao nome verdadeiro, mas que seria algo que o ajudasse a fundir-se. Mais nada. Nada mais específico do que isso.

– Não te preocupes. A polícia não tarda a ter o nome. – O telemóvel de Jude começa a tocar. Ela franze o sobrolho e, mais uma vez, rejeita a chamada.

– Não tens de atender? – pergunta Sive.

Jude abana a cabeça, mas o telemóvel toca pela terceira vez, o nome visível no ecrã.

– Essa não é a tua editora? Atende – insiste Sive. – Não faz mal. Deves ter abdicado do dia inteiro por minha causa. A sério. Não tenho como te agradecer pelo que fizeste.

Jude abana a cabeça, porém atende a chamada, e embora se vire ligeiramente, Sive consegue ouvir o seu lado da conversa.

– Desculpa, mas a Sive voltou atrás com a autorização... Eu sei... eu sei, desculpa. Sim. OK.

Jude desliga e encontra o olhar de Sive.

– Estavas a falar do quê? Qual autorização?

Um suspiro.

– Disse à minha editora que tínhamos concordado com uma entrevista exclusiva de tua parte. Eu sei. Sou a pior pessoa do mundo e também me ia odiar no teu lugar. Mas não fui capaz. Jesus. Ver-te assim no chão, à procura do Oyster, tão perdida, tão... devastada. Não fui capaz.

Para sua grande surpresa, e, obviamente, também para a de Jude, Sive ri-se.

– Foi isso que te levou a abortar a história? Não foi a minha filha desaparecida? Não foi o cabrão do mentiroso do meu marido? Foi o cartão Oyster que tinha perdido?

– Pois, eu sei... Não abona muito a meu favor, pois não?

E Sive continua a rir, mas agora também está a chorar. Soluços profundos, acumulados há horas, irrompem-lhe pelo aperto no peito e na garganta. Agora chora por tudo. Por Faye, por Aaron, pela família deles. Pela absoluta futilidade daquela busca impossível. As lágrimas correm-lhe pelas faces, incontrolláveis e imparáveis. Nunca na vida se sentiu tão sozinha.

Até que, de repente, deixa de estar. De repente, tem braços à volta dela.

– Sive, Sive. Está tudo bem. Eu estou aqui. – E Jude puxa-a para um abraço. Os braços apertam-se atrás das costas. E o conforto proporcionado pela bondade humana fá-la sentir-se melhor e chorar com mais força ao mesmo tempo.

Assim ficam, na estação, com os passageiros a contorná-las, até que os soluços de Sive começam a fraquejar.

– Melhor? – pergunta Jude daí a pouco, o tom da voz gentil.

Sive assente no ombro dela e depois recua, a esfregar os olhos.

– Valha-me Deus, estou uma desgraça.

– Cala-te. A tua filha desapareceu, andas à procura, a fazer tudo o que está ao teu alcance.

Sive suspira, recompondo-se como pode.

– Vamos continuar à procura da Faye. – Uma pausa. – E, Jude, escreve essa maldita história. Envia-a. Toda e qualquer cobertura ajuda, e se não a enviases, só vais irritar a tua editora.

– Não, a sério, está tudo bem. Isto passa-lhe.

– Já está escrita, pronta a enviar?

Jude faz que sim.

– Então envia-a. Tudo ajuda. E eu sei bem como é, tentar criar nome no jornalismo. Passaste o dia a ajudar-me, deixa-me fazer isto por ti.

Jude parece surpreendida e comovida.

– Porque haverias de fazer isso por mim, se eu estava prestes a fazê-lo às escondidas?

– Mas não fizeste. Não a enviaste. E depois daquilo que acabei de descobrir em relação ao Aaron, isso vale tudo.

– Certo, e agora? – pergunta Jude, depois de telefonar e enviar um *e-mail* à sua já apaziguada editora. – Voltamos a Bond Street?

Sive abana a cabeça.

– Não. Tinhas razão desde o início. Esta busca é demasiado vasta. Temos de pensar. Se foi o Joost, para onde a levaria?

– OK. Vamos lá pensar. Aqui? No hotel?

Sive acena com a cabeça.

– No hotel. Tenho de ir ver a Bea e o Toby.

– Certo. E eu peço uma atualização à Hawthorn. Então e o Aaron? – Indica a rua com um gesto da cabeça. Aaron ainda lá está, ciente de que não é bom ir atrás de Sive com ela assim tão zangada. – Conto-lhe do plano?

– Ele sabe do plano. O plano é encontrar o Joost.

Jude assente e Sive pega na bolsa. Depois, juntas, descem para o metro.

No hotel, acabaram-se as sextas. Bea corre para os braços de Sive e esta mergulha o rosto no cabelo da filha. São quase oito da noite e,

regra geral, Bea já estaria a dormir, mas não estão a viver em tempos normais. Toby está nos braços de Scott, no cadeirão junto à janela. A televisão está ligada na *Bluey*, outro dos desenhos animados preferidos de Bea.

– És bom nisto – diz Sive a Scott, conseguindo um sorriso acompanhado de olhos lacrimejantes. – Obrigada.

– Não foi nada. A sério, tudo o que eu possa fazer para ajudar. Este dia fez-me pensar. Os meus filhos podem estar na Florida, mas, pelo menos eles... – Cala-se, parecendo repentinamente embargado.

Naquele momento, Sive sente-se mais grata a Scott do que alguma vez esteve na vida, fosse por quem fosse, e perdoa-lhe todas as ferroadas, passadas, presentes e futuras. Isso faz com que os seus olhos se encham de lágrimas outra vez, e seria capaz de lhe dar um abraço, não fosse, com isso, arriscar-se a acordar o bebé.

Scott tossica.

– Imagino que não haja novidades? – pergunta, mudando Toby calmamente de um braço para o outro.

Sive abana a cabeça, envolvendo-se com os braços para se aquecer, mesmo sem estar frio no quarto de hotel.

– Não... Deixa-me pegar no Toby para te aliviar um bocadinho.

– Ele está bem aqui e eu também estou bem. Agora já tenho a Nita a ajudar – acrescenta, indicando a porta do quarto das crianças. – Está a retocar a maquilhagem na casa de banho.

Como se estivesse à espera daquela deixa, a porta abre-se e Nita entra na sala de estar, de bolsa de maquilhagem na mão.

Fica de boca aberta ao ver Sive.

– *Sive, ai meu Deus.* – Corre-lhe para os braços. – Como estás? Passei a tarde *toda* fora, à procura em todo o lado. Quilómetros e quilómetros, mas nada. – Abana a cabeça. – Mas tenho os meus Instas todos no caso, toda a gente. São cinquenta mil pares de olhos.

– Pensei que tivesses quarenta e seis mil seguidores – comenta Scott, sardónico.

Nita atira-lhe um olhar de esguelha.

– Olha, sabes como é. Apareceram-me mais uns quantos esta tarde, enquanto transmitia a busca ao vivo. Toda a gente quer ajudar. – Nita dirige-se a Jude. – Olá, outra vez! Ainda tem o meu cartão, certo?

Jude assente e Scott olha-a, sem dúvida curioso quanto a quem ela será. Sive explica.

– E a Maggie também vem? – pergunta ele.

– Não, ela há bocado foi-se embora para confirmar umas coisas, segundo disse, depois ligou-me e... – Sive cala-se. Não vai puxar esse assunto naquele momento. Scott não precisa de saber o que Aaron fez a Joost. – Mas não sei onde ela possa estar. Passei o telemóvel à Jude quando estávamos a falar.

Sive vira-se para Jude, que está apoiada ao sofá, de telemóvel na mão, como sempre.

– Não adiantou grande coisa. Disse que ainda estava a «confirmar umas coisas» – transmite Jude. – E disse outra vez qualquer coisa sobre «toda a gente mente». Como já tinha dito.

Sive franze os lábios a Jude, indicando-lhe que deve guardar para ela o facto de que Aaron omitiu provas. Jude assente ao de leve.

Sive dirige-se outra vez a Scott e a Nita.

– É possível que quem levou a Faye possa ter sido o meu antigo parceiro, o Joost. É o pai biológico da Faye. Voltou, depois de algum tempo ausente e... é possível que tenha percebido que tem uma filha. – É mais fácil do que admitir o verdadeiro motivo pelo qual Joost pode estar a fazer deles alvos.

Nita arregala os olhos, porém não reage, e Sive pergunta-se se ela já suspeitaria de alguma coisa. Os comentários sobre Faye poder ser adotada podem ter sido mais literais do que Sive julgara inicialmente.

Scott fica de boca aberta e a surpresa é genuína.

– O Aaron não é... Porque é que ele nunca o disse? Isso é... Então e quem é esse Joost?

Sive abana a cabeça.

– Explico noutra altura. – Vê o boné de Dave na mesa de centro. – O Dave anda à procura?

Scott assente.

– Sim. Ofereci-me para trocar com ele, mas sabes como é o Dave. Prefere um papel mais ativo. – Sorri ironicamente, indicando o adormecido Toby nos seus braços. Depois olha para Sive. – Então, estás a tremer. Queres que desligue o ar condicionado? – Faz menção de se levantar, tendo o cuidado de não incomodar o bebé. – Enquanto aqui estive, o Dave não parou de se queixar do calor e eu liguei-o para o calar. Mas se calhar ficou muito frio?

Sive abana a cabeça e pega numa camisola nas costas de uma cadeira. – Isto serve. É só cansaço, não tenho grande frio.

– Não, estás mesmo a tremer – confirma Jude, acercando-se. – Senta-te. Vou fazer-te um chá. – Continua prática, como sempre, mas a gentileza nas palavras faz com que os olhos de Sive fiquem marejados de lágrimas. – Já comeste alguma coisa? – pergunta Jude.

Sive abana a cabeça, mas não vai ser capaz de comer. – Um chá sabia bem. – Senta-se na borda do sofá, e envolve-se com os braços, embalando-se. Bea trepa para junto dela, de livro ilustrado nas mãos, o volume que a *babysitter* levou.

– Se calhar devia telefonar à rapariga, a Willow, aquela que tomou conta deles na outra noite – diz Sive.

Scott ergue as sobrancelhas.

– Só se quiseses, mas não o faças por minha causa. Posso ficar a noite toda. A sério. Esta semana não piloto.

Sive lembra-se do que Maggie disse na véspera, sobre Scott estar a fingir que é piloto. O que interessa isso? Nada interessa. Mas depois pensa naquilo que Jude acabou de dizer, parafraseando Maggie. *Toda a gente mente*. E se as pessoas mentem por coisas pequenas, vão mentir sobre coisas mais importantes. Como Aaron. *Porra*. Tem a cabeça às voltas, tentando dar algum sentido a tudo aquilo.

Jude entrega-lhe uma chávena de chá. Sive leva-a aos lábios, aquecendo as mãos. Bea aninha-se ao seu lado. A menina tem o nariz a escorrer ligeiramente e Sive procura um lenço de papel no bolso da camisola, lembrando-se depois de que não é dela, e Aaron nunca,

jamais, andou com um pacote de lenços no bolso. Em vez disso, os dedos fecham-se em torno de um papel, que tira do bolso. É um recorte de jornal, dobrado ao meio. Abre-o, esticando-o no regaço com uma mão enquanto segura o chá com a outra. É um artigo do jornal de sábado, sobre a detenção de Hugh Pemberton. Recorda a discussão durante o *brunch* – Dave afirmava que Aaron sabia quem era Hugh Pemberton, mas Aaron insistia que não. Nesse caso, porque teria Aaron cortado a história e ficado com ela?

Começa a ler.

Empresário acusado em operação contra o grupo criminoso Ealing

~~O empresário de Hugh Pemberton de (73), residente em Ealing, foi
abandonado e se envolveu no furto e está a ser investigado~~

Sive para de ler.

– Scott, o que é que foi aquilo sobre o Hugh Pemberton. O Dave julgava que o Aaron o conhecia? – Exibe o recorte do artigo.

– O Dave julgava que ele tinha sido testemunha de um dos casos do Aaron, há uns anos. Mas o Aaron disse que nunca tinha ouvido falar dele.

Sive fecha os olhos, recordando a conversa. A troca entre Dave e Aaron. Aaron a olhar para o telemóvel e franzir o sobrolho. A dizer que precisava de devolver uma chamada de trabalho. A irritação de Sive quanto aos dois pesos e duas medidas.

Se ele nunca tinha ouvido falar de Hugh Pemberton, porque teria aquele artigo no bolso da camisola? Estaria realmente a devolver uma chamada durante o *brunch* de sábado de manhã? Ou teria ido fazer um telefonema – algo ligado a Hugh Pemberton?

Jude, competente como sempre, não hesita.

– Queres que investigue o Pemberton?

Sive abana a cabeça.

– Acho que é preciso termos o Joost como prioridade. Perceber

onde ele possa estar. Qual será o nome novo.

– OK... por acaso, tenho uma ideia. Disseste que ele escolheria um nome ligado ao dele, mas mais simples, para não dar nas vistas. Se não me engano, *witte* é «branco» em neerlandês... Espera lá... – Jude vai resmungando entredentes, ao mesmo tempo que escreve qualquer coisa no telemóvel.

Scott exhibe o dele.

– O Dave enviou uma mensagem. Ele e o Aaron vão encontrar-se para continuarem a procurar juntos. Eles...

– Encontrei-o. Ele anglicizou o nome – interrompe Jude. – *Witte* é branco, ou «white», em neerlandês, e Joost deriva de Josef, José, ou «Joseph», em neerlandês. O Joost De Witte é agora o Joe White.

Joe White. Porque será que isso lhe soa familiar? Sive fecha os olhos e tenta recordar-se. Joe White. Um nome. Um cartaz. Um cartaz numa estação de metro. Em Bond Street, naquela manhã. Joe White, orador motivacional. Encontre o seu novo eu! num texto amarelo gigantesco.

Oh.

– Ó, meu Deus.

– O que foi?

– O Joost está em Londres. Neste momento. Está a fazer uma apresentação no Royal Victoria Dock.

20h15

Sive telefona imediatamente a Hawthorn, que liga minutos depois com mais perguntas para Sive sobre a relação, como terminou, se Joost é perigoso. *Se Joost é perigoso?* Ele matou um homem. Mas Sive não tem a certeza de que ele seja perigoso. *Nem sequer para o homem que lhe roubou seis anos de vida?* A polícia sabe onde Joe White está hospedado, informa Hawthorn, um hotel perto de Royal Victoria Dock, e há agentes a caminho. Sive pergunta se também devia ir, mas Hawthorn diz que não, diz-lhe para ficar onde está. Pode ser outro beco sem saída. Ainda assim, Sive pede-lhe a morada, já a levantar-se do sofá, porém Hawthorn recusa-o terminantemente. Entrará em contacto assim que tenha novidades.

Quando Sive desliga a chamada, Jude continua agarrada ao telemóvel, à procura. Bea está aninhada ao seu lado e tem o artigo sobre Pemberton ao colo. Não que isso interesse agora, mas porque fingiria Aaron que não conhecia aquele homem? Ou talvez não conhecesse mesmo e Sive esteja só a tirar conclusões precipitadas – estará a pôr em causa tudo o que diga respeito ao marido, agora que descobriu o que ele fez a Joost?

– O Aaron e o Dave foram procurar onde? – pergunta a Scott.

– Junto às docas.

Sive sente o estômago a dar uma cambalhota.

– Porquê?

– Imagino que seja apenas mais um sítio onde tentar. Deve ser impossível saber por onde começar.

– Perto de Royal Victoria Dock?

– Possivelmente... Pelo menos, será algures na zona leste de Londres. Porquê?

Sive abana a cabeça. A polícia sabe que Joost está hospedado num hotel perto de Royal Victoria Dock, mas Aaron não. A menos...

– Scott, o Dave pode investigar pessoas no trabalho dele? No outro dia, estive a falar de um colega que fez averiguações de antecedentes sem autorização. O Dave poderá fazer isso? Procurar informações confidenciais a que o público não tenha acesso?

– Ah, sim, ele pode pesquisar o que quiser. Tem de poder, para vetar as candidaturas para a polícia. Quer dizer, ele não deve fazer pesquisas que não estejam ligadas ao trabalho. Se houvesse uma auditoria, ir ter de se justificar.

Mas para uma coisa assim, pensa Sive, Dave talvez quebrasse as regras.

– Não encontro grande coisa sobre o Joost, mesmo sabendo o nome novo. Queres que continue à procura? – pergunta Jude, erguendo o telemóvel.

Sive toca no artigo de jornal.

– Talvez os teus colegas na sede possam ajudar a descobrir alguma coisa sobre este tal Pemberton? Especificamente... – respira fundo – ... quaisquer ligações entre o Hugh Pemberton e o Aaron Sullivan. – Olha para o relógio. – Ou já será muito tarde para lhes pedir esse tipo de coisas?

– São meus amigos – garante Jude. – Nunca é muito tarde. – Dirige-se ao quarto principal para tratar dos telefonemas.

O telemóvel de Sive toca e Bea, que está a ficar sonolenta ao seu lado, desperta de repente. É Hawthorn. Debate-se para atender a chamada num pânico atrapalhado.

– O Joost não se encontra aqui – diz Hawthorn antes que Sive possa perguntar. – É este o hotel e ele está hospedado com o nome Joe White. Mas desde as sete da manhã que saiu e o quarto está vazio. Entrámos em contacto com os organizadores da conferência, para ver se eles podem ajudar. Volto a telefonar assim que souber mais alguma coisa. Fique aí.

Fique aí. Sive fecha os olhos, aconchega Bea e reza.

Quando regressa à sala, Jude está pálida.

– O que foi?

– Investigámos o Hugh Pemberton e quaisquer potenciais ligações ao Aaron. Parece que o Hugh Pemberton está associado a um criminoso profissional londrino. O Pemberton é a cara legal do lado mais limpo do negócio, ou, pelo menos, era até ser detido na semana passada. Há jornais que estão a coibir-se de fazer já a reportagem; outros avançaram de imediato com referências pouco discretas.

– OK. O que tem isso que ver com o Aaron?

– O nome do outro indivíduo, o tal criminoso profissional, é Michael Rosco.

Sive gela. *É claro.*

Scott solta um suspiro audível.

– Então já sabes o resto? – pergunta Jude, olhando de Scott para Sive. – Que o Rosco foi visto nas redondezas da casa do teu marido, na noite do incêndio fatal, há quinze anos?

– Sim. – Sive acena afirmativamente, olhando para Nita. – A noite em que a Yasmin morreu.

Quinze anos antes
The Three Barrels

Aaron olhou para o relógio. Nita estava atrasada. Outra vez. Estava sempre atrasada, e ele não conseguia perceber se era de propósito, a fim de o manter pendurado, ou se dava mais valor ao seu tempo do que ao dos outros. Provavelmente seria um pouco de cada coisa. O *pub* estava a abarrotar naquela noite de terça-feira, apesar dos chuviscos e da longa espera até ao dia de receber. Mas Londres estava sempre a fervilhar, a semana inteira. Aaron deu um gole de cerveja e abriu o jornal.

– Desculpa lá! – Nita lá apareceu vinte minutos atrasada, deu-lhe um beijo nos lábios e sentou-se ao seu lado, num pequeno banco mais adequado à sua estatura diminuta do que ao metro e noventa dele.

Aaron bateu com o dedo no relógio.

– Fiquei presa no trabalho. Sabes como é. Vi a tua publicação no Facebook, que, já agora, foi um bocadinho confusa. Desde quando é que andas no Facebook e porque é que publicaste uma fotografia tua e da minha irmã no Rooftop Bar, se obviamente estás aqui comigo?

Aaron explicou o plano para identificar o perseguidor. Nita não ficou convencida.

– Julgas, sinceramente, que um perseguidor vai andar no mural de Facebook dela?

– Tem havido alertas da polícia todas as semanas, a dizer às pessoas para não publicarem informações pessoais no Facebook. Que os ladrões o estão a usar para roubar casas quando as pessoas partilham fotografias de férias.

– Ai, por amor de Deus, como se os criminosos soubesse usar redes sociais. Além disso, não acredito que haja um perseguidor a sério. Isso é só a maneira que a Yasmin arranjou de chamar a atenção.

Aaron franziu o sobrolho e bebeu um gole de cerveja. Nita nunca se coibia de falar de Yasmin e arrasá-la sempre que estavam juntos. Aaron não gostava disso. Era muito mais fácil fingir que não a andava a trair se não falassem sobre a noiva. Porém, Nita tratava a questão como se fosse um jogo – andar em segredo com o parceiro da irmã tornava tudo mais divertido. Aaron, por seu lado, começava a interrogar-se quanto ao que lhe havia passado pela cabeça. Não pensara e pronto. Nita era provocadora, sempre fora, e ele gostava disso. E nos últimos meses, ela recordara-o mais da Yasmin divertida, de como Yasmin havia sido antes de ficar obcecada com o perseguidor que ela julgava estar a segui-la. E, basicamente, era isso: Nita era a versão de Yasmin com que ele gostara de passar tempo. Ainda gostava. Se, pelo menos, conseguissem superar aquele malfadado perseguidor. Talvez fosse naquela noite. Talvez ela deixasse de se preocupar quando se apercebesse de que ninguém reagira à «armadilha» no Facebook. Aaron fitou a caneca enquanto Nita ia tagarelando sobre uma série de televisão com donas de casa. Quem é que ele queria enganar? Tentar fazer a folha ao perseguidor não ia apaziguar o medo de Yasmin. Quando muito, estava a alimentá-lo. Suspirou, interrogando-se como poderia desembaraçar-se de tudo aquilo.

Uma hora e duas bebidas mais tarde, Aaron viu as horas e disse a Nita que tinham de ir ao Rooftop Bar.

– Mas porquê? Fica muito fora de mão e eu estou bem aqui.

– Porque a ideia era essa – explicou Aaron. – Partilhei a fotografia e agora tenho de ir ver se o tipo aparece.

Nita riu-se.

– Qual *tipo*? Não há tipo. A Yasmin está só a fazer um filme.

Aaron levantou as mãos.

– Até pode ser que ele não exista, mas prometi-lhe que fazia isto e tenho de cumprir.

Nita cruzou os braços.

- E eu quero ficar aqui.
- Não sejas assim. Eu prometi-lhe.

Nita semicerrou os olhos.

– Eu fico. Tu é que sabes se queres ficar aqui comigo ou se queres ir caçar gambozinos para a minha irmã. – Tirou um espelho da bolsa e confirmou o reflexo. – A escolha é tua – rematou, os olhos ainda no espelho.

Aaron sabia o que ela estava realmente a dizer. Afastou o banco e levantou-se, depois, sem dizer mais nada, saiu do bar, deixando uma Nita surpreendida a olhar para ele.

Aaron acelerou quando percebeu quanto tarde era. Se houvesse nem que fosse um por cento de probabilidades de aquele indivíduo existir, já devia estar no Rooftop Bar a vigiar. Imaginou Yasmin em casa, escondida atrás do cortinado, ansiosa e solitária. Sentiu-se assoberbado pela culpa, com um toque de irritação. Quando o *Blackberry* tocou, imaginou que fosse ela e preparou-se para mentir, para dizer que já lá estava, no bar, tal como prometido. Porém, não era Yasmin. Era Hugh Pemberton. Um telefonema que mudou tudo.

Segunda-feira
20h28

Sive está a tentar telefonar a Aaron e Scott está a tentar telefonar a Dave, mas nenhum deles atende. Sive suspira de frustração. Agora que sabem que Joost não está no hotel, não vale a pena ir a Royal Victoria Dock, se for realmente isso que estão a fazer. Mas, sobretudo, Sive quer saber o que Aaron está a esconder dela. Porque fingiu que nunca ouviu falar de Pemberton, mas tinha o recorte de jornal no bolso da camisola. Se ele sabe da ligação entre Pemberton, Rosco e o incêndio. E, se houver a mais pequena das possibilidades de aquilo estar ligado a Faye, o motivo pelo qual lhe mentiu.

Jude continua ao telemóvel, ainda a pesquisar, a telefonar e a tirar apontamentos. A expressão muda enquanto Sive a observa. Levanta o olhar.

– Acabei de encontrar uma gravação da apresentação do Joost... do Joe White. Foi transmitida ao vivo hoje. Às nove da manhã. – Faz uma pausa, como se esperasse que Sive compreendesse. – Sive, ele não podia ter levado a Faye. Quando a Faye entrou no metro, ele estava no centro de conferências, à espera para falar.

– Não.

– Nunca seria capaz de ir da estação de Bond Street até ao palco da conferência em menos de trinta minutos, ainda por cima com uma criança de seis anos a reboque, a menos que seja o Super-Homem. Estou a confirmar agora no Google Maps. Espera... – Olha para baixo, e depois outra vez para Sive. – Não. Não é possível.

Sive leva a cabeça às mãos.

– OK. Já desperdiçámos tempo suficiente – diz Jude bruscamente. – Vou voltar ao Pemberton. Leste este artigo sobre o Rosco? – Mostra o telemóvel. – Sobre o uso de fogo posto como forma de intimidação?

Sive abana a cabeça.

Jude franze os lábios.

– Imagino que se trate do incêndio de há quinze anos, que foi provocado pelo Rosco, e que haja uma ligação ao Hugh Pemberton. – Uma pausa. – E ao Aaron.

– Mas então é o perseguidor da Yasmin? – lembra Sive, talvez porque acredite mesmo que Yasmin tinha um perseguidor que lhe incendiou a casa, ou talvez porque precise de se distanciar da ideia de que aquilo possa ter algo que ver com o marido.

– Perseguidor? – Jude está confusa. Scott esclarece-a.

– Estás a dizer que achas que o perseguidor da Yasmin voltou? – indaga Jude. – E que ele possa estar relacionado com o desaparecimento da Faye?

Sive levanta as mãos, acordando Bea acidentalmente.

– Não sei. Mas já excluímos uma ligação com o caso do Brosnan e parece que não foi o Joost. E com isto... – exhibe o recorte de jornal – ... começa a parecer que possa haver uma ligação com o que aconteceu na altura à Yasmin. – Lança um olhar a Nita, que empalideceu. – Que alguém regressou para atar as pontas soltas. Talvez o alvo fosse o Aaron.

Bea desce do sofá, esfregando os olhos cansados. Dirige-se à mesa de centro e pega na garrafinha para beber água. Pousa-a ao lado do boné de Dave e exhibe um sorriso rasgado. Aponta para o boné, para o desenho do símbolo da polícia à frente.

– Chase! – exclama, deliciada. – Chapéu do Chase!

20h35

A sala mergulha no silêncio. O tempo para. Jude parece confusa. Scott parece chocado. Nita fica branca como a cal. Bea está felicíssima e põe o boné de Dave na cabeça.

– Eu Chase.

Sive acocora-se ao lado da filha e tira-lhe o chapéu devagarinho. Aponta para o desenho à frente.

– Chase?

Bea faz que sim e pega no boné, que devolve à cabeça.

Sive leva a mão ao chão para se apoiar.

– Ai, meu Deus.

– Sive! O que foi? – Jude está de pé.

– Ela diz... ela diz que é como o chapéu que a personagem dos desenhos animados preferidos dela usa. Chama-se Chase. – Sive senta-se no chão, precisando, desesperadamente, do mínimo de estabilidade que ele oferece. – O Chase é um cão numa série de televisão chamada *Patrulha Pata*. Usa o que parece ser um chapéu da polícia. – Está a falar lentamente. De forma mecânica. E, mesmo assim, tem noção de que não se está a explicar bem.

Scott tenta ajudar.

– O cão é um polícia na série. E a polícia anda atrás de vilões. E sim, o boné que demos ao Dave faz lembrar o que o cão usa. Merda. Pensei que a Bea estava a falar da mochila. Meu Deus. A culpa é minha.

Sive abana a cabeça, mas não consegue raciocinar.

Scott continua a falar.

– Ela estava a apontar para a televisão, a dizer «Chase!», e percebi que se estava a referir ao que a personagem faz, e não que a Faye tivesse sido perseguida. Conteí ao Aaron e pensámos que tivesse que ver com a mochila da *Patrulha Pata* da Bea. Meu Deus. Sive, o que é

que... o que é que isto significa?

Atrapalhada, Sive leva a mão à mesa. Agarra no telefone e puxa-o para si. Procura nas fotografias do teleférico, do táxi fluvial e da Torre de Londres e para quando encontra uma fotografia de sexta-feira. A do bar do hotel. A que ela tirou ao grupo, logo ao início, antes de o boné ser oferecido a Dave. Faz *zoom* e vira o ecrã para Bea.

– Bea, querida. Este é o Dave, sim? – Aponta para o ecrã.

Bea faz que sim.

– O Dave estava no metro com a Faye?

A menina assente outra vez.

Oh meu Deus.

20h39

Sive telefona a Hawthorn e mantém-se tão calma quanto possível para contar a história. Depois tenta ligar a Aaron. Jude tenta ligar a Maggie. Scott tenta ligar a Dave, embora decidam que ele não vai revelar o que descobriram.

Ninguém atende.

Porque haveria Dave de levar Faye? Não faz sentido. Estaria farto de anos a ser o centro das piadas? Farto de ser o «polícia a fingir», enquanto os outros se pavoneavam em gabinetes de luxo com salários milionários? Ou terá tido algum tipo de colapso nervoso? Sive lembra-se daquilo que Maggie disse sobre a mãe de Dave. Porque teria fingido que a mãe não estava morta? Tenta também ligar a Maggie, mas a chamada acaba por ir parar ao *voice mail*. Devia ir a Clarinda Gardens? Faye pode estar no apartamento de Dave naquele momento. Hawthorn enviou agentes para a morada de Dave e está a tentar falar com Aaron. Terá Aaron chegado a alguma conclusão? Terá sido por isso que quis encontrar-se com Dave? Estará tudo ligado a Pemberton? Obriga-se a ordenar a ideias enquanto calça as sapatilhas e enfia o telemóvel na carteira. Obriga-se a rever o dia. O desaparecimento de Faye. O telefonema da mulher. O vídeo da confissão de Aaron. A viagem inútil até Leytonstone. A confissão do assistente de Aaron. A notícia do assassinato de Pete Brosnan. A verdade sobre o julgamento de Joost. O recorte de jornal sobre Pemberton. Leva a mão ao bolso da camisola, como se ele pudesse dar mais informações. Não há mais recortes, mas encontra meio pacote de rebuçados *Polo*. Olha para a camisola. Azul, com capuz, igual a tantas outras.

– Scott.

Ele olha para Sive.

– De quem é esta camisola? Estava nas costas da cadeira.

Scott coça a cabeça.

– Do Dave, acho eu. Reclamou que estava aqui muito calor e despiu-a.

De Dave. Então, foi *Dave* quem cortou e guardou o artigo sobre Pemberton. E foi Dave que levou Faye. Volta a rever o dia. Há qualquer coisa que a perturba, mas não consegue precisar o que é. Qualquer coisa sobre o vídeo. E Aaron. E Pemberton. E Dave.

Pensa no vídeo, na confissão de Aaron. E se Garvin tinha razão? E se Aaron realmente ganhou casos chantageando testemunhas? Dave havia dito que Pemberton tinha sido testemunha num dos casos antigos de Aaron, porém este negou-o. Poderia ter levado Pemberton a fazer uma declaração ou a mentir em julgamento?

– Scott, disseste que o Dave pode pesquisar informações sobre as pessoas?

– Sim.

– Será que pode ter ajudado o Aaron com os casos dele? Poderá ter feito investigações de antecedentes para ele? Visto registos criminais e coisas do género de testemunhas de acusação?

– Claro... Mas isso não explica o que teria levado o Dave a raptar a Faye.

– Temos de ir ao apartamento do Dave. – A voz falha-lhe, mas Sive esforça-se por controlá-la. – A polícia já está a caminho, mas se a Faye lá estiver, eu também quero lá estar. – *Ai, meu Deus, por favor, que ela esteja lá.* – Scott, Nita, não se importam de ficar aqui?

Scott abana a cabeça. Nita está vidrada, como se estivesse em transe, interrogando-se, de certeza, se por fim virá a descobrir o que realmente aconteceu à irmã.

– Podes continuar a tentar falar com o Dave, mas sem lhe dizer o que descobrimos? – pede Sive a Scott.

– Claro. – Continua com uma expressão chocada.

– E eu vou continuar a tentar falar com o Aaron. Tenho de garantir que ele sabe que o Dave pode ser perigoso. E... e que o Dave é o único que sabe onde está a Faye.

Quinze anos antes

À porta do Rooftop Bar

Aaron ponderou se deveria ou não atender o telefonema de Hugh Pemberton. O seu instinto dizia-lhe há dias que envolver-se com aquele indivíduo tinha sido um erro. Ao início parecia um alvo bastante fácil. Rico. Educado. Respeitado. Uma esposa abastada e três filhas adolescentes que ficariam horrorizadas caso viesse a lume que Hugh Pemberton fazia parte do registo de predadores sexuais. Dave – coitado – julgava que Pemberton era uma testemunha de acusação contra um cliente que Aaron estava a defender. Tinha ficado *extasiado* por entregar-lhe a informação sobre Pemberton. *Fá-lo descer do pedestal*, dissera. Dave adorava minar o sistema. Sobretudo na forma de homens ricos, educados e respeitados. Aaron também gostava, mas por outros motivos – para ele, tudo girava em torno do dinheiro. E, se aquela gente não tivesse violado a lei logo à partida, não acabaria a entregar milhares de libras em numerário a Aaron Sullivan.

Pemberton, no entanto, não era como os outros. Quando Aaron o abordara no seu clube, Pemberton não tinha parecido preocupado. A maioria dos alvos cedia e pagava rapidamente, sobretudo porque Aaron prometia sempre solenemente que seria um pagamento único. E ele cumpria a palavra. Sabia que aquele tipo de coisa corria mal quando se exigiam vários pagamentos. Ninguém queria passar uma vida inteira a pagar. E Aaron não queria pressionar ninguém a limites extremos. Por isso, mantinha a palavra. Um pagamento e ficava por aí. No entanto, Hugh Pemberton limitou-se a ouvir e a responder «Eu depois falo consigo.» *Ele* falaria com Aaron? Fora Aaron quem estabelecera o contacto, informando-o sobre onde e quando pagar. A interação teve o seu quê de perturbador. Não teve notícias durante cinco dias. E agora aquele telefonema. Aaron ponderou mais um pouco, até que atendeu.

- Senhor Pemberton. Está pronto para pagar?
- Onde se encontra neste momento, senhor Sullivan?
- Desculpe?
- É uma pergunta simples. Onde se encontra?
- Estou à porta do Rooftop Bar. Mas não é hoje que deve fazer o pagamento. Temos de combinar...
- O Rooftop Bar. Foi o que imaginei.

E a chamada foi desligada.

Aaron ficou à esquina, a olhar para o telemóvel. O que tinha sido aquilo? Porque quisera Pemberton saber onde ele estava? Aaron olhou para a entrada do edifício no topo do qual se situava o Rooftop Bar. O instinto assumiu o controlo. De repente, já não queria entrar. Pemberton havia sido um erro. Aaron não conseguia dizer porquê, mas agora sabia que queria manter-se afastado. Deu meia-volta e saiu dali.

Trinta minutos depois, embrenhado nos seus pensamentos, dobrou a esquina para Haddington Street. Só então se apercebeu do som das sirenes. E viu o brilho de luzes azuis e o fulgor de chamas cor de laranja. E ganhou consciência da razão pela qual Pemberton queria saber onde se encontrava. Para garantir que ele e Yasmin estavam mesmo fora de casa, tal como mostrava a fotografia do Facebook. Os avisos não se destinavam a matar pessoas. Porém, Yasmin não estava no Rooftop Bar. Yasmin estava em casa.

Aaron começou a correr.

Segunda-feira

21h00

Sive agarra-se ao cinto de segurança, não porque o táxi esteja em excesso de velocidade, mas porque tem de se agarrar a alguma coisa. Ao seu lado, Jude está a mexer no telemóvel, a pesquisar e a escrever. Sive mal conseguira juntar duas palavras quando entraram no carro e Jude assumiu o controlo, explicando ao taxista que era urgente, que tinham de chegar o mais depressa possível a Clarinda Gardens, no entanto, mesmo àquela hora da noite, havia trânsito. A polícia já ia a caminho. Provavelmente já lá estaria. São as pessoas certas para a recuperarem. *Vai correr tudo bem.* Sive vai repetindo o mantra para consigo.

E Dave não é perigoso. Dave não faria a mal a Faye. Dave não magoaria Faye, pois não?

Volta a telefonar ao marido, porém Aaron continua sem atender. Sive recosta-se no banco e solta um suspiro entrecortado e cansado. Jude olha para ela, depois pega na mão de Sive e aperta-a. Não a larga.

– Não consigo falar com o Aaron – explica Sive. – Ele está algures com o Dave e não faz ideia de que o Dave levou a Faye.

– Sabes onde eles estão?

– O Scott disse qualquer coisa sobre as Docklands, e pensei que estivesse ligado ao Joost, mas, meu Deus, nada disto está relacionado com o Joost. Não consigo... – Cala-se. Ela não consegue *nada*.

– Voltei a tentar falar com a Maggie – adianta Jude. – Não sei porque não atende. Estou a ficar preocupada.

Sive vira-se para ela.

– O que te disse a Maggie quando te passei o telemóvel à porta de Oxford Circus?

– Ela disse que «Toda a gente mente.» Já o tinha dito quando vocês

estavam em Leytonstone e voltou a dizê-lo ao telefone.

– Achas que associou o sucedido ao Dave?

– Talvez...

– Ela disse mais alguma coisa?

– Não, mas acho que estava a telefonar a alguém. Tirou uma morada de uma agenda. Um nome que talvez fosse Carol?

Sive abana a cabeça.

– Não sei quem é a Carol. Talvez estejamos a tirar conclusões precipitadas. Talvez a Maggie tenha só voltado a perder o telemóvel.

– A que distância estamos agora? – pergunta Jude.

Sive consulta o Google Maps.

– Ainda falta um quarto de hora. Vou ver como estão as coisas com o Scott, ver se conseguiu falar com o Dave.

Scott atende ao primeiro toque, parecendo ofegante.

– O que foi, Scott? Os meninos estão bem?

– Está tudo bem. Não te preocupes.

– Jesus... Eu sei que aconteceu alguma coisa. O que foi?

Silêncio.

– Scott!

– OK. Eu estava a dar banho ao Toby, e a Nita estava na sala com a Bea, e alguém tentou entrar no quarto principal com um cartão de acesso. A corrente estava posta, por isso, a porta só se abriu um bocadinho.

– Ai, meu Deus.

– Está tudo bem! Estamos todos bem. A pessoa – era uma voz de homem – disse para abirmos a porta e ninguém se magoava. A Nita – nem acredito que ela fez isto, verdade seja dita – pegou num candeeiro, desligou-o da tomada e atirou-o contra a porta. E depois começou a gritar. – Uma gargalhada nervosa. – Só visto. Eu quase morri com aquele grito. Nem sei o que ela estava a tentar fazer com o candeeiro, mas resultou. Entre isso e o grito, ela conseguiu afugentá-lo. – Um suspiro audível. – Eu sei que isto seria a última coisa que quererias ouvir, e a Nita achava que não te devíamos contar, mas

pareceu-me demasiado importante para não to dizer...

– Era o Dave?

– Não, de certeza que não. Ela ia reconhecer a voz. Disse que a pessoa tinha um sotaque «carregado». Mas sabes como é a Nita. Para ela, quase toda a gente tem um sotaque carregado.

– Pode ser que tenha sido alguém do hotel e que ela se tenha equivocado?

– Não. A parte do «abram e ninguém se magoa» é prova disso...

Sive sente-se tonta.

– Será que alguém também quer levar a Bea? Meu Deus, devemos voltar?

– Não vou deixar ninguém entrar aqui, Sive. Dou-te a minha palavra de honra. Não há mais banhos ao Toby. A Nita está no quarto das meninas com eles e eu vou para lá assim que desligar. Vamos ficar os quatro juntos e já liguei à polícia. Vai buscar a Faye.

OK. Sive desliga. Mas o que se passa? Quem tentou entrar no quarto do hotel, porque não está Aaron a atender o telemóvel e onde é que se meteu Maggie?

Antes de ter tempo para processar o que se passa, o telemóvel volta a tocar.

Hawthorn.

– *Ela está aí? Já a tem?*

– Sinto muito, Sive, mas não está. O apartamento de Clarinda Gardens está vazio.

Sive sente-se prestes a vomitar. Tenta encontrar palavras para responder a Hawthorn, mas não lhe saem.

É então que recebe uma mensagem. Sive lê-a sem desligar a chamada com Hawthorn.

É do telemóvel de Dave.

Coordenadas de localização.

E mais nada.

Dois dias antes – sábado

The Lion

Aaron levantou a mão para acenar a Dave, que já estava sentado ao balcão, com duas canecas à frente e o boné novo na cabeça. Não percebia se ele estaria a levar a brincadeira na boa ou se gostava realmente do boné, porém, fosse como fosse, era típico de Dave usar o presente dado por piada, algo que qualquer outra pessoa teria enfiado no fundo do roupeiro.

Aaron não estava com grande disposição para aquilo. As pessoas pensavam sempre que os homens só queriam fugir para «cervejas com o pessoal», mas ele não o apreciava. Ou talvez não o apreciasse por se tratar de Dave. Como é que eram todos amigos, interrogava-se por vezes? Enquanto grupo, até conseguiam ser divertidos. Nos últimos anos, percebera que, individualmente, não gostava propriamente de Dave, nem de Scott, nem de Nita. Maggie não era má, mesmo que fosse um tudo-nada aborrecida. Mas ali estava ele, e tinha a certeza de ser capaz de aguentar o enfado durante uma hora. Sentou-se no banco e bebeu um gole.

– À nossa, pá. Se houver tempo, a próxima é por minha conta. – A cerveja sabia bem. Afinal, talvez não viesse a ser assim tão mau.

– Tudo bem, eu presto atenção às horas. Os outros devem chegar ao meu apartamento por volta das oito.

O bar estava quase vazio, à exceção de um casal a uma pequena mesa junto à montra e um *barman* a limpar mesas ao fundo. O serão de sábado ainda não tinha começado no Lion.

– E então, como vão as coisas? É porreiro pormos a conversa em dia sozinhos – disse Aaron. Depois de outras duas goladas de cerveja, já acreditava mais nisso.

– Eu estou bem, mas queria perguntar-te uma coisa.

– Então? – Se lhe fosse pedir conselhos legais gratuitos, Aaron

sairia já dali. As pessoas achavam sempre que não fazia mal pedir conselhos gratuitos aos advogados.

– É sobre aquele indivíduo, o Pemberton.

Aaron estacou.

– Sim?

– O do jornal, esta manhã. O tipo que foi preso. – Dave girou no banco e susteve o olhar de Aaron. – Disseste que nunca tinhas ouvido falar dele, mas eu sei que tenho razão. Foi uma das testemunhas que me pediste para verificar em 2008. Porque é que disseste que não sabes quem é ele? Isso passou o dia a incomodar-me.

Aaron abanou a cabeça.

– Deves estar a confundir-me com outro advogado teu amigo.

A expressão de Dave endureceu.

– Agora estás a fazer-me de parvo. Tantos anos a ajudar-te a ganhar os teus casos e agora fazes de conta que isso nunca aconteceu?

Aaron bebeu mais um gole de cerveja. Lentamente. Calmamente, enquanto procurava pensar numa resposta que satisfizesse Dave.

Dave continuou a falar.

– Tenho apontamentos. Guardei os apontamentos de todos os casos. Está lá o Pemberton, preto no branco, com a minha letra. Portanto, não piores as coisas a dizer que nunca ouviste falar dele.

Porra.

– Valha-me Deus, Dave. Não quis falar sobre isso à frente do grupo. Porque é que levantaste o assunto diante dos outros? Isso é entre nós.

– Mas qual é o mal? Não fizemos nada de errado.

Aaron riu-se.

– Achas que averiguar os antecedentes de pessoas e encontrar coisas que obriguem as testemunhas a alterarem as declarações não pode vir a ser um bocadinho problemático?

– *Moralmente* errado, é o que eu quero dizer. Fizemo-lo pelos motivos certos. «Fazer algo legalmente errado para tornar algo moralmente correto»: foram as tuas palavras da primeira vez que o fizemos. Lembras-te? A mulher que esfaqueou o marido em legítima

defesa?

Aaron lembrava-se. O marido, que era um pilar da comunidade. A mulher que perdera a cabeça. A negação firme por parte dos amigos e da família: ele *nunca* foi violento. Tão generoso, tão encantador, tão bondoso, não faria mal a uma mosca. Era *ela* a problemática. Segundo o banqueiro de investimento abastado da porta ao lado, tinha um feitio terrível. E agora estava a inventar a história da violência doméstica para evitar a prisão. Mas Aaron sabia. Ouvia-o na voz dela. Via-o no tremor das suas mãos. A senhora aguentara até que, certo dia, a meio de uma briga, pegara numa faca. E pronto. Mas o pilar da comunidade tinha amigos que eram pilares da comunidade. Um atrás do outro, haviam declarado que ela era o problema. Ela é que tinha um historial de violência. E, para Aaron, a esposa acabaria na prisão. A menos que ele fizesse alguma coisa. Portanto, começou a averiguar. Testemunha após testemunha. Investigando discretamente. À procura de falhas. Pequenas mentiras que sugerissem mentiras maiores. Tudo o que pudesse afetar a credibilidade. Não estava a chegar a lado nenhum, até que se lembrou de Dave. E do acesso de Dave a dados. Não demorou muito a convencer o amigo. Dave estava sempre ansioso por agradar, porém, mais do que outra coisa, ele gostava de ver as pessoas a serem postas no seu lugar. Poderosos derrubados. Indivíduos bem-sucedidos a serem recordados de que não eram melhores do que os outros. Assim, se pudesse ajudar uma mulher inocente a evitar uma pena de prisão e, ao mesmo tempo, humilhar um abastado banqueiro de investimento, Dave estaria à disposição de Aaron.

Dave pesquisou um pouco. Pelo visto, o abastado banqueiro de investimento fora advertido duas vezes por envolvimento com prostitutas, contou Dave a Aaron com uma boa dose de orgulho. A partir daí foi fácil: ou conta a verdade, ou *nós* contamos a verdade à sua esposa e aos seus filhos, aconselhou Aaron ao banqueiro. Mude a declaração. Talvez tenha acabado de se lembrar das brigas que ouviu. Das alturas em que ele lhe gritou. Os hematomas na face quando ela ia buscar o leite à porta, encolhida, escondida dentro do roupão.

E ele assim fez. O vizinho banqueiro de investimento contou a verdade. Claro que Aaron e Dave nunca souberam ao certo se era mesmo verdade. Talvez ele nunca tivesse ouvido tais brigas nem visto tais nódoas negras. Mas uma coisa sabiam: a mulher agira em legítima defesa e, contas feitas, concordaram que isso justificava os meios.

Agora, duas décadas mais tarde, Dave estava num bar, a olhar para Aaron de uma maneira de que este não gostava.

Suspirou, fingindo descontracção.

– E *foi*, fizemo-lo pelos motivos certos. Mas sabes muito bem que nos íamos meter em apuros, por isso tens de esquecer o Pemberton e não podes voltar a falar do assunto. Especialmente à frente de outras pessoas.

– O problema – disse Dave, num tom que ganhara uma força nova – é que eu tirei apontamentos de tudo. Não só das testemunhas que me pediste que investigasse. Também registei os casos. As pessoas que querias que não fossem parar à cadeia. O Pemberton ia ser testemunha de acusação num caso contra um tal Patrick Kavanagh.

Aaron fez girar a cerveja no copo. *Porra*.

– Pesquisei o Patrick Kavanagh para apurar mais sobre o caso em que o Pemberton estava envolvido. Pelo visto, Patrick Kavanagh também é o nome de um poeta irlandês famoso, que é o primeiro resultado que nos aparece no Google. Não se consegue encontrar grande coisa sobre outras pessoas com o mesmo nome.

Aaron não disse nada.

– Por isso fui aos meus apontamentos e pesquisei os outros nomes que me deste. Os outros réus inocentes que estavas a «salvar». Brendan Behan. Eavan Boland. Patrick McGill.

Aaron fez um esgar interno. *Dave e o seu maldito caderno*.

– Sabes o que eles têm em comum? São todos poetas irlandeses. Mas já sabias, não é? Porque foste tu que me deste esses nomes. O desgraçado do Trigger nunca vai perceber. Foi o que pensaste. Não foi?

– Dave, era só... – Mas Aaron não conseguia pensar em nada.

– Só o quê? Só uma carrada de casos fictícios? Para que precisavas de podres sobre essas pessoas se não eram testemunhas reais?

Aaron fitou o balcão polido, como se ali pudesse encontrar uma resposta. Pegou numa base de copos e começou a rasgá-la em pedacinhos.

– Algumas eram. – Soou-lhe rebuscado. Defensivo.

– Ah, eu sei. Acredita. Confirmei todos. Sobretudo nos primeiros dias eram verdadeiros. Mas depois, não. Pelo menos quando investiguei o Pemberton e o encontrei na lista de predadores sexuais. Se não querias que ele retirasse um testemunho num caso, o que fizeste com a informação, Aaron?

Com a base desfeita, Aaron juntou os restos num monte no balcão, porém continuou sem falar.

De repente, Dave agarrou no pulso de Aaron. O choque do contacto inesperado fê-lo estremecer.

– Este Tag Heuer que andaste a exhibir na outra noite. Quanto é que isto custou?

Aaron não disse nada.

– Deves achar que eu sou estúpido. Tantos anos a encaminhar-te informações, a acreditar que estava a ajudar pessoas que precisavam. Indivíduos pequenos que seriam esmagados sem ajuda. David contra Golias. Como aquela primeira mulher. E, se calhar, na altura fui parvo a ponto de acreditar, mas agora já sou capaz de somar dois mais dois. Era chantagem, não era? Tal como a Nita e o Scott sugeriram quando inventei aquela história sobre um colega a averiguar antecedentes por motivos pessoais.

Aaron continuou em silêncio.

– Eu confiei em ti, Aaron. Pensei que estávamos a fazer isto por um bem maior.

– Um bem maior – escarneceu Aaron. – Mas quem é que pensas que és para me dares sermões? Queres mesmo que eu acredite que não sabias o que estávamos a fazer? Achavas mesmo que havia tantos inocentes em tribunal? Que bastava levar testemunhas a mudar o

depoimento? Que era assim que as pessoas boas ganhavam? – O casal na mesa ergueu o olhar e Aaron baixou o tom de voz. – Não há pessoas boas. Só há pessoas inteligentes que sabem vencer na vida. A tua moral não te impediu de receber os pagamentos, pois não?

Dave olhou para o lado.

– Foram pagamentos de agradecimento.

– Pois sim! Vai explicar essa às autoridades. «Aceitei a minha parte do dinheiro da chantagem como agradecimento pelas investigações de antecedentes ilegais que eu fiz.»

– Eu não... esse dinheiro não foi... – Mas, pela primeira vez desde que Aaron chegou ao bar, Dave ficou sem palavras. A cerveja, ainda a meio, jazia agora no balcão, intocada.

– Ah, pois foi. E há documentos que provam cada pagamento. Fazes parte disto.

– Mas eu não sabia que vinha de chantagens. Pensei...

– Ainda mais parvo és – cuspiu Aaron. – Boa sorte a fazer com que pareça credível. E isso não muda nada. Quebraste as regras à mesma. Quer o tenhas feito por razões que julgavas válidas ou não. Aconteceu o que aconteceu e tens de assumir a responsabilidade por isso.

Tal como Joost, pensou Aaron, satisfeito com a comparação. As pessoas tinham de aprender a assumir as responsabilidades.

Depois eram horas de irem ao encontro dos outros no apartamento de Dave e, para Aaron, o assunto morria ali.

Um dia depois – domingo

Clarinda Gardens

No domingo de manhã, enquanto Aaron e Sive retiravam os filhos do bufete de pequeno-almoço do hotel, Dave estava sozinho no apartamento de Clarinda Gardens. Lá fora, o sol brilhava. Era uma manhã perfeita de agosto. Lá dentro, no entanto, a sala parecia parda, desfocada e escura. A cabeça de Dave doía-lhe depois das cervejas na véspera e nem a caminhada até ao café nem o *cappuccino* para levar haviam ajudado. Os restos da véspera estavam ainda espalhados pela sala: latas de cerveja e copos sujos, com o cheiro do vinho entornado a dar-lhe voltas ao estômago. Não se sentia com energia para limpar. Sentou-se no sofá, com um café na mão, o jornal no colo e as palavras de Aaron a soarem-lhe nos ouvidos, mais fortes agora que estava sóbrio e à luz do dia.

Mais parvo és. Boa sorte a fazer com que pareça credível.

Havia sido um idiota. Confiara em Aaron. Acreditara, genuinamente, que estavam a fazer o bem. Coitada daquela mulher, a primeira mulher. Aaron mostrara-lhe um vídeo. A voz trémula, os olhos raiados de vermelho, tal como a mãe, antes da queda do pai.

Dave *tivera* de ajudar essa mulher. Ir para a prisão seria um mal muito maior do que qualquer pequena coisa que Dave tivesse feito. Uma simples pesquisa num computador da polícia: bastara isso para a ajudar. Para a salvar. Tal como ele salvara a mãe do pai: um pequeno empurrão escadas abaixo e o mal de anos de violência ficava corrigido. Já a mãe dizia que era preciso pôr as mãos na massa, embora, naquele caso, tivessem sido as mãos de Dave. Dave salvara a mãe e Dave salvara a mulher do vídeo de Aaron.

Embora... talvez não devesse ter aceitado o dinheiro. Em retrospectiva, se estivesse mesmo a ser honesto consigo próprio, se estava a fazer aquilo por um bem maior, devia ter recusado o

dinheiro. Tanto naquela primeira vez, como sempre. E, se fosse mesmo sincero, lá bem no fundo, uma pequena parte rancorosa dele tinha de admitir que sabia que aquilo que Aaron estava a fazer não era correto. Mas era mais fácil pensar que estavam a fazer boas ações do que enfrentar Aaron e acabar com o fluxo de dinheiro. Teria hipóteses se os seus superiores descobrissem? Haveria uma investigação formal? Que raio, devia ter tido juízo. *Estúpido.*

Bebeu um gole de café e pousou a chávena na mesa. Abriu o jornal sobre o joelho, lendo na diagonal os cabeçalhos sobre uma estrela do desporto apanhada num caso romântico e sobre um ator que perdera peso. Avançou até às notícias locais e lá estava: um novo artigo sobre Hugh Pemberton. De repente, teve vontade de dar um murro a Aaron. Naquele momento, se Aaron ali estivesse, Dave teria esmurrado aquele rosto arrogante. A fúria que dirigira a si próprio momentos antes mudou de direção, assumiu um rumo novo. *O cabrão do Aaron Sullivan.* O desprazo com que, durante o *brunch*, afirmara nunca ter ouvido falar de Pemberton. A dar a entender que Dave estava errado. Deu uma vista de olhos ao artigo. Estabeleceriam alguma ligação com Aaron? Se o fizessem, será que Dave também seria apanhado? Provavelmente. Perderia o emprego. Teria de vender o apartamento. Santo Deus. Porque o fizera? Então, os olhos detiveram-se em duas palavras que saltavam à vista. *Michael Rosco.* A sugestão pouco velada de que Pemberton e Rosco trabalhavam juntos. Michael Rosco, que fora visto no exterior da casa de Yasmin e Aaron na noite do incêndio. Michael Rosco, conhecido por atear fogos para intimidar as vítimas. Vítimas e rivais e qualquer tipo de ofensores. E chantagistas?

Dave endireitou-se de repente, batendo com o joelho na mesa de centro e derrubando a caneca. Café quente espalhou-se sobre a mesa e pingou para o chão. Nem viu nada disso. Só viu o que sempre estivera à frente dos seus olhos. Aaron estava a chantagear Pemberton, Pemberton estava a trabalhar com Rosco e Rosco fora visto perto da casa de Yasmin na noite do incêndio. Até Dave sabia fazer essas contas.

Quinze anos antes

Casa de Stratford

Quando Dave entrou na cozinha, Yasmin estava ao lava-louça, com espuma até aos cotovelos. Pegou num pano da louça e tirou do escorredor uma assadeira que parecia nunca ficar completamente lavada. Yasmin virou-se, sorriu e depois esticou o lábio inferior para soprar uma madeixa de cabelo do rosto. A madeixa ergueu-se e voltou a cair-lhe sobre os olhos. Ele podia oferecer-se para a desviar. Podia... mas, ao mesmo tempo, é claro que não podia. Ela levantou o braço, com a água a escorrer, e serviu-se da parte interior do cotovelo para tentar chegar ao cabelo, sempre a rir-se. O seu riso era lindo. Tudo nela era lindo.

– Obrigada pela ajuda. Não sei o que faria sem ti, Dave.

Deu-lhe uma cotovelada gentil nas costelas. Ele retribuiu o sorriso e Maggie entrou na cozinha. Estacou ao vê-lo.

– Dave, não é preciso. Nós podemos bem tratar da louça.

– Não me importo.

– Acho que a Carol talvez prefira que não usemos o nosso senhorio como mão de obra escrava...

– Não sou vosso senhorio – corrigiu ele –, e aquilo que a mãe não vê, a mãe não sabe.

A mãe não queria propriamente saber se Dave estaria a ser usado como «mão de obra escrava», mas *avisara-o* para que se afastasse deles. Que lhes desse espaço. Que se lembrasse de que eram inquilinos e não amigos. Que aceitasse a renda e mantivesse a distância. Negócios eram negócios e Dave devia ter noção do seu lugar.

– Esta noite já te dou o dinheiro da renda. Estou só à espera da parte do Scott – disse Maggie no momento em que Scott e Aaron entraram pela porta das traseiras, a cheirarem a fumo de cigarro.

– Quem está a usar o meu nome em vão? – indagou Scott.

– Esta noite tenho de pagar a renda – lembrou Maggie, indicando Dave.

– Ah, sim, não queremos irritar a Mamã – comentou Aaron, pegando noutro pano da louça e açoitando Dave com ele. Dave riu-se. Não tinha piada, mas era melhor do que ser ignorado.

Um guincho agudo desviou a atenção de todos para o acesso ao *hall*. Nita. Quando se ouviam guinchos na casa de Stratford, era sempre Nita.

– Pelo amor da santa, aposto que é outra aranha – disse Aaron. – Eu vou lá. – Mas Nita chegou a correr escadas abaixo e irrompeu pela cozinha antes que ele tivesse oportunidade de ver o que se passava. Segurava uma blusa cor-de-rosa-claro numa mão e uma meia de futebol vermelha na outra.

– Quem deixou esta meia na máquina de lavar? A minha blusa está estragada! Que porra, é uma *Moschino*!

Mirou cada um deles, os olhos a faiscarem, após o que parou em Dave.

– Foste tu, não foste? És tu que usas estas meias. – Ergueu ainda mais a peúga. – Porra, Dave. Às vezes és tão parvo.

– Nita. – O tom de Maggie denotava uma mensagem de alerta. Não era tanto uma mensagem de «isso não é simpático», mas sim uma mensagem de «não grites com o senhorio».

– Agora é que estás tramado, Dave – comentou Aaron, dando-lhe uma palmada nas costas e saindo apressadamente para o quintal. Scott foi atrás dele em silêncio, o maço de tabaco já aberto.

Maggie levou Nita para fora da cozinha, até à sala de estar, com ela sempre a reclamar do custo da blusa.

– Que merda. Sinto-me péssimo. Eu compro-lhe uma nova – afiançou Dave a Yasmin.

– Ela está a exagerar, é só uma blusa. Ela tem centenas. – Tocou-lhe no braço. – És boa pessoa, Dave.

E Dave percebeu que nunca seria capaz de amar ninguém como a amava a ela.

As coisas iam piorando. Yasmin estava aterrorizada, ficando cada vez mais em casa, temendo ver o perseguidor. Os outros não ajudavam. Aaron não parecia preocupado, Nita ignorava-a, Scott mostrava-se abertamente cético. Naquela primeira noite, Maggie vira o homem, o que seguira Yasmin até casa, mas nem mesmo ela parecia convencida de que ainda a estariam a observar. Restava Dave. Ele não vira o perseguidor. Não vira ninguém, mas acreditava em Yasmin. Se ela dizia que havia alguém a segui-la, a observar no exterior da casa, Dave acreditava. Por isso observava e aguardava, noite após noite, para se certificar de que ela ficava bem. Ficava em Haddington Road, no lado oposto à casa que Yasmin partilhava com (*o traidor, o traiçoeiro*) Aaron, para ver se alguém se aproximava. Estava sempre alerta. O homem que seguira Yasmin naquela primeira noite não tinha regressado, mas se o fizesse, Dave estaria pronto. E ele sabia uma coisa ou outra sobre lei e segurança. Iria avisá-lo, explicar que era polícia. Não entraria em confrontos físicos. A menos que o perseguidor não lhe desse ouvidos. Fosse como fosse, manteria Yasmin a salvo.

Podia vê-la à janela, a espreitar, enquanto ele se encontrava do outro lado da rua, a observar. Apareceu um homem, que pareceu materializar-se do nada, abrindo caminho pelo passeio. Sem querer ser vista, Yasmin afastou-se da janela, e Dave sentiu-se desolado por ela. O homem parou por um instante à porta da casa de Yasmin e Aaron. Dave endireitou-se, alerta, pronto a agir. O homem usava roupas escuras e um boné com a pala a ensombrar-lhe o rosto. Dave saiu para a estrada. Mas o homem dirigiu-se à casa ao lado, entrando no acesso à garagem, desaparecendo atrás de uma sebe alta. Dave soltou um suspiro e olhou para cima. Yasmin voltara à janela. Ia olhando, confirmando, preocupando-se. Dave queria dizer-lhe que estava tudo bem, que ele estava de serviço, que ela estava em segurança. Mas seria uma situação estranha. Ela era noiva de Aaron. Aaron, que passava as noites em bares com Nita. Aaron, que não

merecia Yasmin de todo. Dave teria o seu momento de triunfo. Só tinha de ser paciente. Dir-lhe-ia que a amava, talvez até lhe contasse o que Aaron fazia pelas suas costas. Explicar-lhe-ia que tinha andado a cuidar dela, a mantê-la segura. Que talvez pudessem ter um futuro juntos. Não sabia se Yasmin já o amava, mas ela gostava dele. Dissera-lhe que era boa pessoa. E sim, ele era boa pessoa. Era o superpoder de Dave. Era bondoso. E Yasmin era a única pessoa na casa que o tratava como amigo. Nita ignorava-o. Maggie era formal. Aaron massacrava-o. Scott ignorava-o. Mas Yasmin era gentil. Yasmin gostava dele. E, se esperasse pelo momento certo, talvez Yasmin o amasse a ele.

Foi quando viu as chamas. E percebeu que era demasiado tarde.

Segunda-feira
20h33

Junto ao rio está escuro e calmo, e, pela enésima vez, Aaron interroga-se qual o objetivo de tudo aquilo. Porque estaria Faye ali? Mas ele continua. Porque por mais infrutífera que seja a busca, *não* procurar é ainda pior. Ao seu lado, Dave está calado, a gravidade da situação a silenciar a sua habitual tagarelice.

Devia telefonar a Sive, pensa Aaron, saber se há novidades quando ao paradeiro de Joost. Pega no telefone e, ao início, não percebe o motivo pelo qual a luz não funciona. Pressiona o botão de ligar e desligar e nada acontece. *Raios*. Então abana-o, como se isso lhe fosse dar carga.

– Bolas, a Sive pode estar a tentar ligar-me. Ou a Hawthorn. Posso usar o teu? – pergunta a Dave.

Dave levanta o telemóvel e abana-o, imitando o gesto de Aaron.

– Tenho o mesmo problema, pá. Não tenho carga. Não o consegui carregar desde a corrida desta manhã. – Um suspiro. – Tem sido um dia comprido.

Aaron aquiesce com brevidade. *Mestre Dave, o senhor do óbvio*.

Estão perto de Silvertown, nas profundezas das Docklands, junto ao rio, uma parte da zona leste de Londres onde Aaron nunca esteve. O horizonte está recortado por gruas e está a anoitecer, com os candeeiros na margem a lançar um brilho ténue. Aaron e Dave avançam por entre dois armazéns de telhado triangular, com Aaron a tropeçar em alguma coisa – uma tábua ou um bocado de metal; vai ficando demasiado escuro para se ver. Uma sensação de absoluta inutilidade invade Aaron. E agora perderam o contacto com o mundo.

– Porque é que não carregaste o telemóvel no trabalho? – pergunta a Dave, incapaz de afastar a irritação da voz.

– Hoje estive de folga. Reservei o dia para a corrida e para o

brunch a seguir.

– O quê? Não passaste a manhã a trabalhar? Foi por isso que não pudeste ajudar com as buscas.

Dave não diz nada por um instante. Depois:

– Ah, sim, quer dizer, tirei o dia de folga, mas depois chamaram-me para substituir alguém. Mas nem me lembrei de carregar o telemóvel enquanto lá estive.

Frustrado, Aaron abana a cabeça. O que Dave diz não faz sentido nenhum. Mas também não interessa: nenhum deles tem carga no telemóvel e não há nada que possam fazer quanto a isso.

– Merda, e agora nem sequer sei que horas são.

Dave arregaça a manga para olhar para o relógio.

– Passa pouco das nove.

Aaron repara na bracelete de um familiar tom de cobre.

– Esse relógio é o da Maggie?

Uma pausa.

– Sim. Pedi-lho emprestado.

– Estiveste com ela hoje? Ela anda à procura? Tentei ligar-lhe, mas não atendeu.

– Não... Não, por acaso pedi-lho emprestado ontem. Hoje ainda não a vi. Disseste que a Sive ainda está no hotel? – pergunta Dave.

– Sim, com o Scott e a Nita e os miúdos. Não vale a pena andar toda a gente na rua, sobretudo a esta hora da noite. Mas, valha-me Deus, ainda nem acredito que isto está a acontecer.

– Pois. – Nova pausa. – Será carma?

– Desculpa, o que é que disseste?

– Carma – repete Dave simplesmente. – Pecados do pai e assim.

– Mas de que raio estás tu a falar?

– Estou *a falar* do que fizeste. – Diz «a falar» fazendo aspas com os dedos.

Aaron cheira o ar junto a Dave.

– Andaste a beber?

Dave encolhe os ombros.

– Talvez. Mas enfim. Pois é. O carma é uma merda.

– Cristo! Já falámos sobre isso. Está bem, fizeste uma averiguações ilegais para mim e recebeste uns trocos extra. Vais mesmo puxar esse assunto com a minha filha desaparecida? Ganha juízo.

– Mas não é só isso, pois não? Vi outro artigo no jornal.

A pele de Aaron fica um tudo-nada mais fria.

– Que artigo? – pergunta, mesmo já sabendo. O artigo do jornal de domingo. Semelhante ao que Sive viu durante o pequeno-almoço no hotel, na véspera.

– Aquele sobre o Pemberton e as ligações que ele tem com o Michael Rosco. – Dave di-lo num tom casual. – Chantageaste o Pemberton por ele estar na lista de predadores sexuais, não foi, e ele mandou o Rosco incendiar a tua casa naquela noite para te assustar.

Aaron mantém a expressão neutra. Não diz nada.

– Olha, o grande homem calou-se finalmente. Mais vale, pá. O Rosco incendiou a tua casa naquela noite e a Yasmin morreu. Bem podias ter sido tu a acender o fósforo.

– Isso não...

– Para. – Dave levanta a mão a dois dedos da cara de Aaron. Aproxima-se. Dave tem um palmo de altura a menos do que Aaron, mas é entroncado, e Aaron, instintivamente, recua. O pé escorrega-lhe em qualquer coisa e ele cambaleia.

Dave ri-se baixinho.

– Então, já não há tanta garganta?

Aaron abana a cabeça.

– Dave, tu esta manhã pediste-me desculpa por tudo o que disseste no *pub* no sábado.

– Ah! Isso resume-te bem. És tão arrogante. Eu não te devia um pedido de desculpas. Qualquer pessoa teria ficado a pensar no que se passava, porque é que eu estava a pedir desculpas, quando o culpado eras *tu*, foste *tu* que me enganaste aqueles anos todos. Mas nem pensaste no que poderia estar por trás. És a mais pura definição de narcisista.

– Duvido que saibas o que isso quer dizer. E, meu Deus, não é altura para isto. A Faye está desaparecida!

Dave levanta o dedo indicador.

– Ah, ah. Estamos a falar sobre isso agora, Aaron. Tu assassinaste a Yasmin. Foram as tuas chantagens que provocaram a morte dela.

– As coisas não são assim tão simples.

– Mas é claro que são. Como é que foste capaz? – A voz de Dave tornou-se insegura. Acalmou o tom e Aaron aproveita a oportunidade, decidindo apelar à compaixão.

– Meu Deus. – Leva por breves momentos as mãos ao rosto, numa mostra daquilo que espera passe por contrição. – É claro que, se eu soubesse, nunca a deixaria sozinha, nem me metia com alguém como o Pemberton. É a lei das consequências indesejadas. Por vezes acontecem coisas más, mesmo quando não o queremos. Se a intenção estava ausente, não quer dizer que tenhamos de ser responsabilizados.

– Ouvi dizer que interpretas essa tal lei das consequências indesejadas ao contrário, por isso, nem vás por aí.

– OK. Mas passei quinze anos a viver com a culpa. Faria tudo para o desfazer.

– Agora é fácil falar. – O tom de Dave é duro. – Mas decidiste violar a lei e a Yasmin morreu. A responsabilidade é tua.

– Eu sei. E acredita que me senti péssimo. Mas não queria que nada disso tivesse acontecido. Achas que vale a pena passar o resto da vida a lamentar-me? E olha, não é altura...

Dave aproxima-se mais um passo e Aaron consegue sentir-lhe o cheiro a uísque no hálito.

– E por isso segues com a tua vida – afirma, sem rodeios. – A grande casa, os filhos perfeitos, a mulher linda. O dinheiro.

Dave aproxima-se mais um passo, a cambalear ligeiramente.

– Cabrão arrogante. Tens o sangue dela nas tuas mãos. Eu amava-a. Sabias? Eu amava a Yasmin e tu mataste-a.

Confuso, Aaron recua.

– Amavas a Yasmin? O que estás para aí a dizer?

Estaria Dave a ter um caso com Yasmin? Nem pensar.

– Eu amava-a – repete Dave baixinho. – Ela não sabia. Eu costumava observá-la. Vigia-la. Depois daquela noite em que alguém a seguiu até casa, fiquei por perto para velar por ela. Quando estava sozinha, costumava ficar à porta da vossa casa para garantir que ela estava bem. Quando não tinhas tempo para te preocupares. Quando estavas com a Nita. – Mais um passo. – Tu não a merecias.

– Mas que raio, Dave. Eras tu o perseguidor?

– Não! Eu não era um perseguidor. Naquela primeira noite houve alguém que a seguiu até casa. A partir daí, fui o guarda dela. Um quantas noites por semana quando não estava a trabalhar. Ela merecia isso e muito mais.

– Era essa... a «namorada» que disseste que tinhas? A que não-era-a-Kate-Moss?

– Era mais fácil dizer isso do que explicar onde estava. E... dava-me oportunidade de falar sobre ela. Era a minha pessoa. – Arrasta um pouco as palavras e soa a «peshoa». – E eu era o seu anjo da guarda. Eu amava-a.

Aaron leva instintivamente a mão à boca.

– Valha-me Deus, Dave. Ela andava aterrorizada! Chama-lhe o que quiseres, mas eras o perseguidor. Como pudeste fazer-lhe tal coisa?

– Como lhe pude fazer tal coisa? *Tu mataste-a, porra!*

Salpicos de saliva vão bater no rosto de Aaron, que os limpa. O cheiro a uísque torna-se avassalador e dá-lhe a volta ao estômago, mas Aaron não quer continuar a recuar.

– Não matei – afirma, tenso, mantendo-se firme. *Cristo*, aquilo tem de parar. Faye está desaparecida e nada mais interessa.

Porém, Dave não desiste.

– Mataste. O que é que achavas que ia acontecer quando decidiste chantagear alguém como o Pemberton?

Aaron faz menção de dizer alguma coisa.

– Não, não respondas. – A voz de Dave soa triste e furiosa ao mesmo tempo. – É a minha vez de falar. Puxaste os cordelinhos,

sempre a dizer-me o que pensar, a manipular-me estes anos todos. Agora sou eu... sou eu que tenho a vantagem.

Aaron chega-se, aproximando o rosto.

– Tens a vantagem? *A sério?* Lembra-te de que se falas a alguém do Pemberton, ou do resto, tu caís comigo. Acabo contigo e com a tua preciosa carreira.

– Tem... tem cuidado com quem estás a ameaçar, Aaron. – Dave voltou a arrastar as palavras e Aaron não percebe se pode ou não usar isso a seu favor. Se Dave estiver embriagado, será uma ameaça maior?

– Dave...

– É bom que saibas uma coisa, Aaron. Há uma certa informação que eu tenho, e eu sou o único que a sabe. E não te vou dizer o que é, nem do que se trata, mas tu... é melhor teres cuidado com quem estás a ameaçar. Ou vais arrepender-te. – Dave tenta chegar-se a Aaron com as suas palavras e cambaleia.

Aaron está farto.

– *Cala-te, porra!* Não vais contar a ninguém das averiguações de antecedentes! Estou farto desta merda. A minha filha desapareceu e tu só sabes falar da merda do Pemberton.

Empurra Dave. Empurra-o com força. E a boca parva de Dave abre-se, na sua surpresa. E os olhos arregalam-se, a processarem o que Aaron acabou de fazer. E cambaleia um passo para trás, e outro. Tudo acontece em câmara lenta, ou, pelo menos, é assim que parece a Aaron. E depois, Dave desaba como uma saca de batatas. Uma saca de batatas parvas e estúpidas. O estalo ecoa pela noite quando a cabeça de Dave bate em qualquer coisa que Aaron não consegue distinguir no escuro. Baixa-se para ver como está o amigo. Dave está inconsciente. Bater-lhe na cara – primeiro devagar, depois com mais força – não provoca qualquer reação. Então, Aaron vê a poça de líquido no chão. É sangue. Sabe que é. Mesmo no escuro, mesmo quando tudo, incluindo aquele líquido, é preto, ele sabe que é sangue. *Foda-se.*

O telefone de Dave está no chão ao lado dele. A luz acesa. O ecrã rachado. Bateria a cinquenta e sete por cento. Porque terá mentido? O

que tencionava ele fazer? Aaron pega-lhe e marca o serviço de emergência, após o que envia as coordenadas a Sive.

Quando ouve o som de um motor, Aaron vira-se e vê que não é uma ambulância – é um carro que avança pela estrada estreita entre os armazéns. O carro detém-se, os faróis a ofuscá-lo por momento, depois a porta abre-se e a sua mulher corre na direção dele.

– Ela está aqui? Aaron... onde está a Faye? – Sive está ofegante, as lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

Aaron abana a cabeça.

– Não, desculpa. Ela não está aqui.

– O Dave mandou-me coordenadas. Onde está o Dave?

– Fui eu, com o telefone do Dave. – Aaron indica o chão. – Eu... eu acho que ele pode estar morto.

– *O quê?* O que estás a dizer? Onde está a Faye? Pensei que tivesse sido por isso que o Dave enviou as coordenadas?

– A Faye não está aqui. Desculpa, não quero parecer negativo, mas...

– Não percebo... O que aconteceu ao Dave?

Aaron baixa o tom de voz.

– Ele empurrou-me. Eu empurrei-o também. Não foi com força, mas ele tropeçou numa tábua, ou assim. E bateu com a cabeça. – Leva a mão ao braço dela. Para a reconfortar. – Vai correr tudo bem. Não te preocupes. Foi em legítima defesa. E não tenho culpa de que ele tenha batido com a cabeça. Vai correr tudo bem. Mas deixa-me ser eu a falar quando o serviço de emergência chegar, está bem?

– Aaron, foi o Dave que levou a Faye!

– *O quê?* – Aaron fita-a, e depois o corpo. Abana a cabeça. Sive perdeu o juízo.

Dave é amigo dele. *Era* amigo dele. Dave podia ser muitas coisas – irritante, aborrecido, bem-intencionado, tolo –, mas não era um raptor.

– Foi o Dave – afirma Sive. – A Bea reconheceu... É uma longa

história, mas foi o Dave que a levou. Não faço ideia porquê, mas foi o Dave.

Aaron sabe porquê.

– Meu Deus.

– Ele disse-te? Antes de cair disse-te onde ela está? Porque ela não está no apartamento dele. A polícia foi lá e a casa está vazia, e só sabemos que o Dave levou a Faye, mas não sabemos onde ela está. Quando vi as coordenadas, pensei que... Ai, meu Deus, por favor, diz-me que ele te disse alguma coisa antes de o teres empurrado.

– Eu... Ele estava a dizer qualquer coisa sobre «uma informação que ele tinha», mas pensei que ele estivesse a falar... de outra coisa. Eu... – Levanta as mãos num gesto de impotência.

– Aaron, só ele é que sabe onde está a Faye! – Sive está a gritar. – Ele levou a nossa filha, escondeu-a algures e agora está morto. Mataste a nossa única ligação à Faye.

Segunda-feira

21h18

Jude está ao lado do táxi, a alguma distância, a ver os paramédicos a juntarem-se em torno do corpo deitado. Está morto. Não há dúvida quanto a isso. Aaron e Sive também observam, agarrados um ao outro, bem como à ténue esperança de que Dave ainda esteja vivo. Jude imagina que tenha de ser assim. Por uma série de motivos. Mas percebe-o pela linguagem corporal dos paramédicos: Dave morreu. Um deles está agora a falar com Aaron, supostamente a recolher informações sobre o que aconteceu. Vai haver uma investigação, obviamente, e de certeza que a polícia estará a caminho, porém, com Dave morto, nada disso ajudará a encontrar Faye. Quando o paramédico lhes vira as costas, Jude tossica e dirige-se a Aaron e a Sive.

– Olhem, tenho uma ideia. Ainda ninguém sabe da Maggie, pois não? E ela disse que ia «confirmar umas coisas». Será possível que tenha encontrado a Faye e que o Dave lhe tenha feito alguma coisa?

– Meu Deus. – Sive parece chocada.

– Não estou a dizer que lhe tenha feito mal – adianta Jude, embora seja exatamente o que está a dizer. – Só que talvez a tenha fechado também, onde quer que estejam. Vale a pena tentar, não?

Sive e Aaron assentem, dormentes.

– Estou a pensar naquilo que a Maggie me disse. «Toda a gente mente.» Disse que se referia ao vosso grupo de amigos este fim de semana, mas não adiantou mais nada. Quais foram as mentiras? Sabes?

Sive assente.

– A Maggie sabia que o Aaron mentiu em relação a ser o pai da Faye e ao motivo pelo qual o Joost foi para a cadeia.

A mão de Aaron sai do ombro da esposa.

– Sive.

– Para. Agora não, Aaron. O Scott mentiu em relação a ser piloto. A Nita mentiu ao dizer que estava grávida. E o Dave mentiu sobre a mãe. Não disse a ninguém que ela tinha morrido.

– A mãe do Dave morreu? – Aaron olha para o corpo de Dave, como se tentasse processar a importância dessa informação – ou mesmo se interessa de todo, agora com Dave também morto. Sive acena com a cabeça, olhando para o marido, mas não adianta mais nada.

Jude pensa por um instante.

– OK, como sabemos que foi o Dave quem levou a Faye, já podemos excluir a Nita e o Scott, e concentrar-nos na mentira do Dave. Se a Maggie sabia que o Dave mentiu acerca da mãe, onde é que isso a levaria?

– Terá que ver com o sítio onde está enterrada? – pergunta Sive.

– Um cemitério?

– Um cemitério? – Aaron parece confuso. – Estou perdido. Afinal de contas, o que é que a mãe do Dave teve que ver com isto tudo?

– Estou só a tentar perceber o motivo que levou a Maggie desaparecer, e aonde poderá ter ido quando deixou a Jude na estação de metro. – Sive dirige-se a Jude. – Disseste que, antes de se ir embora, ela estava à procura de um número de telefone. Alguém chamado Carol?

Jude assente.

Aaron endireita-se.

– A mãe do Dave chamava-se Carol. Mas porque é que a Maggie iria ligar à Carol se ela morreu?

– Talvez o Dave ainda tenha o telemóvel da mãe? – sugere Sive. – Se não conseguiu falar com o Dave através do número dele, poderia experimentar o da mãe?

– Era o número de um telefone fixo – esclarece Jude.

– Espera, então a Maggie estava a ligar para o número fixo da antiga casa da Carol... a casa de Stratford? – diz Sive. – Mas ela foi

vendida. Não faz sentido. – Cala-se, a expressão no rosto a alterar-se. – A menos... a menos que o Dave também tenha mentido sobre isso. Se a mãe dele morreu, aquilo que ele contou sobre ter de vender a casa para lhe pagar o lar não pode ser verdade... Talvez o Dave tenha herdado a casa e ainda seja dono dela?

– Meu Deus, tens razão, é para aí que temos de ir – exclama Aaron.
– Para a casa em Stratford.

Ele começa a correr.

Um dia antes – domingo

Clarinda Gardens

Dave passou o domingo a remoer e a andar de um lado para o outro. Aaron enviou uma mensagem a perguntar se queria juntar-se a eles numa viagem de teleférico. Respondeu que ia visitar a mãe. Encontrar-se-iam de manhã, depois da corrida. A *corrida*. Mais uma oportunidade para Aaron provar que era o melhor. Depois de tantos anos a fugir às responsabilidades e agora revelava-se que ele fugira mesmo à maior responsabilidade de todas: a morte de alguém. Dave foi buscar o álbum de fotografias ao armário por baixo da televisão. Um dos três álbuns da altura, com «Stratford, 2006 a 2008» escrito à frente com a letra impecável de Maggie. No interior, na primeira página, estava a sua fotografia preferida de Yasmin. No quintal, na casa de Stratford, com Dave quase ao seu lado e um sorriso rasgado estampado no rosto. Fizera das tripas coração para a vigiar, para velar por ela, mas não chegara. E tudo por causa de Aaron.

Interrogou-se se, agora que juntara as peças todas, deveria voltar a confrontar Aaron. Não o veria durante a corrida – iam competir a partir de locais diferentes. Estaria com ele depois, no *brunch* no Rooftop Bar. Ver-lhe-ia a cara pedante, com o braço à volta da esposa perfeita e os três filhos perfeitos ao lado dele. Entretanto, Dave continuaria de luto por Yasmin e teria de aguentar mais uma semana no seu emprego medíocre. Aaron não merecia nada daquilo. O dinheiro, a mulher, os filhos. Deviam tirar-lhe tudo isso. Foi então que deu início aos planos.

O irmão atendeu ao primeiro toque. Dave ouvia um jogo de futebol, em fundo. Jerry devia estar no *pub*, com algum do pessoal do clube de remo, a pensar na cerveja seguinte. Dave, por outro lado, pensava em Pete Brosnan e na sua viagem a Espanha, bem como na

hipótese levantada por Scott de que Brosnan poderia ter forjado um álibi com a ajuda do irmão e dos seus dispositivos eletrônicos. Claro que não foi o que Dave disse a Jerry. A Jerry só pediu um favor. Uma hipótese de, finalmente, ser capaz de vencer Aaron em qualquer coisa, disse ele. Jerry era o melhor remador. Será que Jerry podia fazer a corrida na máquina de Dave, em nome dele? Poderia derrotar Aaron por Dave, dar-lhe aquela única vitória solitária? Jerry riu-se e concordou. Não lhe fazia diferença, afirmou, e regressou ao seu jogo de futebol.

Dave recostou-se no sofá a pensar. Já tinha um álibi. Agora era preciso decidir a melhor maneira de o usar.

À tarde foi à casa de Stratford. Já há algum tempo que lá não ia. Só se apercebeu de quanto ao ver a pilha de correspondência no interior da casa. O pó na mesa do *hall* e o cheiro a mofo fizeram-no sentir uma pontada de culpa. A mãe não gostaria daquilo. Talvez fosse pelo melhor que tivesse morrido. Claro que, se não tivesse falecido, a casa não seria dele e não estaria coberta de pó. Espreitou a sala de estar. Estava obscurecida, como o *hall*, com os cortinados grossos corridos por causa do sol e lençóis a taparem a mobília. Fechou a porta.

Lá em cima, passou pelo quarto da mãe – aquele em que ela dormira até que os joelhos deixaram de ser capazes de subir escadas – e abriu a porta do antigo quarto de Aaron. Era irónico que tivesse sido aquele quarto o escolhido, pensou, sentindo-se enjoado. O assassino de Yasmin.

Sentou-se na cama e olhou em redor. Tal como acontecia sempre quando ali estava, sentiu-se preencher por uma calma balsâmica. Yasmin sorria-lhe de todas as quatro paredes. Yasmin em criança, numa fotografia que pedira emprestada a Nita e copiara uma e outra vez. Yasmin adolescente, o braço à volta de Nita. Yasmin estudante, o braço à volta de Maggie. Yasmin colega de casa, o braço à volta de Aaron. Dave sentiu a fúria a assoberbá-lo. Os olhos percorreram as

paredes, assimilando tudo mais uma vez. Yasmin com os amigos da escola. Yasmin com os colegas de trabalho. Yasmin sozinha. E Yasmin com Dave.

Só aquela imagem. A sua fotografia preferida, copiada da original no álbum. Yasmin e Dave no quintal. Um dia raro em que todos os outros haviam saído. O sol brilhava, as flores ofereciam a sua beleza policromática. Yasmin numa manta de piquenique, um livro aberto no colo. Dave acocorado ao seu lado, à espera de que o temporizador da máquina cumprisse a sua função. Tinha feito cópias intermináveis dessa foto. Mandara ampliá-la e cobrira o quarto com ela. Aquele era o seu lugar feliz, o seu santuário. Mas agora o encanto tinha-se quebrado. Aaron arruinara-o. E Aaron assassinara Yasmin.

Acordou horas depois, inicialmente confuso quanto ao sítio onde se encontrava. Depois viu-lhe o rosto e, por um instante, tudo ficou bem. Até se lembrar, outra vez, do que Aaron fizera.

O telemóvel vibrou – era Jerry, a confirmar o horário do início da corrida na manhã seguinte. Dave hesitou e depois respondeu. Se ia fazer alguma coisa, aquela seria a sua oportunidade. Na terça-feira, Aaron apanharia o avião de regresso a Dublin.

Amanhã de manhã. *Concentra-te.*

Olhou para as fotografias de Yasmin em busca de apoio. Ela sorriu-lhe – aquele sorriso lindo, a encorajá-lo.

Amanhã de manhã terás a tua oportunidade.

Aaron estaria ocupado na máquina de remo, enquanto a esposa e os filhos iriam ao encontro de Maggie, no Rooftop Bar. Dave pensou nisso por um instante. Tinha sido aí que Aaron fingira estar, naquela noite, quando tentara apanhar o perseguidor. Só que Aaron não tinha estado lá: estivera com Nita, tal como contaria mais tarde a Dave. Devia ter estado com Yasmin. Devia tê-la protegido, mantido a salvo de Pemberton e Rosco, tal como Dave tentara fazer.

Sim. Faria alguma coisa no Rooftop Bar, decidiu Dave. Bem vistas as coisas, seria uma boa ironia. Ainda não tinha decidido o que iria

fazer. Não magoaria ninguém, mas talvez houvesse maneira de *parecer* que sim. De preocupar Aaron. E Aaron saberia como era – temporariamente, pelo menos – perder alguém que se amava. Algo legalmente errado para levar a algo moralmente correto, seria o que Aaron diria.

Dave teria de chegar lá antes de Sive e de Maggie, e precisaria de ficar escondido. Introduziu o destino no telemóvel e confirmou os horários de viagem. Se estivesse na estação de Bond Street às oito e meia da manhã seguinte, chegaria antes delas. Despediu-se de Yasmin com um beijo, desceu as escadas, serviu-se de um uísque e ficou a pensar e a andar.

Segunda-feira

21h50

O táxi deixa-os na casa de Stratford e Jude pede ao taxista que espere. Se ficou confuso com o que se está a passar, ou quanto ao motivo por que os passageiros parecem tão tensos, não o revela. Limita-se a pegar no telemóvel e a assentir. Quando Jude sai do carro, Aaron está já a correr a caminho da porta da rua, com Sive logo atrás dele. Agora está a esmurrá-la, a gritar por Faye. O barulho estilhaça o silêncio noturno.

Jude perscruta o jardim. Está por cuidar. Relva comprida e irregular, preta ao luar débil. Ervas altas enquadram a porta, esticando-se a caminho de uma lâmpada partida por cima do alpendre. Aaron continua a bater na porta, continua a gritar o nome de Faye, mas não há sinais de vida no interior. As janelas estão pintadas de negro, à exceção de uma no rés do chão, que foi entaipada com contraplacado e pintada com grafítis.

Na casa ao lado acende-se a luz de um quarto e um cortinado estremece. Duas casas abaixo, um cão começa a ladrar. Não se ouvem sirenes. Hawthorn está a juntar as tropas, mas ainda não chegaram. Devem esperar pela polícia?, interroga-se Jude, enquanto Aaron vai batendo na porta. Já não há perigo... Dave morreu. Só há medo. Medo do que podem encontrar lá dentro. Depois, ela lembra-se do telefonema de Scott no quarto de hotel, e do homem que tentou lá entrar. Estará ali, na casa de Stratford? Abre a boca, com vontade de alertar os Sullivans, mas depois fecha-a. Não há nada que os impeça de tentarem entrar.

Aaron continua a bater na porta e ainda ninguém abriu. É claro que não. Dave está morto. E Maggie? E Faye? Jude morde o lábio. Não está com medo, mas não consegue evitar temer o que podem encontrar no interior.

Aaron bate na janela da sala de estar, enquanto Sive se afasta da porta, olhando em volta. Procura freneticamente. O quê? Jude percebe que é de qualquer coisa que possa usar para arrombar a porta quando Sive pega numa grande pedra que em tempos pode ter sido a moldura de um canteiro de flores. Com um lampejo de admiração, Jude vê Sive levantar a mão e partir o painel de vidro da porta. Protege a mão com a manga e procura a fechadura. Em segundos está lá dentro. Aaron segue-a, cambaleando ligeiramente à soleira, e depois Jude entra também.

O *hall* é escuro e estreito e Sive não espera para encontrar o interruptor da luz. Chama o nome de Faye, irrompendo pela primeira divisão à direita. Aaron está logo atrás dela, também a gritar. Jude avança mais lentamente, observando o que a rodeia, engolindo em seco. No chão do *hall*, junto à parede, está uma pilha de correspondência, como se tivesse sido afastada pela porta. Mesmo agora, pensa, ou antes, por outra pessoa? Baixa-se e pega-lhe. Uma conta, endereçada a Carol Taylor. Uma ementa de comida rápida. Um folheto de uma imobiliária. Uma carta, outra conta, esta dirigida a Dave Taylor. Jude imagina que Sive esteja certa: Dave não vendeu a casa. Dave mentiu. Maggie adivinhou.

É aqui.

Volta a engolir em seco.

Aaron sai a correr da primeira divisão, sempre a gritar o nome de Faye, e encaminha-se mais para o fundo do *hall*, na direção do que parece ser a cozinha. Sive segue-o e Jude entra na divisão de onde eles saíram. É uma sala de estar. Pequena, bafienta, silenciosa. A mobília está tapada com lençóis, dando ao espaço uma sensação tenebrosa e fantasmagórica, e Jude arrepia-se. Avança e toca no lençol que cobre o que deve ser um sofá. Haverá ali qualquer coisa? Alguém? Alguém pequeno? Um volume que pode, ou não, ser uma criança pequena. Jude levanta o canto do lençol. Só o canto. Só para espreitar. Não vai lá estar ninguém. De certeza que não está lá

ninguém. Mesmo assim. Vale a pena confirmar. Segura a respiração e obriga-se a erguer o lençol. Sente, então, um receio desconhecido a formigar-lhe na coluna e puxa o lençol por completo.

Almofadas. Duas almofadas, nada mais.

Nada de Faye.

Deixa escapar um suspiro.

Volta ao *hall* e vai até à cozinha, de onde ouve o estrépito de Aaron numa divisão mais ao fundo, do outro lado de uma porta no extremo da casa – uma garagem, imagina. Sive está a tentar destrancar uma porta das traseiras de aspeto frágil, porém a chave cai com ruído no piso de laje, perdendo-se no escuro. Sive grita de frustração e cai de joelhos. Jude acende a luz e junta-se a ela, as mãos a deslizarem pelo chão, em busca da chave. É Jude quem a encontra e é Jude que a insere com cuidado na fechadura. Daí a segundos estão no quintal, a perscrutar uma expansão negra de relva e de ervas. À medida que os olhos se adaptam à luz, Jude vê um edifício a ganhar forma. Um barracão, ao fundo do quintal. Começa a correr, com Sive atrás dela. O barracão vai crescendo à medida que se aproximam. Tábuas pregadas que ameaçam desabar a qualquer momento. Uma fechadura deslizante. Um cadeado. Trancado. *Bolas*. Jude observa-o. O cadeado é novo, mas o barracão é muito, muito velho. Agarra no cadeado e puxa. Um gemido, com a madeira apodrecida a vergar, mas sem ceder. Jude puxa-o outra vez. A madeira cede, então, com um estalo, com o cadeado a soltar-se e a cair ao chão. A porta escancara-se. Jude procura o telemóvel e ilumina o interior com a lanterna. Sive afasta-a e entra, chamando o nome de Faye, puxando espreguiçadeiras e guarda-sóis e um pequeno escadote, abrindo caminho até aos cantos escuros mergulhados nas sombras. Mas Jude já consegue ver. Não está ali ninguém.

Não param, não falam. Correm juntas pelo jardim, de volta à casa. Aaron continua na garagem, a afastar e a espalhar o conteúdo,

gritando o nome de Faye. Sive detém-se no *hall*, olha para trás e depois para o teto.

E agora sobe as escadas a correr, com Jude atrás dela, subindo os degraus gementes aos dois de cada vez. O patamar está cheio de sombras. Vazio. Imóvel. Assustadoramente silencioso. Se Faye ali estivesse, algures na casa, não deveria estar já a gritar? Jude, que se orgulha de nunca, mas nunca se deixar envolver emocionalmente nas suas histórias, reprime uma inesperada onda de pânico. Aquilo tornou-se muito mais do que uma história e ela quer desesperadamente que a menina que nunca chegou a conhecer esteja bem.

Enquanto Jude a observa, sustendo o fôlego, Sive abre a primeira porta no topo das escadas. O luar entra por vidro fosco. Uma casa de banho. Vazia. Sive passa rapidamente à divisão seguinte, com Jude no seu encalço. Um quarto que cheira a bolor e a idade. O quarto da mãe de Dave, imagina Jude, acendendo a luz. Um brilho rosado débil ilumina o quarto. O quarto está feito, com a colcha com motivos florais esticada, sem quaisquer sinais de ocupação recente. Juntas, num silêncio frenético, ela e Sive espreitam debaixo da cama, dentro do roupeiro, atrás dos cortinados.

Nada.

Enquanto Jude olha mais uma vez para baixo da cama, Sive está já a caminho da divisão ao lado.

E é então que Jude ouve o grito.

Três horas antes

Casa de Stratford

Maggie fitou a casa, lar de tantas memórias, agora suja e gasta. O jardim estava por cuidar, algo que a mãe de Dave teria detestado que acontecesse. Ela sempre gostara bastante de jardinagem. A casa parecia desbotada, com a tinta da porta de entrada a descascar. Teria estado sempre assim, ou será que Maggie só agora estava a reparar? A campainha ouviu-se no interior, porém ninguém veio abrir. Voltou a pressionar o botão. Lá fora, a rua estava tranquila. Havia carros de ambos os lados da estrada, mas nada se mexia. Maggie lançou um olhar aos veículos. O *Volkswagen* azul-escuro umas portas abaixo – seria o de Dave? Imaginara que sim ao passar por ele, mas talvez não fosse. Havia muita gente com *Volkswagens* azuis-escuros. Voltou a tocar à campainha e depois chegou-se para o lado, a fim de espreitar pela janela da sala. Esperou, sustendo o fôlego, a olhar e à escuta de sinais de vida, mas não houve nada, nem um som. Maggie dirigiu-se à entrada lateral e ao quintal traseiro. Espreitou à janela da cozinha. Chegada à porta das traseiras, experimentou a maçaneta. Trancada. Mas a chave estava onde sempre se encontrara, por baixo do regador, junto ao muro do quintal. Maggie hesitou por um segundo, pegou na chave e entrou.

A cozinha estava fria, escura e algo tenebrosa. No corredor viu dois copos verde-garrafa pesados, que Maggie reconheceu como pertencendo ao conjunto «bom» de Carol. Passados por água e deixados de boca para baixo a secar ao ar. Carol não gostaria disso – ela secava sempre tudo assim que lavava cada peça. Não havia mais sinais de ocupação. Maggie dirigiu-se rapidamente até à sala. Também vazia. Voltou atrás e parou ao fundo das escadas.

O primeiro degrau queixou-se com o seu peso e Maggie passou sem demoras ao seguinte. Subiu dois degraus de cada vez para minimizar

o barulho, mais por hábito do que outra coisa. No patamar fez uma pausa para ver o que a rodeava. Em frente ficava a casa de banho. Pequena. Escura. Vazia. Depois o quarto da mãe de Dave. Não estava lá ninguém. A seguir vinha o quarto em tempos ocupado por Aaron. Avançou em silêncio, dirigindo-se à porta fechada. Estacou ao ouvir um som repentino. Um ranger lá dentro, como o de alguém a mexer-se numa cama. Deu novo passo e empurrou a porta ao de leve. Já via a parede do quarto. A mão saltou-lhe para a boca. Cada palmo estava preenchido. Pequenas fotografias tipo passe. Grandes fotografias ampliadas. Polaroides. Instantâneos. Fotocópias. De todos os tamanhos, em todos os formatos. Um rosto. Yasmin. Por todo o lado, Yasmin. Maggie empurrou a porta o suficiente para espreitar lá para dentro. E ali estava ela. Faye. Deitada na cama. A dormir. Ou mais do que a dormir.

Depois, Maggie ouviu um estalido lá em baixo.

22h01

Jazem duas figuras na cama. Direitas como um fuso. Dispostas como corpos numa morgue. Maggie e Faye. Jude leva a mão à boca enquanto Sive, ainda a gritar, corre para a mais pequena das duas figuras e abraça-a.

– Aaron! – grita Jude. – Chama uma ambulância. Já!

Aaron irrompe pelo quarto e corre para Sive e Faye.

– Ela está bem? Tenho o telemóvel sem bateria. Não posso ligar...

Mas Jude já está a falar, a transmitir a morada aos serviços de emergência.

Sive soluça.

– Ela tem pulsação. Acho que tem pulsação. Não sei. Confirma. Por favor, Aaron, confirma. Diz-me que está viva. Por favor.

Aaron tem a mão no pescoço dela, não está a dizer nada, e depois acena com a cabeça.

– Não sei, mas acho... acho que sim. Acho que está a respirar.

Jude acerca-se da cama.

– Tenho formação em primeiros socorros. Deixem-me ver. – E assim faz. E para seu grande alívio, maior do que imaginara possível, a menina está viva. Forma-se um nó na garganta de Jude. E, de repente, Jude, que nunca se envolve, que nunca se emociona, está também a chorar.

– Ela está viva. Ela está bem. Não sei porque está inconsciente, mas já vem uma ambulância a caminho. Ela vai ficar bem.

Sive acena o seu agradecimento entre as lágrimas e abraça Faye contra si, com Aaron a envolvê-las às duas com os braços. Jude vira-se para a outra figura na cama. Tal como Faye, Maggie também está inconsciente, mas também ela tem pulsação. *Oh, graças a Deus*, pensa Jude, segurando na mão de Maggie enquanto aguardam pela ambulância.

Meia-noite

Hospital St Catherine

Faye está sentada, a beber água por uma palhinha, e Sive está ao lado dela, a segurar-lhe a mão. Vai ficar bem, dizem os médicos. Terão a certeza do que lhe estava no sistema assim que cheguem os resultados das análises ao sangue, mas tudo aponta para *Temazepam*. Foi o que a polícia encontrou na bancada da cozinha e, segundo disse o médico, era consistente com a reação de Faye. Se lhe tivessem dado uma dose mais forte, teriam chegado tarde de mais, mas Dave calculara mal. Podia-se contar sempre com a estupidez de Dave, comentara Aaron, antes de ficar lavado em lágrimas de alívio.

Sive não dissera nada. Não era capaz de gracejar com a estupidez de Dave, nem sequer de sentir alívio, e continua sem ser. A filha quase morreu. Está ali, está viva, mas quase morreu. Sive não consegue deixar de pensar nisso. E não consegue largar a mão de Faye. Nem agora, nem nunca.

Maggie está num cubículo isolado com cortinas ao lado deles, também acordada. Puxa uma cortina para espreitar Faye.

– Ela está bem? – pergunta, num murmúrio rouco.

Sive assente.

– Meu Deus, Maggie. Nem acredito... Estás bem?

– Sou forte como um touro. Ele teria de me dar muito mais do que deu para que... – Encolhe os ombros, mas tem os olhos a reluzir com lágrimas.

Sive aperta-lhe a mão.

– Que bom que ainda aqui estás. Se te tivesse acontecido alguma coisa enquanto andavas à procura da Faye...

– Não serviu de grande coisa, pois não consegui fazer nada quando a encontrei – diz Maggie, com um suspiro frustrado. – Sou tão parva, valha-me Deus. Mas tive a sensação de que ele se tinha enganado na

dose. Foi a única coisa a que me consegui agarrar. Isso, e acreditar no Dave quando ele disse que deixava a Faye ir-se embora.

– O quê?

– Ele disse-me que era eu ou a Faye. – A voz de Maggie sai-lhe trémula. – Que se eu estava com tanta vontade de a salvar, podia ocupar o lugar dela. Não acreditou que eu o fizesse. – Um riso é engolido por um soluço. – O Dave a perceber mal as coisas até ao fim.

– Meu Deus, Maggie. – Sive não sabe o que dizer.

– Não podia deixar que ele fizesse isso à Faye. Primeiro, tentei despejar a água com a droga para o uísque dele e encher o copo da Faye com água, mas era uma dose demasiado pequena para fazer alguma coisa a um homem adulto. Depois, ele foi buscar uma faca de trinchar. – A voz fraqueja-lhe. Recompõe-se. – Disse que uma de nós tinha de engolir a bebida com a droga. E tive a ideia, mesmo sem qualquer certeza, de que ele não tinha posto droga suficiente. Não sou médica, claro, mas tenho uma ideia por causa da clínica e pelo tipo de doses que vejo na papelada. Não chegava para mim, pelo menos, embora fosse mais do que suficiente para... – A voz falha-lhe de vez.

– Meu Deus. Não sei o que dizer. Não sei como alguma vez te vou poder retribuir.

Sive pensa no desejo tolo de que Maggie fosse sua amiga: criar laços com ela enquanto bebem *gin*, conversas e segredos partilhados. Aquilo – o que Maggie fez por Faye – é o que importa. Aquilo é amizade verdadeira.

– Cala-te. Ela tem seis anos. Tem a vida inteira pela frente. E é como te digo, estava a contar que ele se tivesse enganado e eu ficasse bem. E vê só! – Um sorriso brilhante. – Eu estou bem! – A expressão altera-se e Maggie indica Faye. – E, no final de contas, ele mentiu. Deu-lhe a bebida à mesma.

– Toda a gente mente – diz Sive, praticamente sem dar conta de que está a imitar o que Maggie dissera a Jude.

– É verdade. Eu só não sabia até que ponto – torna Maggie num tom sombrio.

– Foi assim que a Jude te encontrou. Quando disseste que «Toda a gente mente», isso pegou. Ela contou-me e percebemos onde estavas. Portanto, tu salvaste-a. Levaste-nos à casa em Stratford, mesmo que na altura não o soubesses. Sem isso, a Faye talvez tivesse... – Irrompem-lhe novas lágrimas.

Maggie estende a mão e toca no braço de Sive.

– Não penses nisso. Concentra-te no agora. A Faye está bem, acabou-se.

Só depois é que Sive se lembra da segunda pessoa – o homem que tentou entrar na *suite* de hotel quando ela e Jude estavam a ir ao encontro de Aaron. Quando Dave estava morto, no chão, numa poça do seu sangue. Será que Dave estaria a trabalhar com mais alguém? Estaria Faye realmente a salvo? Sive tenta ignorá-lo. Hawthorn está a investigar. E ela, Faye e os restantes Sullivans vão para casa.

Seis meses depois

Dublin

Sive esforça-se, mas é impossível ultrapassar o que Aaron fez. A chantagem, a morte de Yasmin, as circunstâncias dúbias em torno do falecimento de Dave, mas, sobretudo, o que fez a Joost. Não há como superar isso. Omitiu, deliberadamente, provas que poderiam ter feito com que Joost recebesse uma pena bastante mais leve ou com que talvez nem sequer fosse para a prisão. Sive continua sem saber o que sentir em relação a isso – se Joost devia ou não ter sido condenado por tirar uma vida. Mas ela sabe que a decisão não é sua, nem sequer tem direito a uma opinião. Isso competia a um juiz e a um júri, num julgamento justo, com uma defesa ética e competente. E Joost não teve isso.

Em abono da verdade, Joost não ficou a pensar naquilo que Aaron fez. Parece aceitar que mereceu a pena recebida. Só quer conhecer a filha. E assim, pouco a pouco, começando com uma visita acompanhada por semana, é isso que ele e Faye têm estado a fazer.

Aaron saiu de casa. Anda ocupado a apagar fogos – colunas de jornais diários, quatro investigações diferentes, acusações iminentes – e há três semanas que não tem tempo de ir ver as crianças. Por mais horrorizada que tenha ficado com o que ele fez a Joost, Sive não quer afastar Aaron dos filhos e espera que ele esteja com os pequenos com regularidade assim que as coisas acalmarem. Embora, a julgar pelo que se diz, a gardaí esteja ciente de que o vídeo «*deepfake*» não era, de todo, falso, e ele vá passar algum tempo na prisão. A ironia. Sive não sente qualquer satisfação. Entretanto, Aaron está a caminho de Londres, onde irá atar as pontas soltas com Scott, Nita e Maggie. Chorar juntos por Yasmin. Falar sobre aquilo que Dave fez. Encerrar o assunto.

Chegou o resultado da autópsia de Dave, revelando, graças aos esforços de Maggie, a presença de *Temazepam*. Não chegava para o matar, mas isso vai ajudar Aaron, que continua a arriscar-se a ser condenado pela sua morte. Se tinha drogas no sangue, isso pode ter contribuído para a morte dele. Talvez não tivesse sido apenas por causa do empurrão de Aaron. Para Sive, trata-se de uma distração e nada mais. Não está convencida de que a história de Aaron seja verdade. Será que Dave o ameaçou mesmo, ou terá Aaron empurrado primeiro? Não há como saber, e talvez isso seja irrelevante olhando para tudo o que Dave fez. E aquilo que Aaron fez.

– O papá vem ter com a gente? – pergunta Faye, tal como faz com regularidade.

– Este fim de semana, não – responde Sive, satisfeita por ter uma desculpa real. – Vai a Londres visitar a Maggie, a Nita e o Scott. – Abre o frigorífico, esperando vir a ter inspiração para o jantar.

– Eu gosto deles – diz Faye simplesmente, e Sive interroga-se como será a filha capaz de separar as coisas, separar os amigos de Londres daquilo que lhe aconteceu naquela cidade. Claro que Faye não foi maltratada. Não sabia que tinha acontecido algo terrível. Dave dera-lhe a mão, levava-a para fora do metropolitano e para um autocarro até ao seu carro em Clarinda Gardens e depois até Stratford. Dera-lhe doces, batatas fritas e sumo. Dissera-lhe que ela era uma boa menina. E depois ela tinha adormecido.

– Sim, são boas pessoas – diz Sive agora, fazendo uma festa no cabelo da filha, beijando-lhe a testa e regressando ao frigorífico.

– Posso beber uma coisa?

– Mas só água. Nada de sumo.

Faye suspira.

– A Maggie deu-me sumo.

– Que bom. Quando fomos ao *brunch*?

– Não, na casa do Dave. Quando eu estava com o Dave, depois de termos andado de metro. A Maggie também esteve com a gente na

casa do Dave e fizemos uma festa juntos e a Maggie deu-me de beber porque disse que eu era uma menina bonita e que, se eu bebesse, os meus desejos tornavam-se realidade.

Sive sente um arrepio gelado.

– Faye – murmura ela. – Porquê... Que bebida era?

Faye encolhe os ombros.

– Um sumo de água esquisito que me fez dormir.

Seis meses antes – domingo
Silchester Road

Naquela noite de domingo, já tarde, Maggie viu Sive entrar no táxi e depois fechou a porta. Depois de tanto espumante e do *Baileys*, e com três filhos a reboque, a manhã seguinte seria difícil para Sive. Maggie não sabia como as pessoas conseguiam. Ela gostava de crianças, mas ficava sempre mais do que satisfeita por devolvê-las.

Antes de ter tempo de ir lá acima ver como estava Nita, bateram à porta. Só havia uma pessoa que a visitava tão tarde. Dave.

– Porque não atendeste o telefone? – perguntou ele assim que Maggie abriu a porta.

– Desculpa, a Sive esteve cá. Olha, estou de rastos... Saímos hoje, a Nita caiu, a Sive acabou de se ir embora...

– Preciso de falar contigo.

– É sobre a tua mãe? – perguntou ela com gentileza.

– O quê? Não. – Abanou a cabeça com impaciência. – Preciso de uma bebida.

Na sala, Maggie entregou-lhe um *Jameson* duplo, e Dave emborcou metade antes de falar.

– Só tu é que vais entender, Maggie, és a única pessoa no mundo com quem eu posso falar. Isto passou o dia a dar comigo em *doido*. Sinto-me como se fosse explodir.

– Espera... o quê?

– É o Aaron. Esta manhã descobri que ele foi o responsável pela morte da Yasmin e não consigo deixar de pensar naquela cara arrogante dele, em como ele se safou este tempo todo.

– Calma, mais devagar. Estás a falar do quê?

E Dave contou-lhe. Tudo. Pemberton. O artigo de jornal. A chantagem. Rosco. O incêndio. Yasmin.

Maggie tentou apreender o que lhe era dito. Aaron fizera tudo aquilo? Tantas mentiras. Usando Dave. Chantageando para ganhar casos. Chantagem para obtenção de lucros. Talvez tivesse feito com que o ex de Sive fosse preso – embora ainda não tivesse a certeza. Mas tudo isso empalidecia quando comparado com o que fizera a Yasmin.

– Ela era a minha melhor amiga – disse a Dave, no que, aos seus ouvidos, lhe pareceu um gemido.

– Eu sei – declarou ele, pousando a mão sobre a de Maggie. – Eu amava-a.

Havia qualquer coisa na maneira como o disse.

– Amava-la? Vocês os dois...

– Não. Ela... ela nunca soube.

– Espera. Era essa a «ex» pela qual estavas apanhado quando estávamos juntos?

Os ombros de Dave descaíram.

– Sim... eu sei, não é exatamente uma ex. Mas amei-a mais do que alguma vez amei na vida. E o cabrão do Aaron matou-a. E safou-se. Tal como se safa de tudo.

Iriam à polícia, disse Maggie. Simples. Mas Dave disse nem pensar. Ele seria arrastado. Nos primeiros anos aceitara gratificações de Aaron e não havia como se escapar a isso. «Fazer algo legalmente errado para tornar algo moralmente correto» parecia agora um disparate. Tinham de pôr as mãos na massa, sempre dissera a mãe de Dave. Levar Aaron a jogar o seu próprio jogo. Contornar um pouco a lei. Tinham de fazer alguma coisa contra ele. Arrancar-lhe o pedantismo da cara. Olho por olho.

Maggie contou-lhe, então, sobre Joost – a desconfiança de que Aaron pudesse ter omitido provas. Ia contar a Sive, disse Maggie. Escavar um pouco, em busca de alguma credibilidade, contar-lhe no dia seguinte e, potencialmente, destruir o casamento de Aaron.

Era bom, mas não o suficiente, contrapôs Dave. Tinha outra ideia a formar-se. E se de manhã fosse ao Rooftop Bar, um pouco antes de Sive e Maggie, e levasse Bea a qualquer lado? Só por um bocado, o

suficiente para que Aaron entrasse em pânico. Maggie não sabia. Sive iria sofrer tanto como Aaron. E ela não tinha feito nada. Porém, Dave mostrou-se irredutível. Sive seria o dano colateral e, além do mais, no fim tudo correria bem. Afinal de contas, não ia atirar Bea do telhado. Aaron merecia-o. Desde há anos que os tratava a todos como idiotas, sempre a fazer o que lhe apetecia. Era um narcisista que julgava que as regras não se aplicavam a ele. Iam levá-la e depois devolviam-na.

Contudo, Maggie continuou a hesitar. Pensa na Yasmin, lembrou Dave. Pensa na linda, gentil, engraçada Yasmin. Morta aos vinte e seis anos. Tinha a vida toda pela frente, mas, em vez disso, havia morrido queimada num incêndio. Um incêndio provocado como um aviso a Aaron.

E Maggie hesitou.

E o pior?, disse Dave. O pior era que ele continuara a fazer das dele. Mesmo depois de Yasmin ter morrido, mesmo sabendo que era o culpado, ele continuou a ganhar dinheiro com chantagens. Pondo Sive e os filhos e todos os que o rodeavam em risco.

Foi então que Maggie concordou. Só tinha de manter Sive a conversar. Dave trataria do resto. Levaria Bea a passear um pouco, deixaria que Aaron entrasse em pânico e depois devolvê-la-ia, sem que ninguém visse. Não era a pior das ideias.

Só passou a ser quando Dave mudou de planos.

Um dia depois – segunda-feira

Casa de Stratford

O ranger das escadas ficou mais forte. Maggie virou a cabeça. Dave, presumivelmente. Porque teria ele alterado o plano? Porque teria ele levado Faye, e porque ainda não a devolvera?

Faye mexeu-se na cama e Maggie foi ver como ela estava. Estaria a dormir? Ou outra coisa? Sentou-se ao seu lado e procurou a pulsação, erguendo o olhar quando Dave entrou no quarto. Deteve-se ao vê-la, inicialmente sobressaltado. Depois sorriu.

– Então encontraste-me. Maggie esperta.

– O que é que te passou pela cabeça, Dave? Devias ter levado a Bea, e só um bocadinho. Eles estão *desvairados*.

– Ótimo. E isto é muito melhor. Deu-lhe bastante com que se preocupar. Eu telefonei-te a avisar, mas não atendeste.

– Voltei a perder o telemóvel. Depois encontrei-o e liguei-te, mas tu não atendeste. Passei a tarde a ligar. De certeza que viste as chamadas perdidas?

Dave avançou para o quarto e dirigiu-se ao outro lado da cama.

– Pois. É que, nessa altura, já não sabia se fazia sentido ter-te aqui. Envolver-te na fase seguinte.

Maggie franziu o sobrolho. *A fase seguinte?*

Dave continuava a falar.

– Como é que percebeste para onde a tinha trazido?

– A mentira que contaste. Não fez sentido.

– Qual mentira?

– Quando a Nita perguntou se a podíamos visitar, disseste que tinhas sido obrigado a vender a casa e que a tua mãe estava num lar. O que é peculiar, uma vez que a tua mãe, Deus a guarde, já morreu. – Maggie indicou o quarto com um gesto da mão, dando conta das fotografias na parede. – Imagino que fosse por isto que não querias

que viéssemos cá?

– Talvez não fosse propriamente fácil de explicar.

Maggie voltou a olhar em seu redor. Um caleidoscópio de Yasmin. A cola que os unia. A pedra basilar. E agora resumia-se àquilo. Agora tudo fora longe de mais.

Dave interrompeu-lhe o raciocínio.

– Então estiveste na estação de metro? Com o Aaron e a Sive? Eles estavam aterrorizados? – As palavras saíram-lhe com tal prazer que Maggie sentiu o estômago a dar-lhe uma volta.

– Sim, estive lá, e, sim, estavam aterrorizados. Esperei com eles, a pensar que a devolverias a qualquer momento. Depois da minha maratona a tentar falar contigo, descobri que tinham recebido uma chamada da pessoa que levava a Faye e pressupus que fosses tu. Por isso pensei que estivesse tudo bem. – Faye mexeu-se e Maggie afagou-lhe o cabelo. – Fiquei à espera com uma jornalista amiga da Sive, a julgar que estivesse tudo resolvido e que a ias devolver. Raios te partam.

Dave parecia estupefacto.

– O que foi? Eu não fiz nenhum telefonema.

– Agora sei disso. A Jude, a jornalista, disse que era uma mulher e eu quase vomitei, quando percebi que não eras tu. Que era uma brincadeira de mau gosto e que a Faye não estava prestes a ser devolvida.

Dave assobiou.

– Diabos me levem. – Um sorriso. – Estão a ter um dia do caraças, não?

– Acredita, o Aaron está destroçado. Não que não mereça, mas, o que aconteceu? Porque é que alteraste o plano e levaste a Faye em vez da Bea?

Dave sentou-se do outro lado da cama, recostando-se contra a cabeceira, como se estivesse prestes a contar uma história para adormecer e não a narrar um relato sobre um rapto.

– Eu estava a tentar chegar ao Rooftop Bar antes de vocês, tal

como tínhamos planeado, mas claro que tinhas de dar as indicações à Sive com uma quantidade absurda de tempo extra. – Abanou a cabeça num gesto que parecia de admoestação.

Por amor de Deus, não estava a culpá-la a ela, pois não? Maggie não disse nada e fez-lhe sinal para que continuasse.

– Quando entrei no metro, em Bond Street, ergui o olhar e, de repente, lá estavam elas. Pareciam uma aparição. As duas miúdas e a Sive um bocadinho mais atrás. Ao início fiquei irritado... O plano estava arruinado. Depois as portas fecharam-se e foi então que percebi. – Sorriu. – Era como se a Yasmin mas tivesse oferecido.

– Oh, Dave.

– Foi tão fácil. Eu só disse, «Olá, Faye», e dei-lhe a mão. Ela nem pensou duas vezes. O Dave, o amigo do papá, simpático, mas tolo, nada a temer, não é? – Um sorriso retorcido. – Disse-lhe que a ia levar ao restaurante e que a mamã vinha logo a seguir. Saímos em Holborn e apanhei um autocarro para Clarinda Gardens. E depois viemos de carro até aqui.

– Bem, cumpriste o teu objetivo. O Aaron está aterrado. A Sive também, e isso faz-me sentir péssima.

– Mas não o suficiente para lhe contares a verdade, pois não? Imaginaste que não ias ficar muito bem vista, certo?

Maggie não respondeu.

– Olha, bem podes deixar de te preocupar com a Sive. O Aaron não quis saber dos danos colaterais quando fez o que fez – lembrou Dave, endireitando-se e cruzando os braços.

Maggie não respondeu. Porém, coitada da Sive. Quanto mais depressa lhe devolvessem Faye, melhor. O problema seria como fazê-lo, agora que a fotografia da menina estava espalhada por todo o lado.

– Como é que ninguém reparou em vocês? – quis saber Maggie, desviando o cabelo da testa de Faye.

– Foi simples. Pus-lhe o meu boné, para lhe esconder o cabelo. Troquei a mochila dela com a de outra miúda e deitei o blusão dela e a mochila da outra num balde de lixo à saída da estação de Holborn.

Ninguém nos prestou atenção. Só um pai e uma filha a entrarem para o autocarro.

Maggie percebeu que não estava surpreendida. Dave, com o seu aspeto um tudo-nada deprimido e os olhos castanhos e feições gentis, não era quem associássemos de imediato a um raptor.

– Então e qual é o plano para a devolveres? Não será fácil, com a fotografia dela por todo o lado. E... – Maggie ficou hirta. – Dave, espera, ela vai contar às pessoas. A ideia era que a Bea era demasiado pequena para dizer o que tinha acontecido. Quem a levou. Mas a Faye vai contar.

– Pois – foi tudo o que Dave disse, e não pareceu de todo preocupado.

Quando Faye acordou, desceram e sentaram-se à mesa. Juntos, na cozinha da casa de Stratford, onde, em tempos, Maggie picara pimentos e fritara frango e abria vinho. A rir-se e a brincar com Yasmin, a planearem os respetivos futuros. Todos esfumados por causa de Aaron. Ele não merecia paz de espírito. Mas ficar mais tempo com Faye só serviria para prejudicar a menina. E Sive. E Maggie ainda não sabia como lidariam com o facto de Faye vir a culpar Dave. Agora também tinha visto Maggie, claro, e esta começara a sentir o desespero a apertar-lhe a boca do estômago. Nunca devia ter concordado com nada daquilo.

– Queres comer alguma coisa enquanto esperamos pela tua mamã? – perguntou Maggie a Faye. – Uma maçã ou uma banana?

– Não tenho fome de maçãs... – respondeu Faye. – Mas tenho fome de mais doces?

Maggie sorriu.

– Sei como é. – Olhou para Dave. – Eu podia ir buscar umas bolachas? Ou tens alguma coisa aqui em casa?

– Vamos beber alguma coisa – indicou Dave, e a maneira como o anunciou teve algo de desconcertante. Serviu-se de um *Jameson* triplo num dos copos verdes do serviço bom da mãe e ofereceu a garrafa a

Maggie.

– Credo, não, obrigado. Tens alguma garrafa de água ou sumo?

Dave assentiu e abriu o frigorífico para tirar uma garrafa de água. Serviu um copo a Maggie e perguntou a Faye se também queria.

– Posso beber sumo? – perguntou a menina.

– Tenho um sumo especial que começa como água, mas depois, como por magia, transforma-se noutra coisa – disse Dave e, com um floreado, encheu até meio um copo com água que pousou à frente de Faye. – E agora – declarou –, cá vem a poção mágica especial.

Maggie ficou imóvel.

Dave abriu um armário por cima do forno e tirou um frasco que Maggie reconheceu. *Temazepam* líquido.

– Dave – murmurou ela. – O que estás a fazer?

– A certificar-me de que o Aaron sabe como é. – Pegou no telefone e acedeu a qualquer coisa.

– Mas já tiveste a tua vingança. O Aaron está a passar pelo pior pesadelo de um pai. Ele nunca vai recuperar disto. *E* eu contei à Sive o que ele fez ao Joost.

Dave entregou o telemóvel a Faye e abriu um vídeo no YouTube. Ela aceitou-o com ambas as mãos e viu, vidrada, dois cachorrinhos fazerem truques em troca de guloseimas.

– É claro que vai recuperar. – Dave falou num murmúrio. – A Yasmin morreu e ele não demorou a voltar à vida dele. E vai fazer outra vez o mesmo. Vai voltar a ser o Aaron Sullivan, superadvogado. A usar as pessoas e a descartá-las para conseguir o que quer. A mentir. – Agora já sibilava. – É um mentiroso e um traidor e não é um amigo. E não merece voltar ao normal. – Despejou uma quantidade do medicamento na água de Faye. – E agora vai saber como é perder alguém. Como eu perdi a Yasmin.

– É excessivo, Dave. Ela é uma criança. É inocente.

– A *Yasmin* era inocente. O Aaron não quis saber.

– Sim, mas ele nunca a quis matar...

– As ações dele provocaram-lhe a morte. E sabes que mais? Se ele

tivesse assumido isso e mudado de atitude, se tivesse mostrado algum remorso, eu não estaria a fazer nada disto. Mas ele continuou. – Fez uma pausa e susteve-lhe o olhar. – Maggie, ou estás comigo ou estás contra mim.

– Meu Deus... OK. Dá-me a garrafa de uísque e um copo lavado.

Segunda-feira

Casa de Stratford

Dave sorriu a Maggie.

– Eu sabia que podia contar contigo.

Chegou a cadeira para trás e pegou na garrafa de *Jameson*, indo depois buscar um copo ao armário.

Maggie despejou o mais depressa que pôde o conteúdo do copo de Faye para o uísque de Dave, levando o dedo aos lábios quando Faye ergueu o olhar do telemóvel e pareceu fazer menção de dizer alguma coisa.

Dave regressou com o copo e o uísque.

Merda, agora, ele vai ver que o copo da Faye ficou vazio de repente. Imaginaria que ela o teria bebido? Iria perguntar-lhe?

– Tens gelo, Dave?

– A sério? Está bem, vou ver. – Virou-se e acorcorou-se junto ao congelador, abrindo uma gaveta de cada vez. Voltou com um bloco de cubos de gelo que se haviam fundido. – Estão todos juntos. Não servem de grande coisa.

Maggie apontou para o bloco das facas.

– Pega numa e parte o gelo para que se possa usar. Detesto uísque sem gelo.

Dave encolheu os ombros e virou-se para pousar o gelo na bancada.

– Em cima de um pano limpo, por favor! – pediu Maggie. – Há mínimos!

Dave tirou um pano da louça de uma gaveta e pô-lo debaixo do gelo, após o que lhe bateu com a lâmina da faca, uma e outra vez.

Maggie levou novamente o dedo aos lábios e despejou metade da sua água para o copo de Faye. Depois pegou no *Temazepam* e despejou uma boa dose no uísque de Dave.

Faye pareceu confusa. Dave voltou-se.

– É uma bebida muito especial – disse Maggie a Faye, rogando, em silêncio, para que ela não dissesse nada. – Tem magia que pode fazer com que um desejo se torne realidade. Tens um desejo?

Faye fechou os olhos com força.

– Desejo uma árvore que dê doces e chocolates e que eu possa ter no meu quarto, onde a Mamã não veja quantos tenho.

– Mas que belo desejo! – exclamou Dave. Pôs o gelo partido numa taça e levou-a até à mesa. – Parece-lhe bem, vossa senhoria?

Maggie assentiu e pôs duas pedras de gelo no seu copo de uísque.

Dave sorriu a Faye.

– Agora, toca a beber a poção mágica para que o desejo se concretize.

Maggie viu Faye esvaziar o copo. Mesmo sabendo que agora era água inofensiva, sentiu-se enjoada. Será que Dave notaria alguma coisa na bebida? Observou e aguardou enquanto ele bebia um trago, depois outro e outro ainda. Ele fez-lhe sinal, expectante, e, ao início, Maggie não percebeu a intenção.

– O teu uísque – indicou ele, e Maggie bebeu um gole.

Dave olhou para o relógio na parede, mas este havia parado nas duas e um quarto de um qualquer dia passado. Indicou o pulso de Maggie. – Que horas são?

– Pouco mais de sete e meia.

– Esse é o relógio com o GPS incorporado, não é? Estava a pensar que se calhar não queremos que a polícia o use para te encontrar. Dá-mo cá e eu livro-me dele.

Maggie tirou-o e entregou-lho.

– Não precisas de deitar fora um relógio perfeitamente bom. Se estiver fora do alcance do meu telemóvel, o GPS não funciona.

Dave pô-lo no pulso e observou-o.

– Até gosto disto. Talvez a Nita me arranje um... Enfim, envie uma mensagem ao Aaron a dizer que vou ao encontro dele para ajudar com as buscas. Quero aproveitar para ver a cara de sofrimento

dele com o que está a passar. – Fez um aceno na direção de Faye. – E o que aí vem.

– Eu fico aqui – disse Maggie. – Quero estar com ela quando acontecer. – A voz fraquejou-lhe e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas quando o disse, mesmo sabendo que não era verdade. – Mas antes, bebe mais um copo comigo.

Quando Dave saiu, Maggie deixou-se ficar mais um pouco à mesa, a pensar.

É claro que Faye ia dizer que Maggie tinha estado ali. Já lá estava há cerca de duas horas. Mesmo que Faye ainda não tivesse perfeita noção do tempo, nunca pareceria uma descoberta e salvamento rápidos. E se Dave sobrevivesse – não achava que lhe tivesse deitado o suficiente na bebida para provocar danos significativos –, ele revelaria que ela havia feito parte do plano.

Claro que seria a palavra dele contra a dela, e ela podia afirmar que fingira estar do seu lado, que era exatamente o que tinha acontecido. Só que muitas, muitas horas depois de tudo começar. Havia uma maneira de fazer com que a sua palavra se sobrepusesse à de Dave, pensou, mirando o frasco de *Temazepam*. Desde que acertasse nas doses. Pegou no frasco e foi à procura de um copo de *shot*.

Esperou até que Faye mergulhasse num sono induzido pelo medicamento antes de beber a sua parte e de se deitar ao seu lado, de mão dada com a menina. Mesmo que ninguém as encontrasse, tudo correria bem. Acordariam dali a umas horas e chamariam a polícia. As análises ao sangue revelariam *Temazepam* na corrente sanguínea de ambas e Maggie contaria a sua versão da história: como Dave lhe oferecera a possibilidade de tomar o lugar de Faye, acabando por drogar a menina de qualquer maneira. Faye talvez se lembrasse de que Maggie ali estivera um bocado antes de adormecer, mas Maggie podia explicá-lo como tendo estado a ganhar tempo, na esperança de encontrar maneira de salvar Faye. Com um pano seco, pegou na faca

que Dave usara para partir o gelo. Pousou-a na mesa de cabeceira. Assim saberiam o motivo pelo qual ela não se limitara a fugir com Faye. Como Dave a conseguira manter ali tanto tempo. Engoliu a bebida e fechou os olhos. Faye ficaria bem. Faye não merecia nada daquilo. Aaron, contudo, voltaria a escapar à justiça.

Seis meses depois

Dublin

Sive marca o número de Aaron pela terceira vez. Continua sem atender.

– Mamã, podemos ir ao parque? – pergunta Faye.

– Sim. Mais logo. Agora tenho de falar com o papá. – *Porra*. O que se passa? Experimenta o número de Scott e este atende. *Graças a Deus*.

– Scott, é a Sive Quinn. Desculpa telefonar-te assim de repente, mas será que estás com o Aaron?

– Ah, olá, Sive. Bons ouvidos te ouçam. Sinto muito pela, eeh... separação. Espero que consigam resolver as coisas...

– Obrigada, mas neste momento preciso de falar com ele com uma certa urgência. Sei que ele ia ter convosco para falar sobre as coisas. Ele está aí?

– Não. Esta tarde tenho uma entrevista de emprego, por isso só vou estar com eles à noite. E a Nita está a trabalhar. Portanto, é só o Aaron e a Maggie.

– Onde estão eles?

– Iam ao Rooftop Bar, almoçar umas bebidas, acho eu. Já devem estar a voltar para casa.

– Vou ligar-lhe outra vez. – Sive desliga e volta a marcar o número de Aaron imediatamente, mas ele continua sem atender. É então que recebe uma mensagem.

Desculpa, vi a chamada perdida. Rede fraca. Atendi, mas não me ouviste. Tudo OK? Na estação de metro. Com a Maggie, a sair do Rooftop Bar.

Duas horas antes

Rooftop Bar

Maggie fica hirta quando Aaron a puxa para um abraço. Ele deve sentir isso. Recua, ainda a agarrar-lhe os braços.

– Estás bem?

Ela assente. É claro que não está bem. Mas não há muito que possa dizer. Tem de ter cuidado. Sentam-se, ocupando uma mesa ao fundo, e Aaron abre a carta de vinhos. Ela não quer vinho. Não tem a certeza de ser capaz de reprimir as palavras se beber vinho. Porém, Aaron pede uma garrafa de Rioja e dois copos e ela não se opõe.

– Então – diz ele.

– Então.

– É bom ver-te, Maggie. Sei que os últimos meses foram terríveis para todos nós, mas imaginei que seria bom podermos voltar a criar laços antes de... bem, só porque dou valor à tua amizade.

Antes de seres acusado, pensa ela. Antes que alguém comece a investigar o que aconteceu à Yasmin. Antes que os esqueletos comecem a sair do armário.

Mas ela não diz nada disso. Limita-se a acenar com a cabeça e a esperar para ver onde aquilo vai parar.

– Quem imaginaria que o Dave era um psicopata daqueles – prossegue ele. – Aquilo que fez à Faye... foi tão... – Bebe um gole de vinho, ganhando tempo, assim julga ela. Aaron tossica. – Enfim, ainda não o contei às autoridades, mas além de ter admitido que era o perseguidor da Yasmin, na noite em que morreu também me disse que tinha provocado o incêndio.

Maggie fita-o. *Oh, meu grandessíssimo cabrão.*

– Em retrospectiva parece óbvio, não? – continua ele. – Sei que, à falta de provas, a polícia pode precisar de mais alguma coisa do que a minha palavra, mas é o que temos. Lembra-te de como era o Dave:

obcecado com a Yasmin na altura, as fotografias na parede do quarto onde teve a Faye...

– O que é que me estás a pedir, Aaron?

– O Dave chegou a dizer-te alguma coisa? Se calhar admitiu-o antes de te obrigar a beber o *Temazepam*? Disse-te que foi ele que começou o incêndio? – O tom dele é melífluo. Adulador. Maggie só quer esticar-se e dar-lhe um estalo.

– Não. Ele nunca me disse nada disso.

– De certeza? Já sabemos que era o perseguidor. Daí até pressupormos que ateou o fogo não vai muito. E, claro, tal como eu te disse – apressa-se a acrescentar –, ele confessou-mo na noite em que morreu. – Recosta-se e cruza os braços. – Parece-me bastante claro.

Maggie morde o interior da bochecha com força para se impedir de comentar. Não tem nada a ganhar em confrontar Aaron. E nunca ninguém ganha, a não ser ele. Bebe o vinho e vai para casa.

Mas é claro que Aaron não se consegue conter.

– Imagina, se o Dave não tivesse começado o fogo, a Yasmin podia ainda estar viva. Podia estar aqui connosco, a partilhar esta garrafa de vinho. A falar sobre os filhos. Ou o trabalho. Ou em como a Nita dá com ela em doida. – Aponta para a tatuagem de Maggie. – Podia estar a dizer que gostava de fazer outra.

Cala-te, Aaron, alerta-o ela em silêncio.

– Se o Dave não tivesse ateado o fogo ainda tinhas a tua melhor amiga, sã e salva. O Dave pode ter morrido, porém ele não se devia safar. As pessoas têm de saber. Acho que se referisses à polícia que ele provocou o incêndio seria feita justiça à Yasmin.

Fazer justiça à Yasmin. A fúria rebenta e derruba a represa do bom senso.

– O Dave não confessou *nada*, Aaron. – As palavras saem-lhe num jorro. – Eu sei. Eu sei o que provocou o incêndio. Eu sei do Pemberton e do Rosco e da chantagem. E de ti.

Aaron arregala os olhos e ela sente um leve *frisson* de satisfação com o choque exibido.

– Se a polícia me vier com perguntas sobre o que o Dave disse naquele dia – continua Maggie –, a minha história vai ser muito diferente daquela que estás a pedir que conte. A Yasmin morreu por tua causa.

Aaron semicerra os olhos. Sem aviso, estende a mão e agarra-lhe o pulso. Maggie gela.

– Estou a ver que já tens o teu relógio outra vez. Deve ser estranho saber que foi tirado do cadáver do Dave.

– Eu... sim, a polícia devolveu-mo há uma semanas.

– Porque é que o Dave o tinha?

– Emprestei-lho.

– Nesse dia? No dia em que a Faye desapareceu?

– Não, é claro que não. Foi antes.

– A Sive contou-me sobre vocês os dois. Que ele te visitava.

Maggie sente as faces a aquecerem.

– Sim, pois... É óbvio que não sabia o tipo de pessoa que ele era.

– O problema é que eu vi o relógio no teu pulso quando chegaste a Oxford Circus, no dia em que a Faye desapareceu. Quando estavas a falar do teu telemóvel desaparecido. Portanto, não lho podias ter emprestado antes desse dia.

Bolas.

– Ele tirou-mo do pulso depois de me drogar.

– Então, então, não podes fazer isso. Não me podes dizer uma coisa e depois alterar a história se os factos não baterem certo.

– É verdade. Ele tirou-mo quando eu estava inconsciente.

– Então porque é que me disseste que lho tinhas emprestado antes do dia em que a Faye desapareceu?

– Fiquei confusa.

– Hum. Tal como uma mulher sábia, e profundamente irritante, disse certo dia «Para quê mentir?»

– Eu... eu não...

– Sabes, eu depois fiquei a pensar nisso. No relógio. No motivo pelo qual o Dave o poderia ter, o que o teria levado a encontrar-se

contigo naquela tarde. E fiquei a pensar. E depois a Sive contou-me que vocês ainda se encontravam de vez em quando. E fiquei a pensar ainda mais. E depois fiz umas perguntas à Faye sobre a Tia Maggie e o Tio Dave e aquele dia na casa de Stratford. E sabes, ela tem seis anos. Só seis. E a recordação do que aconteceu não é muito nítida. Mas ela contou-me das bebidas e do YouTube e de estarem sentados à mesa da cozinha. E depois foi só juntar as peças.

Maggie espera, gelada.

– Portanto, se calhar é melhor reconsiderares a confissão do Dave sobre o incêndio. Ou então posso ter de encaminhar a polícia na tua direção. E ter outra conversa com a Faye. E saber ao certo o que se passou naquele dia.

– Eu... – Mas Maggie não encontra as palavras certas. Admitir o que aconteceu? Explicar que era suposto não passar de um susto? Negar tudo e rezar para que ele esteja a fazer *bluff*? Sustém o olhar de Aaron. Ele não está a fazer *bluff*.

– Sei que salvaste a Faye. E acredita que te ficarei eternamente grato. E não acho que lhe quisesses fazer mal. Mas se a polícia descobre, eles não o vão ver com bons olhos. Assim, se lhes disseres que foi o Dave a provocar o incêndio, toda a gente ganha.

Toda a gente ganha? O Aaron ganha. Como sempre.

Aaron levanta o copo, como se tivesse acabado de lhe ler os pensamentos.

– Sabes que eu tenho razão. E sabes que vou sair imaculado porque é sempre isso que acontece.

Depois
Dublin

Naquele dia, Aaron não regressou ao hotel depois do Rooftop Bar. Maggie não soube dizer o que aconteceu, como tinha ele caído. Não parecia descuidado, o tipo de pessoa que se aproxima demasiado da berma da plataforma. Porém, bebera muito vinho – quase uma garrafa inteira – e uns quantos uísques em cima disso. A plataforma estava à pinha. E Aaron não era de Londres, há muito tempo que não morava lá. Talvez se tivesse esquecido de quão perigoso era ficar tão perto da beira.

As pessoas comentaram que ele podia ter demasiado sobre os ombros – as acusações iminentes, os boatos, os distanciamentos. Saber que se arriscava a uma pena de prisão? Afinal de conta, não há fumo sem fogo, já dizia o ditado.

Joost tem estado a conhecer Faye e os irmãos, e, embora tenha a certeza de que ele e Sive nunca voltarão a reatar a relação, parecem estar a funcionar como uma espécie de família. Joost foi apresentado à amiga de Sive, Jude. É jornalista e quer ser a escritora-fantasma da história dele. Têm encontro marcado com um editor na próxima semana.

Garvin também se vai encontrar com um editor. O adiantamento, caso a conversa corra bem e os contratos sejam assinados, vai ajudar a pagar o lar onde se encontra a mãe. O editor não sabe ao certo o que podem publicar daquilo que Garvin vai dizer, mas ele está a esforçar-se, ansioso para que a verdade seja revelada. E, afinal de contas, diz ele, os mortos não levantam processos.

Jerry, irmão de Dave, está a tentar lidar com um misto de

emoções: tem pena do que aconteceu a Dave, mas está horrorizado por ele ter raptado Faye. A polícia interrogou-o quanto ao motivo pelo qual naquela manhã fez a corrida em nome de Dave, e também isto – o facto de Dave o ter usado como álibi – incomoda Jerry. Fazê-lo cúmplice, mesmo que involuntário, do seu crime. Como é que Dave foi capaz de raptar uma criança? A mãe sempre defendera que se pusessem as mãos na massa, e Jerry reconhece que Dave talvez tivesse passado demasiado tempo com a mãe. Não se importara de manter uma certa distância quando o pai morreu, quando Dave se andava a armar em senhorio, quando ele e Carol concordaram em trocar de casas. Agora, para sua grande surpresa, Jerry é dono de ambos os imóveis.

O pai de Scott conhecia alguém que conhecia alguém que lhe tratou do registo criminal, e agora ele pilota helicópteros para clientes abastados que pagam regamente para evitar o trânsito em trajetos breves. Ganha o suficiente para passar um mês seguido na Florida com os filhos. E pode ser que esteja errado, mas parece que a mulher talvez se esteja a faltar do produtor musical. Afinal de contas, Scott acabou por vencer Aaron no jogo da vida.

Nita continua a sentir-se culpada. Não em relação ao anúncio da gravidez – qualquer um podia cometer um erro do género, e os seguidores compreenderam, sobretudo quando viram a sua explicação chorosa num *Live* no Instagram. Além disso, foi quase verdade, agora que está realmente grávida de gémeos. Não, ela sente-se culpada pela noite no hotel, quando estavam a tomar conta de Bea e Toby. O candeeiro que atirou contra a porta do quarto, as imagens tremidas e os gritos de pânico. Scott não devia ter contado a Sive. A última coisa que Nita queria era preocupá-la. Aquela encenação e as imagens tremidas só se destinavam aos seus 50 000 seguidores no Instagram.

Sive tem uma nova melhor amiga. Jude está lá para ela quando

Aaron morre, está lá para ela quando os repórteres acorrem em bando, está lá para ela quando as coisas acalmam e se tornam ainda mais difíceis de aguentar. Vai ficar em Dublin mais umas semanas, diz ela, até que Sive recupere. Jude é direta e prática. Apoia Sive e recusa-se a deixá-la desabar. Larga tudo para ir buscar as meninas quando Sive pura e simplesmente não consegue e fica surpreendida quando descobre que a política das mães de portão não é nada do que foi levada a imaginar, e que, na verdade, os pais até são simpáticos. Jude faz tudo isso por Sive, mas lentamente vai percebendo que até gosta de ter uma melhor amiga. E que até pode fazer o seu trabalho a partir de Dublin. Jude interroga-se se está a perder qualidades, a amolecer. Sive interroga-se quanto ao que faria sem ela. Felizmente, Jude é mesmo uma melhor amiga a sério, e Sive não precisa de descobrir.

A carreira de Sive vai de vento em popa. Com o seguro de vida pode pagar umas e tem mais tempo para escrever. Porém, limita-se a artigos sobre parentalidade e estilos de vida; está farta de crimes e de tribunais.

Sive transmitiu a história de Faye à polícia, porém, quando interrogaram Faye, as coisas voltaram a ficar turvas. Ela lembra-se de Maggie despejar a bebida engraçada no copo de Dave e de pôr água no seu. O depoimento original de Maggie corrobora-o: ela tentou salvar Faye pondo a droga no uísque de Dave. Sive fez por esquecer isso. Faye estava bem, e nada mais importa.

Sive nunca perguntou a Maggie como Aaron caiu, nem quão bêbedo estava, nem sobre o que falaram naquela tarde no Rooftop Bar. Nunca lhe perguntou quais foram as suas últimas palavras antes de ter caído para a linha. Não queria saber. Tinha de se afastar do que acontecera em Londres quinze anos antes e daquilo que o marido fizera desde então. Maggie e Scott e Nita continuam a enviar-lhe

postais de Natal e uma mensagem ocasional, porém Sive nunca responde. Está na altura de ultrapassar os antigos colegas de casa do marido.

De vez em quando ocorre-lhe uma ideia. O tipo de ideia que pertence ao mundo das piores hipóteses. Terá Maggie feito alguma coisa? Terá empurrado Aaron? Mas não. Maggie era boa pessoa. A dada altura era quase do material de que são feitas as melhores amigas. Além disso, Sive sabe que esse tipo de coisas – boas pessoas que assassinam outras – só acontece nos livros. E, no fim de contas, nada poderá saber sobre o que ninguém viu.

Agradecimentos

O Que Ninguém Viu baseia-se em algo que aconteceu quando eu tinha doze anos e estava de férias em Londres: eu e a minha irmã de seis anos entrámos numa carruagem do metro e as portas fecharam-se antes que os meus pais e as minhas outras irmãs também entrassem. Ficaram na plataforma, a verem, horrorizados, a composição a afastar-se. Tudo acabou bem quando outros passageiros perceberam o que o meu pai havia gritado e nos disseram para sairmos em Tower Bridge. Claro que, na versão ficcional, os pais demoram um pouco mais a perceber o que lhes aconteceu à filha. Portanto, em primeiro lugar, obrigada ao meu pai, que há dois anos me recordou esta história, e por nos proporcionar umas férias tão empolgantes e perigosas, capazes de inspirar livros!

Obrigada ao meu fantástico editor, Finn Cotton, dono de uma sapiência ilimitada e uma pessoa com quem é extraordinariamente fácil trabalhar, além de ser excelente a encontrar tudo aquilo que eu não vejo.

Obrigada a todos na Transworld, da Penguin Random House e da Penguin Ireland que trabalharam neste *O Que Ninguém Viu* – Becky Short, Louis Patel, Emma Fairey, Beci Kelly, Rich Shailer, Tom Chicken, Laura Garrod, Laura Ricchetti (e pela gargalhada com o *tweet* mal lido!), Emily Harvey, Natasha Photiou, Ruth Richardson, Hana Sparks, Hayley Barnes, Laura Dermody, Sophie Dwyer, Nadine Cosgrave, SORCHA Judge, Sarah Day, Vivien Thompson e, claro, Frankie Gray, Larry Finlay e Bill Scott-Kerr – foi ótimo conhecer-vos e estar convosco pessoalmente em 2022 (e mais do que uma vez a partir daí).

Obrigada à minha agente incrível, Diana Beaumont: mudaste a minha vida e continuas a ser a MELHOR.

Obrigada, Sinéad Fox, por leres uma versão inicial do livro e identificares as minhas imprecisões sobre o mundo do Direito, sem nunca dizer «Porque é que pões sempre as tuas personagens a trabalhar em Direito se não sabes nada sobre isso?» Obrigada por me sugerires soluções alternativas para os meus erros. Sinéad (@bumblesofrice no Instagram) é solicitadora e *blogger*, e Nita podia bem aprender umas coisinhas com ela.

Obrigada, Sarah Harper (@Sarah_Harper_Writing), por toda a ajuda com as minhas questões policiais – não o faria sem ti. Desejo-te tudo de bom na tua viagem literária. Foi um prazer conversar por *e-mail*.

Obrigada também a John Morgan, da Polícia dos Transportes Britânica, que respondeu ao meu sem-fim de perguntas. No início da jornada, nem sequer sabia que havia uma força policial à parte encarregada dos transportes, mas, felizmente, John, primo de um velho amigo de escola, pertence à PTB e esclareceu-me sobre isso e sobre muitos outros pormenores. Obrigada ainda a Rhian J., Sean B. e James S. pela ajuda com outras questões policiais, e a Elaine, Jennie, Kate, Niamh e Sinéad por me porem em contacto com eles.

Obrigada, Rosemarie Hayden, pela ajuda com (ainda mais) questões legais, e à Chrissie Russell pela vertente jornalística – adorei que nos encontrássemos ao vivo este ano!

Muito obrigada a Claudia Borgatti pela ajuda com o Metropolitano de Londres – andei de metro dezenas e dezenas de vezes na minha vida, mas só quando quis escrever um livro cuja a ação decorre lá é que percebi o pouco que sabia sobre ele. Portanto, obrigada por preencheres as lacunas.

As minhas irmãs são sempre as minhas primeiras leitoras e, enquanto fãs ávidas de *thrillers*, são o grupo de teste perfeito para fazer experiências com reviravoltas e revelações. Com *O Que Ninguém Viu* foram incumbidas de tarefas adicionais – obrigada, Nicola, pelas informações sobre remo, Elaine, pelas informações sobre Londres, e Dee, pelas informações médicas. Devo a cada uma de vocês uma *flute*

de champanhe rosa.

Obrigada às minhas adoráveis compinchas mães de portão e autoras Amanda Cassidy e Linda O'Sullivan, pelas conversas no WhatsApp, pelos cafés e pelas saídas à noite e pela troca de ideias e pelo bom senso!

Obrigada à comunidade de escritores irlandeses – foi excelente que no ano passado nos voltássemos a encontrar pessoalmente. Estou a resistir à tentação de usar nomes, pois a lista é enorme e vou esquecer-me de gente, mas houve MUITOS momentos bem passados com imensos autores brilhantes em Harrogate, Murder One, Rolling Sun, Spike Island e numa série de lançamentos de livros. Quase tudo o que eu sei sobre o mundo dos *thrillers* vem das conversas depois destes eventos, sobretudo acompanhadas com vinho, e sobretudo da parte de Catherine Ryan Howard, Sam Blake, Liz Nugent e Sinéad Crowley. Mas continuo a conter-me quanto a referir nomes.

Muito obrigada à maravilhosa comunidade de leitores e de *bookstagrammers* no Instagram; obrigada pelo apoio incrível e pelas vossas lindas fotografias de livros. Muito obrigada à minha amiga Sinéad Cuddihy, leitora incansável do Clube do Livro da Mamã Cansada (passe o trocadilho). No ano passado, tive o prazer de conhecer imensa gente adorável do mundo dos livros no Instagram e fico à espera de mais desculpas para nos encontrarmos este ano. E, é claro, muito obrigada também ao BookPunK pelo apoio!

Como sempre, obrigada aos leitores da OfficeMum, no Facebook, pela companhia e pelas gargalhadas. Já lá vão dez anos!

Muito obrigada às minhas amigas da Sion Hill pelo apoio e amizade constantes. Este livro é dedicado à maravilhosa e corajosa Alice Hayes, que nos juntou mais do nunca durante o ano passado.

Obrigada, pai e Eithne, pelo apoio e por continuarem a ajudar a manter abertas as portas dos livheiros locais!

Muito obrigada, Elissa, Nia e Matthew – obrigada por serem quem são e por me manterem no mundo real. Um destes dias ainda terei oito horas seguidas para escrever e, provavelmente, não vou gostar

nada. Obrigada, Damien, por TUDO e, sobretudo, pelo café e pelos bolos, e por me pões o casaco no radiador nas manhãs frias de inverno. Obrigada, *Lola-the-dog*, por me fazeres companhia no meu escritório.

E obrigada, querido leitor, por ler este livro.